

COLETÂNEA DE POESIAS



Outubro de 2010

Sumário

ADÉLIA PRADO

Ensinamento

Minha mãe achava estudo
a coisa mais fina do mundo.
Não é.
A coisa mais fina do mundo é o sentimento.
Aquele dia de noite, o pai fazendo serão,
ela falou comigo:
“Coitado, até essa hora no serviço pesado”.
Arrumou pão e café, deixou tacho no fogão com
água quente.
Não me falou em amor.
Essa palavra de luxo.

Impressionista

Uma ocasião,
meu pai pintou a casa toda
de alaranjado brilhante.
Por muito tempo moramos numa casa,
como ele mesmo dizia,
constantemente amanhecendo.

AGOSTINHO NETTO (ANGOLA, 1922 – 1979)

Biografia

Nasceu em Catete, Angola, em 1922, faleceu em 1979. Estudos primários e secundários em Angola, licenciado em Medicina pela Universidade de Lisboa. Em Portugal, sempre esteve ligado à actividade política, onde com Lúcio Lara e Orlando de Albuquerque fundou a revista Momento, em 1950. Como aconteceu a outros escritores africanos foi preso e desterrado para Cabo Verde, tendo mais tarde conseguido a fuga para o continente. Presidente do MPLA, foi o primeiro presidente de Angola.

Obra Poética:

Quatro Poemas de Agostinho Neto, 1957, Póvoa do Varzim, e.a.;
Poemas, 1961, Lisboa, Casa dos Estudantes do Império;
Sagrada Esperança, 1974, Lisboa, Sá da Costa (inclui os poemas dos dois primeiros livros);
A Renúncia Impossível, 1982, Luanda, INALD (edição póstuma).

A SAGRADA ESPERANÇA (1974):

Quitandeira

A quitanda.

Muito sol
e a quitandeira à sombra da mulemba.

- Laranja, minha senhora,
laranjinha boa!

A luz brinca na cidade
o seu quente jogo
de claros e escuros
e a vida brinca
em corações aflitos
o jogo da cabra-cega.

A quitandeira
que vende fruta
vende-se.

- Minha senhora
laranja, laranjinha boa!

Compra laranja doces
compra-me também o amargo
desta tortura
da vida sem vida.

Compra-me a infância do espírito
este botão de rosa
que não abriu
princípio impelido ainda para um início.

Laranja, minha senhora!

Esgotaram-se os sorrisos
com que chorava
eu já não choro.

E aí vão as minhas esperanças

como foi o sangue dos meus filhos
amassado no pó das estradas
enterrado nas roças
e o meu suor
embebido nos fios de algodão
que me cobrem.

Como o esforço foi oferecido
à segurança das máquinas
à beleza das ruas asfaltadas
de prédios de vários andares
à comodidade de senhores ricos
à alegria dispersa por cidades
e eu
me fui confundindo
com os próprios problemas da existência.

Aí vão as laranjas
como eu me ofereci ao álcool
para me anestesiar
e me entreguei às religiões
para me insensibilizar
e me atordoei para viver.

Tudo tenho dado.

Até mesmo a minha dor
e a poesia dos meus seios nus
entreguei-as aos poetas.

Agora vendo-me eu própria.

- Compra laranjas
minha senhora!
Leva-me para as quitandas da Vida
o meu preço é único:
- sangue.

Talvez vendendo-me
eu me possua.

- Compra laranjas!

Mussunda amigo

Para aqui estou eu
Mussunda amigo
 Para aqui estou eu

Contigo
Com a firme vitória da tua alegria
e da tua consciência

 O ió kalunga ua mu bangele!
 O ió kalunga ua mu bangele-lé-leleé...

Lembras-te?

Da tristeza daqueles tempos
em que íamos
comprar mangas
e lastimar o destino
das mulheres da Funda
dos nossos cantos de lamento
dos nossos desesperos
e das nuvens dos nossos olhos
Lembras-te?

Para aqui estou eu
Mussunda amigo

A vida a ti a devo
à mesma dedicação ao mesmo amor
com que me salvaste do abraço
da jibóia

à tua força
que transforma os destinos dos homens

A ti Mussunda amigo
a ti devo a vida

E escrevo versos que não entendes
compreendes a minha angústia?

Para aqui estou eu
Mussunda amigo
escrevendo versos que tu não entendes

Não era isto
o que nós queríamos, bem sei

Mas no espírito e na inteligência
nós somos!

Nós somos
Mussunda amigo
Nós somos

Inseparáveis

e caminhando ainda para o nosso sonho

No meu caminho
e no teu caminho
os corações batem ritmos
de noites fogueirentas
os pés dançam sobre palcos
de místicas tropicais
Os sons não se apagam dos ouvidos

 O ió kalunga ua mu bangele...

Nós somos!

Contratados

Longa fila de carregadores
domina a estrada
com os passos rápidos

Sobre o dorso
levam pesadas cargas

Vão
olhares longínquos
corações medrosos
braços fortes
sorrisos profundos como águas profundas

Largos meses os separam dos seus
e vão cheios de saudades
e de receio
mas cantam

Fatigados
esgotados de trabalhos
mas cantam

Cheios de injustiças
calados no imo das suas almas
e cantam

Com gritos de protesto
mergulhados nas lágrimas do coração
e cantam

Lá vão
perdem-se na distância
na distância se perdem os seus cantos tristes

Ah!
eles cantam...

Aspiração

Ainda o meu canto dolente
e a minha tristeza
no Congo, na Geórgia, no Amazonas

Ainda
o meu sonho de batuque em noites de luar

ainda os meus braços
ainda os meus olhos
ainda os meus gritos

Ainda o dorso vergastado
o coração abandonado
a alma entregue à fé
ainda a dúvida

E sobre os meus cantos
os meus sonhos
os meus olhos
os meus gritos
sobre o meu mundo isolado
o tempo parado

Ainda o meu espírito
ainda o quissange
a marimba
a viola
o saxofone
ainda os meus ritmos de ritual orgíaco

Ainda a minha vida
oferecida à Vida
ainda o meu desejo

Ainda o meu sonho
o meu grito
o meu braço
a sustentar o meu Querer

E nas sanzalas
nas casas
no subúrbios das cidades
para lá das linhas
nos recantos escuros das casas ricas
onde os negros murmuram: ainda

O meu desejo
transformado em força
inspirando as consciências desesperadas.

Fogo e ritmo

Sons de grillhetas nas estradas
cantos de pássaros
sob a verdura úmida das florestas
frescura na sinfonia adocicada
dos coqueirais
fogo
fogo no capim
fogo sobre o quente das chapas do Cayatte.
Caminhos largos
cheios de gente cheios de gente
em êxodo de toda a parte
caminhos largos para os horizontes fechados
mas caminhos
caminhos abertos por cima
da impossibilidade dos braços.
Fogueiras

dança
tamtam
ritmo

Ritmo na luz
ritmo na cor
ritmo no movimento
ritmo nas gretas sangrentas dos pés descalços
ritmo nas unhas descarnadas
Mas ritmo
ritmo.

Ó vozes dolorosas de África!

Fire and rhythm

The sound of chains on the roads
the songs of birds
under the humid greenery of the forest
freshness in the smooth symphony
of the palm trees
fire
fire on the grass
fire on the heat of the Cayatte plains
Wide paths
full of people full of people
an exodus from everywhere
wide paths to closed horizons
but paths
paths open atop
the impossibility of arm
fire

dance
tum tum
rhythm

Rhythm in light
rhythm in color
rhythm in movement

rhythm in the bloody
cracks of bare feerhythm on torn nails
yet rhythm
rhythm

Oh painful African voices

Kinaxixi

Gostava de estar sentado
num banco do kinaxixi
às seis horas dum tarde muito quente
e ficar...
Alguém viria
talvez sentar-se
sentar-se ao meu lado
E veria as faces negras da gente
a subir a calçada
vagarosamente
exprimindo ausência no kimbundu mestiço
das conversas
Veria os passos fatigados
dos servos de pais também servos
buscando aqui amor ali glória
além uma embriagues em cada álcool
Nem felicidade nem ódio
Depois do sol posto
acenderiam as luzes
e eu
iria sem rumo
a pensar que a nossa vida é simples afinal
demasiado simples
para quem está cansado e precisa de marchar.

Noite

Eu vivo
nos bairros escuros do mundo
sem luz nem vida.

Vou pelas ruas
às apalpadelas
encostado aos meus informes sonhos
tropeçando na escravidão
ao meu desejo de ser.

São bairros de escravos
mundos de miséria
bairros escuros.

Onde as vontades se diluíram
e os homens se confundiram
com as coisas.

Ando aos trambolhões
pelas ruas sem luz
desconhecidas
pejadas de mística e terror
de braço dado com fantasmas.

Também a noite é escura.

Noche

yo vivo
en los barrios oscuros del mundo
sin luz ni vida.

voy por las calles
a tientas
apoyado en mis informes sueños
tropezando con la esclavitud
a mi deseo de ser.

barrios oscuros
mundos de miseria
donde las voluntades se diluyeron
con las cosas.

ando a los tropezones
por las calles sin luz
desconocidas
impregnadas de mística y terror
del brazo con fantasmas.

también la noche es oscura.

Consciencialização

Medo no ar!

Em cada esquina
sentinelas vigilantes incendeiam olhares
em cada casa
se substituem apressadamente os fechos velhos
das portas
e em cada consciência
fervilha o temor de se ouvir a si mesma

A historia está a ser contada
de novo

Medo no ar!

Acontece que eu
homem humilde
ainda mais humilde na pele negra
me regresso África
para mim
com os olhos secos.

Civilização ocidental

Latas pregadas em paus
fixados na terra
fazem a casa

Os farrapos completam
a paisagem íntima

O sol atravessando as frestas
acorda o seu habitante

Depois as doze horas de trabalho
Escravo

Britar pedra
acarretar pedra
britar pedra
acarretar pedra
ao sol
à chuva
britar pedra
acarretar pedra

A velhice vem cedo

Uma esteira nas noites escuras
basta para ele morrer
grato
e de fome.

Adeus à hora da largada

Minha Mãe
(todas as mães negras
cujos filhos partiram)
tu me ensinaste a esperar
como esperaste nas horas difíceis

Mas a vida
matou em mim essa mística esperança

Eu já não espero
sou aquele por quem se espera

Sou eu minha Mãe
a esperança somos nós
os teus filhos
partidos para uma fé que alimenta a vida

Hoje
somos as crianças nuas das sanzalas do mato
os garotos sem escola a jogar a bola de trapos
nos areais ao meio-dia
somos nós mesmos
os contratados a queimar vidas nos cafezais
os homens negros ignorantes
que devem respeitar o homem branco
e temer o rico
somos os teus filhos
dos bairros de pretos
além aonde não chega a luz elétrica
os homens bêbedos a cair
abandonados ao ritmo dum batuque de morte
teus filhos
com fome
com sede
com vergonha de te chamarmos Mãe
com medo de atravessar as ruas
com medo dos homens
nós mesmos

Amanhã
entoaremos hinos à liberdade
quando comemorarmos
a data da abolição desta escravatura

Nós vamos em busca de luz
os teus filhos Mãe
(todas as mães negras
cujos filhos partiram)
Vão em busca de vida.

A RENÚNCIA IMPOSSÍVEL:

Negação

Não creio em mim
Não existo
Não quero eu não quero ser

Quero destruir-me
atirar-me de pontes elevadas
e deixar-me despedaçar
sobre as pedras duras das calçadas

Pulverizar o meu ser
desaparecer
não deixar sequer traço de passagem
pelo mundo

quero que o não-eu
se aposses de mim

Mais do que um simples suicídio
Quero que esta minha morte
seja uma verdadeira novidade histórica
um desaparecimento total
até mesmo nos cérebros
daqueles que me odeiam
até mesmo no tempo
e se processe a História
e o mundo continue
como se eu nunca tivesse existido
como se nenhuma obra tivesse produzido
como se nada tivesse influenciado na vida
se em vez de valor negativo
eu fosse zero

Quero ascender
e elevar-me até atingir o Zero
e desaparecer

Deixai-me desaparecer!

Mas antes vou gritar
Com toda a força dos meus pulmões
Para que o mundo oiça:

- Fui eu quem renunciou a Vida!
Podeis continuar a ocupar o meu lugar
Vós os que mo roubastes

Aí tendes o mundo todo para vós
para mim nada quero
nem riqueza nem pobreza
nem alegria nem tristeza

nem vida nem morte
nada

Não sou Nunca fui
Renuncio-me
Atingi o Zero

E agora
vivei cantai chorai
casai-vos matai-vos embriagai-vos
dai esmolas aos pobres
Nada me pode interessar
que eu não sou
Atingi o Zero

Não contem comigo
para vos servir as refeições
nem para cavar os diamantes
que vossas mulheres irão ostentar em salões
nem para cuidar das vossas plantações
de algodão e café
não contem com amas
para amamentar os vossos filhos sífilíticos
não contem com operários
de segunda categoria
para fazer o trabalho de que vos orgulhais
nem com soldados inconscientes
para gritar com o estômago vazio
vivas ao vosso trabalho de civilização
nem com lacaios
para vos tirarem os sapatos
de madrugada
quando regressardes de orgias noturnas
nem com pretos medrosos
para vos oferecer vacas
e vender milho a tostão
nem com corpos de mulheres
para vos alimentar de prazeres
nos ócios da vossa abundância imoral

Não contem comigo
Renuncio-me
Eu atingi o Zero

E agora podeis queimar
os letreiros medrosos
que às portas de bares hotéis e recintos públicos
gritam o vosso egoísmo
nas frases "SÓ PARA BRANCOS" ou COLOURED
MEN ONLY"
Negros aqui brancos acolá

E agora podeis acabar
com os miseráveis bairros de negros
que vos atrapalham a vaidade
Vivei satisfeitos sem colour lines
sem terdes que dizer aos fregueses negros
que os hotéis estão abarrotados
que não há mais mesas nos restaurantes
Banhai-vos descansados
nas vossas praias e piscinas
que nunca houve negros no mundo
que sujasse as águas
ou os vossos nojentos preconceitos
com a sua escura presença

Dissolvi o Ku-Klux-Klan
que já não há negros para linchar!

Porque hesitais agora!
ao menos tendes oportunidade
para proclamardes democracias
com sinceridade

Podeis inventar uma nova história
inclusivamente podeis inventar uma nova mística
dizeis por exemplo: No princípio nós criamos o
mundo
Tudo foi feito por NÓS
E isso nada me interessa

Ah!
que satisfação eu sinto
por ver-vos alegres no vosso orgulho
e loucos na vossa mania de superioridade

Nunca houve negros!
A África foi construída só por vós
A América foi colonizada só por vós
A Europa não conhece civilizações africanas
Nunca houve beijos de negros sobre faces brancas
nem um negro foi linchado
nunca matastes pretos a golpes de cavalomarinho
para lhes possuídes as mulheres
nunca estorquistes propriedades a pretos
não tendes nunca tivestes filhos com sangue negro
ó racistas de desbragada lubricidade

Fartai-vos agora dentro da moral!

Que satisfação eu sinto
por não terdes que falsear os padrões morais
para salvaguardar
o prestígio a superioridade e o estômago
dos vossos filhos

Ah!
O meu suicídio é uma novidade histórica
é um sádico prazer
de ver-vos bem instalados no vosso mundo
sem necessidade de jogos falsos

Eu elevado até o Zero
eu transformado no Nada-histórico
eu no início dos tempos
eu-Nada a confundir-me com vós-Tudo
sou o verdadeiro Cristo da Humanidade!

Não há nas ruas de Luanda
negros descalços e sujos
a pôr nódoas nas vossas falsidades de colonização

Em Lourenço Marques
em New York em Leopoldville
em Cape Town
gritam pelas ruas
fogueteando alegrias nos ares

- Não há negros nas ruas!
Nunca houve
Não há negros preguiçosos
a deixar os campos por cultivar
e renitentes à escravização
já não há negros para roubar
Toda a riqueza representa agora o suor do rosto
e o suor do rosto é a poesia da vida
Viva a poesia da vida!
Viva!

Não existe música negra
Nunca houve batuques nas florestas do Congo
Quem falou em spirituals?
Os salões enchem-se de Debussy Strauss
Korsakoff
que não há selvagens na terra
Viva a civilização dos homens superiores
sem manchas negróides a perturbar-lhe a estética!
Viva!

Nunca houve descobrimentos
a África foi criada com o mundo

O que é a colonização?
O que são os massacres de negros?
O que são os esbulhos de propriedade?
Coisas que ninguém conhece

A história está errada
Nunca houve escravatura
Nunca houve domínio de minorias
orgulhosas da sua força

Acabei com as cruzadas religiosas
A fé está espalhada por todo o mundo
sobre a terra só há cristãos
VÓS sois todos cristãos

Não há infiéis por converter
Escusais de imaginar mais infidelidades religiosas

para justificar
repugnantes actos de barbarismo

Não necessitais enviar mais missionários
a África
nem nos bairros de negros
Nunca houve mahamba
nem concepções religiosas diferentes
nunca houve religiosos a auxiliar a ocupação militar

Acabai com os missionários
os seus sofismas
os seus milagres
inventados para justificar ambições e vaidades

Possuis tudo TUDO
e sois todos irmãos

Continuai com os vossos sistemas políticos
ditaduras democráticas
isso é convosco
Explorai o proletariado
matai-vos uns aos outros
lutai pela glória
lutai pelo poder
criai minorias fortes
apadrinhai os afilhados dos vossos amigos
criai mais castas
aburguesai as ideias
e tudo sem a complicação
de verdes intrusos
imiscuir-se na vossa querida
e defendida civilização de homens
privilegiados

E agora
homens irmãos
daí-vos as mãos
gritai a vossa alegria de serdes sós
SÓS!
únicos habitantes da terra

Eu atingi o Zero

Isto significa extraordinariamente a vossa ética
Ao menos
não percais a ocasião para serdes honestos

Se houver terramotos
calamidades cheias ou epidemias
ou terras a defender da evasão das águas
ou motores parados em lamas africanas
raios vos partam!
já não tereis de chamar-me
para acudir as vossas desgraças
para reparar os vossos desastres
ou para carregar com a culpa das vossas incúrias
Ide para o diabo!

Eu não existo
Palavra de honra que nunca existi
Atingi o Zero
o Nada

Abençoada a hora
do meu super-suicídio
para vós
homens que construís sistemas morais
para enquadrar imoralidades

O sol brilha só para vós
a lua reflecte luz só para vós
nunca houve escravagistas
nem massacres
nem ocupações da África

Como até a história
se transforma num tratado de moral
sem necessidade de arranjos apressados!

Os pretos dos cais não existem
Nunca foram ouvidos cantos dolentes
misturados com a chiadeira do guindaste
Nunca pisaram os caminhos do mato
carregadores com sem quilos às costas
são os motores que se queimam sob as cargas

Ó pretos submissos humildes ou tímidos
sem lugar nas cidades
ou nos escaninhos da honestidade
ou nos recantos da força
dançarinos com a alma poisada no sinal menos
polígamos declarados
dançarinos de batuques sensuais
Sabeis que subistes todos de valor
atingistes o Zero sois Nada
e salvastes o homem

Acabou-se o ódio
e o trabalho de civilização
e a náusea de ver meninos negros
sentados na escola
ao lado de meninos de olhos azuis
e as extorções e compulsões
e as palmatoadas e torturas
para obrigar inocentes a confessar crimes
e medos de revolta
e as complicadas demarches políticas
para iludir as almas simples

Acabaram-se as complicações sociais!

Atingi o Zero
Cheguei à hora do início do mundo
e resolvi não existir

Cheguei ao Zero-Espaço
ao Nada-Tempo
ao eu coincidente com vós-Tudo

Voz do sangue

Palpitam-me
os sons do batuque
e os ritmos melancólicos do blue

Ó negro esfarrapado do Harlem
ó dançarino de Chicago
ó negro servidor do South

Ó negro de África

negros de todo o mundo

eu junto ao vosso canto
a minha pobre voz
os meus humildes ritmos.

Eu vos acompanho
pelas emaranhadas áfricas
do nosso Rumo

Eu vos sinto
negros de todo o mundo
eu vivo a vossa Dor
meus irmãos.

Do povo buscamos a força

Não basta que seja pura e justa a nossa causa.
É necessário que a pureza e a justiça
existam dentro de nós.
Dos que vieram e conosco se aliaram
muitos traziam sombras no olhar,
intenções estranhas.
Para alguns deles a razão da luta era só o ódio;
um ódio antigo centrado e surdo como uma lança.
Para alguns outros era uma bolsa, bolsa vazia
(queriam enchê-la de coisas sujas, inconfessáveis)

Outros viemos: para nós, lutar
é ver aquilo que o povo quer ver realizado.
É ter a terra onde nascemos.
É sermos livres para trabalhar.
É ter para nós o que criamos.
Lutar, para nós, é um destino,
é uma ponte entre a descrença
e a certeza do mundo novo.
Na mesma barca nos encontramos.
Todos concordam - vamos lutar. Lutar para quê?
Prá dar vazão ao ódio antigo?
Ou prá ganharmos a liberdade

E o que é mais importante:
Salvei o mundo!

1949

e termos para nós o que criamos?
Na mesma barca nos encontramos.
Quem há de ser o timoneiro?
Ah as tramas que eles teceram!
Ah as lutas que aí travamos!
Mantivemo-nos firmes:
No povo buscamos a força e a razão
Inexoravelmente,
como uma onda que ninguém trava, VENCEMOS
O povo tomou a direção da barca.
Mas a lição lá está, foi aprendida:
Não basta que seja pura e justa a nossa causa.
é necessário que a pureza e a justiça
existam dentro de nós

Poesia Africana

Lá no horizonte
o fogo
e as silhuetas escuras dos imbondeiros
de braços erguidos
No ar o cheiro verde das palmeiras queimadas

Poesia africana

Na estrada
a fila de carregadores bailundos
gemendo sob o peso da crueira
No quarto
a mulatinha dos olhos meigos
retocando o rosto com rouge e pó de arroz
A mulher debaixo dos panos fartos remexe as
ancas
Na cama
o homem insone pensando
em comprar garfos e facas para comer à mesa

No céu o reflexo
do fogo
e as silhuetas dos negros batucando
de braços erguidos
No ar a melodia quente das marimbas

Poesia africana

E na estrada os carregadores
no quarto a mulatinha
na cama o homem insone

Os braseiros consumindo
consumindo
a terra quente dos horizontes em fogo.

(No reino de Caliban II - antologia
panorâmica de poesia africana de ex-

pressão portuguesa)

BERTOLD BRECHT

A Cruz de Giz

Eu sou uma criada.
Eu tive um romance
com um homem que era da SA.
Um dia, antes de ir ele me mostrou, sorrindo,
como fazem para pegar os insatisfeitos.
Com um giz tirado do bolso do casaco
ele fez uma pequena cruz na palma da mão.
Ele contou que assim, e vestido à paisana
anda pelas repartições do trabalho
onde os empregados fazem fila e xingam
e xinga junto com eles, e fazendo isso
em sinal de aprovação e solidariedade
dá um tapinha nas costas do homem que xinga
E este, marcado com a cruz branca
é apanhado pela SA. Nós rimos com isso.
Andei com ele um ano, então descobri
que ele havia retirado dinheiro
da minha caderneta de poupança.
Havia dito que o guardaria para mim
pois os tempos eram incertos.
Quando lhe tomei satisfações, ele jurou
que suas intenções eram honestas. Dizendo isso
pôs a mão em meu ombro para me acalmar.
Eu corri, aterrorizada.
Em casa olhei minhas costas no espelho,
para ver se não havia uma cruz branca.

A Exceção e a Regra

Estranhem o que não for estranho.
Tomem por inexplicável o habitual.
Sintam-se perplexos ante o cotidiano.
Tratem de achar um remédio para o abuso
Mas não se esqueçam de que o abuso
é sempre a regra.

A Fumaça

A pequena casa entre árvores no lago.
Do telhado sobe fumaça
Sem ela
Quão tristes seriam
Casa, árvores e lago.

A Máscara Do Mal

Em minha parede
há uma escultura de madeira japonesa
Máscara de um demônio mau,
coberta de esmalte dourado.
Compreensivo observo

As veias dilatadas da fronte, indicando
como é cansativo ser mal

A Minha Mãe

Quando ela acabou, foi colocada na terra
Flores nascem, borboletas esvoejam por cima...
Ela, leve, não fez pressão sobre a terra
Quanta dor foi preciso para que ficasse tão leve!

A Troca da Roda

Estou sentado á beira da estrada,
o condutor muda a roda.
Não me agrada o lugar de onde venho.
Não me agrada o lugar para onde vou.
Por que olho a troca da roda
com impaciência?

Acredite Apenas

Acredite apenas no que seus olhos vêem
e seus ouvidos ouvem!
Também não acredite no que seus olhos vêem
e seus ouvidos ouvem!
Saiba também que não crer algo significa algo crer!

Algumas perguntas a um “homem bom”

Bom, mas para que?
Sim, não és venal, mas o ralo
que sobre a casa sai também
não é venal.
Nunca renegas o que disseste.
Mas, o que disseste?
És de boa fé, dás a tua opinião.
Que opinião?
Toma coragem
Contra quem?
És cheio de sabedoria
Pra quem?
Não olhas aos teus interesses.
Aos de quem olhas?
És um bom amigo.
Sê-lo-ás do bom povo?
Escuta pois: nós sabemos que és nosso inimigo.
Por isso vamos encostar-te a paredão.
Mas em consideração dos teus méritos
e das tuas boas qualidades
escolhemos um bom paredão
e vamos fuzilar-te com boas balas
atiradas por bons fuzis
e enterrar-te com uma boa pá

debaixo de terra boa.

Ao Camarada Dimitrov, quando lutou diante do Tribunal fascista em Leipzig*

Camarada Dimitrov!

Desde o dia em que lutastes diante do tribunal fascista
a voz do comunismo, cercada pelos bandos de matadores e bandidos da SA
através do ruído dos chicotes e cassetetes,
fala bem alto e nítido no centro da Alemanha.
Voz que pode ser ouvida em todas as nações da Europa, que através das fronteiras ouvem o que vem do escuro, elas mesmas no escuro, mas também pode ser ouvida por todos os explorados e espancados e incorrigíveis lutadores na Alemanha.

Com avareza utilizas, camarada Dimitrov, cada minuto que te é dado, e o pequeno lugar que ainda é público, utiliza-o para todos nós.
Mal dominando a língua que não é a tua sempre advertido aos gritos, várias vezes arrastado para fora, enfraquecido com as algemas, fazes repetidamente as perguntas temidas. Incriminas os criminosos e leva-os a gritar e te arrastar e assim confessar que não têm razão, apenas força. Embora não tão visíveis milhares de combatentes, mesmo os ensanguentados em suas celas que podem ser abatidos mas nunca vencidos. Assim como tu, suspeitos de combater a fome, acusados de revolta contra os exploradores, incriminados por lutar contra a opressão, convictos da causa mais justa.

As Boas Ações

Esmagar sempre o próximo não acaba por cansar?
Invejar provoca um esforço que incha as veias da frente.
A mão que se estende naturalmente dá e recebe com a mesma facilidade.
Mas a mão que agarra com avidez rapidamente endurece.
Ah! que delicioso é dar!
Ser generoso que bela tentação!
Uma boa palavra brota suavemente como um suspiro de felicidade!

Camarada Wlassowa

Esta é a nossa camarada Wlassowa, boa lutadora, dedicada, astuta e firme. Firme na luta, astuta contra nossos inimigos e dedicada na agitação. Seu trabalho é miúdo, tenaz e imprescindível. Onde quer que lute não está só. Como ela lutam tenazes, firmes e astutas em Twer, Glasgow, Lyon e Chicago, Changai e Calcutá. Todas as Wlassowas, de todo o mundo, boas formigas, soldados invisíveis da revolução. Imprescindíveis.

Canção

Eles tem códigos e decretos.
Eles tem prisões e fortalezas.
(sem contar seus reformatórios!)
Eles tem carcereiros e juizes que fazem o que mandam por trinta dinheiros. Sim, e para que?
Será que eles pensam que nós, como eles, seremos destruídos?
Seu fim será breve e eles hão de notar que nada poderá ajudá-los.

Eles tem jornais e impressoras para nos combater e amordaçar.
(sem contar seus estadistas!)
Eles tem professores e sacerdotes que fazem o que mandam por trinta dinheiros. Sim, e para que?
Será que precisam a verdade temer?
Seu fim será breve e eles hão de notar que nada poderá ajudá-los.

Eles tem tanques e canhões, granadas e metralhadoras
(sem contar seus cassetetes!)
Eles tem policia e soldados, que por pouco dinheiro estão prontos a tudo. Sim, e para que?
Terão inimigos tão fortes?
Eles pensam que podem parar, a sua queda, na queda, impedir.
Um dia, e será para breve verão que ainda poderá ajudá-los.
E de novo bem alto gritarão: Parem!
Pois nem dinheiro nem canhões poderão mais salvá-los.

Aos que virão depois de nós

I
Eu vivo em tempos sombrios.
Uma linguagem sem malícia é sinal de estupidez,
uma testa sem rugas é sinal de indiferença.
Aquele que ainda ri é porque ainda não
recebeu a terrível notícia.

Que tempos são esses,
Quando falar sobre flores é quase um crime.
Pois significa silenciar sobre tanta injustiça?
Aquele que cruza tranqüilamente a rua
já está então inacessível aos amigos
que se encontram necessitados?

É verdade: eu ainda ganho o bastante para viver.
Mas acreditem: é por acaso. Nado do que eu faço
dá-me o direito de comer quando eu tenho fome.
Por acaso estou sendo poupado.
(Se a minha sorte me deixa estou perdido!)

Dizem-me: come e bebe!
Fica feliz por teres o que tens!
Mas como é que posso comer e beber,
se a comida que eu como,
 eu tiro de quem tem fome?
se o copo de água que eu bebo, faz falta a
quem tem sede?
Mas apesar disso,
 eu continuo comendo e bebendo.

Eu queria ser um sábio.

Nos livros antigos está escrito o que é a sabedoria:
Manter-se afastado dos problemas do mundo
e sem medo passar o tempo que se tem para
 viver na terra;
Seguir seu caminho sem violência,
pagar o mal com o bem,
não satisfazer os desejos, mas esquecê-los.
Sabedoria é isso!
Mas eu não consigo agir assim.
É verdade, eu vivo em tempos sombrios!

II
Eu vim para a cidade no tempo da desordem,
quando a fome reinava.
Eu vim para o convívio dos homens no tempo
da revolta
e me revoltei ao lado deles.
Assim se passou o tempo
que me foi dado viver sobre a terra.

Eu comi o meu pão no meio das batalhas,
deitei-me entre os assassinos para dormir,
Fiz amor sem muita atenção
e não tive paciência com a natureza.
Assim se passou o tempo
que me foi dado viver sobre a terra.

III
Vocês, que vão emergir das ondas
em que nós perecemos, pensem,
quando falarem das nossas fraquezas,
nos tempos sombrios
de que vocês tiveram a sorte de escapar.

Nós existíamos através da luta de classes,
mudando mais seguidamente de países
que de sapatos, desesperados!
quando só havia injustiça e não havia revolta.

Nós sabemos:
o ódio contra a baixeza
também endurece os rostos!
A cólera contra a injustiça
faz a voz ficar rouca!
Infelizmente, nós, que queríamos
preparar o caminho para a amizade,
não pudemos ser, nós mesmos, bons amigos.
Mas vocês, quando chegar o tempo
em que o homem seja amigo do homem,
pensem em nós
com um pouco de compreensão.

Canção da Azenha.

Dos poderosos da terra
Conhecemos as canções.
Eles sobem, depois descem.
Como as constelações.
Isto é consolador
E deve ser conhecido.

Mas p'ra aqueles de entre nós
que sempre os alimentamos
Não há já grandes surpresas.
Quer eles subam, quer eles caiam
Quem é que paga as despesas?
Gira a roda e sem pausa
em cima não se está sempre
Cá em baixo está a água
que faz sempre a mesma coisa:
Move a roda eternamente!

Canção do Remendo e do Casaco

Sempre que o nosso casaco se rasga
vocês vêm correndo dizer: assim não pode ser;
isso vai acabar, custe o que custar!
Cheios de fé vão aos senhores
enquanto nós, cheios de frio, aguardamos.
E ao voltar, sempre triunfantes,
nos mostram o que por nós conquistam:
Um pequeno remendo.
Ótimo, eis o remendo.
Mas onde está o nosso casaco?

Sempre que nós gritamos de fome
vocês vêm correndo dizer: Isso não vai continuar,
é preciso ajudá-los, custe o que custar!
E cheios de ardor vão aos senhores
enquanto nós, com ardor no estômago, esperamos.
E ao voltar, sempre triunfantes,
exibem a grande conquista:
um pedacinho de pão.
Que bom, este é o pedaço de pão,
mas onde está o pão?

Não precisamos só do remendo,
precisamos o casaco inteiro.
Não precisamos de pedaços de pão,
precisamos de pão verdadeiro.
Não precisamos só do emprego,
toda a fábrica precisamos.
E mais o carvão.
E mais as minas.
O povo no poder.
É disso que precisamos.
Que tem vocês a nos dar?

Com Cuidado Examino

Com cuidado examino
Meu plano: ele é
Grande, ele é
Irrealizável.

Como Bem Sei

Como bem sei
Os impuros viajam para o inferno
através do céu inteiro.

São levados em carruagens transparentes:
Isto embaixo de vocês, lhe dizem
É o céu.
Eu sei que lhes dizem isso
pois imagino
que justamente entre eles
há muitos que não o reconheceriam, pois eles
precisamente
imaginavam-no mais radiante

Da Sedução Dos Anjos

Anjos seduzem-se: nunca ou a matar.
Puxa-o só para dentro de casa e mete-lhe
a língua na boca e os dedos sem frete
Por baixo da saia até se molhar
Vira-o contra a parede, ergue-lhe a saia
E fode-o. Se gemer, algo crispado
Segura-o bem, fá-lo vir-se em dobrado
Para que do choque no fim te não caia.

Exorta-o a que agite bem o cú
Manda-o tocar-te os guizos atrevido
Diz que ousar na queda lhe é permitido
Desde que entre o céu e a terra flutue –

Mas não o olhes na cara enquanto fodes
E as asas, rapaz, não lhas amarrotas.

Da Violência

Do rio que tudo arrasta se diz que é violento.
Mas ninguém diz violentas
as margens que o comprimem.

Das Elegias De Buckow

Viesse um vento
Eu poderia alçar vela.
Faltasse vela
Faria uma de pano e pau.

Elogio à Clandestinidade

É belo tomar a palavra na luta de classes
Chamar as massas bem alto à luta.
Para que esmaguem os opressores
e libertem os oprimidos.

É difícil e útil o trabalho diário,
imperceptível, o tenaz e secreto
tecer a rede do Partido
ante o canhão dos proprietários:

Falar, mas esconder o orador.
Vencer, mas esconder o vencedor.

Morrer, mas esconder a morte.

Quem não faria muito pela fama,
mas quem fará pelo silêncio?
Pois a fama pergunta em vão
pelos que realizaram a façanha.

Apareçam por um momento,
desconhecidos de rosto coberto
e recebam nossos agradecimentos!

Elogio da Dialética

A injustiça passeia pelas ruas com passos seguros.
Os dominadores se estabelecem por dez mil anos.
Só a força os garante.
Tudo ficará como está.
Nenhuma voz se levanta além da voz dos
dominadores.
No mercado da exploração se diz em voz alta:
Agora acaba de começar:
E entre os oprimidos muitos dizem:
Não se realizará jamais o que queremos!

O que ainda vive não diga: jamais!
O seguro não é seguro. Como está não ficará.
Quando os dominadores falarem
falarão também os dominados.
Quem se atreve a dizer: jamais?
De quem depende a continuação desse domínio?
De quem depende a sua destruição?
Igualmente de nós.
Os caídos que se levantem!
Os que estão perdidos que lutem!
Quem reconhece a situação como pode calar-se?
Os vencidos de agora serão os vencedores de
amanhã.
E o "hoje" nascerá do "jamais".

Elogio da terceira coisa

Sempre se ouve quão depressa
as mães perdem os filhos,
mas eu preservei o meu.
Como o preservei?
Através da terceira coisa.

Eu e ele éramos dois,
mas a terceira coisa comum,
a causa comum,
foi ela que nos uniu.

Eu mesma ouvi, às vezes,
conversas entre filhos e pais.
Mas como eram melhores as nossas conversas
sobre a terceira coisa, que nos era comum,

grande e comum para tantos homens!
Que perto nos encontrávamos,
perto dessa coisa:
Que bom era para nós essa boa coisa perto!

Elogio do Comunismo

Ele é razoável. Todos o compreendem.
Ele é simples.
Você, por certo, não é nenhum explorador.
Você pode entendê-lo.
Ele é bom para você. Informe-se sobre ele.
Os idiotas dizem-no idiota e os porcos dizem-no
porco.
Ele é contra a sujeira e contra a estupidez.
Os exploradores dizem-no um crime,
mas nós sabemos
que ele é o fim dos crimes;
ele não é a loucura e sim
o fim da loucura.
Não é o caos e sim
uma nova ordem.
Ele é a simplicidade.
O difícil de fazer.

Elogio do Aprendizado

Aprenda o mais simples!
Para aqueles cuja hora chegou
Nunca é tarde demais!
Aprenda o ABC; não basta, mas aprenda!
Não desanime! Comece! É preciso saber tudo!
Você tem que assumir o comando!
Aprenda, homem no asilo!
Aprenda, homem na prisão!
Aprenda, mulher na cozinha!
Aprenda, ancião!
Você tem que assumir o comando!

Frequente a escola, você que não tem casa!
Adquira conhecimento, você que sente frio!
Você que tem fome, agarre o livro: é uma arma.
Você tem que assumir o comando.
Não se envergonhe de perguntar, camarada!
Não se deixe convencer!
Veja com seus próprios olhos!
O que não sabe por conta própria, não sabe.
Verifique a conta. É você que vai pagar.
Ponha o dedo sobre cada item
Pergunte: o que é isso?
Você tem que assumir o comando.

Elogio do Revolucionário

Quando aumenta a repressão, muitos desanimam.

Mas a coragem dele aumenta.
Organiza sua luta pelo salário, pelo pão
e pela conquista do poder.
Interroga a propriedade:
De onde vens?
Pergunta a cada idéia:
Serves a quem?
Ali onde todos calam, ele fala
E onde reina a opressão e se acusa o destino,
ele cita os nomes.
À mesa onde ele se senta
se senta a insatisfação.
À comida sabe mal e a sala se torna estreita.
Aonde o vai a revolta
e de onde o expulsam
persiste a agitação.

Epístola Sobre O Suicídio

Matar-se
É coisa banal.
Pode-se conversar com a lavadeira sobre isso.
Discutir com um amigo os prós e os contras.
Um certo pathos, que atrai
Deve ser evitado.
Embora isto não precise absolutamente ser um
dogma.
Mas melhor me parece, porém
Uma pequena mentira como de costume:
Você está cheio de trocar a roupa de cama,
ou melhor ainda:
Sua mulher foi infiel
(Isto funciona com aqueles que ficam surpresos
com essas coisas
E não é muito impressionante.)
De qualquer modo
Não deve parecer
que a pessoa dava
importância demais a si mesmo

Epitáfio Para Gorki

Aqui jaz
O enviado dos bairros da miséria
O que descreveu os atormentadores do povo
E aqueles que os combateram
O que foi educado nas ruas
O de baixa extração
Que ajudou a abolir o sistema de Alto a Baixo
O mestre do povo
Que aprendeu com o povo.

Esse Desemprego!

Meus senhores,
é mesmo um problema esse desemprego!
Com satisfação acolhemos

toda oportunidade de discutir a questão.
Quando queiram os senhores! A todo momento!
Pois o desemprego é para o povo
um enfraquecimento.

Para nós é inexplicável tanto desemprego.
Algo realmente lamentável
que só traz desassossego.
Mas não se deve na verdade
dizer que é inexplicável
pois pode ser fatal
Difícilmente nos pode trazer
a confiança das massas
para nós imprescindível.

É preciso que nos deixem valer
pois seria mais que temível
permitir ao caos vencer
num tempo tão pouco esclarecido!
Algo assim não se pode conceber
com esse desemprego!
Ou qual a sua opinião?

Só nos pode convir esta opinião:
o problema, assim como veio, deve sumir.
Mas a questão é: nosso desemprego
não será solucionado
enquanto os senhores não ficarem desempregados!

Expulso Por Bom Motivo

Eu cresci como filho
De gente abastada.
Meus pais me colocaram um colarinho,
e me educaram no hábito de ser servido
E me ensinaram a dar ordens.
Mas quando já crescido, olhei em torno de mim
não me agradaram as pessoas da minha classe
e me juntei à gente pequena.

Assim
Eles criaram um traidor, ensinaram-lhe suas artes,
e ele denuncia-os ao inimigo.
Sim, eu conto seus segredos.
Fico entre o povo e explico como eles trapaceiam,
e digo o que virá, pois
estou instruído em seus planos.
O latim de seus clérigos corruptos
traduzo palavra por palavra em linguagem comum,

Então
Ele se revela uma farsa.
Tomo a balança da sua justiça e mostro os pesos
falsos.
E os seus informantes relatam
que me encontro entre os despossuídos,
quando tramam a revolta.

Eles me advertiram e me tomaram
o que ganhei com meu trabalho.
E quando me corrigi eles foram me caçar,
mas em minha casa
encontraram apenas escritos
que expunham suas tramas contra o povo.
Então
Enviaram uma ordem de prisão
Acusando-me de ter idéias baixas, isto é
As idéias da gente baixa.
Aonde vou sou marcado
aos olhos dos possuidores.
Mas os despossuídos
Lêem a ordem de prisão
e me oferecem abrigo.
Você, dizem
Foi expulso por bom motivo.

Eu Sempre Pensei

E eu sempre pensei:
as mais simples palavras devem bastar.
Quando eu disser como
e o coração de cada um ficara dilacerado.
Que sucumbirás se não te defenderes
Isso logo verás.

Ferro

No sonho esta noite
Vi um grande temporal.
Ele atingiu os andaimes
Curvou a viga feita
A de ferro.
Mas o que era de madeira
Dobrou-se e ficou.

Galileu

Quando o todo poderoso disse "faça-se a luz"
logo mandou que o sol, com sua luz fulgente,
se dirigisse a terra e então em torno dela
girasse obedientemente como um servo.
Seu desejo era ver girando o pequeno
ao redor do grande,
o menor em torno do mais importante.
E é nisto que se encerra
a grande decisão que resolveu tomar:
esta ordem instituir tanto no céu como na terra.

Em torno do papa giravam os cardeais.
Em torno dos cardeais giravam os bispos.
Em torno dos bispos giravam os vigários.
Em torno dos vigários giravam os sacristãos.
Em torno dos dos sacristãos giravam os artífices.
Em torno dos artífices giravam os criados.
Em torno dos criados giravam os cachorros,

as galinhas e os mendigos.
Eis a grande ordem, como dizem os teólogos,
a regra das regras.

Mas eis que então se levantou o doutor Galileu,
pegou o telescópio e jogou fora a bíblia.
Percorreu a vista pelo universo todo.
Dirigindo-se ao sol, disse: PARAI!

Agora mudou-se a ordem!
Em torno da criada,
passara a girar a orgulhosa senhora!
Oh boa gente que viveis a lamentar o que não tens.
Ânimo! Força, andai sem medo e reforçai sua
energia!
O bê-a-bá aprenderéis com Galileu.
A obediência foi a cruz que deram aos homens
desde cedo.
Sem sujeição e sem senhor, quem não gostaria de
viver assim?

Jamais Te Amei Tanto

Jamais te amei tanto, ma soeur
Como ao te deixar naquele pôr do sol
O bosque me engoliu, o bosque azul, ma soeur
Sobre o qual sempre ficavam as estrelas pálidas
no Oeste.
Eu ri bem pouco, não ri, ma soeur
Eu que brincava ao encontro do destino negro -
Enquanto os rostos atrás de mim lentamente
iam desaparecendo no anoitecer do bosque azul.
Tudo foi belo nessa tarde única, ma soeur
Jamais igual, antes ou depois -
É verdade que me ficaram apenas os pássaros
que à noite sentem fome no negro céu.

Lendo Horácio

Mesmo o dilúvio
Não durou eternamente.
Veio o momento em que
As águas negras baixaram.
Sim, mas quão poucos
Sobreviveram!

Lista de Preferências

Alegrias, as desmedidas
Dores, as não curtidas
Casos, os inconcebíveis
Conselhos, os inexecutáveis
Meninas, as veras
Mulheres, insinceras
Orgasmos, os múltiplos
Ódios, os mútuos
Domicílios, os passageiros

Adeuses, os bem ligeiros
Artes, as não rentáveis
Professores, os enterráveis
Prazeres, os transparentes
Projetos, os contingentes
Inimigos, os delicados
Amigos, os estouvados
Cores, o rubro
Meses, outubro
Elemento, o fogo
Divindade, o logos
Vidas, as espontâneas
Mortes, as instantâneas

Louvor ao Estudo

Estuda o elementar: para aqueles
cuja hora chegou
não é nunca demasiado tarde.
Estuda o ABC. Não basta, mas estuda.
Não te canses.

Começa. Tens de saber tudo.
Estás chamado a ser um dirigente.
Frequente a escola, desamparado!
Persegue o saber, morto de frio!

Empunha o livro, faminto! É uma arma!
Estás chamado á ser um dirigente.
Não temas perguntar, companheiro!
Não te deixes convencer!
Compreende tudo por ti mesmo.

O que não sabes por ti, não o sabes.
Confere a conta. Tens de pagá-la.
Aponta com teu dedo a cada coisa
e pergunta: "Que é isto? E como é?"
Estás chamado a ser um dirigente.

Monólogo de uma atriz enquanto se maquila

Vou fazer o papel de uma bêbada
que vende os filhos
em Paris, nos tempos da Comuna.
Tenho apenas cinco réplicas.
E preciso de me deslocar, de subir a rua.
Caminharei como gente livre,
gente que só o álcool quis libertar
e voltar-me-ei para o público.

Analisei as minhas cinco réplicas como os
documentos que se lavam com ácido
para descobrir sob os caracteres visíveis
outros possíveis caracteres.
Pronunciarei cada réplica com a melhor acusação
contra mim e contra todos os que me olham.

Se eu não refletisse, maquilar-me-ia simplesmente
como uma velha beberona, doente e decadente.
Mas vou entrar em cena
como uma bela mulher
que guarda a marca da distribuição
na pálida pele outrora macia
e agora cheia de rugas
outrora atraente e agora repelida
pra que ao vê-la cada um se interrogue:
Quem fez isto?

Na Guerra Muitas Coisas Crescerão

Ficarão maiores As propriedades dos que possuem
E a miséria dos que não possuem
As falas do guia*
E o silêncio dos guiados.

* Führer

Na Morte De Um Combatente Da Paz (Á memória de Carl von Ossietzky)

Aquele que não cedeu
foi abatido
O que foi abatido
não cedeu.
A boca do que preveniu
está cheia de terra.
A aventura sangrenta
começa.
O túmulo do amigo da paz
é pisoteado por batalhões.
Então a luta foi em vão?

Quando é abatido o que não lutou só
O inimigo ainda não venceu.

Não Necessito De Pedra Tumular

Não necessito de pedra tumular, mas
se necessitarem de uma para mim,
gostaria que nela estivesse:

Ele fez sugestões
Nós as aceitamos.
Por tal inscrição
estaríamos todos honrados.

No Muro Estava Escrito Com Giz:

Eles querem a guerra.
Quem escreveu
Já caiu.

No Segundo Ano De Minha Fuga

No segundo ano de minha fuga
Li em um jornal, em língua estrangeira
Que eu havia perdido minha cidadania.
Não fiquei triste nem alegre
Ao ver meu nome entre muitos outros
Bons e maus.
A sina dos que fugiam não me pareceu pior
Do que a sina dos que ficavam.

Nossos inimigos dizem

Nossos inimigos dizem: a luta terminou.
Mas nós dizemos: ela começou.
Nossos inimigos dizem: a verdade está liquidada.
Mas nós sabemos: nós a sabemos ainda.
Nossos inimigos dizem: mesmo que ainda se
conheça a verdade
ela não pode mais ser divulgada.
Mas nós a divulgaremos.
É a véspera da batalha.
É a preparação de nossos quadros.
É o estudo do plano de luta.
É o dia antes da queda de nossos inimigos.

O Maneta No Bosque

Banhado de suor
ele se curva para pegar o graveto.
Os mosquitos
espanta com um movimento de cabeça.
Com os joelhos amarra a lenha com dificuldade.
Gemendo se apruma,
ergue a mão para ver se chove.
A mão erguida do temido Guarda SS.

O Nascido Depois

Eu confesso: eu não tenho esperança.
Os cegos falam de uma saída. Eu vejo.
Após os erros terem sido usados

como última companhia,
à nossa frente
senta-se o Nada.

O Passageiro

Quando, há alguns anos aprendi a dirigir um carro,
meu instrutor me fazia fumar um charuto;
e quando na confusão do tráfego
ou em curvas difíceis
o charuto apagava, ele me tirava o volante.
Também contava piadas, e se eu não sorria
muito ocupado com a direção,
afastava-me do volante.

Eu estava inseguro, dizia ele.
Eu, o passageiro, me apavoro quando vejo o
motorista muito ocupado com a direção.
Desde então, ao trabalhar
cuido para não ficar absorvido demais no trabalho.
Dou atenção a muitas coisas em volta
Às vezes interrompo o trabalho para ter uma
conversa.
Andar mais rápido do que o que me permite fumar
É algo que já não faço.
Penso no passageiro.

Os Esperançosos

Pelo que esperam?
Que os surdos se deixem convencer
E que os insaciáveis
lhes devolvam algo?
Os lobos os alimentarão, em vez de devorá-los!
Por amizade
Os tigres convidarão
a lhes arrancarem os dentes!
É por isso que esperam!

Palabras de un obrero a un médico

¡Nosotros sabemos lo que nos enferma!
Cuando nos sentimos mal nos enteramos
que eres tú el que nos va a curar.

Durante diez años, nos dicen,
en hermosas escuelas
construidas con dinero del pueblo,
aprendiste a curar, y tu ciencia
te ha costado una fortuna.
Tienes que saber curar.

¿Sabes curar?
En tu consultorio
nos arrancan los harapos
y tú aplicas el oído a nuestros cuerpos desnudos.
Una mirada a los harapos te informaría mejor

sobre la causa de nuestra enfermedad.
La misma causa
desgasta nuestros cuerpos y nuestras ropas.

Dices que el dolor en el hombro
proviene de la humedad,
de la que también proviene la mancha
que hay en la pared de nuestra casa.
Dinos entonces:
¿de dónde proviene la humedad?

Exceso de trabajo y falta de comida
nos hacen flacos y débiles.
Tu receta dice:
"Tiene que aumentar de peso."
Es como decirle al junco
que no debe mojarse

¿Cuánto tiempo nos dedicas?
Es evidente: la alfombra de tu casa
cuesta tanto como cinco mil consultas.

Probablemente dirás que eres inocente.
La mancha de humedad
en la pared de nuestra casa
dice lo mismo.

Os maus e os bons

"Os maus temem tuas garras
Os bons se alegram de tua graça.
Algo assim
Gostaria de ouvir do meu verso."

Palavras a um General

General, vosso tanque é um carro forte.
Ele derruba uma floresta e esmaga cem homens.
Tem, porém, um defeito:
precisa de um motorista.

General, teu bombardeiro é poderoso.
Voa mais depressa que a tempestade,
carrega mais que um elefante.
Tem, porém, um defeito:
precisa de um piloto.

General, o homem é muito útil.
Sabe voar, sabe matar.
Tem, porém, um defeito:
Ele sabe pensar!

Para Ler De Manhã E À Noite

Aquela que amo
disse-me
que precisa de mim.
Por isso
Cuido de mim
Olho meu caminho
E receio ser morto
Por uma só gota de chuva.

Poesia do Exílio

Nos tempos sombrios
se cantará também?
Também se cantará
sobre os tempos sombrios.

Quem é teu inimigo?

O que tem fome e te rouba
o último pedaço de pão chama-o teu inimigo.
Mas não saltas ao pescoço
de teu ladrão que nunca teve fome.

Se Fossemos Infinitos

Fossemos infinitos
tudo mudaria
Como somos finitos
muito permanece.

Primeiro levaram os comunistas

MAS, não me importei com isso,
eu não era comunista
EM SEGUIDA, levaram alguns operários,
MAS, não me importei com isso.
Eu não era operário.
DEPOIS PRENDERAM os sindicalistas
MAS, não me importei com isso
Porque eu não sou sindicalista.
DEPOIS AGARRARAM uns sacerdotes
MAS, como não sou religioso,
também não me importei com isso
AGORA ESTÃO ME LEVANDO.
MAS, JÁ É TARDE!

Precisamos De Você.

Aprende - lê nos olhos,
lê nos olhos - aprende
a ler jornais, aprende:
a verdade pensa
com tua cabeça.

Faça perguntas sem medo
não te convenças sozinho

mas veja com teus olhos.
Se não descobriu por si
na verdade não descobriu.

Confere tudo ponto
por ponto - afinal
você faz parte de tudo,
também vai no barco,
"aí pagar o pato, vai
pegar no leme um dia.

Aponte o dedo, pergunta
Que é isso? Como foi parar aí?
Por que?
Você faz parte de tudo.

Aprende, não perde nada
das discussões, do silêncio.
Esteja sempre aprendendo
por nós e por você.

Você não será ouvinte
diante da discussão,
não será cogumelo
de sombras e bastidores,
não será cenário
para nossa ação

Quem luta pelo comunismo

"Quem luta pelo comunismo,
deve saber lutar e não lutar;
dizer a verdade e não dizer a verdade;
Prestar serviços e negar-se a prestar serviços;
Cumprir promessas e não cumprir promessas;
Enfrentar o perigo e evitar o perigo;
Identificar-se e não ser identificado.
Quem luta pelo comunismo
Só possui uma única virtude:
Lutar pelo Comunismo"

Quem Não Sabe De Ajuda

Como pode a voz que vem das casas
ser a da justiça
se os pátios estão desabrigados?
Como pode não ser um embusteiro
aquele que ensina os famintos outras coisas
que não a maneira de abolir a fome?
Quem não dá o pão ao faminto
quer a violência
Quem na canoa não tem

lugar para os que se afogam
não tem compaixão.
Quem não sabe de ajuda
Que cale.

Quem Se Defende

Quem se defende porque lhe tiram o ar
ao lhe apertar a garganta,
para este ha um parágrafo
que diz: ele agiu em legitima defesa.
Mas o mesmo parágrafo silencia
quando vocês se defendem porque lhes tiram o
pão.
E no entanto morre quem não come,
e quem não come o suficiente
morre lentamente.
Durante os anos todos em que morre
não lhe é permitido se defender.

Sobre A Violência

A corrente impetuosa é chamada de violenta
Mas o leito do rio que a contem
ninguém chama de violento.

A tempestade que faz dobrar as betulas
é tida como violenta
E a tempestade que faz dobrar
os dorsos dos operários na rua?

Soube

Soube que
Nas praças dizem de mim que durmo mal
Meus inimigos, dizem, já estão assentando casa
Minhas mulheres põem seus vestidos bons
Em minha ante-sala esperam pessoas
Conhecidas como amigas dos infelizes.
Logo
Ouvirão que não como mais
Mas uso novos ternos
Mas o pior é: eu mesmo
observo que me tornei
mais duro com as pessoas.

Também o Céu

Também o céu às vezes desmorona
E as estrelas caem sobre a terra
Esmagando-a com todos nós.
Isto pode ser amanhã.

Tempos Sombrios

Realmente, vivemos tempos sombrios!
A inocência é loucura. Uma fronte sem rugas
denota insensibilidade. Aquele que ri
ainda não recebeu a terrível notícia
que está para chegar.
Que tempos são estes, em que
é quase um delito
falar de coisas inocentes,
pois implica em silenciar
sobre tantos horrores.

Um Homem Pessimista

Um homem pessimista

Aos que lutam

"Há aqueles que lutam um dia; e por isso são bons;
Há aqueles que lutam muitos dias; e por isso são muito bons;
Há aqueles que lutam anos; e são melhores ainda;
Porém há aqueles que lutam toda a vida; esses são os imprescindíveis."

De Que Serve A Bondade

1
De que serve a bondade
Se os bons são imediatamente liquidados, ou são liquidados
Aqueles para os quais eles são bons?

De que serve a liberdade
Se os livres têm que viver entre os não-livres?

De que serve a razão
Se somente a desrazão consegue o alimento de que todos necessitam?

2
Em vez de serem apenas bons, esforcem-se
Para criar um estado de coisas que torne possível a bondade
Ou melhor: que a torne supérflua!

Em vez de serem apenas livres, esforcem-se
Para criar um estado de coisas que liberte a todos
E também o amor à liberdade
Torne supérfluo!

Em vez de serem apenas razoáveis, esforcem-se
Para criar um estado de coisas que torne a desrazão de um indivíduo
Um mau negócio.

Nada é impossível de mudar

Desconfiai do mais trivial, na aparência singelo.
E examinai, sobretudo, o que parece habitual.

É tolerante.
Ele sabe deixar a fina cortesia
desmanchar-se na língua
Quando um homem não espanca uma mulher
E o sacrifício de uma mulher que prepara café para
seu amado
Com pernas brancas sob a camisa -
Isto o comove.
Os remorsos de um homem que
Vendeu o amigo
Abalam-no, a ele que conhece a frieza do mundo
E como é sábio
Falar alto e convencido
No meio da noite.

Suplicamos expressamente: não aceiteis o que é de hábito como coisa natural, pois em tempo de desordem sangrenta, de confusão organizada, de arbitrariedade consciente, de humanidade desumanizada, nada deve parecer natural nada deve parecer impossível de mudar.

Dificuldade de governar

1

Todos os dias os ministros dizem ao povo
Como é difícil governar. Sem os ministros
O trigo cresceria para baixo em vez de crescer para cima.
Nem um pedaço de carvão sairia das minas
Se o chanceler não fosse tão inteligente. Sem o ministro da Propaganda
Mais nenhuma mulher poderia ficar grávida. Sem o ministro da Guerra
Nunca mais haveria guerra. E atrever-se ia a nascer o sol
Sem a autorização do Führer?
Não é nada provável e se o fosse
Ele nasceria por certo fora do lugar.

2

E também difícil, ao que nos é dito,
Dirigir uma fábrica. Sem o patrão
As paredes cairiam e as máquinas encher-se-iam de ferrugem.
Se algures fizessem um arado
Ele nunca chegaria ao campo sem
As palavras avisadas do industrial aos camponeses: quem,
De outro modo, poderia falar-lhes na existência de arados? E que
Seria da propriedade rural sem o proprietário rural?
Não há dúvida nenhuma que se semearia centeio onde já havia batatas.

3

Se governar fosse fácil
Não havia necessidade de espíritos tão esclarecidos como o do Führer.
Se o operário soubesse usar a sua máquina
E se o camponês soubesse distinguir um campo de uma forma para tortas
Não haveria necessidade de patrões nem de proprietários.
E só porque toda a gente é tão estúpida
Que há necessidade de alguns tão inteligentes.

4

Ou será que
Governar só é assim tão difícil porque a exploração e a mentira

São coisas que custam a aprender?

O Analfabeto Político

"O pior analfabeto é o analfabeto político.

Ele não ouve, não fala, nem participa dos acontecimentos políticos.

Ele não sabe que o custo de vida, o preço do feijão, do peixe, da farinha, do aluguel, do sapato e do remédio dependem das decisões políticas.

O analfabeto político é tão burro que se orgulha e estufa o peito dizendo que odeia a política.

Não sabe o imbecil que da sua ignorância política nasce a prostituta, o menor abandonado, e o pior de todos os bandidos que é o político vigarista, pilantra, o corrupto e lacaio dos exploradores do povo."

O Comboio De Serviço

1

Por ordem Expressa do Führer,
o comboio de luxo expressamente feito para o congresso
do Partido em Nuremberg
recebeu o nome simples de COMBOIO DE SERVIÇO.
Os que o tomam prestam com isso um serviço
ao povo alemão.

2

O comboio de serviço
é uma obra-prima da técnica ferroviária.
Os passageiros tem apartamentos privativos.
Pelas largas janelas
vêem os camponeses alemães mourejar os campos.
Se por acaso transpirassem nesse momento
poderiam tomar banho
Em cabines cobertas de ladrilhos.
Um sutil sistema de luzes permite-lhes
Ler à noite, de pé, sentados ou deitados, os jornais
Com as grandes reportagens sobre os benefícios do regime
Os vários apartamentos
Comunicam entre si por linhas telefônicas
Tal como as mesas dos grandes dancing's cujos clientes
Podem pedir às mulheres das mesas vizinhas
O preço que cobram.
Sem sair da cama os passageiros também podem
Ligar o rádio, que transmite as grandes reportagens
Sobre os erros do regime. Jantam,
Se assim o desejarem, no respectivo apartamento, e fazem as
respectivas necessidades
Em privadas revestidas de mármore.

Cagam
na Alemanha.

Privatizado

"Privatizaram sua vida, seu trabalho, sua hora de amar e seu direito de pensar.
É da empresa privada o seu passo em frente,
seu pão e seu salário. E agora não contente querem
privatizar o conhecimento, a sabedoria,
o pensamento, que só à humanidade pertence."

Os tecelões de Kujan-Bulak homenageiam Lênin

1

Com freqüência, e generosamente
homenageou-se o camarada Lênin.
Existem bustos e estátuas.
Cidades receberam seu nome, e também crianças.
Fazem-se conferências em muitas línguas
há reuniões e demonstrações
de Xangai a Chicago, em homenagem a Lênin.
Mas assim o homenagearam os tecelões de Kujan-Bulak,
pequena localidade no sul do Turquistão:
Lá, vinte tecelões deixam à noite,
tremendo de febre, seu tear miserável.
A febre está em toda a parte: a estação
é tomada pelo zumbido dos mosquitos, nuvem espessa
que se levanta do pântano atrás do velho cemitério de camelos.
Mas a locomotiva, que
a cada duas semanas traz água e fumaça, traz
um dia também a notícia:
Que está próximo o dia de reverenciar o camarada Lênin.
E a gente de Kujan-Bulak,
gente pobre, tecelões,
decide que também na sua localidade será erguido
um busto de gesso para o camarada Lênin.
Mas quando o dinheiro é coletado para o busto
encontram-se todos frementes de febre, a contar
seus copeques duramente ganhos com mãos sôfregas.
E o guarda vermelho Stepa Gamalew, que
conta com cuidado e observa com rigor,
vê a disposição de homenagear Lênin e se alegra,
mas também vê mãos inseguras.

E faz de repente a proposta
de com o dinheiro para o busto comprar petróleo
e derramá-lo no pântano trás do cemitério de camelos
de onde vêm os mosquitos
que produzem a febre.
De modo assim a combater a febre em Kujan-Bulak, e isto
em honra do falecido
mas não esquecido
camarada Lênin.
Assim decidiram. No dia da homenagem conduziram
seus baldes amassados, cheios do petróleo negro
um atrás do outro
e regaram aquilo o pântano com aquilo.
Eles se ajudaram, ao homenagear Lênin
e o homenagearam, ao se ajudar, e o haviam, portanto,
compreendido.

2

Ouvimos como a gente de Kujan-Bulak
homenageou Lênin. E quando, à noite
o petróleo havia sido comprado e derramado no pântano,
ergueu-se um homem na reunião, e solicitou
que fosse colocada uma placa na estação
com a narrativa do acontecimento, descrevendo
precisamente a mudança do plano e a troca
do busto de Lênin pelo tonel de petróleo destruidor da febre.
E tudo em homenagem a Lênin.
E também isto fizeram,
e colocaram a placa.

Perguntas De Um Operário Que Lê.

Quem construiu Tebas, a das sete portas?
Nos livros vem o nome dos reis,
Mas foram os reis que transportaram as pedras?
Babilônia, tantas vezes destruída,
Quem outras tantas a reconstruiu? Em que casas
Da Lima Dourada moravam seus obreiros?
No dia em que ficou pronta a Muralha da China para onde
Foram os seus pedreiros? A grande Roma
Está cheia de arcos de triunfo. Quem os ergueu? Sobre quem
Triunfaram os Césares? A tão cantada Bizâncio
Só tinha palácios
Para os seus habitantes? Até a legendária Atlântida
Na noite em que o mar a engoliu
Viu afogados gritar por seus escravos.

O jovem Alexandre conquistou as Índias
Sozinho?
César venceu os gauleses.
Nem sequer tinha um cozinheiro ao seu serviço?
Quando a sua armada se afundou Filipe de Espanha
Chorou. E ninguém mais?
Frederico II ganhou a guerra dos sete anos
Quem mais a ganhou?

Em cada página uma vitória.
Quem cozinhava os festins?
Em cada década um grande homem.
Quem pagava as despesas?

Tantas histórias
Quantas perguntas

Refletindo Sobre O Inferno

Refletindo, ouço dizer, sobre o inferno
Meu irmão Shelley achou ser ele um lugar
Mais ou menos semelhante a Londres.
Eu Que não vivo em Londres, mas em Los Angeles
Acho, refletindo sobre o inferno,
que ele deve Assemelhar-se mais ainda a Los Angeles.
Também no inferno Existem, não tenho dúvidas, esses jardins luxuriantes
Com as flores grandes como árvores, que naturalmente fenecem
Sem demora, se não são molhadas com água muito cara.
E mercados de frutas Com verdadeiros montes de frutos, no entanto
Sem cheiro nem sabor. E intermináveis filas de carros
Mais leves que suas próprias sombras, mais rápidos
Que pensamentos tolos, automóveis reluzentes, nos quais
Gente rosada, vindo de lugar nenhum, vai a nenhum lugar.
E casas construídas para pessoas felizes, portanto vazias
Mesmo quando habitadas.
Também as casas do inferno não são todas feias
Mas a preocupação de serem lançados na rua
Consome os moradores das mansões não menos que
Os moradores do barracos

Unicamente por causa da desordem crescente

Unicamente por causa da desordem crescente
Nas nossas cidades com suas lutas de
Alguns de nós nestes anos decidimos
Não mais falar nos grandes portos, da neve nos telhados,
das muralhas,
Do perfume das maçãs maduras na despensa, nas impressões da carne,
De tudo o que faz o homem redondo e humano, mas
Falar só da desordem
E portanto ser parciais, secos, enfronhados nos negócios
Da política, e no rádio e “indigno” vocabulário
De economia dialética,
Para que esta terrível pesada promiscuidade
Das quedas na neve (elas não são só frias, nos bem o sabemos),
Da exploração, da tentação da carne e da justiça de classes,
Não nos leve a aceitação deste mundo tão diverso
Nem ao prazer das contradições de uma vida tão sangrenta.
Vocês entendem.

Se os Tubarões Fossem Homens

Se os tubarões fossem homens, eles seriam mais gentis com os peixes pequenos. Se os tubarões fossem homens, eles fariam construir resistentes caixas do mar, para os peixes pequenos com todos os tipos de alimentos dentro, tanto vegetais, quanto animais. Eles cuidariam para que as caixas tivessem água sempre renovada e adotariam todas as providências sanitárias cabíveis se por exemplo um peixinho ferisse a barbatana, imediatamente ele faria uma atadura a fim de que não morressem antes do tempo. Para que os peixinhos não ficassem tristonhos, eles dariam cá e lá uma festa aquática, pois os peixes alegres tem gosto melhor que os tristonhos.

Naturalmente também haveria escolas nas grandes caixas, nessas aulas os peixinhos aprenderiam como nadar para a guela dos tubarões. Eles aprenderiam, por exemplo a usar a geografia, a fim de encontrar os grandes tubarões, deitados preguiçosamente por aí. Aula principal seria naturalmente a formação moral dos peixinhos. Eles seriam ensinados de que o ato mais grandioso e mais belo é o sacrifício alegre de um peixinho, e que todos eles deveriam acreditar nos tubarões, sobretudo quando esses dizem que velam pelo belo futuro dos peixinhos. Se encucaria nos peixinhos que esse futuro só estaria garantido se aprendessem a obediência. Antes de tudo os peixinhos deveriam guardar-se antes de qualquer inclinação baixa, materialista, egoísta e marxista. E denunciaria imediatamente os tubarões se qualquer deles manifestasse essas inclinações.

Se os tubarões fossem homens, eles naturalmente fariam guerra entre si a fim de conquistar caixas de peixes e peixinhos estrangeiros. As guerras seriam conduzidas pelos seus próprios peixinhos. Eles ensinariam os peixinhos que, entre os peixinhos e outros tubarões existem gigantescas diferenças. Eles anunciariam que os peixinhos são reconhecidamente mudos e calam nas mais diferentes línguas, sendo assim impossível que entendam um ao outro. Cada peixinho que na guerra matasse alguns peixinhos inimigos da outra língua silenciosos, seria condecorado com uma pequena ordem das algas e receberia o título de herói.

Se os tubarões fossem homens, haveria entre eles naturalmente também uma arte, haveria belos quadros, nos quais os dentes dos tubarões seriam pintados em vistosas cores e suas guelas seriam representadas como inocentes parques de recreio, nas quais se poderia brincar magnificamente. Os teatros do fundo do mar mostrariam como os valorosos peixinhos nadam entusiasmados para as guelas dos tubarões. A música seria tão bela, tão bela, que os peixinhos sob seus acordes e a orquestra na frente, entrariam em massa para as guelas dos tubarões sonhadores e possuídos pelos mais agradáveis pensamentos. Também haveria uma religião ali.

Se os tubarões fossem homens, eles ensinariam essa religião. E só na barriga dos tubarões é que começaria verdadeiramente a vida. Ademais, se os tubarões fossem homens, também acabaria a igualdade que hoje existe entre os peixinhos, alguns deles obteriam cargos e seriam postos acima dos outros. Os que fossem um pouquinho maiores poderiam inclusive comer os menores, isso só seria agradável aos tubarões, pois eles mesmos obteriam assim mais constantemente maiores bocados para devorar. E os peixinhos maiores que deteriam os cargos valeriam pela ordem entre os peixinhos para que estes chegassem a ser, professores, oficiais, engenheiros da construção de caixas e assim por diante. Curto e grosso, só então haveria civilização no mar, se os tubarões fossem homens.

Os Dias da Comuna

Considerando nossa fraqueza os senhores forjaram
Suas leis, para nos escravizarem.
As leis não mais serão respeitadas
Considerando que não queremos mais ser escravos.
Considerando que os senhores nos ameaçam
Com fuzis e com canhões
Nós decidimos: de agora em diante
Temeremos mais a miséria do que a morte.

Consideramos que ficaremos famintos
Se suportarmos que continuem nos roubando
Queremos deixar bem claro que são apenas vidraças
Que nos separam deste bom pão que nos falta.
Considerando que os senhores nos ameaçam
Com fuzis e canhões
Nós decidimos, de agora em diante
Temeremos mais a miséria que a morte.

Considerando que existem grandes mansões
Enquanto os senhores nos deixam sem teto
Nós decidimos: agora nelas nos instalaremos
Porque em nossos buracos não temos mais condições de ficar.
Considerando que os senhores nos ameaçam
Com fuzis e canhões
Nós decidimos, de agora em diante

Temeremos mais a miséria do que a morte.

Considerando que está sobrando carvão
Enquanto nós gelamos de frio por falta de carvão
Nós decidimos que vamos toma-lo
Considerando que ele nos aquecerá
Considerando que os senhores nos ameaçam
Com fuzis e canhões
Nós decidimos, de agora em diante
Temeremos mais a miséria do que a morte.

Considerando que para os senhores não é possível
Nos pagarem um salário justo
Tomaremos nós mesmos as fábricas
Considerando que sem os senhores, tudo será melhor para nós.
Considerando que os senhores nos ameaçam
Com fuzis e canhões
Nós decidimos: de agora em diante
Temeremos mais a miséria que a morte.

Considerando que o que o governo nos promete
Está muito longe de nos inspirar confiança
Nós decidimos tomar o poder
Para podermos levar uma vida melhor.
Considerando: vocês escutam os canhões
Outra linguagem não conseguem compreender
Deveremos então, sim, isso valerá a pena
Apontar os canhões contra os senhores!

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE (1902 – 1987)

Amar o perdido
deixa confundido
este coração.

Nada pode o olvido
contra o sem sentido
apelo do Não.

As coisas tangíveis
tornam-se insensíveis
à palma da mão

Mas as coisas findas
muito mais que lindas,
essas ficarão.

A folha

A natureza são duas.
Uma,
tal qual se sabe a si mesma.
Outra, a que vemos. Mas vemos?
Ou é a ilusão das coisas?

Quem sou eu para sentir
o leque de uma palmeira?
Quem sou, para ser senhor
de uma fechada, sagrada
arca de vidas autônomas?

A pretensão de ser homem
e não coisa ou caracol
esfacela-me em frente à folha
que cai, depois de viver
intensa, caladamente,
e por ordem do Prefeito
vai sumir na varredura
mas continua em outra folha
alheia a meu privilégio
de ser mais forte que as folhas.

Além da Terra, além do Céu

Além da Terra, além do Céu,
no trampolim do sem-fim das estrelas,
no rastro dos astros,
na magnólia das nebulosas.
Além, muito além do sistema solar,
até onde alcançam o pensamento e o coração,
vamos!
vamos conjugar
o verbo fundamental essencial,
o verbo transcendente, acima das gramáticas
e do medo e da moeda e da política,
o verbo sempre amar,

o verbo pluriamar,
razão de ser e de viver.

Ainda que mal

Ainda que mal pergunte,
ainda que mal respondas;
ainda que mal te entenda,
ainda que mal repitas;
ainda que mal insista,
ainda que mal desculpes;
ainda que mal me exprima,
ainda que mal me julgues;
ainda que mal me mostre,
ainda que mal me vejas;
ainda que mal te encare,
ainda que mal te furtas;
ainda que mal te siga,
ainda que mal te volte;
ainda que mal te ame,
ainda que mal o saibas;
ainda que mal te agarre,
ainda que mal te mates;
ainda assim te pergunto
e me queimando em teu seio,
me salvo e me dano: amor.

As Sem-Razões do Amor

Eu te amo porque te amo,
Não precisas ser amante,
e nem sempre sabes sê-lo.
Eu te amo porque te amo.
Amor é estado de graça
e com amor não se paga.
Amor é dado de graça,
é semeado no vento,
na cachoeira, no eclipse.
Amor foge a dicionários
e a regulamentos vários.
Eu te amo porque não amo
bastante ou demais a mim.
Porque amor não se troca,
não se conjuga nem se ama.
Porque amor é amor a nada,
feliz e forte em si mesmo.
Amor é primo da morte,
e da morte vencedor,
por mais que o matem (e matam)
a cada instante de amor.

Amor, pois que é palavra essencial

Amor – pois que é palavra essencial
comece esta canção e toda a envolva.
Amor guie o meu verso, e enquanto o guia,
reúna alma e desejo, membro e vulva.

Quem ousará dizer que ele é só alma?
Quem não sente no corpo a alma expandir-se
até desabrochar em puro grito
de orgasmo, num instante de infinito?

O corpo noutra corpo entrelaçado,
fundido, dissolvido, volta à origem
dos seres, que Platão viu completados:
é um, perfeito em dois; são dois em um.

Integração na cama ou já no cosmo?
Onde termina o quarto e chega aos astros?
Que força em nossos flancos nos transporta
a essa extrema região, etérea, eterna?

Ao delicioso toque do clitóris,
já tudo se transforma, num relâmpago.
Em pequenino ponto desse corpo,
a fonte, o fogo, o mel se concentraram.

Vai a penetração rompendo nuvens
e devassando sóis tão fulgurantes
que nunca a vista humana os suportara,
mas, varado de luz, o coito segue.

E prossegue e se espraia de tal sorte
que, além de nós, além da própria vida,
como ativa abstração que se faz carne,
a idéia de gozar está gozando.

E num sofrer de gozo entre palavras,
menos que isto, sons, arquejos, ais,
um só espasmo em nós atinge o climax:
é quando o amor morre de amor, divino.

Quantas vezes morremos um no outro,
no úmido subterrâneo da vagina,
nessa morte mais suave do que o sono:
a pausa dos sentidos, satisfeita.

Então a paz se instaura. A paz dos deuses,
estendidos na cama, qual estátuas
vestidas de suor, agradecendo
o que a um deus acrescenta o amor terrestre.

Ausência

Por muito tempo achei que a ausência é falta.
E lastimava, ignorante, a falta.
Hoje não a lastimo.
Não há falta na ausência.

A ausência é um estar em mim.
E sinto-a, branca, tão pegada, aconchegada nos
meus braços,
que rio e danço e invento exclamações alegres,
porque a ausência assimilada,
ninguém a rouba mais de mim.

Se procurar bem você acaba encontrando.
Não a explicação (duvidosa) da vida,
Mas a poesia (inexplicável) da vida.

A um ausente

Tenho razão de sentir saudade,
tenho razão de te acusar.
Houve um pacto implícito que rompestes
e sem te despedires foste embora.
Detonaste o pacto.
Detonaste a vida geral, a comum aquiescência
de viver e explorar os rumos de obscuridade
sem prazo sem consulta sem provocação
até o limite das folhas caídas na hora de cair.

Antecipaste a hora.
Teu ponteiro enlouqueceu, enlouquecendo nossas
horas.
Que poderias ter feito de mais grave
do que o ato sem continuação, o ato em si,
o ato que não ousamos nem sabemos ousar
porque depois dele não há nada?

Tenho razão para sentir saudade de ti,
de nossa convivência em falas camaradas,
simples apertar de mãos, nem isso, voz
modulando sílabas conhecidas e banais
que eram sempre certeza e segurança.

Sim, tenho saudades.
Sim, acuso-te porque fizeste
o não previsto nas leis da amizade e da natureza
nem nos deixaste sequer o direito de indagar
porque o fizeste, porque te foste

Destruição

Os amantes se amam cruelmente
e com se amarem tanto não se vêem.
Um se beija no outro, refletido.
Dois amantes que são? Dois inimigos.

Amantes são meninos estragados
pelo mimo de amar: e não percebem
quanto se pulverizam no enlaçar-se,
e como o que era mundo volve a nada.

Nada. Ninguém. Amor, puro fantasma

que os passeia de leve, assim a cobra
se imprime na lembrança de seu trilho.

E eles ficam mordidos para sempre.
deixaram de existir, mas o existido
continua a doer eternamente.

Canção amiga

Eu preparo uma canção
em que minha mãe se reconheça
todas as mães se reconheçam,
e que fale como dois olhos.

Caminho por uma rua
Que passa por muitos países.
Se não me vêem, eu vejo
E saúdo velhos amigos.

Eu distribuo um segredo
Como quem ama ou sorri.
No jeito mais natural
Dois carinhos se procuram.

Minha vida, nossas vidas
formam um só diamante.
Aprendi novas palavras
E tornei outras mais belas.

Eu preparo uma canção
que faça acordar os homens
e adormecer as crianças

Legado

Que lembrança darei ao país que me deu
tudo que lembro e sei, tudo quanto senti?
Na noite do sem-fim, breve o tempo esqueceu
minha incerta medalha, e a meu nome se ri.

E mereço esperar mais do que os outros, eu?
Tu não me enganas, mundo, e não te engano a ti.
Esses monstros atuais, não os cativa Orfeu,
a vagar, taciturno, entre o talvez e o se.

Não deixarei de mim nenhum canto radioso,
uma voz matinal palpitando na bruma
e que arranque de alguém seu mais secreto
espinho.

De tudo quanto foi meu passo caprichoso
na vida, restará, pois o resto se esfuma,
uma pedra que havia em meio do caminho

José

E agora, José?
A festa acabou,
a luz apagou,
o povo sumiu,
a noite esfriou,
e agora, José?
e agora, Você?

Você que é sem nome,
que zomba dos outros,
Você que faz versos,
que ama, protesta?
e agora, José?
Está sem mulher,
está sem discurso,
está sem carinho,
já não pode beber,
já não pode fumar,
cuspir já não pode,
a noite esfriou,
o dia não veio,
o bonde não veio,
o riso não veio,
não veio a utopia
e tudo acabou
e tudo fugiu
e tudo mofou,
e agora, José?
E agora, José?
sua doce palavra,
seu instante de febre,
sua gula e jejum,
sua biblioteca,
sua lavra de ouro,
seu terno de vidro,
sua incoerência,
seu ódio, - e agora?
Com a chave na mão
quer abrir a porta,
não existe porta;
quer morrer no mar,
mas o mar secou;
quer ir para Minas,
Minas não há mais.
José, e agora?
Se você gritasse,
se você gemesse,
se você tocasse,
a valsa vienense,
se você dormisse,
se você cansasse,
se você morresse...
Mas você não morre,
você é duro, José!
Sozinho no escuro
qual bicho-do-mato,
sem teogonia,
sem parede nua
para se encostar,

sem cavalo preto
que fuja do galope,
você marcha, José!
José, para onde?

No meio do caminho

No meio do caminho tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
tinha uma pedra
no meio do caminho tinha uma pedra
Nunca me esquecerei desse acontecimento
na vida de minhas retinas tão fatigadas.
Nunca me esquecerei que no meio do caminho
tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
no meio do caminho tinha uma pedra

Não se mate

Carlos, sossegue, o amor
é isso que você está vendo:
hoje beija, amanhã não beija,
depois de amanhã é domingo
e segunda-feira ninguém sabe
o que será.

Inútil você resistir
ou mesmo suicidar-se.
Não se mate, oh não se mate,
reserve-se todo para
as bodas que ninguém sabe
quando virão,
se é que virão.

O amor, Carlos, você telúrico,
a noite passou em você,
e os recalques se sublimando,
lá dentro um barulho inefável,
rezas,
vitrolas,
santos que se persignam,
anúncios do melhor sabão,
barulho que ninguém sabe
de quê,
pra quê.

Entretanto você caminha
melancólico e vertical.
Você é a palmeira, você é o grito
que ninguém ouviu no teatro
e as luzes todas se apagam.
O amor no escuro, não, no claro,

é sempre triste, meu filho, Carlos,
mas não diga nada a ninguém, ninguém sabe nem
saberá.

Necrológio dos desiludidos do amor

Os desiludidos do amor
estão desfechando tiros no peito.
Do meu quarto ouço a fuzilaria.
As amadas torcem-se de gozo.
Oh quanta matéria para os jornais.

Desiludidos mas fotografados,
escreveram cartas explicativas,
tomaram todas as providências
para o remorso das amadas.
Pum pum pum adeus, enjoada.
Eu vou, tu ficas, mas nos veremos
seja no claro céu ou turvo inferno.

Os médicos estão fazendo a autópsia
dos desiludidos que se mataram.
Que grandes corações eles possuíam.
Vísceras imensas, tripas sentimentais
e um estômago cheio de poesia...

Agora vamos para o cemitério
levar os corpos dos desiludidos
encaixotados competentemente
(paixões de primeira e segunda classe).

Os desiludidos seguem iludidos,
sem coração, sem tripas, sem amor.
Única fortuna, os seus dentes de ouro
não servirão de lastro financeiro
e cobertos de terra perderão o brilho
enquanto as amadas dançarão um samba
bravo, violento, sobre a tumba deles.

Nota social

O poeta chega na estação.
O poeta desembarca.
O poeta toma um auto.
O poeta vai para o hotel.
E enquanto ele faz isso
como qualquer homem da terra,
uma ovação o persegue
feito vaia.
Bandeirolas

abrem alas.
Bandas de música. Foguetes.
Discursos. Povo de chapéu de palha.
Máquinas fotográficas assestadas.
Automóveis imóveis.
Bravos...
O poeta está melancólico.

Numa árvore do passeio público
(melhoramento da atual administração)
árvore gorda, prisioneira
de anúncios coloridos,
árvore banal, árvore que ninguém vê
canta uma cigarra.
Canta uma cigarra que ninguém ouve
um hino que ninguém aplaude.
Canta, no sol danado.

O poeta entra no elevador
o poeta sobe
o poeta fecha-se no quarto.
O poeta está melancólico.

O amor antigo

O amor antigo vive de si mesmo,
não de cultivo alheio ou de presença.
Nada exige, nem pede. Nada espera,
mas do destino vão nega a sentença.

O amor antigo tem raízes fundas,
feitas de sofrimento e de beleza.
Por aquelas mergulha no infinito,
e por estas suplanta a natureza.

Se em toda parte o tempo desmorona
aquilo que foi grande e deslumbrante,
o antigo amor, porém, nunca fenece
e a cada dia surge mais amante.

Mais ardente, mas pobre de esperança.
Mais triste? Não. Ele venceu a dor,
e resplandece no seu canto obscuro,
tanto mais velho quanto mais amor.

O chão é cama

O chão é cama para o amor urgente,
amor que não espera ir para a cama.
Sobre o tapete ou duro piso, a gente
compõe de corpo e corpo a úmida trama.

E para repousar do amor, vamos a cama.

O que se passa na cama

(O que se passa na cama
é segredo de quem ama.)
É segredo de quem ama
não conhecer pela rama
gozo que seja profundo,
elaborado na terra
e tão fora deste mundo
que o corpo, encontrando o corpo
e por ele navegando,
atinge a paz de outro horto,
noutro mundo: paz de morto,
nirvana, sono do pênis.

Ai, cama canção de cuna,
dorme, menina, nanana,
dorme onça suçarana,
dorme cândida vagina,
dorme a última sirena
ou a penúltima... O pênis
dorme, puma, americana
fera exausta. Dorme, fulva
grinalda de tua vulva.

E silenciem os que amam,
entre lençol e cortina
ainda úmidos de sêmen,
estes segredos de cama.

Os ombros suportam o mundo

Chega um tempo em que não se diz mais: meu
Deus.
Tempo de absoluta depuração.
Tempo em que não se diz mais: meu amor.
Porque o amor resultou inútil.
E os olhos não choram.
E as mãos tecem apenas o rude trabalho.
E o coração está seco.
Em vão mulheres batem à porta, não abrirás.
Ficaste sozinho, a luz apagou-se,
mas na sombra teus olhos resplandecem enormes.
És todo certeza, já não sabes sofrer.
E nada esperas de teus amigos.
Pouco importa venha a velhice, que é a velhice?
Teu ombros suportam o mundo
e ele não pesa mais que a mão de uma criança.
As guerras, as fomes, as discussões dentro dos
edifícios
provam apenas que a vida prossegue
e nem todos se libertaram ainda.
Alguns, achando bárbaro o espetáculo,
prefeririam (os delicados) morrer.
Chegou um tempo em que não adianta morrer.

Chegou um tempo em que a vida é uma ordem.
A vida apenas, sem mistificação.

Resíduo

De tudo fica um pouco.
Do meu medo. Do teu asco.
Dos gritos gagos. Da rosa
Ficou um pouco.
Fica um pouco de luz
captada no chapéu.
Nos olhos do rufião
de ternura fica um pouco
(muito pouco).
Pouco ficou deste pó
De que teu branco sapato
se cobriu. Ficaram poucas
roupas, poucos véus rotos,
pouco, pouco, muito pouco.
Mas de tudo fica um pouco.
Da ponte bombardeada,
De duas folhas de grama,
Do maço - vazio - de cigarros, ficou um pouco.
Pois de tudo fica um pouco.
Fica um pouco de teu queixo
No queixo de tua filha.
Do teu áspero silêncio
um pouco ficou, um pouco
nos muros zangados,
nas folhas, mudas, que sobem.
Fica um pouco de tudo,
No pires de porcelana,
dragão partido, flor branca.
ficou um pouco
de ruga na vossa testa,
retrato
Se de tudo fica um pouco,
Mas porque não ficaria
um pouco de mim? No trem
que leva ao norte, no barco,
nos anúncios de jornal,
um pouco de mim em Londres,
um pouco de mim algures?

Na consoante?
No poço?
Um pouco fica oscilando
Na embocadura dos rios
E os peixes não o evitam,
Um pouco: não está nos livros.
De tudo fica um pouco.
Não muito: de uma torneira
pinga esta gota absurda,
meio sal e meio álcool,
salta esta perna de rã,
este vidro de relógio
partido em mil esperanças,
este pescoço de cisne,
este segredo infantil...
De tudo ficou um pouco:
de mim; de ti; de Abelardo.
cabelo na manga,
de tudo ficou um pouco;
vento nas orelhas minhas,
simplório arrote, gemido
de víscera inconformada,
e minúsculos artefatos:
campânula, alvéolo, cápsula
de revólver...de aspirina.
De tudo ficou um pouco.
E de tudo fica um pouco.
Oh, abre os vidros de loção,
E abafa
o insuportável mau cheiro da memória.
Mas de tudo, terrível, fica um pouco,
e sob as ondas ritmadas
e sob as nuvens e os ventos
e sob as pontes e sob os túneis
e sob as labaredas o sob o sarcasmo
e sob a gosma e sob o vômito
e sob o soluço, o cárcere, o esquecido
e sob os espetáculos e sob a morte de escarlate
e sob as bibliotecas, os asilos, as igrejas triunfantes
e sob tu mesmo e sob os teus pés já duros
e sob os gonzos da família e da classe,
fica sempre um pouco de tudo.
Às vezes um botão. Às vezes um rato.

Sentimento do mundo

Tenho apenas duas mãos
e o sentimento do mundo,
mas estou cheio de escravos,
minhas lembranças escorrem
e o corpo transige
na confluência do amor.

Quando me levantar, o céu
estará morto e saqueado,
eu mesmo estarei morto,
morto meu desejo, morto
o pântano sem acordes.

Os camaradas não disseram
que havia uma guerra
e era necessário
trazer fogo e alimento.
Sinto-me disperso,
anterior a fronteiras,
humildemente vos peço
que me perdoeis.

Quando os corpos passarem,
eu ficarei sozinho
desfiando a recordação
do sineiro, da viúva e do microscopista
que habitavam a barraca
e não foram encontrados
ao amanhecer

Poema de Sete Faces

Quando nasci, um anjo torto
desses que vivem na sombra
disse: Vai, Carlos! ser *gauche* na vida.

As casas espiam os homens
que correm atrás das mulheres.
A tarde talvez fosse azul,
não houvesse tantos desejos.

O bonde passa cheio de pernas:
pernas brancas pretas amarelas.
Para que tanta perna, meu Deus, pergunta meu
coração.
Porém meus olhos
não perguntam nada.

O homem atrás do bigode
é sério, simples e forte.
Quase não conversa.
Tem poucos, raros amigos
o homem atrás dos óculos e do bigode.

Meu Deus, por que me abandonaste
se sabias que eu não era Deus
se sabias que eu era fraco.

Mundo mundo vasto mundo,

Mãos Dadas

Não serei o poeta de um mundo caduco.
Também não cantarei o mundo futuro.
Estou preso à vida e olho meus companheiros.
Estão taciturnos mas nutrem grandes esperanças.
Entre eles, considero a enorme realidade.
O presente é tão grande, não nos afastemos,
Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas.

se eu me chamasse Raimundo
seria uma rima, não seria uma solução.
Mundo mundo vasto mundo,
mais vasto é meu coração.

Eu não devia te dizer
mas essa lua
mas esse conhaque
botam a gente comovido como o diabo.

Sentimental

Ponho-me a escrever teu nome
com letras de macarrão.
No prato, a sopa esfria, cheia de escamas
e debruçadas na mesa todos completam
esse romântico trabalho.

Desgraçadamente falta uma letra,
uma letra somente
para acabar teu nome!
- Está sonhando? Olhe que a sopa esfria!

Eu estava sonhando...
E há em todas as consciências um cartaz amarelo:
"Neste país é proibido sonhar."

Verbo Ser

Que vai ser quando crescer?
Vivem perguntando em redor. Que é ser?
É ter um corpo, um jeito, um nome?
Tenho os três. E sou?
Tenho de mudar quando crescer? Usar outro nome,
corpo e jeito?
Ou a gente só principia a ser quando cresce?
É terrível, ser? Dói? É bom? É triste?
Ser; pronunciado tão depressa, e cabe tantas
coisas?
Repito: Ser, Ser, Ser. Er. R.
Que vou ser quando crescer?
Sou obrigado a? Posso escolher?
Não dá para entender. Não vou ser.
Vou crescer assim mesmo.
Sem ser Esquecer.

Não serei o cantor de uma mulher, de uma história,
não direi os suspiros ao anoitecer, a paisagem vista da janela,
não distribuirei entorpecentes ou cartas de suicida,
não fugirei para as ilhas nem serei raptado por serafins.
O tempo é a minha matéria, o tempo presente, os homens presentes,
a vida presente.

A dor do não vivido

Definitivo, como tudo o que é simples.
Nossa dor não advém das coisas vividas,
mas das coisas que foram sonhadas
e não se cumpriram.
Por que sofremos tanto por amor?
O certo seria a gente não sofrer,
apenas agradecer por termos conhecido
uma pessoa tão bacana,
que gerou em nós um sentimento intenso
e que nos fez companhia por um tempo razoável,
um tempo feliz.

Sofremos por quê?
Porque automaticamente esquecemos
o que foi desfrutado e passamos a sofrer
pelas nossas projeções irrealizadas,
por todas as cidades que gostaríamos
de ter conhecido ao lado do nosso amor
e não conhecemos,
por todos os filhos que
gostaríamos de ter tido junto e não tivemos,
por todos os shows e livros e silêncios
que gostaríamos de ter compartilhado,
e não compartilhamos.
Por todos os beijos cancelados,
pela eternidade.
Sofremos não porque nosso trabalho é
desgastante e paga pouco,
mas por todas as horas livres
que deixamos de ter para ir ao cinema,
para conversar com um amigo,
para nadar, para namorar.
Sofremos não porque nossa mãe
é impaciente conosco,
mas por todos os momentos em que
poderíamos estar confidenciando a ela
nossas mais profundas angústias
se ela estivesse interessada
em nos compreender.
Sofremos não porque nosso time perdeu,
mas pela euforia sufocada.
Sofremos não porque envelhecemos,
mas porque o futuro está sendo
confiscado de nós,
impedindo assim que mil aventuras
nos aconteçam, todas aquelas com as quais
sonhamos e nunca chegamos a experimentar.

Como aliviar a dor do que não foi vivido?
A resposta é simples como um verso:
Se iludindo menos e vivendo mais!!!
A cada dia que vivo,
mais me convenço de que o
desperdício da vida
está no amor que não damos,
nas forças que não usamos,
na prudência egoísta que nada arrisca,
e que, esquivando-se do sofrimento,
perdemos também a felicidade.
A dor é inevitável. O sofrimento é opcional.

A Flor e a Náusea

Preso à minha classe e a algumas roupas, vou de branco pela rua cizenta.
Melancolias, mercadorias, espreitam-me.
Devo seguir até o enjôo?
Posso, sem armas, revoltar-me?

Olhos sujos no relógio da torre:
Não, o tempo não chegou de completa justiça.
O tempo é ainda de fezes, maus poemas, alucinações e espera.
O tempo pobre, o poeta pobre
fundem-se no mesmo impasse.

Em vão me tento explicar, os muros são surdos.
Sob a pele das palavras há cifras e códigos.
O sol consola os doentes e não os renova.
As coisas. Que triste são as coisas, consideradas em ênfase.

Vomitam este tédio sobre a cidade.
Quarenta anos e nenhum problema
resolvido, sequer colocado.
Nenhuma carta escrita nem recebida.
Todos os homens voltam pra casa.
Estão menos livres mas levam jornais
e soletram o mundo, sabendo que o perdem.

Crimes da terra, como perdoá-los?
Tomei parte em muitos, outros escondi.
Alguns achei belos, foram publicados.
Crimes suaves, que ajudam a viver.
Ração diária de erro, distribuída em casa.
Os ferozes padeiros do mal.
Os ferozes leiteiros do mal.

Pôr fogo em tudo, inclusive em mim.
Ao menino de 1918 chamavam anarquista.
Porém meu ódio é o melhor de mim.
Com ele me salvo
e dou a poucos uma esperança mínima.

Uma flor nasceu na rua!
Passem de longe, bondes, ônibus, rio de aço do tráfego.
Uma flor ainda desbotada
ilude a polícia, rompe o asfalto.
Façam completo silêncio, paralisem os negócios,
garanto que uma flor nasceu.

Sua cor não se percebe.
Suas pétalas não se abrem.
Seu nome não está nos livros.
É feia. Mas é realmente uma flor.

Sento-me no chão da capital do país às cinco horas da tarde
e lentamente passo a mão nessa forma insegura.
Do lado das montanhas, nuvens macias avolumam-se.
Pequenos pontos brancos movem-se no mar, galinhas em pânico.
É feia. Mas é uma flor. Furou o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio.

Elegia 1938

Trabalhas sem alegria para um mundo caduco,
onde as formas e as ações não encerram nenhum exemplo.
Praticas laboriosamente os gestos universais,
sentes calor e frio, falta de dinheiro, fome e desejo sexual.

Heróis enchem os parques da cidade em que te arrastas,
e preconizam a virtude, a renúncia, o sangue-frio, a concepção.
À noite, se neblina, abrem guardas chuvas de bronze
ou se recolhem aos volumes de sinistras bibliotecas.

Amas a noite pelo poder de aniquilamento que encerra
e sabes que, dormindo, os problemas te dispensam de morrer.
Mas o terrível despertar prova a existência da Grande Máquina
e te repõe, pequenino, em face de indecifráveis palmeiras.
Caminhas por entre os mortos e com eles conversas
sobre coisas do tempo futuro e negócios do espírito.
A literatura estragou tuas melhores horas de amor.
Ao telefone perdeste muito, muitíssimo tempo de semear.

Coração orgulhoso, tens pressa de confessar tua derrota
e adiar para outro século a felicidade coletiva.
Aceitas a chuva, a guerra, o desemprego e a injusta distribuição
porque não podes, sozinho, dinamitar a ilha de Manhattan.

O Sobrevivente

Impossível compor um poema a essa altura da evolução da humanidade.
Impossível escrever um poema - uma linha que seja - de verdadeira poesia.
O último trovador morreu em 1914.
Tinha um nome de que ninguém se lembra mais.

Há máquinas terrivelmente complicadas para as necessidades mais simples.
Se quer fumar um charuto aperte um botão.
Paletós abotoam-se por eletricidade.
Amor se faz pelo sem-fio.
Não precisa estômago para digestão.

Um sábio declarou a *O Jornal* que ainda falta
muito para atingirmos um nível razoável de
cultura. Mas até lá, felizmente, estarei morto.

Os homens não melhoram
e matam-se como percevejos.

Os percevejos heróicos renascem.
Inabitável, o mundo é cada vez mais habitado.
E se os olhos reaprendessem a chorar seria um segundo dilúvio.

(Desconfio que escrevi um poema.)

Mundo grande

Não, meu coração não é maior que o mundo.
É muito menor.
Nele não cabem nem as minhas dores.
Por isso gosto tanto de me contar.
Por isso me dispo,
por isso me grito,
por isso freqüento os jornais, me exponho cruamente nas livrarias:
preciso de todos.

Sim, meu coração é muito pequeno.
Só agora vejo que nele não cabem os homens.
Os homens estão cá fora, estão na rua.
A rua é enorme. Maior, muito maior do que eu esperava.
Mas também a rua não cabe todos os homens.
A rua é menor que o mundo.
O mundo é grande.

Tu sabes como é grande o mundo.
Conheces os navios que levam petróleo e livros, carne e algodão.
Viste as diferentes cores dos homens,
as diferentes dores dos homens,
sabes como é difícil sofrer tudo isso, amontoar tudo isso
num só peito de homem... sem que ele estale.

Fecha os olhos e esquece.
Escuta a água nos vidros,
tão calma, não anuncia nada.
Entretanto escorre nas mãos,
tão calma! Vai inundando tudo...
Renascerão as cidades submersas?
Os homens submersos – voltarão?

Meu coração não sabe.
Estúpido, ridículo e frágil é meu coração.
Só agora descubro
como é triste ignorar certas coisas.
(Na solidão de indivíduo
desaprendi a linguagem
com que homens se comunicam.)

Outrora escutei os anjos,
as sonatas, os poemas, as confissões patéticas.
Nunca escutei voz de gente.
Em verdade sou muito pobre.

Outrora viajei
países imaginários, fáceis de habitar,
ilhas sem problemas, não obstante exaustivas e convocando ao suicídio.

Meus amigos foram às ilhas.
Ilhas perdem o homem.
Entretanto alguns se salvaram e
trouxeram a notícia
de que o mundo, o grande mundo está crescendo todos os dias,
entre o fogo e o amor.

Então, meu coração também pode crescer.
Entre o amor e o fogo,
entre a vida e o fogo,
meu coração cresce dez metros e explode.
Ó vida futura! Nós te criaremos.

Quadrilha

João amava Teresa que amava Raimundo
que amava Maria que amava Joaquim que amava Lili
que não amava ninguém.
João foi para os Estados Unidos, Teresa para o convento,
Raimundo morreu de desastre, Maria ficou para tia,
Joaquim suicidou-se e Lili casou com J. Pinto Fernandes
que não tinha entrado na história.

Receita de Ano Novo

Para você ganhar belíssimo Ano Novo
cor do arco-íris, ou da cor da sua paz,
Ano Novo sem comparação com todo o tempo já vivido
(mal vivido talvez ou sem sentido)
para você ganhar um ano
não apenas pintado de novo, remendado às carreiras,
mas novo nas sementinhas do vir-a-ser;
novo
até no coração das coisas menos percebidas
(a começar pelo seu interior)
novo, espontâneo, que de tão perfeito nem se nota,
mas com ele se come, se passeia,
se ama, se compreende, se trabalha,
você não precisa beber champanha ou qualquer outra birita,
não precisa expedir nem receber mensagens
(planta recebe mensagens?
passa telegramas?)
Não precisa
fazer lista de boas intenções
para arquivá-las na gaveta.
Não precisa chorar arrependido
pelas besteiras consumidas
nem parvamente acreditar
que por decreto de esperança
a partir de janeiro as coisas mudem
e seja tudo claridade, recompensa,
justiça entre os homens e as nações,
liberdade com cheiro e gosto de pão matinal,

direitos respeitados, começando
pelo direito augusto de viver.
Para ganhar um Ano Novo
que mereça este nome,
você, meu caro, tem de merecê-lo,
tem de fazê-lo novo, eu sei que não é fácil,
mas tente, experimente, consciente.
É dentro de você que o Ano Novo
cochila e espera desde sempre.

“Enquanto as crianças brincam de Governo,
Muitos políticos por aí governam de brincadeira
Só que elas param quando
A brincadeira não tem mais graça.”
(Carlos Drummond de Andrade)

Reconhecimento do amor

Amiga, como são desnorteantes os caminhos da amizade.
Apareceste para ser o ombro suave
onde se reclina a inquietação do forte
(ou que forte se pensava ingenuamente).
Trazias nos olhos pensativos a bruma da renúncia:
não querias a vida plena,
tinhas o prévio desencanto das uniões para toda a vida,
não pedias nada,
não reclamavas teu quinhão de luz.
E deslizavas em ritmo gratuito de ciranda.
Descansei em ti meu feixe de desencontros
e de encontros funestos.
Queria talvez - sem o perceber, juro –
sadicamente massacrar-te
sob o ferro de culpas e vacilações e angústias que doíam
desde a hora do nascimento,
senão desde o instante da concepção em certo mês perdido na História,
ou mais longe, desde aquele momento intemporal
em que os seres são apenas hipóteses não formuladas
no caos universal.
Como nos enganamos fugindo ao amor!
Como o desconhecemos, talvez com receio de enfrentar
sua espada coruscante, seu formidável
poder de penetrar o sangue e nele imprimir
uma orquídea de fogo e lágrimas.
Entretanto, ele chegou de manso e me envolveu
Em doçura e celestes amavios.
Não queimava, não siderava; sorria,
Mal entendi, tonto que fui, esse sorriso,
Feri-me pelas próprias mãos, não pelo amor
Que trazia para mim e que teus dedos confirmavam
Ao se juntarem aos meus, na infantil procura do Outro,
o Outro que eu me supunha, o Outro que te imaginava,
quando – por esperteza do amor – senti que éramos um só.
Amiga, amada, amada amiga, assim o amor
dissolve o mesquinho desejo de existir em face do mundo
Com olhar pervagante e larga ciência das coisas.
Já não defrontamos o mundo: nele nos diluímos,

e a pura essência em que nos transmutamos dispensa
alegorias, circunstâncias, referências temporais,
imaginações oníricas,
o vôo do Pássaro Azul, a aurora boreal,
as chaves de ouro dos sonetos e dos castelos medievos,
todas as imposturas da razão e da experiência,
para existir em si e por si,
à revelia de corpos amantes,
pois já nem somos nós, somos o número perfeito:
UM.

Levou tempo, eu sei, para que o EU renunciasse
à vacuidade de persistir, fixo e solar,
e se confessasse jubilosamente vencido,
até respirar o júbilo maior da integração.
Agora, amada minha para sempre,
nem olhar temos de ver nem ouvidos de captar
a melodia, a paisagem, a transparência da vida,
perdidos que estamos na concha ultramarina de amar

Nosso Tempo

I

Este é tempo de partido,
tempo de homens partidos.

Em vão percorremos volumes,
viajamos e nos colorimos.
A hora pressentida esmigalha-se em pó na rua.
Os homens pedem carne. Fogo. Sapatos.
As leis não bastam. Os lírios não nascem da lei.
Meu nome é tumulto, e escreve-se na pedra.

Visito os fatos, não te encontro.
Onde te ocultas, precária síntese,
penhor de meu sono, luz
dormindo acesa na varanda?
Miúdas certezas de empréstimo, nenhum beijo
sobe ao ombro para contar-me
a cidade dos homens completos.

Calo-me, espero, decifro.
As coisas talvez melhorem.
São tão fortes as coisas!

Mas eu não sou as coisas e me revolto.
Tenho palavras em mim buscando canal,
são roucas e duras,
irritadas, enérgicas,
comprimidas há tanto tempo,
perderam o sentido, apenas querem explodir.

II

Este é tempo de divisas,
tempo de gente cortada.
De mãos viajando sem braços,
obscenos gestos avulsos.

Mudou-se a rua da infância.
E o vestido vermelho
Vermelho
cobre a nudez do amor,
ao relento, no vale.

Símbolos obscuros se multiplicam.
Guerra, verdade, flores?
Dos laboratórios platônicos mobilizados
vem um sopro que cresta as faces
e dissipa, na praia, as palavras.

A escuridão estende-se mas não elimina
o sucedâneo da estrela nas mãos.
Certas partes de nós como brilham! São unhas,
anéis, pérolas, cigarros, lanternas,
são partes mais íntimas,
a pulsação, o ofego,
e o ar da noite é o estritamente necessário
para continuar, e continuamos.

III

E continuamos. É tempo de muletas.
Tempo de mortos faladores
e velhas paralíticas, nostálgicas de bailado,
mas ainda é tempo de viver e contar.
Certas histórias não se perderam.
Conheço bem esta casa,
pela direita entra-se, pela esquerda sobe-se,
a sala grande conduz a quartos terríveis,
como o do enterro que não foi feito, do corpo esquecido na mesa,
conduz à copa de frutas ácidas,
ao claro jardim central, à água
que goteja e segreda
o incesto, a bênção, a partida,
conduz às celas fechadas, que contêm:
papéis?
crimes?
moedas?

ó conta, velha preta, ó jornalista, poeta, pequeno historiador urbano,
ó surdo-mudo, depositário de meus desfalecimentos, abre-te e conta,
moça presa na memória, velho aleijado, baratas dos arquivos, portas rangentes, solidão e asco,

peessoas e coisas enigmáticas, contai,
capa de poeira dos pianos desmantelados, contai;
velhos selos do imperador, aparelhos de porcelana partidos, contai;
ossos na rua, fragmentos de jornal, colchetes no chão da costureira, luto no braço, pombas, cães errantes,
animais caçados, contai.
Tudo tão difícil depois que vos calastes...
E muitos de vós nunca se abriram.

IV

É tempo de meio silêncio,
de boca gelada e murmúrio,
palavra indireta, aviso na esquina.
Tempo de cinco sentidos num só.

O espião janta conosco.

É tempo de cortinas pardas,
de céu neutro, política
na maçã, no santo, no gozo,
amor e desamor, cólera
branda, gim com água tônica,
olhos pintados,
dentes de vidro,
grotesca língua torcida.
A isso chamamos: balanço.

No beco,
apenas um muro,
sobre ele a polícia.
No céu da propaganda
aves anunciam
a glória.
No quarto,
irrisão e três colarinhos sujos.

V

Escuta a hora formidável do almoço
na cidade. Os escritórios, num passe, esvaziam-se.
As bocas sugam um rio de carne, legumes e tortas vitaminosas.
Salta depressa do mar a bandeja de peixes argênteos!
Os subterrâneos da tome choram caldo de sopa,
olhos líquidos de cão através do vidro devoram teu osso.
Come, braço mecânico, alimenta-te, mão de papel, é tempo de comida,
mais tarde será o de amor.
Lentamente os escritórios se recuperam, e os negócios, forma indecisa, evoluem.

O esplêndido negócio insinua-se no tráfego.
Multidões que o cruzam não vêem. É sem cor e sem cheiro.
Está dissimulado no bonde, por trás da brisa do sul,
vem na areia, no telefone, na batalha de aviões,
toma conta de tua alma e dela extrai uma porcentagem.

Escuta a hora expandongada da volta.
Homem depois de homem, mulher, criança, homem,
roupa, cigarro, chapéu, roupa, roupa, roupa,
homem, homem, mulher, homem, mulher, roupa, homem
imaginam esperar qualquer coisa,
e se quedam mudos, escoam-se passo a passo, sentam-se,
últimos servos do negócio, imaginam voltar para casa,
já noite, entre muros apagados, numa suposta cidade, imaginam.

Escuta a pequena hora noturna de compensação, leituras, apelo ao cassino, passeio na praia,
o corpo ao lado do corpo, afinal distendido,
com as calças despido o incômodo pensamento de escravo,
escuta o corpo ranger, enlaçar, refluir,
errar em objetos remotos e, sob eles soterrado *sem* dor,
confiar-se ao que-bem-me-importa
do sono.

Escuta o horrível emprego do dia
em todos os países de fala humana,
a falsificação das palavras pingando nos jornais,

o mundo irreal dos cartórios onde a propriedade é um bolo com flores,
os bancos triturando suavemente o pescoço do açúcar,
a constelação das formigas e usurários,
a má poesia, o mau romance,
os frágeis que se entregam à proteção do basilisco,
o homem feio, de mortal feiúra,
passeando de bote
num sinistro crepúsculo de sábado.

VI

Nos porões da família,
orquídeas e opções
de compra e desquite.
A gravidez elétrica
já não traz delíquios.
Crianças alérgicas
trocam-se; reformam-se.
Há uma implacável
guerra às baratas.
Contam-se histórias
por correspondência.
A mesa reúne
um copo, uma faca,
e a cama devora
tua solidão.
Salva-se a honra
e a herança do gado.

VII

Ou não se salva, e é o mesmo. Há soluções, há bálsamos
para cada hora e dor. Há fortes bálsamos,
dores de classe, de sangrenta fúria
e plácido rosto. E há. mínimos
bálsamos, recalcadas dores ignóbeis,
lesões que nenhum governo autoriza,
não obstante doem,
melancolias insubornáveis,
ira, reprovação, desgosto
desse chapéu velho, da rua lodosa, do Estado.
Há o pranto no teatro,
no palco? no público? nas poltronas?
há sobretudo o pranto no teatro,
já tarde, já confuso,
ele embacia as luzes, se engolfa no linóleo,
vai minar nos armazéns, nos becos coloniais onde passeiam ratos noturnos,
vai molhar, na roça madura, o milho ondulante,
e secar ao sol, em poça amarga.

E dentro do pranto minha face trocista,
meu olho que ri e despreza,
minha repugnância total por vosso lirismo deteriorado,
que polui a essência mesma dos diamantes.

VIII

O poeta
declina de toda responsabilidade

na marcha do mundo capitalista
e com suas palavras, intuições, símbolos e outras armas
promete ajudar
a destruí-lo
como uma pedreira, uma floresta,
um verme.

CARLOS MARIGHELLA

À Prestes

Ó Cavaleiro heróico da Esperança
filho exemplar do povo brasileiro,
teu vulto imenso mais e mais avança,
guia e ilumina o continente inteiro.
A glória do teu nome o mundo alcança,
audaz libertador. És o primeiro
que ao nosso povo inspira confiança,
admiração, afeto verdadeiro.
A voz não diz, tampouco a pena exprime
a tua dor num cárcere, sem crime,
longe do amor caríssimo da filha.
Mas teu martírio uma verdade encerra:
no coração do povo desta terra
somente o nome teu fulgura e brilha.

Colônia dos 2 Rios, Ilha Grande, 3-1-1945.

Muralha

Muralha é você, União Soviética!
Muralha de aço e de peitos humanos,
não muralha parada, plantada na terra,
mas muralha vibrante, se movendo incansável.
Muralha que um dia o nazismo atacou
e que foi recuando sem quebrar um pedaço,
até que pôde voltar-se sobre si mesma, rugindo
e rodando
sobre milhares de esteiras de tanques,
triturando, esmagando o invasor alemão.
Foi com essa muralha resistindo três anos
que as grandes nações do Ocidente criaram
seu enorme poder,
e feriram a ilharga do monstro hitlerista.
Hoje que o mundo respira mais livre,
eu peço licença pra dizer simplesmente:
- Você, sim, que é a muralha, União Soviética!

Colônia dos 2 Rios, Ilha Grande, 1944

Rondó da Liberdade

É preciso não ter medo,
é preciso ter a coragem de dizer.
Há os que têm vocação para escravo,
mas há os escravos que revoltam contra a
escravidão.
Não ficar de joelhos,
que não é racional renunciar a ser livre.
Mesmo os escravos por vocação
devem ser obrigados a ser livres,
quando as algemas forem quebradas
É preciso não ter medo,
é preciso ter a coragem de dizer.
O homem deve ser livre...
O amor é que não se detém ante nenhum
obstáculo,
e pode mesmo existir até quando não se é livre.
E no entanto ele é em si mesmo
a expressão mais elevada do que houver de mais
livre
em todas as gamas do humano sentimento.
É preciso não ter medo,
é preciso ter a coragem de dizer.

O Urubu

Pairando pelo espaço onde quer que pressinta
carniça, podridão, matéria decomposta
essa ave original de cor preta retinta
o cheiro da imundice alegremente arrosta.
Vem descendo depois. Já não é uma pinta
escura na amplidão do firmamento exposta.
Vem descendo inda mais, cada vez mais distinta,
até que no terreno o corpo feio encosta.
Desde então principia a ceia horripilante
e belisca a esterqueira e grunhe a cada instante,
sacudindo-se toda, inquieta e assustadiça
Assim como o urubu há no alto muita gente
poderosa a fartar que, entanto, moralmente
só consegue viver à custa de carniça

São Paulo, Presídio Especial, 1939

Vozes da Mocidade Acadêmica

(Recordação Do XXII de Agosto)

(Paródia a "Vozes da África" de Castro Alves)

Juraci! Onde estás que não respondes?!
Em que escuso recanto tu te escondes,
Quando zombam de ti?!
Há duas noites te mandei meu brado,
Que embalde desde então corre alarmado...
Onde estás, Juraci?
Qual Zigomar, tu me encerraste um dia
Nas celas vis da infinda galeria,
Provisório galé!...
Por tóxico – me deste uma água escassa!
E imenso bolachão – foi a argamassa...
Que ligaste ao café...
O costado robusto de assassino
Sob a vergasta larga o pêlo fino
Feito chaga afinal.
Meu dorso se ensangüenta, a dor poreja
Quando eu deitado por acaso esteja
No grabato infernal.
Meus colegas têm sorte, são ditosos...
Dorme o C.P.O.R. em volutuosos
Leitos no Aclamação,
Ou em redes de couros de elefantes
Embalam-se os rapazes, bons instantes,
Num enorme salão.
Por tenda – têm os tetos do Palácio...
Não comem bóia nem pirão sebáceo
Com gosto de aguarrás
O fumo do cigarro do céu inflama...
E organizam a noite sobre a cama
Pagodes colossais.
A Legião é sempre a gloriosa!...
A unidade maldita e caprichosa,
Sabuja e cortesã.
Vagabunda – não tem pudor na cara,
Pusilânime – à noite se prepara
para fuga amanhã!...
Sempre a láurea lhe cabe no pagode...
Ora uma pinga, ora um xinxim de bode
Faz-lhe a pança feliz.
Seu protetor – estúpido tunante
Segue cativo passo delirante
a grande meretriz.
Mas eu, tentente!... Eu, triste, abandonado,
À classe dos detentos nivelado,
Perdido clamo em vão!...
Se protesto... a cadeia é iminente!...
Talvez, pra que o protesto, ó vil tenente!
Não se mude em vulcão.
E nem mesmo um colchão tenho de festa!...
Para cobrir-me nem um pano resta
No quarto aterrador...
Quando pressinto o ressoar do apito,

Embalde a Fachinetti em prantos grito:

"Liberta-me, senhor!..."

Como o detento a quem o gorro cobre,
Levo à cabeça o mesmo gorro pobre

Do assassino feroz...

Assim que à galeria sou levado,

Dizem os presos: - "Ei-lo engaiolado

Tal e qual como nós..."

Nem vêem que o xadrez é meu sudário.

Que o horror vai lavrando solitário

Por sobre o peito meu.

Do antigo pavilhão na cela escura,

Muito rapaz "chinchado" se esconjura

Do dia em que nasceu.

Do teto e das paredes derrocadas

As aranhas espiam debruçadas

O cárcere sem fim...

Onde aparece a caravana errante,

Amordaçada pelo torpe guante

De um tenente ruim...

.....
Não basta inda de dor, homem terrível?

É, pois, teu peito inchado inexaurível

De vingança e rancor?

E que fiz eu, senhor? que torvo crime

Eu cometi, jamais, que assim me oprime

Teu gládio vingador?...

.....
Foi depois dos discursos... Um "secreta",

Símbolo ideal da insensatez concreta

Feriu um popular...

E eu gritei ao sicário desalmado:

- "Vou furar-te, ladrão, de lado a lado..."

E me pus a atirar...

Desde esse dia de ódio e de desgraça,

A bolachão a estudantada passa

Na reclusão cruel...

Os sambas troam pela noite a fora,

E a faxina começa de hora em hora

Pra varrer o papel.

Vi a turma render-se após as sete...

Vi meu povo seguir de "marinetti"

Caminho da prisão...

Depois vi minha gente desgraçada,

Por membros da milícia aprisionada...

Imundo Gavião!...

Bahia!... em vão exiges liberdade!

Teu sangue não lavou desta cidade

A mancha original.

Ainda hoje são por sorte vária

Burro – HANNEQUIM, FACÓ – uma alimária...

JURACI – um boçal.

Hoje em teu sangue um salteador se nutre,

Com dor de não poder ser mais que abutre,

Ave da escravidão...

Ele juntou-se os outros fermentido,

E vive assim todo o país traído,

Longe da salvação.

Basta, senhor tenente! De teu bucho

Jorre através das tripas um repuxo

De judas e sandeus!

Há duas noites... eu soluço um grito...
Escuta-o conclamando do infinito
À morte os crimes teus!

Penitenciária da Bahia, 22 de agosto de 1932.

CECÍLIA MEIRELES (1901 – 1964)

4o. Motivo da rosa

Não te aflijas com a pétala que voa:
também é ser, deixar de ser assim.

Rosas verá, só de cinzas franzida,
mortas, intactas pelo teu jardim.

Eu deixo aroma até nos meus espinhos
ao longe, o vento vai falando de mim.

E por perder-me é que vão me lembrando,
por desfolhar-me é que não tenho fim.

Cântico II

Não sejas o de hoje.
Não suspires por ontens...
não queiras ser o de amanhã.
Faze-te sem limites no tempo.
Vê a tua vida em todas as origens.
Em todas as existências.
Em todas as mortes.
E sabes que serás assim para sempre.
Não queiras marcar a tua passagem.
Ela prossegue: É a passagem que se continua.
É a tua eternidade.
És tu.

Discurso

E aqui estou, cantando.

Um poeta é sempre irmão do vento e da água:
deixa seu ritmo por onde passa.

Venho de longe e vou para longe:
mas procurei pelo chão os sinais do meu caminho
e não vi nada, porque as ervas cresceram e as
serpentes
andaram.

Também procurei no céu a indicação de uma trajetória,
mas houve sempre muitas nuvens.
E suicidaram-se os operários de Babel.

Pois aqui estou, cantando.

Se eu nem sei onde estou,
como posso esperar que algum ouvido me escute?

Ah! Se eu nem sei quem sou,
como posso esperar que venha alguém gostar de mim?

Liberdade

A palavra Liberdade
vive na boca de todos:
quem não a proclama aos gritos,
murmura-a em tímido sopro.

E os seus tristes inventores
Já são réus – pois se atreveram
a falar em Liberdade
(que ninguém sabe o que seja)
Liberdade – essa palavra
que o sonho humano alimenta:
que não há ninguém que explique,
e ninguém que não entenda!

Lua adversa

Tenho fases, como a lua
Fases de andar escondida,
fases de vir para a rua...
Perdição da minha vida!
Perdição da vida minha!
Tenho fases de ser tua,
tenho outras de ser sozinha.

Fases que vão e que vêm,
no secreto calendário
que um astrólogo arbitrário
inventou para meu uso.
E roda a melancolia
seu interminável fusol!

Não me encontro com ninguém
(tenho fases, como a lua...)
No dia de alguém ser meu
não é dia de eu ser sua...
E, quando chega esse dia,
o outro desapareceu...

Motivo

Eu canto porque o instante existe
e a minha vida está completa.
Não sou alegre nem sou triste:
sou poeta.

Irmão das coisas fugidias,
não sinto gozo nem tormento.
Atravesso noites e dias
no vento.

Se desmorono ou se edifico,
se permaneço ou me desfaço,
- não sei, não sei. Não sei se fico
ou passo.

Sei que canto. E a canção é tudo.
Tem sangue eterno a asa ritmada.
E um dia sei que estarei mudo:
- mais nada.

Reinvenção

A vida só é possível
reinventada.

Anda o sol pelas campinas
e passeia a mão dourada
pelas águas, pelas folhas...
Ah! tudo bolhas
que vem de fundas piscinas
de ilusionismo... — mais nada.

Mas a vida, a vida, a vida,
a vida só é possível
reinventada.

Vem a lua, vem, retira
as algemas dos meus braços.
Projeto-me por espaços
cheios da tua Figura.
Tudo mentira! Mentira
da lua, na noite escura.

Não te encontro, não te alcanço...
Só — no tempo equilibrada,
desprendo-me do balanço
que além do tempo me leva.
Só — na treva,
fico: recebida e dada.

Porque a vida, a vida, a vida,
a vida só é possível
reinventada.

CÉSAR AUGUSTO FÉLIX

A Oficina da Poesia (2003)

A ante-sala do prazer e da dor é a mesma, o medo.

Quanto menos nos vestimos de gente, mais precisamos de roupa.

Deitei junto a teu libido

E revirei lençóis manchados
de amor...
teu gemido me consola,
a camisola rasga, teu púbis,
louvor...
respirei tua língua, suor
desnudo, clitóris, chorar...
revirei na cama
germinei teu ventre
encaixei perfeito
voltei
bailar...

Desvestida de mim

lá estava eu,
sem roupa, sem conversa,
sem medo
vigilada pela lua
dormindo no colo
das pedras,
nua, nua, nua...

Sobre o dito e o não dito

O que dizemos sem dizer

O riso revela o encanto
o canto revela o som
a dança revela o corpo
a palavra o silêncio opera e o invisível não vê.
O homem constrói a face sobre a qual o corpo deita,
o indisível emudece e o invisível se queixa.
O homem junta-se ao verme
o verme o homem rejeita
o indivíduo se culpa, o indisível aflora
o corpo grita! suplica! vomita!
se cala!
O corpo abala
O desejo pede
O riso aceita.

(2003)

Conceição

Hoje ela está de azul,
seu corpo brilha como os olhos de cinderela

Possuída pelo sol...
Tudo é real, sua beleza,
seus movimentos de encanto natural.

A natureza, conspira a seu favor...
pela janela do ônibus
os sonhos mergulham
sem se molhar...

(Lagoa da Conceição, 1999
poema musicado por Jaime Santos)

Errei em te amar tão siplesmente

Errei por não saber o que era errar,
te amei errado tão erradamente,
errei então com medo de te amar.
Te amei no solo, amei na cama,
amei no carro, te amei na lama.
Te amei na chuva molhado em perdão,
te amei no solo calado em razão.

Errei por ter amado devagar,
errei por te cantar sem poesia,
errei por poemar minha saudade,
te amei a noite mergulhei no dia.
Te dei meu peito inteiro sem razão,
Te amei nu, vestido sem camisa.
Amei no sonho, além da imaginação...
Te amei no pranto, te amei na solidão.
Te fiz um poema sem medo d'errar
e por te amar assim tão erradamente...
Reivindico o direito de errar.

(República dos Sacis, Inverno de 2003)

Tatiei meu vôo no futuro,

Escuro canto que a vida tolera.
Todo mundo tem dentro de si
um quarto escuro...
Seu nome é futuro!
O futuro é um quarto escuro
Que a vida tolera...

(Florianópolis, apagão de 2003)

Muito prazer poema,

leitura muito prazer,
muito prazer escrever,
ler muito prazer,
muito prazer escritor,
leitor muito prazer
vírgula, ponto, trema,
spray, caneta, pena,
como é gostoso
gozar um poema!

(Muro de Floripa, madrugada de 1998)

Pássaro Ateu

Ateu, isolei a velocidade de tua divindade
com o poder do sol, isolei o gosto do cansaço do fogo...
Correndo no vento alimentei
pássaros mortos de amor.
Congelei tua saliva,
desenhei tua geografia
mamilo por mamilo...
Tua voz em mono clama o calar de um beijo,
os corpos na contramão.
de noite
 de dia
 tua boca
 desejos
 fantasias...

(poema musicado em 1999 por Jaime Santos)

Quando vem a loucura

e mexe com a gente
nos inquieta a dúvida
Quem está louco?
A loucura ou a gente?
Embravecidamente...
Nossas aventuras são
Mesmo perigosas.

(1998)

Movimento Estudantil

Quando tua língua sente o
cheiro do meu suor,
quando nos teus movimentos
eu começo a suar,
quando em nossa dança
ritimamos a mesma melodia,
bailamos os mesmo sonhos,

criticamos a mesma sociedade,
chegamos ao comum acordo:
temos que gozar de novo.

(DCE – UFSC - 1998)

CHARLES TROCATE

Conversa íntima com teus olhos

A Lurdes

Trago comigo idéias e outras manias, saco de existência.
A estranheza se assemelha na vida, fato tortuoso e nem sempre
[particular.

Debruçado na dialética
Estou mais na vida do que no retrato da infância guardado
Nos cinqüenta anos de minha mãe e seu afã.
Lá eu não queria a política, exigia timidamente o sol, não tinha sobrenome
[meu astral.

Hoje começo com essa palavra pouca
E termino com ela louca; amor!

O ridículo de mim será exposto, por parecer feliz quero a vergonha.
Fui ver a vida e se pergunta e pessoa tinha o mesmo aroma e a alma secreta
Retornei publicamente e mim revoltado!

O homem está entre os ossos e os bens;
Entre a moral e a morte; a beleza fracassa sempre!
Eu afirmo o amor, retornei o amor, entendam!
Novo e velho tema nesse imenso de vidas!

Uma pergunta resta pela qualidade
Como criar filhos e velhices...
Na concepção
Na mesma concepção?

Marabá, Maio de 2003

Ressoa os vivos!

A Elde Monteiro

Ao pé da árvore coloco toda sujeição dos versos
Não sei fragmentar-lhes os músculos
Nem supor romantismo nas pétalas do dia.

Alguém cortou essa árvore e sua política
Fez o assombro, os móveis da sala ingovernada
Alguém mesmo me disse
A beleza está a ermo e sem aparência.

Ao pé da árvore deixei os livros e suas maturações
E escuto um tom, quanta festividade tem a pele do palhaço
O estômago, os pés e a falência?

Ao pé da árvore enterro os mortos que tremulam em meu peito
Suas ciências porem continuam atadas ao sol, esquias a dor
Morando neste endereço oblíquo!

Marabá, Novembro de 2003

Bernardo

A Evelaine e Cláudio Brennand

1.
O mundo é esse caco de vidro refletindo versos
Ora franco, ingênuo no seu sentido lúdico...
Simplesmente meu amigo de pé!
2.
O afeto público da poesia impôs-me a vida
Por isso transito sinuoso
O forte sentido do descobrimento
A inquietação autônoma resultada na
[palavra!]
3.
A feição e a unidade se entreabrem comitentes
O alcance nas mãos e nos olhos dão sentido
Ao gentil acontecimento da flor!
4.
Retiro do assunto morto
Da análise ínfima e o degredo
O lazer e a realidade tão obrigatória!
5.
Ignoro o lirismo burocrático
O ignóbil defeito de todos
O prévio silêncio exigindo crítica ao amor
Esse que de corpo é quase
[eternidade!]
5.
Estou explícito e aflijo-me sem contentamento
Aceito o provável
O sentimento longínquo
Que se convencionou chamar
[convívio!]
6.
Invento-me em resoluto cuidado
De arremedo e doçura,
Outras dispersões e a lavoura de propósitos
E uma sã necessidade me envolve.
7.
É farto dizer
Hoje as posições do coração caem pesadamente
no papel
Em minúsculas setas
Que jamais se atreve exaustão.
8.
Da janela pública onde
Assento meus dias
Resplandeço a utopia dos olhos
E chego etéreo
Confesso tratado de amizade ante a soberba.
9.
Espalho-me por esse espaço de semi-supresa!
Os resmungos dessa idade são virtude.
Inspiração e humano encontro
O mesmo que tarda e a sede que apavora.
10.
Parte de mim e toda a classe
Toda a classe e o imprevisível
Quem ousou dizer amor e unidade na lírica
Flor e vergonha no verso
Pátria e tortura na carne
Alegria em decassílabos únicos!
11.
O retrato do homem
Imponderavelmente responde
De simpatia responde em favor da alegria!
12.
Novamente me invento desaprendendo...
O que transito não é dogma
Nem feixe de imitações.
13.
Quando o que explica o homem
É a morte, imaturo direito
Morro definitivamente simples!
14.
A vida é necessária
Os medíocres, não!

Rio de Janeiro, Outubro de 2003
Santa Clara-Cuba, Agosto de 2004

Comunidar

A Acir Batista

Confio na sensibilidade do Acir
Sua composição simples que leio e vivo desconhecidamente,
Sua idéia gasta e lúcida de tudo que se recompõem
De pão e existência na tática de saber ser homem
[quase feito!

É material peso e assunto lhe divisam
Abrigo nos seus olhos se me permitam condizer
O ultimo parágrafo da amizade.

A ternura desaprendida de egoísmo
Horizontal na invenção do gesto
[incompactível.

A ossatura do mundo será poema, intenso e fundo.
As coisas podem ter outro nome
Outra meninice, o necessário!
É assim a conversão de tudo pura intuição de amor!

Desarrumando o território da fadiga, a obrigação do medo.
Dormente às vezes pela ausência dos livros e gratidão.
De algum lugar ousou dizer, minha suficiência
[organiza!

Tenho por exemplo
Um filho elaborado nos olhos, é eminente e chora
Não posso despedir-me de sua enormidade
Da sua enigma alegria!

Ainda por razões de alegria
Fiz com as mãos seu coração
Seus nervos ensolarados
E quando dormia coleí na sua pele um poema
[e sua reserva
Para se multiplicar, ser muitos.

No seu primeiro ano dei-lhe um tempo inédito funcionado
Uma biblioteca de seis livros
E o trabalho de brincar todas as manhãs
Ou o dia todo conforme éramos.

Tenho comigo sua identidade de menino e a causa
Sua infância invisível vasta de cor, o amanhã ou o depois de amanhã
Seu nome de palavras transmutando.

Um gesto nascituro irrompe
Arvore gratuita de mim
O desejo e a vida presente, alimento imune.
Com um sol espontâneo infligindo o amargo da lírica
Retiro-lhe da nostalgia!

Arte é trabalho e há trabalho na arte
É sua essa flor generosa
Clara do ultimo instante, supresa desimpedida
Do impasse que sofre o mistério e a

[radicalidade.

Esteja de pé para receber um grau de novidade
Quem sem remorso vive?
Quem de nós mortais de qualidades
Pode inventar uma flor sem nome e blasfêmia?
Todas têm um nome e um lugar
Para ser portadas em mãos desconhecidas ou jardins ingênuos
Que sangram escassos!
Em razão lhe digo, em você há sinais, há desenhos
[há mesmo emoção!

Vai se acontecendo...
Na mão de artista infinitos mundos permanecem ritmos
Abdica o sepultamento e a significação roída da política.
Como faina vai algo incontestado, algo rebelde
E o coração esse sopro de paciência e superfície.

Evohé!

Havana-Cuba, Agosto de 2004
Marabá, Outubro de 2004

Poema a meia noite

A Eli

Que ciência tem a brincadeira da flor
Em transformar-se em cor?
Quem terá o coração férvido
Quando esse instalo chegar?

O mundo pela palavra te cheira
A língua pela circunstância lambe o sol
O que incide a vida é esse segredo!
Dei-me o coração dos fatos
A rima faceira de tuas mãos...

Voar é isso
Cair de dentro do assunto do amor, o que se acumulou.
Permiti o que vale e sobra e resulta a vida
Que reportamos depressa.

Marabá, Abril de 2003

Permanência

A Javier

Expus-me a fila dos assuntos concêntricos
O gosto primário da vida trêmulo e só, álibi impotente?
Fermenta até o osso a indolência de tudo
Inclusive a indiferença verte –me de angustia
[angustia!

A vida em estado comitente, insepulta...
É uma rua que leva-nos a confissão perene e habitada de arvores
Dela estua úmida intensidade, ei-la até brevemente!
Hesitação ante o cupido retórico
Lar em si mesmo, o estilo de mil gestos e sua ave
[apressada!

Nas mãos já tenho cansaços que afoitos palpitam
E não posso tocar as coisas, funerais!
Temeridade ansiosa cheia de
[armamento!

Escavam na flor imensa fadiga!
Na companhia e no impulso do homem
Na sua espécie de amor e sua queixa supérflua!

Rio de Janeiro, Outubro de 2003

Ainda outono!

A Silas

Invisível andei pelas ruas
Doei a elas minha infância e o trabalho da alma
Exulto indiquei-me a vida e conservo!

Crescemos pulando da ponte
O riso aberto e infante ignorava a altura
A solidão não tinha esse nome verdadeiro.

Lá embaixo o rio deixava isso acontecer...
Recebia nossos corpos velozes e formulados de antigüíssima manhã
Quando tínhamos alegria!

Um dia denominamos o mundo de mundo e soprámos razões
E já não existe mais aquele rio
Nem si quer o suspiro e a definição da amizade.

Exista ó amigo
Escavo nesse poema um país
Aquele ano de 1987
O futuro que contem nosso nome aberto à inquietude!

Parauapebas, Janeiro de 2003

Assim chega a madrugada

A Gorete Sousa

Ainda venço imperdoável ausência que chega
Indecifrável e meiga precisão das coisas
Perambulam em meu peito de carne
[áspero de razões!

Essa profissão que sou tem a tua essência
O mundo que cabe o poeta e seus degraus hortos
O murmúrio.

A incisão da flor espera sem recompensa
Um ultimo e indelével toque
A existência, a emoção
Sem nojo e idéias!

Mim dispo e contabilizo, tenho maneiras de amar e morrer, como é difícil desaprender
E suportar o amor inchado de ênfase, considerações obliquas.

Os homens já não se lembram, só se imitam tristemente
A vida se comporta de pedra,
Acumulam-se num planeta que malmente hoje é terra
E surpreendes que esqueçamos
Vai consagrada

[a ausência!

Minha permanência trabalha e rude suporta esse nome de homem.

Rio de Janeiro, Outubro de 2003

Valentemente!

A Ayala

Quando perco a bondade das mãos
Alojo o sal do mar no verbo
Incenso, o ar e o amor esse sujeito insepulto
Bagunçam-me o corpo
Sua vontade afinada de livros!

Poesia é este ser astro que devora até ser lei, leitura!
Quem cuida do útil,
Cuida de mim.

Marabá, Setembro de 2003

Arquitetura da vontade

A Juçara Abe

Quem saudavelmente atravessa silêncios
Cava na pedra fantasias

E classifica homens?

A flor!

Belém, Abril de 2003

Incompletude

A Idelma Santiago

Essa incompletude da alma
Defesa e sentido
O que cabe na reunião do tempo
[é isso!

A vida é fulgor
Triste é não tela acesa e indubitável
Ponho nessa concisão de fatos
Algo simples, minha astronomia!

Caminho sem supor
O termo amor
Sua necessidade trêmula!

Já dissertei certas razões!

Deposito aos degraus de tudo este gesto ultimo
Esta esperança e um livro
A fantasia calma dos que armam idéias...

Diria algo pela guerra enquanto combateo
O ramo de felicidade
[insiste!

Lendo um livro!

A Otávio Rodrigues

Sobre as pálpebras do tempo transige-se.
O tempo não é esse quem
Funciona e fenece o habitante dos seus olhos
Corpo a corpo!

Austral sucede-se em fantasias
Até feri-las com as mãos.

Ele é a sociedade nascente e as mãos da decorrência
Veemente é algo
O intuito e a respiração útil até o brilho
Dele castiga-se o vazio e a impaciência que chega!

Ao fluir muito se repete, ao se tocar muito se separa!
Ele é conjuntural ante a flor
Ferido de gesto abissal começa e não termina
[o homem?

Belém, Dezembro de 2003

Um instante!

A Diá

Há alguns dias plantei na alma o incenso da terra
Planta e infância debulhada sobre o sol
De mãos dadas e no tumulto brincavam
Corriam descobertos até a perenidade!

Da terra arrastei a gramática e o pó dos assuntos
Pude mencionar seu grito e sua moenda torrencial
A feição do instante que educa
Que chega aflijo entre a carícia e o secreto!

Fui sua ossatura intransitiva e não apenas
oblíquo
Amei suscetível até o amor
Fatiguei-me do amor intrépido
E nos ardis do mesmo amor
Só resta-nos a vida suspeita?

Rio de Janeiro, Outubro de 2003

Alheio congemina uma finalidade ou um detrito
Uma sensibilidade!

Marabá, Dezembro de 2003

Incessante, ou poema de adjetivos!

À Tibirica

Cidade revolta
Que crua baila por noites e resinas
Seria eu, mil anos indeléveis
Caduco de tuas líricas a te fundar na possibilidade?

Não, não aceito a frescura dos ditosos
Atropelo a coisa que ademais nunca será orgulho!
Todo poeta é imberbe a insinuar soluços
E desce ao inferno apenas para criar rugas e
[interpelações.

A dor ocupa até a última invenção dos rios
Casca de injúria e riso debate.

De maneira outra é brincar de sutilezas a fé
Amassar a argila adolescente do silêncio e de
súbito
Amarrar as madrugadas tão enormes
Educar-me de poemas
[e decisões.

Como opção tumultuo a elegância.

Eis que faço tijolos com sombras verves
Vou soberano
Na varanda das manhãs inscrevo a guerra
Assas no amor galopo enternecido
Amaro na pedra, no varal da alma uma última
[teimosia célere!

Planifico a caustica importância de tudo.

É nessa exatidão de sentidos
Que pesco tua exatidão burilada
Voas no sal da polémica ignota
A vida é um tropeço na mobília do
[mercado?

Bendito o algo dito!

Na mesa todos colocam seus assuntos
Ninguém pede segredo

Pedem água!
O café está sem açúcar.

Elias debate o cansaço,
Pedrinho argumenta sobre coisas nocivas e tácitas.
Parazinho gesticula
Para espantar o silêncio dos olhos.
Totô só reivindicar!!!

Essa casa é uma exatidão devolvida ao grito
Que sabia os olhos
Instante de viver as avessas
Que zumbia os dedos
Criando o himem dos dias, que debutava
[as palavras

Hoje inflamada
Exonera a última vertente das coisas
Apraz de sensações meu sobrenome é isso.

Viver é uma angústia que copia
Insuportável supor que criamos
No genital dos livros
Mecânica palavra surpreendida no ego
Previsão onírica de se
[acontecer!

Tudo é igual
Inatuais até no fim quando da vida
E se necessário vou burilar o pulmão bofetear o gosto
Acender cada ingrediente no sol
Verter girassóis planos
Móvel depoimento dos umbrais da guerra
Varrem o chão que pisamos
[triste seres vivos?

Um dia ser hospede dessa belíssima idéia
Bússola de vigor
Opinar quando o favor for igual
Repousar a beleza sabendo
Sempre que ela é uma lei
Rir grandiosamente do que talvez
[possamos ser!

Deixo-me aos corações luzir a quem deva!

Marabá, Setembro de 2003

Por exemplo, um território novo.
Guedson expõem uma flor
Nunca antes reconhecida pelo medo.
Valdir esqueceu das horas e vive novamente aprendendo.
Jandir não explica a performace do
[horizonte.

Bernadete a única mulher
Se importa com o amor!

Marabá, Outubro de 2004

Noticiosa

A Joyce Bunna

Afável veio esculpida e sem nome
Seu fluido de aço
E o movimento frágil dos versos
Como é de nervos a palavra triste!

Infiltrou-se no cardume de horas
E lá é unidade
O dever de desmorer
Deixe-me a flor e a flor eu vos peço
[nascem!

Marabá, Dezembro de 2003

Visão de um dia em 2003!

O tempo é de usurpação
Como são de gesso suas motivações
Quem duvidou já sente pisadas no telhado
E uma realidade pálida.

Redemoinhos no pé de girassol
A agulha da perplexidade na garganta
Isso, e a arvore desganhada pela
[ignorância!

É tempo de segredos e suspiro
O que era comum tornou-se superficial
A infância está no passado enormemente e sem carinhos.

A mão tornou-se objeto patético e comove...
Tudo que cheira a primavera não chega
É informe e cansaço!

Onde cabe um livro
Cabe um homem e sua pressa?
Quem comumente devolve-me os passos
E a matéria que sofre
Desamor?

Para que a chave, o ar e o alfazema dos sons
Retorne vida a sua musculatura
Ignore os cães da
[rotina!

É tempo de desgovernos
E governos não dizem amém.

Não desejo honorários e nem rimo catástrofe
Só escrevo ante o sumiço dos lírios ensaios de remissão,
Recomponho-me em trêmulos suspiros e cismo,
Sim, sei que a dor é ortodoxa e corrói
Possuo na pele o grão e a queimadura!

Rio de Janeiro, Novembro, 2003

Eu que ainda posso falar!

A Ligia e Cristina

Gravito nas intermináveis sensações de exílio
Sou passo a passo ida
Voltar é um ato sofrível?

Indene permaneço
Minha alma afoita está guardada
Não escuta ruídos na parede!

Todo dia abro a porta com essas formulações
Caminham sozinhas
Nuas, universais e úmidas...
Sou atemporal e outras mesmices?
O hálito das coisas e dos livros me chama sem resignação!

Meu corpo, minha nostalgia moral
Minha perna ferida, minha espécie de sigilo.
Gostaria de está em fuga ou criando filhos
Mas o frio encolheu-me a isso
Atar o pé no mesmo lugar!

Espero há uma semana o navio ingênuo
E procuro antenomes na minha meninice
Nele adormeço perante a noite e olho o mar sem horizontes
Cálido, apenas assunto!

Rio de Janeiro, Novembro de 2003

Do quanto é necessário ser!

A dos Anjos

E eu que servir pão continuo inacabado
Estou no tempo há anos e envelheci
De tudo o que se diria no poema
Tornei-me vasto e crítica a qual respondo!

Como dói a infração desse tempo
Seu estado de nostalgia e gripe
Sua velhice ideal, seu empate na chegada!

Como é surpresa essa falta de conspiração

A reunião de mãos eclodindo a vergonha
Os olhos suados de todo lirismo
O tempo, esse ramo sem nome!

E da vida o que sobra é seu gosto tácito?
Impulsões e charme, os que sofrem argutos
Os que se amam num ultimo instante
Os que se sentem atuais, e na alcova?

Rio de Janeiro, Outubro de 2003

Aula de Alegria

A Maria Raimunda

Eu conheço a Maria
Ela não lava vazia
Não nasceu esquia.

Permanentemente é essa mulher, já adiou por tantas vezes substantiva
[infelicidade.

Embala nos braços a exclamação do mundo, se parece a muitos mundos e já nem dorme
subitamente as noites.
Noticias saem dos olhos, outros enigmas, e o amor esse sobrenome sutil.

Permaneço feito de livros que jamais se afastam dos teus olhos.
Deixe- me compreender a estética da escola, a pele das letras, o pó dos tumultos, a lareira da amizade!

É preciso perguntar a Maria
Embebedar de rima a hipocrisia
Inventar um tipo de alegria

Que seja ágil em chegar!

Marabá, Outubro/2004.

Incisão!

A Zeca Tocantins

Esta invicto o dia
Cabe a onde o seu sentido funesto
O delírio abissal dos olhos?

Servir nele minha vida
Sendo fabula e noite
Aclamado num tempo profundo!

Amormente
Ninguém viu nada
Tudo em quase sono refletia!

Agosto de 2003

Caminho

A Sueli

Diante de mim urge um sim
A vida remetente tudo,
É desgovernar, emoção povoada neste gesto

O ato das manhãs
Essa que não espera remédios
Nem odor dos fatos!

Setembro de 2003, Marabá

Denominação sutil

A Evandro Medeiros

Estamos na masmorra somente
Ou invisíveis ao corte?

Deixai-nos viver com este senso
Não são de barro
As pálpebras do grão?

Permitiremos viver!

O gesto pelo trabalho
A intuição pelo favo genital
O secreto pelo ardor do respiro
A emoção pelo termo integral

Fica quase permitido viver
A estranheza de tudo!

Charles Trocate, Outubro de 2003

Instrospeção

A Giselda Coelho

Caminho
Incisivamente caminho
Guardo resultados tão enormes dos passos

Caminho com o meu tumulto
Toda obrigação
Síntese e fé
Exulto na multidão o coração aberto patamar,

Estendo-me solidariamente já nem sei morrer
Nem noticiar tristezas
Exílio e precárias perguntas

Meu grau de fantasia caminha
Sem cansaço circula e sentimenta alegria

Úmida de realidade, porção de utopia discreta.

São Paulo, Outubro de 2004

Sinfonia de ânimo

A Beta Moreira

É notícia no jornal que a mulher ama.

Um homem objetivo não entende esse acontecimento,
Essa nota pública de escandalosa alegria.
As diárias paixões estão tumultuadas no jornal.

É notícia que a mulher se inventa abertamente,
Debate cansaços e planeja astros de teimosia e carinho,
Poder olhar sem separatismo a infância e o tempo ignóbil.

Diz sem ênfase de morte,
Paralise a dor, recolham as tristezas, as alucinações.
Paciente explica a fantasia, a performace do próximo passo.

Ávida bolina o espaço, dança geografias inteiras,
Duela a véspera do contentamento
Debate política publica e escova o cabelo impaciente do medo.

Estende-se a sacrifícios e comunga sem estereotipo
O que não é necessário dizer, não está vil, sua mão acena palavras homogêneas.

Inscribe-se suscetível
Emoção e sentido nas tuas razões calmas
De explicar solidariamente, te segredo de vida.
De tudo que é necessário te abraço.

Marabá, Dezembro de 2004

O lugar de nascer!

A Bernardo, meu filho.

O que sei é que a flor expira, a vida é assim,
A nave do amor não cochila, volve-me a vê teus olhos de sol
Buscar esses dias na lírica, que o presente é você

Um menino é flor mais que luz, e é verdade que chega,

Um menino é amor que reluz e é natural sorrir

Voar

Bolino este universo para beijar a tua pequena mão
Que já sente o que diz meu coração.

Marabá, Agosto de 2003

CORA CORALINA (1889 – 1985)

O Cântico da Terra

Eu sou a terra, eu sou a vida.
Do meu barro primeiro veio o homem.
De mim veio a mulher e veio o amor.
Veio a árvore, veio a fonte.
Vem o fruto e vem a flor.

A ti, ó lavrador, tudo quanto é meu.
Teu arado, tua foice, teu machado.
O berço pequenino de teu filho.
O algodão de tua veste
E o pão de tua casa.

Plantemos a roça.
Lavremos a gleba.
Cuidemos do ninho,
do gado e da tulha.
Fatura teremos
E donos de sítio
felizes seremos

Não Sei

Não sei... se a vida é curta
ou longa demais pra nós,
Mas sei que nada do que vivemos
tem sentido, se não tocamos o coração das pessoas.

Muitas vezes basta ser:
Colo que acolhe,
Braço que envolve,
Palavra que conforta,
Silêncio que respeita,
Alegria que contagia,
Lágrima que corre,
Olhar que acaricia,
Desejo que sacia,
Amor que promove.

E isso não é coisa de outro mundo,
é o que dá sentido à vida.
É o que faz com que ela
não seja nem curta,
nem longa demais,
Mas que seja intensa,
verdadeira, pura...
Enquanto durar

Todas as vidas

Vive dentro de mim
uma cabocla velha
de mau-olhado,
acocorada ao pé
do borralho,
olhando para o fogo.
Benze quebranto.
Bota feitiço...
Ogum, Orixá.
Macumba, terreiro.
Ogã, pai-de-santo...

Vive dentro de mim
a lavadeira
do Rio Vermelho
Seu cheiro gostoso
d'água e sabão.
Rodilha de pano.
Trouxa de roupa,
pedra de anil.
Sua coroa verde
de São Caetano.

Vive dentro de mim
A mulher cozinheira
Pimenta e cebola.
Quitute bem feito.
Panela de barro
Taipa de lenha.
Cozinha antiga
toda pretinha
Bem cacheada de picumã
Pedra pontuda
Cumbuco de coco.
Pisando alho-sal.

Vive dentro de mim
A mulher do povo.
Bem proletária.
Bem linguaruda,
desabusada,
sem preconceitos,
de casca-grossa,
de chinelinha,
e filharada.

Vive dentro de mim
a mulher roceira.
- Enxerto de terra,
Trabalhadeira
Madrugadeira.
Analfabeta.
De pé no chão.
Bem parideira.
Bem criadeira.
Seus doze filhos,
Seus vinte netos.

Vive dentro de mim
a mulher da vida...
Minha irmãzinha...
tão desprezada,
tão murmurada...
Fingindo ser alegre
seu triste fado
Todas as vidas
dentro de mim:
Na minha vida –
a vida mera
das obscuras!

EDUARDO GALEANO (URUGUAI)

O LIVRO DOS ABRAÇOS:

A Noite / 1

Não consigo dormir. Tenho uma mulher atravessada entre minhas pálpebras.

Se pudesse, diria a ela que fosse embora; mas tenho uma mulher atravessada em minha garganta.

A arte e a realidade / 1

Fernando Birri ia filmar o conto dos anjos, de García Márquez, e me levou para ver os cenários. No litoral cubano, Fernando tinha fundado um povoado de papelão e o tinha enchido de galinhas, de caranguejos gigantes e atores. Ele ia fazer o papel principal, o papel de um anjo depenado que cai na terra e fica trancado num galinheiro.

Marcial, um pescador do lugar, tinha sido solenemente designado Alcaide-Mor daquele povoado de cinema. Depois das formais boas-vindas, Marcial nos acompanhou.

Fernando queria me mostrar uma obra-prima do envelhecimento artificial: uma gaiola desmantelada, leprosa, mordida pela ferrugem e por uma imundice antiga. Esta ia ser a prisão do anjo, depois de sua fuga do galinheiro. Mas no lugar daquele bagulho sabiamente arruinado pelos especialistas, encontramos uma gaiola limpa e bem armada, com suas barras perfeitamente alinhadas e recém-pintadas de dourado. Marcial ficou inchado de orgulho ao mostrar-nos aquela preciosidade. Fernando, metade atônito, metade furioso, quase o comeu vivo:

- *O que é isto, Marcial? O que é isto?*

Marcial engoliu saliva, ficou rubro, agachou a cabeça e coçou a barriga. Então confessou:

- *Eu não podia permitir. Não podia permitir que metessem naquela gaiola imunda um homem bom como o senhor.*

A arte e a realidade / 2

Eraclio Zepeda fez o papel de Pancho Villa em *México Insurgente*, o filme de Paul Leduc, e fez tão bem que desde então tem gente que acha que Eraclio Zepeda é o nome que Pancho Villa usa quando trabalha no cinema.

Estavam em plena filmagem, numa aldeia qualquer, e as pessoas participavam em tudo o que acontecia, de modo muito natural, sem que o diretor desse palpite. Pancho Villa tinha morrido há meio século, mas ninguém se surpreendeu que ele aparecesse por ali. Certa noite, depois de uma intensa jornada de trabalho, algumas mulheres se reuniram na frente da casa onde Eraclio dormia, e pediram que ele intercedesse pelos presos. Na manhã seguinte, bem cedinho, ele foi falar com o prefeito.

- *Foi preciso que o general Villa viesse, para que se fizessem justiça* – comentaram as pessoas.

A arte para as crianças

Ela estava sentada numa cadeira alta, na frente de um prato de sopa que chegava à altura de seus olhos. Tinha o nariz enrugado e os dentes apertados e os braços cruzados. A mãe pediu ajuda:

- *Conta uma história pra ela, Onélio* – pediu. – *Conta, você que é escritor...*

E Onélio Jorge Cardoso, esgrimindo a colher de sopa, fez seu conto:

- *Era uma vez um passarinho que não queria comer a comidinha. O passarinho tinha o biquinho fechadinho, fechadinho, e a mamãezinha dizia: “Você vai ficar anãozinho, passarinho, se não comer a comidinha”. Mas o passarinho não ouvia a mamãezinha e não abria o biquinho...*

E então a menina interrompeu:

- *Que passarinho de merdinha.* – opinou.

A burocracia / 1

Nos tempos da ditadura militar, em meados de 1973, um preso político uruguaio, Juan José Nouched, sofreu uma sanção de cinco dias: cinco dias sem visita nem recreio, cinco dias sem nada, por violação do regulamento. Do ponto de vista do capitão que aplicou a sanção, o regulamento não deixava margem de dúvida. O regulamento estabelecia claramente que os presos deviam caminhar em fila e com as mãos nas costas. Nouched tinha sido castigado por estar com apenas uma das mãos nas costas.

Nouched era maneta.

Tinha sido preso em duas etapas. Primeiro tinham prendido seu braço. Depois, ele. O braço caiu em Montevideú. Nouched vinha escapando, correndo sem parar, quando o policial que o perseguia conseguiu agarrá-lo e gritou: “*Teje preso!*”, e ficou com o braço na mão. O resto de Nouched caiu preso um ano e meio depois, em Paysandú.

Na cadeia Nouched quis recuperar o braço perdido:

- *Faça um requerimento* – disseram a ele.

Ele explicou que não tinha lápis:

- *Faça um requerimento de lápis* – disseram.

Então passou a ter lápis, mas não tinha papel.

- *Faça um requerimento de papel* – disseram a ele.

Quando finalmente teve lápis e papel, formulou seu requerimento de braço.

Tempos depois, responderam. Não. Não era possível: o braço estava em outro expediente. Ele tinha sido processado pela justiça militar. O braço, pela justiça civil.

A burocracia / 3

Sixto Martinez fez o serviço militar num quartel de Sevilha.

No meio do pátio desse quartel havia um banquinho. Junto ao banquinho, um soldado montava guarda. Ninguém sabia por que se montava guarda para o banquinho. A guarda era feita porque sim, noite e dia, todas as noites, todos os dias, e de geração em geração os oficiais transmitiam a ordem e os soldados obedeciam. Ninguém nunca questionou, ninguém nunca perguntou. Assim era feito, e sempre tinha sido feito.

E assim continuou sendo feito até que alguém, não sei qual general ou coronel, quis conhecer a ordem original. Foi preciso revirar os arquivos a fundo. E depois de muito cavoucar, soube-se. Fazia trinta e um anos, dois meses e quatro dias, que um oficial tinha mandado montar guarda junto ao banquinho, que fora recém-pintado, para que ninguém sentasse na tinta fresca.

A cultura do terror / 7

O colonialismo visível te mutila sem disfarce: te proíbe de dizer, te proíbe de fazer, te proíbe de ser. O colonialismo invisível, por sua vez, te convence de que a servidão é um destino, e a impotência, a tua natureza: te convence de que *não se pode* dizer, *não se pode* fazer, *não se pode* ser.

A desmemória / 2

O medo seca a boca, molha as mãos e mutila. O medo de saber nos condena à ignorância; o medo de fazer nos reduz à impotência. A ditadura militar, medo de escutar, medo de dizer, nos converteu em surdos e mudos. Agora a democracia, que tem medo de recordar, nos adoece de amnésia; mas não se necessita ser Sigmund Freud para saber que não existe tapete que possa ocultar a sujeira da memória.

A desmemória / 3

Nas ilhas francesas do Caribe, os textos de história ensinam que Napoleão foi o mais admirável guerreiro do Ocidente. Naquelas ilhas, Napoleão restabeleceu a escravidão em 1802. A sangue e fogo

obrigou os negros livres a voltarem a ser escravos nas plantações. Disso os textos não dizem nada. Os negros são os netos de Napoleão, não as suas vítimas.

A desmemória / 4

Chicago está cheia de fábricas. Existem fábricas até no centro da cidade, ao redor do edifício mais alto do mundo. Chicago está cheia de fábricas, Chicago está cheia de operários.

Ao chegar ao bairro de Heymarket, peço aos meus amigos que me mostrem o lugar onde foram enforcados, em 1886, aqueles operários que o mundo inteiro saúda a cada primeiro de maio.

- *Deve ser por aqui* – me dizem. Mas ninguém sabe. Não fui erguida nenhuma estátua em memória dos mártires de Chicago na cidade de Chicago. Nem estátua, nem monólito, nem placa de bronze, nem nada.

O primeiro de maio é o único dia verdadeiramente universal da humanidade inteira, o único dia no qual coincidem todas as histórias e todas as geografias, todas as línguas e as religiões e as culturas do mundo; mas nos Estados Unidos, o primeiro de maio é um dia como qualquer outro. Nesse dia, as pessoas trabalham normalmente, e ninguém, ou quase ninguém, recorda que os direitos da classe operária não brotaram do vento, ou da mão de Deus ou do amo.

Após a inútil exploração de Heymarket, meus amigos me levam para conhecer a melhor livraria da cidade. E lá, por pura curiosidade, por pura casualidade, descubro um velho cartaz que está como que esperando por mim, metido entre muitos outros cartazes de música, rock e cinema.

O cartaz reproduz um provérbio da África: *Até que os leões tenham seus próprios historiadores, as histórias de caçadas continuarão glorificando o caçador.*

A fome / 2

Um sistema de desvinculo: *Boi sozinho se lambe melhor...* O próximo, o outro, não é seu irmão, nem seu amante. O outro é um competidor, um inimigo, um obstáculo a ser vencido ou uma coisa a ser usada. O sistema, que não dá de comer, tampouco dá de amar: condena muitos à fome de pão e muitos mais à fome de abraços.

A função da arte / 2

O pastor Miguel Brun me contou há alguns anos esteve com os índios do Chaco paraguaio. Ele formava parte de uma missão evangelizadora. Os missionários visitaram um cacique que tinha fama de ser muito sábio. O cacique, um gordo quieto e calado, escutou sem pestanejar a propaganda religiosa que leram para ele na língua dos índios. Quando a leitura terminou, os missionários ficaram esperando.

O cacique levou tempo. Depois opinou:

- *Você coça. E coça bastante, e coça muito bem.*

E sentenciou:

- *Mas onde você coça não coça.*

A origem do mundo

A guerra civil espanhola tinha terminado fazia poucos anos, a cruz e a espada reinavam sobre as ruínas da República. Um dos vencidos, um operário anarquista, recém-saído da cadeia, procurava trabalho. Virava céu e terra, em vão. Não havia trabalho para um comuna. Todo mundo fechava a cara, sacudia os ombros ouvirava as costas. Não se entendia com ninguém, ninguém o escutava. O vinho era o único amigo que sobrava. Pelas noites, na frente dos pratos vazios, suportava sem dizer nada as queixas de sua esposa beata, mulher de missa diária, enquanto o filho, um menino pequeno, recitava o catecismo para ele ouvir.

Muito tempo depois, Josep Verdura, o filho daquele operário maldito, me contou. Contou em Barcelona, quando cheguei ao exílio. Contou: ele era um menino desesperado que queria salvar o pai da condenação eterna e aquele ateu, aquele teimoso, não entendia.

- *Mas papai* – disse Josep, chorando -, *se Deus não existe, quem fez o mundo?*

- *Bobo* – disse o operário, cabisbaixo, quase que segredando. – *Bobo. Quem fez o mundo fomos nós, os pedreiros.*

A Pequena morte

Não nos provoca riso o amor quando chega ao mais profundo de sua viagem, ao mais alto de seu vôo: no mais profundo, no mais alto, nos arranca gemidos e suspiros, vozes de dor, embora seja dor jubilosa, e pesando bem não há nada de estranho nisso, porque nascer é uma alegria que dói. *Pequena morte*, chamam na França a culminação do abraço, que ao quebrar-nos faz por juntar-nos, e perdendo-nos faz por nos encontrar e acabando conosco nos principia. *Pequena morte*, dizem, mas grande, muito grande haverá de ser, se ao nos matar nos nasce.

Dizem as paredes/1

No setor infantil da Feira do Livro, em Bogotá:
O Loucóptero é muito veloz, mas muito lento.
Na avenida costeira de Montevideú, na frente do rio-mar:
Um homem alado prefere a noite.
Na saída de Santiago de Cuba:
Como gasto paredes recordando-te!
E nas alturas de Valparaíso:
Eu nos amo.

Dizem as paredes/2

Em Buenos Aires, na ponte da Boca:
Todos prometem e ninguém cumpre. Vote em ninguém.
Em Caracas, em tempos de crise, na entrada de um dos bairros mais pobres:
Bem-vinda, classe média.
Em Bogotá, pertinho da Universidade Nacional:
Deus vive.
Embaixo, com outra letra:
Só por milagre.
E também em Bogotá:
Proletários de todos os países, uni-vos!
Embaixo, com outra letra:
(Último aviso.)

Dizem as paredes/3

Em Montevideú, no bairro Braço Oriental:
Estamos aqui sentados, vendo como matam os nossos sonhos.
E, no cais na frente do porto de Buceo, em Montevideú:
Bagre velho: não se pode viver com medo a vida inteira.
Em letras vermelhas, ao longo de um quarteirão inteiro da avenida Cólón, em Quito:
E se nos juntarmos para dar um chute nesta grande bolha cinzenta?

Dizem as paredes/4

Em pleno centro de Medellín:
A letra com sangue entra.

Embaixo, assinando:

Carrasco alfabetizador.

Na cidade uruguaia de Melo:

Ajude a polícia: torture-se.

Num muro de Masatepe, na Nicarágua, pouco depois da queda do ditador Somoza:

Vão morrer de saudades, mas não voltarão.

Dizem as paredes/5

Na faculdade de Ciências Econômicas, em Montevidéu:

A droga provoca amnésia e outras coisas que esqueci.

Em Santiago do Chile, nas margens do rio Mapocho:

Bem-aventurados os bêbados, porque eles verão Deus duas vezes.

Em Buenos Aires, no bairro de Flores:

Uma namorada sem tetas é, mais que namorada, um amigo.

Nomes / 2

Arturo Alape conta que Manuel Marulanda Vélez, o famoso guerrilheiro colombiano, não se chamava assim. Há quarenta anos, quando empunhou armas, ele se chamava Pedro Antonio Marin. Naquela época, Marulanda era outro: negro de pele, grandalhão de tamanho, pedreiro de ofício e canhoto de idéias. Quando os policiais espancaram Marulanda até mata-lo, seus companheiros se reuniram em assembléia e decidiram que Marulanda não podia se acabar. Por unanimidade deram seu nome a Marin, que o carrega desde aquele tempo.

O mexicano Pancho Villa também levava o nome de um amigo morto pela polícia.

O medo

Certa manhã, ganhamos de presente um coelhinho das Índias.

Chegou em casa numa gaiola. Ao meio-dia, abri a porta da gaiola.

Voltei para casa ao anoitecer e o encontrei tal e qual o havia deixado: gaiola adentro, grudado nas barras, tremendo por causa do susto da liberdade.

Os numerinhos e as pessoas

Onde se recebe a *Renda per Capita*? Tem muito morto de fome querendo saber.

Em nossas terras, os numerinhos têm melhor sorte do que as pessoas. Quantos vão bem quando a economia vai bem? Quantos se desenvolvem com o desenvolvimento?

Em Cuba, a Revolução triunfou no ano mais próspero de toda a história econômica da ilha.

Na América Central, as estatísticas sorriam e riam quanto mais fodidas e desesperadas estavam as pessoas. Nas décadas de 50, de 60, de 70, anos atormentados, tempos turbulentos, a América Central exibia os índices de crescimento econômico mais altos do mundo e o maior desenvolvimento regional da história humana.

Na Colômbia, os rios de sangue cruzam os rios de ouro. Esplendores da economia, anos de dinheiro fácil: em plena euforia, o país produz cocaína, café e crimes em quantidades enlouquecidas.

O sistema / 1

Os funcionários não funcionam.

Os políticos falam mas não dizem.

Os votantes votam mas não escolhem.

Os meios de informação desinformam.

Os centros de ensino ensinam a ignorar.

Os juízes condenam as vítimas.
Os militares estão em guerra contra seus compatriotas.
Os policiais não combatem os crimes, porque estão ocupados cometendo-os.
As bancarrotas são socializadas, os lucros são privatizados.
O dinheiro é mais livre que as pessoas.
As pessoas estão a serviço das coisas.

Ressureições / 4

Peca quem mente, diz Ernesto Cardenal, porque rouba a verdade das palavras.

Lá por volta de 1524, Frei Bobadilla fez uma grande fogueira na aldeia de Manágua e atirou nas chamas os livros indígenas. Aqueles livros eram feitos em pele de veado, em imagens pintadas com duas cores: o vermelho e o negro.

Havia séculos que estavam mentindo para a Nicarágua, até que o general Sandino escolheu essas duas cores para sua bandeira sem saber que eram as cores das cinzas da memória nacional.

Teologia / 1

O catecismo me ensinou, na infância, a fazer o bem por interesse e a não fazer o mal por medo. Deus me oferecia castigos e recompensas, me ameaçava com o inferno e me prometia o céu; e eu temia e acreditava.

Passaram-se os anos. Eu já não temo nem creio. E em todo o caso – penso -, se mereço ser assado cozido no caldeirão do inferno, condenado ao fogo lento e eterno, que assim seja. Assim me salvarei do purgatório, que está cheio de horríveis turistas de classe média; e no final das contas, se fará justiça.

Sinceramente: merecer, mereço. Nunca matei ninguém, é verdade, mas por falta de coragem ou de tempo, e não por falta de querer. Não vou à missa aos domingos, nem nos dias de guarda. Cobicei quase todas as mulheres de meus próximos, exceto as feias, e assim violei, pelo menos em intenção, a propriedade privada que Deus pessoalmente sacramentou nas tábuas de Moisés: *Não cobiçarás a mulher de teu próximo nem seu touro, nem seu asno...* E como se fosse pouco, com premeditação e deslealdade, cometi o ato do amor sem o nobre propósito de reproduzir a mão-de-obra. Sei muito bem que o pecado carnal não é bem visto no céu; mas desconfio que Deus condena o que ignora.

A Noite / 3

Eles são dois por engano. A noite corrige.

Janela sobre uma mulher / 1

Essa mulher é uma casa secreta.

Em seus cantos, guarda vozes e esconde fantasmas.

Nas noites de inverno jorra fumaça.

Quem entra nela, dizem, não sai nunca mais.

Eu atravesso o fosso profundo que a rodeia. Nessa casa serei habitado. Nela me espera o vinho que me beberá. Muito suavemente bato na porta, e espero.

Um olhar sobre a utopia

Ela sempre está onde está o horizonte.

Se me aproximo dois passos, ela avança dois passos.
Se caminho dez passos, ela se apressa em deslocar-se dez passos mais adiante.
Mesmo que eu continue caminhando
Não consigo alcançá-la jamais.
Então, para que serve a utopia?
Só para isto, nada mais: para caminhar.

O Nascedor

Por que será que Che tem esse perigoso costume de continuar nascendo?
Quanto mais o insultam, mais o manipulam e o traem, mais ele nasce.
É o mais nascedor de todos.

Não será porque Che dizia o que pensava e fazia o que dizia?
Não será por isso que continua sendo tão extraordinário,
num mundo onde palavras e fatos raramente se encontram
e quando se encontram não se saúdam porque não se reconhecem?

ERNESTO CARDENAL (NICARÁGUA, 1925)

Ernesto Cardenal nació el 20 de julio de 1925, en Granada, Nicaragua.

Estudió filosofía y literatura en la Universidad de México, 1944-48, y en la Universidad de Columbia, en Estados Unidos, 1949-49.

Tras su experiencia en un monasterio trapense de Kentucky, Estados Unidos, se ordenó sacerdote (1965) y creó en su país la abadía de Solentiname, poderoso foco de la revolución de la vida cultural y religiosa americana. Cuando los sandinistas derrocaron la dictadura del general Anastasio Somoza, en 1979, el régimen sandinista lo nombró, en 1979, Ministro de Cultura (1979-1988).

Junto con su vocación de poeta ha desarrollado su vocación de escultor. Se formó en talleres privados que le hicieron Fernancio Saravia y Rodrigo Peñalba en la Escuela Nacional de Bellas Artes. Fundador del movimiento de pintura primitivista de Solentiname y del resto de Nicaragua.

Ha sido, también, co-director de la Casa de Los Tres Mundos, una organización literaria y cultural en Granada, Nicaragua.

Epigramas

Te doy, Claudia, estos versos, porque tú eres su dueña.
Los he escrito sencillos para que tú los entiendas.
Son para ti solamente, pero si a ti no te interesan,
un día se divulgarán tal vez por toda Hispanoamérica
Y si al amor que los dictó, tú también lo desprecias,
otras soñarán con este amor que no fue para ellas.
Y tal vez verás, Claudia, que estos poemas,
(escritos para conquistarte a ti) despiertan
en otras parejas enamoradas que los lean
los besos que en ti no despertó el poeta.

Cuídate, Claudia, cuando estés conmigo,
porque el gesto más leve cualquier palabra, un suspiro
de Claudia, el menor descuido,
tal vez un día lo examinen eruditos,
y este baile de Claudia se recuerde por siglos.

Claudia, ya te lo aviso.

De estos cines, Claudia, de estas fiestas,
de estas carreras de caballos,
no quedará nada para la posteridad
sino los versos de Ernesto Cardenal para Claudia
(si acaso)
y el nombre de Claudia que yo puse en esos versos
y los de mis rivales, si es que yo decido rescatarlos
del olvido, y los incluyo también en mis versos
para ridiculizarlos.

Esta será mi venganza:
Que un día llegue a tus manos el libro de un poeta famoso
y leas estas líneas que el autor escribió para ti
y tú no lo sepas.

Me contaron que estabas enamorada de otro
y entonces me fue a mi cuarto
y escribí ese artículo contra el Gobierno
por el que estoy preso.

Salmo 1

Bienaventurado el hombre que no sigue las consignas del Partido
ni asiste a sus mítines
ni se sienta en la mesa con los gangsters
ni con los Generales en el Consejo de Guerra
Bienaventurado el hombre que no espía a su hermano
ni delata a su compañero de colegio
Bienaventurado el hombre que no lee los anuncios comerciales
ni escucha sus radios
ni cree en sus slogans.

Será como un árbol plantado junto a una fuente.

Salmo 5

Escucha mis palabras oh Señor
Oye mis gemidos

Escucha mi protesta
Porque no eres tú un Dios amigo de los dictadores
ni partidario de su política
ni te influencia la propaganda
ni estás en sociedad con el gángster.

No existe sinceridad en sus discursos
ni en sus declaraciones de prensa

Hablan de paz en sus discursos
mientras aumentan su producción de guerra

Hablan de paz en las Conferencias de Paz
y en secreto se preparan para la guerra

Sus radios mentirosos rugen toda la noche

Sus escritorios están llenos de planes criminales
y expedientes siniestros
Pero tú me salvarás de sus planes

Hablan con la boca de las ametralladoras
sus lenguas relucientes
son las bayonetas...

Castígalos oh Dios
malogra su política
confunde sus memorándums
impide sus programas

A la hora de la Sirena de Alarma
tú estarás conmigo
tú serás mi refugio el día de la Bomba

Al que no cree en la mentira de sus anuncios comerciales
ni en sus campañas publicitarias, ni en sus campañas políticas
tú lo bendices
lo rodeas con tu amor

como con tanques blindados.

FERNANDO PESSOA

O Universo não é uma Idéia Minha...

O universo não é uma idéia minha.
A minha idéia do Universo é que é uma idéia minha.
A noite não anoitece pelos meus olhos,
A minha idéia da noite é que anoitece por meus olhos.
Fora de eu pensar e de haver quaisquer pensamentos
A noite anoitece concretamente
E o fulgor das estrelas existe como se tivesse peso.

Viajar?

Viajar?
Para viajar basta existir.
Vou de dia para dia,
como de estação para estação,
no comboio do meu corpo,
ou do meu destino,
debruçado sobre as ruas e as praças,
sobre os gestos e os rostos,
sempre iguais e sempre diferentes,
como, afinal,
as paisagens são.

Se imagino, vejo. Que mais faço eu se viajo?
Só a fraqueza extrema da imaginação justifica
que se tenha que deslocar para sentir.

"Qualquer estrada,
esta mesma estrada de Entepfuhl,
te levará até ao fim do mundo".
Mas o fim do mundo, desde que o mundo se consumou
dando-lhe a volta,
é o mesmo Entepfuhl de onde se partiu.
Na realidade, o fim do mundo,
como o principio,
é o nosso conceito do mundo.
É em nós que as paisagens tem paisagem.
Por isso, se as imagino, as crio;
se as crio, são;
se são, vejo-as como ás outras.
Para que viajar?
Em Madrid, em Berlim, na Pérsia,
na China, nos Pólos ambos,
onde estaria eu senão em mim mesmo,
e no tipo e gênero das minhas sensações?
A vida é o que fazemos dela.
As viagens são os viajantes.
O que vemos, não é o que vemos, senão o que somos.

Há um tempo em que é preciso abandonar as roupas usadas ...
Que já têm a forma do nosso corpo ...
E esquecer os nossos caminhos
que nos levam sempre aos mesmos lugares ...
É o tempo da travessia ...
E se não ousarmos fazê-la ...
Teremos ficado ...
para sempre ...
À margem de nós mesmos..."

Ser Feliz

Ser feliz é reconhecer que vale a pena viver,
apesar de todos os desafios, incompreensões e períodos de crise.

Ser feliz é deixar de ser vítima dos problemas
e se tornar o autor da própria história.

É atravessar desertos fora de si, mas ser capaz
de encontrar um oásis no recôndito da sua alma.

É agradecer a Deus a cada manhã pelo milagre da vida.
Ser feliz é não ter medo dos próprios sentimentos.
É saber falar de si mesmo.

É ter coragem para ouvir um "não".

É ter segurança para receber uma crítica, mesmo que injusta.
Pedras no caminho? Guardo todas, um dia vou construir um castelo...

XLVIII

Da mais alta janela da minha casa
Com um lenço branco digo adeus
Aos meus versos que partem para a humanidade.

E não estou alegre nem triste.
Esse é o destino dos versos.
Escrevi-os e devo mostrá-los a todos
Porque não posso fazer o contrário
Como a flor não pode esconder a cor,
Nem o rio esconder que corre,
Nem a árvore esconder que dá fruto.

Ei-los que vão já longe como que na diligência
E eu sem querer sinto pena
Como uma dor no corpo.

Quem sabe quem os lerá?
Quem sabe a que mãos irão?

Flor, colheu-me o meu destino para os olhos.
Árvores, arrancaram-me os frutos para as bocas.
Rio, o destino da minha água era não ficar em mim.
Submeto-me e sinto-me quase alegre,
Quase alegre como quem se cansa de estar triste.

Ide, ide de mim!
Passa a árvore e fica dispersa pela Natureza.
Murcha a flor e o seu pó dura sempre.
Corre o rio e entra no mar e a sua água é sempre a que foi sua.

Passo e fico, como o Universo.

Alberto Caeiro (heterônimo de Fernando Pessoa)

Liberdade

Ai que prazer
Não cumprir um dever,
Ter um livro pra ler
E não o fazer!
Ler é maçada,
Estudar é nada.
O sol doira
Sem literatura.

O rio corre, bem ou mal,
Sem edição original.
E a brisa, essa,
De tão naturalmente matinal,
Como tem tempo não tem pressa...

Livros são papéis pintados com tinta.
Estudar é uma coisa em que está indistinta
A distinção entre nada e coisa nenhuma.

Quanto é melhor, quando há bruma,
Esperar por D. Sebastião,
Quer venha quer não!
Grande é a poesia, a bondade e as danças...
Mas o melhor do mundo são as crianças,
Flores, música, o luar e o sol, que peca
Só quando, em vez de criar, seca.

O mais do que isto
É Jesus Cristo,
Que não sabia nada de finanças
Nem consta que tivesse biblioteca.

Fernando Pessoa - 16/3/1935

Cancioneiro

Dá a surpresa de ser.
É alta, de um louro escuro.
Faz bem só pensar em ver
Seu corpo meio maduro.

Seus seios altos parecem
(Se ela estivesse deitada)
Dois montinhos que amanhecem
Sem ter que haver madrugada.

E a mão do seu braço branco
Assenta em palmo espalhado

Sobre a saliência do flanco
Do seu relêvo tapado.

Apetece como um barco.
Tem qualquer coisa de gomo.
Meu Deus, quando é que eu embarco?
Ó fome, quando é que eu como?

Autopsicografia

O poeta é um fingidor.
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente.

E os que lêem o que escreve,
Na dor lida sentem bem,
Não as duas que ele teve,
Mas só a que eles não têm.

E assim nas calhas da roda
Gira, a entreter a razão,
Esse comboio de corda
Que se chama o coração.

1/4/1931

Eros e Psique

Conta a lenda que dormia
Uma Princesa encantada
A quem só despertaria
Um Infante, que viria
De além do muro da estrada.

Ele tinha que, tentado,
Vencer o mal e o bem,
Antes que, já libertado,
Deixasse o caminho errado
Por o que à Princesa vem.

A Princesa Adormecida,
Se espera, dormindo espera,
Sonha em morte a sua vida,
E orna-lhe a fronte esquecida,
Verde, uma grinalda de hera.

Longe o Infante, esforçado,
Sem saber que intuito tem,
Rompe o caminho fadado,

Ele dela é ignorado,
Ela para ele é ninguém.

Mas cada um cumpre o Destino
Ela dormindo encantada,
Ele buscando-a sem tino
Pelo processo divino
Que faz existir a estrada.

E, se bem que seja obscuro

todas as cartas de amor são ridículas

Todas as cartas de amor são
Ridículas.
Não seriam cartas de amor
Se não fossem
Ridículas.
Também escrevi em meu
Tempo cartas de amor,
Como as outras,
Ridículas.
As cartas de amor,
Se há amor,
Têm de ser
Ridículas.
Mas, afinal,
Só as criaturas que nunca
Escreveram
Cartas de amor
É que são
Ridículas...

Álvaro de Campos (heterônimo de Fernando Pessoa)
21/10/1935

O amor quando se revela

O amor, quando se revela,
Não se sabe revelar.
Sabe bem olhar p'ra ela,
Mas não lhe sabe falar.
Quem quer dizer o que sente
Não sabe o que há de dizer.
Fala: parece que mente
Cala: parece esquecer
Ah, mas se ela adivinhasse,
Se pudesse ouvir o olhar,
E se um olhar lhe bastasse
Pra saber que a estão a amar!
Mas quem sente muito, cala;
Quem quer dizer quanto sente
Fica sem alma nem fala,
Fica só, inteiramente!
Mas se isto puder contar-lhe
O que não lhe ousa contar,
Já não terei que falar-lhe
Porque lhe estou a falar...

Tudo pela estrada fora,
E falso, ele vem seguro,
E vencendo estrada e muro,
Chega onde em sono ela mora,

E, inda tonto do que houvera,
À cabeça, em maresia,
Ergue a mão, e encontra hera,
E vê que ele mesmo era
A Princesa que dormia.

Há doenças piores que as doenças

Há doenças piores que as doenças,
Há dores que não doem, nem na alma
Mas que são dolorosas mais que as outras.
Há angústias sonhadas mais reais
Que as que a vida nos traz, há sensações
Sentidas só com imaginá-las
Que são mais nossas do que a própria vida.
Há tanta coisa que, sem existir,
Existe, existe demoradamente,
E demoradamente é nossa e nós...
Por sobre o verde turvo do amplo rio
Os circunflexos brancos das gaivotas...
Por sobre a alma o adejar inútil
Do que não foi, nem pôde ser, e é tudo.

Dá-me mais vinho, porque a vida é nada.

Ah, perante esta única realidade

Ah, perante esta única realidade, que é o mistério,
Perante esta única realidade terrível - a de haver uma realidade.
Perante este horrível ser que é haver ser.
Perante este abismo de existir um abismo,
Este abismo de a existência de tudo ser um abismo,
Ser um abismo por simplesmente ser,
Por poder ser,
Por haver ser!
- Perante isto tudo como tudo o que os homens fazem,
Tudo o que os homens dizem,
Tudo quanto constroem, desfazem ou se constrói ou desfaz através deles,
Se empequena!
Não, não se empequena... se transforma em outra coisa -
Numa só coisa tremenda e negra e impossível.
Uma coisa que está para além dos deuses, de Deus, do Destino -
Aquilo que faz que haja deuses e Deus e Destino,
Aquilo que faz que haja ser para que possa haver seres,
Aquilo que subsiste através de todas as formas,
De todas as vidas, abstratas ou concretas,
Eternas ou contingentes,
Verdadeiras ou falsas!
Aquilo que, quando se abrangeu tudo, ainda ficou fora,
Porque quando se abrangeu tudo não se abrangeu explicar por que é um tudo,
Por que há qualquer coisa, por que há qualquer coisa, por que há
qualquer coisa!

Minha inteligência tornou-se um coração cheio de pavor,
E é com minhas idéias que tremo, com a minha consciência de mim.
Com a substância essencial do meu ser abstrato
Que sufoco de incompreensível,
Que me esmago de ultratranscendente,
E deste medo, desta angústia, deste perigo do ultra-ser,
Não se pode fugir, não se pode fugir, não se pode fugir!

Cárcere do Ser, não há libertação de ti?
Cárcere de pensar, não há libertação de ti?

Ah, não, nenhuma - nem morte, nem vida, nem Deus!
Nós, irmãos gêmeos do Destino em ambos existirmos,
Nós, irmãos gêmeos dos Deuses todos, de toda a espécie,
Em sermos o mesmo abismo, em sermos a mesma sombra,
Sombra sejamos, ou sejamos luz, sempre a mesma noite.
Ah, se afronto confiado a vida, a incerteza da sorte,
Sorridente, impensando, a possibilidade quotidiana de todos os males,
Inconsciente do mistério de todas as coisas e de todos os gestos,

Por que não afrontarei sorridente, inconsciente, a Morte?
Ignoro-a? Mas que é que eu não ignoro?
A pena em que pego, a letra que escrevo, o papel em que escrevo,
São mistérios menores que a Morte? Como, se tudo é o mesmo mistério?
E eu escrevo, estou escrevendo, por uma necessidade sem nada.
Ah, afronte eu como um bicho a morte que ele não sabe que existe!
Tenho eu a inconsciência profunda de todas as coisas naturais,
Pois, por mais consciência que tenha, tudo é inconsciência,
Porque é preciso existir para se criar tudo,
E existir é ser inconsciente, porque existir é ser possível haver ser,
E ser possível haver ser é maior que todos os Deuses.

Álvaro de Campos

Tabacaria

Não sou nada.
Nunca serei nada.
Não posso querer ser nada.
À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo.

Janelas do meu quarto,
Do meu quarto de um dos milhões do mundo que ninguém sabe quem é
(E se soubessem quem é, o que saberiam?),
Dais para o mistério de uma rua cruzada constantemente por gente,
Para uma rua inacessível a todos os pensamentos,
Real, impossivelmente real, certa, desconhecidamente certa,
Com o mistério das coisas por baixo das pedras e dos seres,
Com a morte a pôr umidade nas paredes e cabelos brancos nos homens,
Com o Destino a conduzir a carroça de tudo pela estrada de nada.

Estou hoje vencido, como se soubesse a verdade.
Estou hoje lúcido, como se estivesse para morrer,
E não tivesse mais irmandade com as coisas
Senão uma despedida, tornando-se esta casa e este lado da rua
A fileira de carruagens de um comboio, e uma partida apitada
De dentro da minha cabeça,
E uma sacudidela dos meus nervos e um ranger de ossos na ida.

Estou hoje perplexo, como quem pensou e achou e esqueceu.
Estou hoje dividido entre a lealdade que devo
À Tabacaria do outro lado da rua, como coisa real por fora,
E à sensação de que tudo é sonho, como coisa real por dentro.

Falhei em tudo.
Como não fiz propósito nenhum, talvez tudo fosse nada.
A aprendizagem que me deram,
Desci dela pela janela das traseiras da casa.
Fui até ao campo com grandes propósitos.
Mas lá encontrei só ervas e árvores,
E quando havia gente era igual à outra.
Saio da janela, sento-me numa cadeira. Em que hei de pensar?

Que sei eu do que serei, eu que não sei o que sou?
Ser o que penso? Mas penso tanta coisa!
E há tantos que pensam ser a mesma coisa que não pode haver tantos!
Gênio? Neste momento
Cem mil cérebros se concebem em sonho gênios como eu,
E a história não marcará, quem sabe?, nem um,
Nem haverá senão estrume de tantas conquistas futuras.

Não, não creio em mim.
Em todos os manicômios há doidos malucos com tantas certezas!
Eu, que não tenho nenhuma certeza, sou mais certo ou menos certo?
Não, nem em mim...
Em quantas mansardas e não-mansardas do mundo
Não estão nesta hora gênios-para-si-mesmos sonhando?
Quantas aspirações altas e nobres e lúcidas -
Sim, verdadeiramente altas e nobres e lúcidas -,
E quem sabe se realizáveis,
Nunca verão a luz do sol real nem acharão ouvidos de gente?
O mundo é para quem nasce para o conquistar
E não para quem sonha que pode conquistá-lo, ainda que tenha razão.
Tenho sonhado mais que o que Napoleão fez.
Tenho apertado ao peito hipotético mais humanidades do que Cristo,
Tenho feito filosofias em segredo que nenhum Kant escreveu.
Mas sou, e talvez serei sempre, o da mansarda,
Ainda que não more nela;
Serei sempre o que não nasceu para isso;
Serei sempre só o que tinha qualidades;
Serei sempre o que esperou que lhe abrissem a porta ao pé de uma parede sem porta,
E cantou a cantiga do Infinito numa capoeira,
E ouviu a voz de Deus num poço tapado.
Crer em mim? Não, nem em nada.
Derrame-me a Natureza sobre a cabeça ardente
O seu sol, a sua chava, o vento que me acha o cabelo,
E o resto que venha se vier, ou tiver que vir, ou não venha.
Escravos cardíacos das estrelas,
Conquistamos todo o mundo antes de nos levantar da cama;
Mas acordamos e ele é opaco,
Levantamo-nos e ele é alheio,
Saímos de casa e ele é a terra inteira,
Mais o sistema solar e a Via Láctea e o Indefinido

(Come chocolates, pequena;
Come chocolates!
Olha que não há mais metafísica no mundo senão chocolates.
Olha que as religiões todas não ensinam mais que a confeitaria.
Come, pequena suja, come!
Pudesse eu comer chocolates com a mesma verdade com que comes!
Mas eu penso e, ao tirar o papel de prata, que é de folha de estanho,
Deito tudo para o chão, como tenho deitado a vida.)

Mas ao menos fica da amargura do que nunca serei
A caligrafia rápida destes versos,
Pórtico partido para o Impossível.
Mas ao menos consagro a mim mesmo um desprezo sem lágrimas,
Nobre ao menos no gesto largo com que atiro
A roupa suja que sou, em rol, pra o decurso das coisas,
E fico em casa sem camisa.
(Tu que consolas, que não existes e por isso consolas,
Ou deusa grega, concebida como estátua que fosse viva,
Ou patrícia romana, impossivelmente nobre e nefasta,
Ou princesa de trovadores, gentilíssima e colorida,
Ou marquesa do século dezoito, decotada e longínqua,
Ou cocote célebre do tempo dos nossos pais,
Ou não sei quê moderno - não concebo bem o quê -
Tudo isso, seja o que for, que sejas, se pode inspirar que inspire!
Meu coração é um balde despejado.
Como os que invocam espíritos invocam espíritos invoco

A mim mesmo e não encontro nada.
Chego à janela e vejo a rua com uma nitidez absoluta.
Vejo as lojas, vejo os passeios, vejo os carros que passam,
Vejo os entes vivos vestidos que se cruzam,
Vejo os cães que também existem,
E tudo isto me pesa como uma condenação ao degredo,
E tudo isto é estrangeiro, como tudo.)
Vivi, estudei, amei e até cri,
E hoje não há mendigo que eu não inveje só por não ser eu.
Olho a cada um os andrajos e as chagas e a mentira,
E penso: talvez nunca vivesses nem estudasses nem amasses nem cresses
(Porque é possível fazer a realidade de tudo isso sem fazer nada disso);
Talvez tenhas existido apenas, como um lagarto a quem cortam o rabo
E que é rabo para alguém do lagarto remexidamente

Fiz de mim o que não soube
E o que podia fazer de mim não o fiz.
O dominó que vesti era errado.
Conheceram-me logo por quem não era e não desmenti, e perdi-me.
Quando quis tirar a máscara,
Estava pegada à cara.
Quando a tirei e me vi ao espelho,
Já tinha envelhecido.
Estava bêbado, já não sabia vestir o dominó que não tinha tirado.
Deitei fora a máscara e dormi no vestiário
Como um cão tolerado pela gerência
Por ser inofensivo
E vou escrever esta história para provar que sou sublime.

Essência musical dos meus versos inúteis,
Quem me dera encontrar-me como coisa que eu fizesse,
E não ficasse sempre defronte da Tabacaria de defronte,
Calcando aos pés a consciência de estar existindo,
Como um tapete em que um bêbado tropeça
Ou um capacho que os ciganos roubaram e não valia nada.

Mas o Dono da Tabacaria chegou à porta e ficou à porta.
Olho-o com o desconforto da cabeça mal voltada
E com o desconforto da alma mal-entendendo.
Ele morrerá e eu morrerei.
Ele deixará a tabuleta, eu deixarei os versos.
A certa altura morrerá a tabuleta também, os versos também.
Depois de certa altura morrerá a rua onde estive a tabuleta,
E a língua em que foram escritos os versos.
Morrerá depois o planeta girante em que tudo isto se deu.
Em outros satélites de outros sistemas qualquer coisa como gente
Continuará fazendo coisas como versos e vivendo por baixo de coisas como tabuletas,

Sempre uma coisa defronte da outra,
Sempre uma coisa tão inútil como a outra,
Sempre o impossível tão estúpido como o real,
Sempre o mistério do fundo tão certo como o sono de mistério da superfície,
Sempre isto ou sempre outra coisa ou nem uma coisa nem outra.

Mas um homem entrou na Tabacaria (para comprar tabaco?)
E a realidade plausível cai de repente em cima de mim.
Semiergo-me enérgico, convencido, humano,
E vou tencionar escrever estes versos em que digo o contrário.

Acendo um cigarro ao pensar em escrevê-los

E saboreio no cigarro a libertação de todos os pensamentos.
Sigo o fumo como uma rota própria,
E gozo, num momento sensitivo e competente,
A libertação de todas as especulações
E a consciência de que a metafísica é uma consequência de estar mal disposto.
Depois deito-me para trás na cadeira
E continuo fumando.
Enquanto o Destino mo conceder, continuarei fumando.

(Se eu casasse com a filha da minha lavadeira
Talvez fosse feliz.)
Visto isto, levanto-me da cadeira. Vou à janela.
O homem saiu da Tabacaria (metendo troco na algibeira das calças?).
Ah, conheço-o; é o Esteves sem metafísica.
(O Dono da Tabacaria chegou à porta.)
Como por um instinto divino o Esteves voltou-se e viu-me.
Acenou-me adeus, gritei-lhe Adeus ó Esteves!, e o universo
Reconstruiu-se-me sem ideal nem esperança, e o Dono da Tabacaria sorriu.

Álvaro de Campos (heterônimo de Fernando Pessoa)

FERREIRA GULLAR (1930)

A Bomba Suja

Introduzo na poesia
a palavra diarreia.
Não pela palavra fria
mas pelo que ela semeia.

Quem fala em flor não diz tudo.
Quem me fala em dor diz demais.
O poeta se torna mudo
sem as palavras reais.

No dicionário a palavra
é mera idéia abstrata.
Mais que palavra, diarreia
é arma que fere e mata.

Que mata mais do que faça,
mais que bala de fuzil,
homem, mulher e criança
no interior do Brasil.

Por exemplo, a diarreia,
no Rio Grande do Norte,
de cem crianças que nascem,
setenta e seis leva à morte.

É como uma bomba D
que explode dentro do homem
quando se dispara, lenta,
a espoleta da fome.

É uma bomba-relógio
(e relógio é o coração)
que enquanto o homem trabalha
vai preparando a explosão.

Bomba colocada nele
muito antes dele nascer;
que quando a vida desperta
nele, começa a bater.

Bomba colocada nele
pelos séculos de fome
e que explode em diarreia
no corpo de quem não come.
Não é uma bomba limpa:
é uma bomba suja e mansa
que elimina sem barulho
vários milhões de crianças.

Sobretudo no nordeste
mas não apenas ali,
que a fome do Piauí
se espalha de Leste a Oeste.

Cabe agora perguntar
quem é que faz essa fome,
quem foi que ligou a bomba

ao coração desse homem.

Quem é que rouba a esse homem
o cereal que ele planta,
quem come o arroz que ele colhe
se ele o colhe e não janta.

Quem faz café virar dólar
e faz arroz virar fome
é o mesmo que põe a bomba
suja no corpo do homem.

Mas precisamos agora
desarmar com nossas mãos
a espoleta da fome
que mata nossos irmãos.

Mas precisamos agora
deter o sabotador
que instala a bomba da fome
dentro do trabalhador.

E sobretudo é preciso
trabalhar com segurança
pra dentro de cada homem
trocar a arma da fome
pela arma da esperança.

(do livro "Dentro da noite veloz")

A Espera

Um grave acontecimento está sendo esperado por todos

Os banqueiros os capitães de indústria os
fazendeiros
ricos dormem mal. O ministro
da Guerra janta sobressaltado,
a pistola em cima da mesa.

Ninguém sabe de que forma desta vez a
necessidade
se manifestará:

se como
um furacão ou um maremoto
se descerá dos morros ou subirá dos vales
se manará dos subúrbios com a fúria dos rios
poluídos

Ninguém sabe.
Mas qualquer sopro num ramo
o anuncia

Um grave acontecimento
está sendo esperado
e nem Deus e nem a polícia
poderiam evitá-lo.

A Vida Bate

Não se trata do poema e sim do homem
e sua vida

- a mentida, a ferida, a consentida
vida já ganha e já perdida e ganha
outra vez.

Não se trata do poema e sim da fome
de vida,

o sôfrego pulsar entre constelações
e embrulhos, entre engulhos.

Alguns viajam, vão
a Nova York, a Santiago
do Chile. Outros ficam
mesmo na Rua da Alfândega, detrás
de balcões e de guichês.

Todos te buscam, facho
de vida, escuro e claro,

que é mais que a água na grama
que o banho no mar, que o beijo
na boca, mais
que a paixão na cama.

Todos te buscam e só alguns te acham. Alguns
te acham e te perdem.

Outros te acham e não te reconhecem
e há os que se perdem por te achar,

ó verdade, ó fome
de vida! ó desatino

O amor é difícil
mas pode luzir em qualquer ponto da cidade.

E estamos na cidade
sob as nuvens e entre as águas azuis.

A cidade. Vista do alto
ela é fabril e imaginária, se entrega inteira
como se estivesse pronta.

Vista do alto,
com seus bairros e ruas e avenidas, a cidade
é o refúgio do homem, pertence a todos e a
ninguém.

Mas vista
de perto,
revela o seu túrbido presente, sua
carnadura de pânico: as
pessoas que vão e vêm
que entram e saem, que passam
sem rir, sem falar, entre apitos e gases. Ah, o
escuro

sangue urbano
movido a juros.
São pessoas que passam sem falar
e estão cheias de vozes
e ruínas . És Antônio?
És Francisco? És Mariana?

Onde escondeste o verde
clarão dos dias? Onde
escondeste a vida
que em teu olhar se apaga mal se acende?

E passamos
carregados de flores sufocadas.

Mas, dentro, no coração,
eu sei,
a vida bate. Subterraneamente,
a vida bate.

Em Caracas, no Harlem, em Nova Delhi,
sob as penas da lei,
em teu pulso,

a vida bate.
E é essa clandestina esperança
misturada ao sal do mar
que me sustenta
esta tarde
debruçado à janela de meu quarto em Ipanema
na América Latina.

A alegria

O sofrimento não tem
nenhum valor
Não acende um halo
em volta de tua cabeça, não
ilumina trecho algum
de tua carne escura
(nem mesmo o que iluminaria
a lembrança ou a ilusão
de uma alegria).

Sofres tu, sofre
um cachorro ferido, um inseto
que o inseticida envenena.
Será maior a tua dor
que a daquele gato que viste
a espinha quebrada a pau
arrastando-se a berrar pela sarjeta
sem ao menos poder morrer?

A justiça é moral, a injustiça
não. A dor
te iguala a ratos e baratas
que também de dentro dos esgotos

espiam o sol
e no seu corpo nojento
de entre fezes
querem estar contentes.

Na vertigem do dia (1975 - 1980)

Aprendizado

Do mesmo modo que te abriste à alegria
abre-te agora ao sofrimento
que é fruto dela
e seu avesso ardente.

Do mesmo modo
que da alegria foste
ao fundo
e te perdeste nela
e te achaste
nessa perda
deixa que a dor se exerça agora
sem mentiras
nem desculpas
e em tua carne vaporize
toda ilusão

que a vida só consome
o que a alimenta.

De *Barulhos* (1980-1987)

Arte Poética

Não quero morrer não quero
apodrecer no poema
que o cadáver de minhas tardes
não venha feder em tua manhã feliz
e o lume
que tua boca acenda acaso das palavras
- ainda que nascido da morte -
some-se aos outros fogos do dia
aos barulhos da casa e da avenida
no presente veloz

Nada que se pareça
a pássaro empalhado, múmia
de flor
dentro do livro
e o que da noite volte
volte em chamuscas
ou em chaga

vertiginosamente como o jasmim
que num lampejo só
ilumina a cidade inteira

Barulho

Todo poema é feito de ar
apenas:

a mão do poeta
não rasga a madeira
não fere
o metal
a pedra
não tinge de azul
os dedos
quando escreve manhã
ou brisa
ou blusa
de mulher.

O poema
é sem matéria palpável
tudo
o que há nele
é barulho
quando rumoreja
ao sopro da leitura.

Cantada

Você é mais bonita que uma bola prateada
de papel de cigarro
Você é mais bonita que uma poça d'água
límpida
num lugar escondido
Você é mais bonita que uma zebra
que um filhote de onça
que um Boeing 707 em pleno ar
Você é mais bonita que um jardim florido
em frente ao mar em Ipanema
Você é mais bonita que uma refinaria da Petrobrás
de noite
mais bonita que Ursula Andress
que o Palácio da Alvorada
mais bonita que a alvorada
que o mar azul-safira
da República Dominicana

Olha,
você é tão bonita quanto o Rio de Janeiro
em maio
e quase tão bonita

quanto a Revolução Cubana

Cantiga para não morrer

Quando você for se embora,
moça branca como a neve,
me leve.

Se acaso você não possa
me carregar pela mão,
menina branca de neve,
me leve no coração.

Se no coração não possa
por acaso me levar,
moça de sonho e de neve,
me leve no seu lembrar.

E se aí também não possa
por tanta coisa que leve
já viva em seu pensamento,
menina branca de neve,
me leve no esquecimento.

De *Dentro da Noite Veloz* (1962-1975)

Dois e Dois: Quatro

Como dois e dois são quatro
Sei que a vida vale a pena
embora o pão seja caro
e a liberdade pequena
Como teus olhos são claros
e a tua pele morena
como é azul o oceano
e a lagoa, serena
e a noite carrega o dia
no seu colo de açucena
- sei que dois e dois são quatro
sei que a vida vale a pena
mesmo que o pão seja caro
e a liberdade pequena

Digo sim

Poderia dizer
que a vida é bela, e muito,
e que a revolução caminha com pés de flor
nos campos do meu país,
com pés de borracha
nas grandes cidades brasileiras
e que meu coração
é um sol de esperanças entre pulmões
e nuvens

Poderia dizer que meu povo
é uma festa só na voz de
Clara Nunes
no rodar
das cabrochas no carnaval
da Avenida.
Mas não. O poeta mente.

A vida nós amassamos em sangue
e samba
enquanto gira inteira a noite
sobre a pátria desigual. A vida
nós a fazemos nossa
alegre e triste, cantando
em meio à fome
e dizendo sim
- em meio à violência e a solidão dizendo
sim -
pelo espanto de beleza
pela fama de Tereza
pelo meu filho perdido
neste vasto continente
por Vianinha ferido
pelo nosso irmão caído

pelo amor e o que ele nega
pelo que dá e que cega
pelo que virá enfim,
não digo que a vida é bela
tampouco me nego a ela:
- digo sim

Outro grito cresce
agora no sigilo
de seu corpo; grito
que, sem essas penas
e esporões e crista
e sobretudo sem esse olhar
de ódio,
não seria tão rouco
e sangrento

Galo Galo

O galo
no salão quieto.

Galo galo
de alarmante crista, guerreiro,
medieval.

De córneo bico e
esporões, armado
contra a morte,
passeia.

Mede os passos. Pára.
Inclina a cabeça coroada
dentro do silêncio:

— que faço entre coisas ?
— de que me defendo ?

Anda.
No saguão.
O cimento esquece
o seu último passo.

Galo: as penas que
florescem da carne silenciosa
e duro bico e as unhas e o olho
sem amor. Grave
solidez.
Em que se apóia
tal arquitetura ?

Saberá que, no centro
de seu corpo, um grito
se elabora ?
Como, porém, conter,
uma vez concluído,
o canto obrigatório ?

Eis que bate as asas, vai
morrer, encurva o vertiginoso pescoço
donde o canto rubro escoá

Mas a pedra, a tarde,
o próprio feroz galo
subsistem ao grito.

Vê-se: o canto é inútil.

O galo permanece — apesar
de todo o seu porte marcial —
só, desamparado,
num saguão do mundo.
Pobre ave guerreira!

Grito, fruto obscuro
e extremo dessa árvore: galo.
Mas que, fora dele,
é mero complemento de auroras.

Homem Comum

Sou um homem comum
de carne e de memória
de osso e esquecimento.
e a vida sopra dentro de mim
pânica
feito a chama de um maçarico
e pode
subitamente
cessar.

Sou como você
feito de coisas lembradas
e esquecidas
rostos e mãos,
o guarda-sol vermelho ao meio-dia
em Pastos-Bons
defuntas alegrias flores passarinhos
facho de tarde luminosa
nomes que já nem sei
bandejas bandeiras bananeiras
tudo
misturado
essa lenha perfumada
que se acende
e me faz caminhar
Sou um homem comum
brasileiro, maior, casado, reservista,
e não vejo na vida, amigo,
nenhum sentido, senão
lutarmos juntos por um mundo melhor.
Poeta fui de rápido destino.
Mas a poesia é rara e não comove
nem move o pau-de-arara.
Quero, por isso, falar com você,
de homem para homem,
apoiar-me em você
oferecer-lhe o meu braço
que o tempo é pouco
e o latifúndio está aí, matando.

Que o tempo é pouco
e aí estão o Chase Bank,
a IT & T, a Bond and Share,
a Wilson, a Hanna, a Anderson Clayton,
e sabe-se lá quantos outros
braços do polvo a nos sugar a vida

e a bolsa
Homem comum, igual a você
cruzo a Avenida sob a pressão do imperialismo.
A sombra do latifúndio
mancha a paisagem
turva as águas do mar
e a infância nos volta
à boca, amarga,
suja de lama e de fome.

Mas somos muitos milhões de homens
comuns
e podemos formar uma muralha
com nossos corpos de sonho e margaridas.

(Brasília, 1963)

Madrugada

Do fundo de meu quarto, do fundo
de meu corpo
clandestino
ouço (não vejo) ouço
crescer no osso e no músculo da noite
a noite
a noite ocidental obscenamente acesa
sobre meu país dividido em classes

Meu pai

meu pai foi
ao Rio se tratar de
um câncer (que
o mataria) mas
perdeu os óculos
na viagem

quando lhe levei
os óculos novos
comprados na Ótica
Fluminense ele
examinou o estojo com
o nome da loja dobrou
a nota de compra guardou-a
no bolso e falou:
quero ver
agora qual é o
sacana que vai dizer
que eu nunca estive
no Rio de Janeiro

De *Muitas Vozes* (1999)

Meu Povo, Meu Poema

Meu povo e meu poema crescem juntos
como cresce no fruto
a árvore nova

No povo meu poema vai nascendo
como no canavial
nasce verde o açúcar

No povo meu poema está maduro
como o sol
na garganta do futuro

Meu povo em meu poema
se reflete
como a espiga se funde em terra fértil

Ao povo seu poema aqui devolvo
menos como quem canta
do que planta
Não há vagas

O preço do feijão
não cabe no poema. O preço
do arroz
não cabe no poema.
Não cabem no poema o gás
a luz o telefone
a sonegação
do leite
da carne
do açúcar
do pão

O funcionário público
não cabe no poema
com seu salário de fome
sua vida fechada
em arquivos.
Como não cabe no poema
o operário
que esmerila seu dia de aço
e carvão
nas oficinas escuras

- porque o poema, senhores,
está fechado:
"não há vagas"

Só cabe no poema
o homem sem estômago
a mulher de nuvens
a fruta sem preço

O poema, senhores,
não fede
nem cheira

Nós, latino-americanos

Somos todos irmãos
mas não porque tenhamos

a mesma mãe e o mesmo pai:
temos é o mesmo parceiro
que nos trai. Somos todos irmãos
não porque dividamos
o mesmo teto e a mesma mesa:
divisamos a mesma espada
sobre nossa cabeça.

Somos todos irmãos
não porque tenhamos
o mesmo braço, o mesmo sobrenome:
temos um mesmo trajeto
de sanha e fome. Somos todos irmãos
não porque seja o mesmo sangue
que no corpo levamos:
o que é o mesmo é o modo
como o derramamos.

No mundo há muitas armadilhas

No mundo há muitas armadilhas
e o que é armadilha pode ser refúgio
e o que é refúgio pode ser armadilha

Tua janela por exemplo
aberta para o céu
e uma estrela a te dizer que o homem é nada
ou a manhã espumando na praia
a bater antes de Cabral, antes de Tróia
(há quatro séculos Tomás Bequimão
tomou a cidade, criou uma milícia popular
e depois foi traído, preso, enforcado)

No mundo há muitas armadilhas
e muitas bocas a te dizer
que a vida é pouca
que a vida é louca
E por que não a Bomba? te perguntam.
Por que não a Bomba para acabar com tudo, já
que a vida é louca?

Contudo, olhas o teu filho, o bichinho
que não sabe
que afoito se entranha à vida e quer
a vida
e busca o sol, a bola, fascinado vê
o avião e indaga e indaga

A vida é pouca
a vida é louca
mas não há senão ela.
E não te mataste, essa é a verdade.

Estás preso à vida como numa jaula.
Estamos todos presos
nesta jaula que Gagárin foi o primeiro a ver
de fora e nos dizer: é azul.
E já o sabíamos, tanto
que não te mataste e não vais
te matar

e agüentarás até o fim.

O certo é que nesta jaula há os que têm
e os que não têm
há os que têm tanto que sozinhos poderiam
alimentar a cidade
e os que não têm nem para o almoço de hoje

A estrela mente
o mar sofisma. De fato,
o homem está preso à vida e precisa viver
o homem tem fome
e precisa comer
o homem tem filhos
e precisa criá-los
Há muitas armadilhas no mundo e é preciso quebrá-
las.

O açúcar

O branco açúcar que adoçará meu café
nesta manhã de Ipanema
não foi produzido por mim
nem surgiu dentro do açucareiro por milagre.
Vejo-o puro
e afável ao paladar
como beijo de moça, água
na pele, flor
que se dissolve na boca. Mas este açúcar
não foi feito por mim.
Este açúcar veio
da mercearia da esquina e tampouco o fez o Oliveira,
dono da mercearia.
este açúcar veio
de uma usina de açúcar em Pernambuco
ou no Estado do Rio
e tampouco o fez o dono da usina.
Este açúcar era cana
e veio dos canaviais extensos
que não nascem por acaso
no regaço do vale.
Em lugares distantes, onde não há hospital
nem escola,
homens que não sabem ler e morrem de fome
aos vinte e sete anos
plantaram e colheram a cana
que viraria açúcar.
Em usinas escuras,
homens de vida amarga
e dura
produziram este açúcar
branco e puro
com que adoço meu café esta manhã em Ipanema.

Os mortos

os mortos vêem o mundo
pelos olhos dos vivos

eventualmente ouvem,
com nossos ouvidos,
certas sinfonias
algun bater de portas,
ventanias

Ausentes
de corpo e alma
misturam o seu ao nosso riso
se de fato
quando vivos
acharam a mesma graça

De *Muitas Vozes* (1999)

Poema brasileiro

No Piauí de cada 100 crianças que nascem
78 morrem antes de completar 8 anos de idade

No Piauí
de cada 100 crianças que nascem
78 morrem antes de completar 8 anos de idade

No Piauí
de cada 100 crianças
que nascem
78 morrem
antes
de completar
8 anos de idade

antes de completar 8 anos de idade
antes de completar 8 anos de idade
antes de completar 8 anos de idade
antes de completar 8 anos de idade

Poema obsceno

Façam a festa
cantem e dancem
que eu faço o poema duro
o poema-murro
sujo
como a miséria brasileira

Não se detenham:
façam a festa

Bethânia Martinho
Clementina
Estação Primeira de Mangueira Salgueiro
gente de Vila Isabel e Madureira
todos
façam
a nossa festa

enquanto eu soco este pilão
este surdo
poema
que não toca no rádio
que o povo não cantará
(mas que nasce dele)
Não se prestará a análises estruturalistas
Não entrará nas antologias oficiais
Obsceno
como o salário de um trabalhador aposentado
o poema
terá o destino dos que habitam o lado escuro do país
- e espreitam.

Poemas Portugueses (4)

Nada vos oferto
além destas mortes
de que me alimento
Caminhos não há
Mas os pés na grama
os inventarão
Aqui se inicia
uma viagem clara
para a encantação
Fonte, flor em fogo,
quem é que nos espera
por detrás da noite ?
Nada vos sovino:
com a minha incerteza
vos ilumino

Subversiva

A poesia
quando chega
não respeita nada.
Nem pai nem mãe.
Quando ela chega
de qualquer de seus abismos
desconhece o Estado e a Sociedade Civil
infringe o Código de Águas
relincha
como puta
nova
em frente ao Palácio da Alvorada.

E só depois
reconsidera: beija
nos olhos os que ganham mal
emba no colo
os que têm sede de felicidade
e de justiça

E promete incendiar o país

Um instante

Aqui me tenho
Como não me conheço
nem me quis

sem começo
nem fim

aqui me tenho
sem mim

nada lembro
nem sei

à luz presente
sou apenas um bicho
transparente

Traduzir-se

Uma parte de mim
é todo mundo:
outra parte é ninguém:
fundo sem fundo.

Uma parte de mim
é multidão:
outra parte estranheza
e solidão.

Uma parte de mim
pesa, pondera:
outra parte
delira.

Uma parte de mim
almoça e janta:
outra parte
se espanta.

Uma parte de mim
é permanente:
outra parte
se sabe de repente.

Uma parte de mim
é só vertigem:
outra parte,
linguagem.

Traduzir uma parte
na outra parte
— que é uma questão
de vida ou morte —
será arte?

De *Na Vertigem do Dia* (1975-1980)

Poema Sujo - um fragmento: Velocidades

Mas na cidade havia
muita luz,
a vida
fazia rodar o século nas nuvens
sobre nossa varanda
por cima de mim e das galinhas no quintal
por cima
do depósito onde mofavam
paneiros de farinha
atrás da quitanda,
e era pouco
viver, mesmo
no salão de bilhar, mesmo
no botequim do Castro, na pensão
da Maroca nas noites de sábado, era pouco
banhar-se e descer a pé
para a cidade de tarde
(sob o rumor das árvores)
ali
no norte do Brasil
vestido de brim.

E por ser pouco
era muito,
que pouco muito era o verde
fogo da grama, o musgo do muro, o galo
que vai morrer,
a louça na cristaleira,
o doce na compoteira, a falta
de afeto, a busca
do amor nas coisas.

Não nas pessoas:
nas coisas, na muda carne
das coisas, na cona da flor, no oculto
falar das águas sozinhas:
que a vida
passava por sobre nós,
de avião.

Não tem a mesma velocidade o domingo
que a sexta-feira com seu azáfama de compras
fazendo aumentar o tráfego e o consumo
de caldo de cana gelado,
nem tem
a mesma velocidade
a açucena e a maré
com seu exército de borbulhas e ardentes caravelas
a penetrar soturnamente o rio
noutra lentidão que a do crepúsculo
que, no alto,

com sua grande engrenagem escangalhada
moía a luz.

Outra velocidade
tem Bizuza sentada no chão do quarto
a dobrar os lençóis lavados e passados
a ferro, arrumando-os na gaveta da cômoda,
como se a vida fosse eterna.

E era
naquele seu universo de almoços e temperos
de folhas de louro e de pimenta-do-reino
mastruz para tosse braba,
universo
de panelas e canseiras entre as paredes da
cozinha

dentro de um surrado vestido de chita,
enfim,
onde batia o seu pequenino coração.

E se não era
eterna a vida, dentro e fora do armário,
o certo é que
tendo cada coisa uma velocidade

(a do melado
escura, clara
a da água
a derramar-se)

cada coisa se afastava
desigualmente
de sua possível eternidade.

Ou
se se quer
desigualmente

a tecia
na sua própria carne escura ou clara
num transcorrer mais profundo que o da
semana.

Por isso não é certo dizer
que é no domingo que melhor se vê
a cidade

- as fachadas de azulejo, a Rua do Sol vazia
as janelas trançadas no silêncio -
quando ela
parada
parece flutuar.

E que melhor se vê uma cidade
quando - como Alcântara
todos os habitantes se foram
e nada resta deles (sequer
um espelho de aparador num daqueles
aposentos sem teto) - se não
entre as ruínas
a persistente certeza de que
naquele chão
onde agora crescem carrapichos
eles efetivamente dançaram
(e quase se ouvem vozes
e gargalhadas
que se acendem e apagam nas dobras da brisa)
Mas

se é espantoso pensar
como tanta coisa sumiu, tantos
guarda-roupas e camas e mucamas
tantas e tantas saias, anáguas,
sapatos dos mais variados modelos
arrastados pelo ar junto com as nuvens,
a isso

responde a manhã
que
com suas muitas e azuis velocidades
segue em frente
alegre e sem memória

É impossível dizer
em quantas velocidades diferentes
se move uma cidade

a cada instante
(sem falar nos mortos
que voam para trás)
ou mesmo uma casa

onde a velocidade da cozinha
não é igual à da sala (aparentemente imóvel
nos seus jarros e bibelôs de porcelana)
nem à do quintal
escancarado às ventanias da época

e que dizer das ruas
de tráfego intenso e da circulação do dinheiro
e das mercadorias

desigual segundo o bairro e a classe, e da
rotação do capital
mais lenta nos legumes
mais rápida no setor industrial, e
da rotação do sono
sob a pele,
do sonho
nos cabelos?

e as tantas situações da água nas vasilhas
(pronta a fugir)

a rotação
da mão que busca entre os pentelhos
o sonho molhado os muitos lábios
do corpo
que ao afago se abre em rosa, a mão
que ali se detém a sujar-se
de cheiros de mulher,
e a rotação
dos cheiros outros
que na quinta se fabricam
junto com a resina das árvores e o canto
dos passarinhos?
Que dizer da circulação
da luz solar
arrastando-se no pó debaixo do guarda-roupa
entre sapatos?
e da circulação

dos gatos pela casa
dos pombos pela brisa?
e cada um desses fatos numa velocidade
própria

sem falar na própria velocidade
que em cada coisa há
como os muitos

sistemas de açúcar e álcool numa pêra
girando
todos em diferentes ritmos
(que quase

se pode ouvir)
e comondo a velocidade geral
que a pêra é

do mesmo modo que todas essas velocidades
mencionadas
compõem
(nosso rosto refletido na água do tanque)
o dia
que passa
- ou passou -
na cidade de São Luís.

E do mesmo modo
que há muitas velocidades num
só dia
e nesse mesmo dia muitos dias
assim
não se pode também dizer que o dia
tem um único centro
(feito um caroço
ou um sol)
porque na verdade um dia
tem inumeráveis centros
como, por exemplo, o pote de água
na sala de jantar
ou na cozinha
em tomo do qual
desordenadamente giram os membros da família.

E se nesse caso
é a sede a força de gravitação
outras funções metabólicas
outros centros geram
como a sentina
a cama
ou a mesa de jantar
(sob uma luz encardida numa
porta-e-janela da Rua da Alegria
na época da guerra)
sem falar nos centros cívicos, nos centros
espíritas, no Centro Cultural
Gonçalves Dias ou nos mercados de peixe,
colégios, igrejas e prostíbulos,
outros tantos centros do sistema

em que o dia se move
(sempre em velocidades diferentes)
sem sair do lugar.

Porque
quando todos esses sóis se apagam
resta a cidade vazia
(como Alcântara)
no mesmo lugar.

Porque
diferentemente do sistema solar
a esses sistemas
não os sustém o sol e sim
os corpos
que em tomo dele giram:
não os sustém a mesa
mas a fome
não os sustém a cama
e sim o sono
não os sustém o banco
e sim o trabalho não pago

E essa é a razão por que
quando as pessoas se vão
(como em Alcântara)

apagam-se os sóis (os
potes, os fogões)
que delas recebiam o calor

essa é a razão
por que em São Luís
donde as pessoas não se foram
ainda neste momento a cidade se move
em seus muitos sistemas
e velocidades
pois quando um pote se quebra
outro pote se faz
outra cama se faz
outra jarra se faz
outro homem
se faz
para que não se extinga
o fogo
na cozinha da casa

O que eles falavam na cozinha
ou no alpendre do sobrado
(na Rua do Sol)
saía pelas janelas

se ouvia nos quartos de baixo
na casa vizinha, nos fundos da Movelaria
(e vá alguém saber
quanta coisa se fala numa cidade
quantas vozes
resvalam por esse intrincado labirinto
de paredes e quartos e saguões,

de banheiros, de pátios, de quintais
vozes

entre muros e plantas,
risos,
que duram um segundo e se apagam)

E são coisas vivas as palavras
e vibram da alegria dó corpo que as gritou
têm mesmo o seu perfume, o gosto
da carne
que nunca se entrega realmente
nem na cama

senão a si mesma
à sua própria vertigem
ou assim falando ou rindo
no ambiente familiar

enquanto como um rato
tu podes ouvir e ver
de teu buraco
como essas vozes batem nas paredes do

pátio vazio

na armação de ferro onde seca uma parreira
entre arames
de tarde
numa pequena cidade latino-americana.

E nelas há
uma iluminação mortal

que é da boca
em qualquer tempo

mas que ali
na nossa casa
entre móveis baratos
e nenhuma dignidade especial
minava a própria existência.

Ríamos, é certo,
em torno da mesa de aniversário coberta de
pastilhas
de hortelã enroladas em papel de seda
colorido,
ríamos, sim,
mas

era como se nenhum afeto valesse
como se não tivesse sentido rir
numa cidade tão pequena.

O homem está na cidade
como uma coisa está em outra
e a cidade está no homem
que está em outra cidade

mas variados são os modos
como uma coisa
está em outra coisa:
o homem, por exemplo, não está na

cidade

como uma árvore está
em qualquer outra
nem como uma árvore
está em qualquer uma de suas folhas
(mesmo rolando longe dela)
O homem não está na cidade
como uma árvore está num livro
quando um vento ali a folheia

a cidade está no homem
mas não da mesma maneira
que um pássaro está numa árvore
não da mesma maneira que um pássaro
(a imagem dele)
está/va na água

e nem da mesma maneira
que o susto do pássaro
está no pássaro que eu escrevo

a cidade está no homem
quase como a árvore voa
no pássaro que a deixa

cada coisa está em outra
de sua própria maneira
e de maneira distinta
de como está em si mesma

a cidade não está no homem
do mesmo modo que em sua
quitandas praças e ruas

Buenos Aires, mai/out/1975

mar azul

mar azul marco azul
mar azul marco azul barco azul
mar azul marco azul barco azul arco azul
mar azul marco azul barco azul arco azul ar azul

GIOCONDA BELLI (NICARÁGUA, 1948)

Amor de frutas

Déjame que esparza
manzanas en tu sexo
néctares de mango
carne de fresas;

Tu cuerpo son todas las frutas.

Te abrazo y corren las mandarinas;
te beso y todas las uvas sueltan
el vino oculto de su corazón
sobre mi boca.

Mi lengua siente en tus brazos
el zumo dulce de las naranjas
y en tus piernas el promegranate
esconde sus semillas incitantes.

Déjame que coseche los frutos de agua
que sudan en tus poros:

Mi hombre de limones y duraznos,
dame a beber fuentes de melocotones y bananos
racimos de cerezas.

Tu cuerpo es el paraíso perdido
del que nunca jamás ningún Dios
podrá expulsarme.

Es larga la tarde...

Es larga la tarde
como el camino curvo hasta tu casa
por donde regreso arrastrando los pies
hasta mi cama sola
a dormir con tu olor engarzado en mi piel,
a dormir con tu sombra.

Es larga la tarde
y el amor redondo como el gatillo de una pistola
me rodea de frente, de lado, de perfil.
El sueño pesa sobre mis hombros
y me acerca de nuevo a vos,
al huequito de tu brazo,
a tu respiración,
a una continuación infinita de la batalla
de sábanas y almohadas que empezamos
y que pone risa
y energía
a nuestro cansancio.

Como gata boca arriba

Te quiero como gata boca arriba,
panza arriba te quiero,
maullando a través de tu mirada,
de este amor-jaula
violento,
lleno de zarpazos
como una noche de luna
y dos gatos enamorados
discutiendo su amor en los tejados,
amándose a gritos y llantos,
a maldiciones, lagrimas y sonrisas
(de esas que hacen temblar el cuerpo de alegría)

Te quiero como gata panza arriba
y me defiendo de huir,
de dejar esta pelea
de callejones y noches sin hablarnos,
este amor que me marea,
que me llena de polen,
de fertilidad
y me anda en el día por la espalda
haciéndome cosquillas.

No me voy, no quiero irme, dejarte,
te busco agazapada
ronroneando,
te busco saliendo detrás del sofá,
brincando sobre tu cama,
pasándote la cola por los ojos,
te busco desperezándome en la alfombra,
poniéndome los anteojos para leer
libros de educación del hogar
y no andar chiflada y saber manejar la casa,
poner la comida,
asear los cuartos,
amarte sin polvo y sin desorden,
amarte organizadamente,
poniéndole orden a este alboroto
de revolución y trabajo y amor
a tiempo y destiempo,
de noche, de madrugada,
en el baño,
riéndonos como gatos mansos,
lamiéndonos la cara como gatos viejos y cansados
a los pies del sofá de leer el periódico.

Te quiero como gata agradecida,
gorda de estar mimada,
te quiero como gata flaca
perseguida y llorona,
te quiero como gata, mi amor,

como gata, Gioconda,
como mujer,
te quiero.

Desafío a la vejez

Cuando yo llegue a vieja
-si es que llego-
y me mire al espejo
y me cuente las arrugas
como una delicada orografía
de distendida piel.
Cuando pueda contar las marcas
que han dejado las lágrimas
y las preocupaciones,
y ya mi cuerpo responda despacio
a mis deseos,
cuando vea mi vida envuelta
en venas azules,
en profundas ojeras,
y suelte blanca mi cabellera
para dormirme temprano
-como corresponde-
cuando vengan mis nietos
a sentarse sobre mis rodillas
enmohecidas por el paso de muchos inviernos,
sé que todavía mi corazón
estará -rebelde- tictaqueando
y las dudas y los anchos horizontes
también saludarán
mis mañanas.

Huelga

Quiero una huelga donde vayamos todos.
Una huelga de brazos, piernas, de cabellos,
una huelga naciendo en cada cuerpo.

Quiero una huelga
de obreros de palomas
de choferes de flores
de técnicos de niños
de médicos de mujeres.

Quiero una huelga grande,
que hasta el amor alcance.
Una huelga donde todo se detenga,
el reloj las fábricas
el plantel los colegios
el bus los hospitales
la carretera los puertos.

Una huelga de ojos, de manos y de besos.
Una huelga donde respirar no sea permitido,
una huelga donde nazca el silencio
para oír los pasos del tirano que se marcha.

Estoy viva como fruta madura...

Estoy viva
como fruta madura
dueña ya de inviernos y veranos,
abuela de los pájaros,
tejedora del viento navegante.

No se ha educado aún mi corazón
y, niña, tiemblo en los atardeceres,
me deslumbran el verde, las marimbas
y el ruido de la lluvia
hermanándose con mi húmedo vientre,
cuando todo es más suave y luminoso.

Crezco y no aprendo a crecer,
no me desilusiono,
ni me vuelvo mujer envuelta en velos,
descreída de todo, lamentando su suerte.
No. Con cada día, se me nacen los ojos del
asombro,
de la tierra parida,
el canto de los pueblos,
los brazos del obrero construyendo,
la mujer vendedora con su ramo de hijos,
los chavalos alegres marchando hacia el colegio.

Si.

Es verdad que a ratos estoy triste
y salgo a los caminos,
suelta como mi pelo,
y lloro por las cosas más dulces y más tiernas
y atesorar recuerdos
brotando entre mis huesos
y soy una infinita espiral que se retuerce
entre lunas y soles,
avanzando en los días,
desenrollando el tiempo
con miedo o desparpajo,
desenvainando estrellas
para subir más alto, más arriba,
dándole caza al aire,
gozándome en el ser que me sustenta,
en la eterna marea de flujos y reflujos
que mueve el universo
y que impulsa los giros redondos de la tierra.

Soy la mujer que piensa.
Algún día
mis ojos
encenderán luciérnagas.

Eva advierte sobre las manzanas

*"Allí te quedo en el pecho,
por muchos años me goces"*
C.M.R.

Con poderes de Dios
-centauro omnipotente-
me sacaste de la costilla curva de mi mundo
lanzándome a buscar tu prometida tierra,
la primera estación del paraíso.

Todo dejé atrás.
No oí lamentos, ni recomendaciones
porque en todo el Universo de mi ceguera
solo vos brillabas
recortado sol en la oscuridad.

Y así,
Eva de nuevo,
comí la manzana;
quise construir casa y que la habitáramos,
tener hijos para multiplicar nuestro estrenado
territorio.
Pero, después,
sólo estuvieron en vos
las cacerías, los leones,
el elogio a la soledad
y el hosco despertar.

Para mí solamente los regresos de prisa,
tu goce de mi cuerpo,
el descargue repentino de ternura
y luego,
una y otra vez, la huida
tijereteando mi sueño,
llenando de lágrimas la copa de miel
tenazmente ofrecida.

Me desgasté como piedra de río.
Tantas veces pasaste por encima de mis
murmillos,
de mis gritos,
abandonándome en la selva de tus confusiones
sin lámpara, ni piedras para hacer fuego y
calentarme,
o adivinar el rumbo de tu sombra.

Por eso un día,
vi por última vez
tu figura recostada en el rojo fondo de la habitación
donde conocí más furia que ternura

y te dije adiós
desde el caliente fondo de mis entrañas,
desde el río de lava de mi corazón.

No me llevé nada
porque nada de lo tuyo me pertenecía
-nunca me hiciste dueña de tus cosas-
y saliste de mí
como salen -de pronto-
desparramados, tristes,
los árboles convertidos en trozas,
muertos ya,
pulpa para el recuerdo,
material para entretejer versos.

Fuiste mi Dios
y como Adán, también
me preñaste de frutas y malinches,
de poemas y cogollos,
racimos de inexplicables desconciertos.

Para nunca jamás
esta Eva verá espejismos de paraíso
o morderá manzanas dulces y peligrosas,
orgullosas,
soberbias,
inadecuadas
para el amor.

Luciérnagas

A las cinco de la tarde
Cuando el resplandor se queda sin brillo
Y el jardín se sumerge
en el último hervor dorado del día
Oigo el grupo bullicioso de niños
Que salen a cazar luciérnagas.

Corriendo sobre el pasto
Se dispersan entre los arbustos,
Gritan su excitación, palpan su deslumbre
Se arma un círculo alrededor de la pequeña
Que muestra la encendida cuenca de sus manos
Titilando.

Antiguo oficio humano
Este de querer apagar la luz.

¿Te acordás de la última vez que creímos poder
iluminar la noche?

El tiempo nos ha vaciado de fulgor.
Pero la oscuridad
Sigue poblada de luciérnagas.

Invitación Feminista

Yo,
mujer de la luna,
te convoco a besarme.
Te convoco a los cráteres
de mi geografía.
Ven.
Despójate de emociones.
Apacienta rebaños
en mis colinas.

Yo
mujer de la tierra
te convoco un amor de signo nuevo
un amor vegetal de mil semillas,
alto, sólido, tronco de los árboles.
Ven.
Despertemos del barro.
Te invito al aire de mis nuevas alas.

Yo
mujer vientre del sol,
te convoco a la luz,
a juntarte conmigo al mediodía.
Ninguna sombra entre nosotros medie.
Ven.
Álzate conmigo hasta el cenit.
Mírame desde la misma altura.

Juntos apaciguaremos la muerte.
Juntos enterneceremos las piedras.
Juntos abriremos el mar.
Nos tomaremos la Tierra Prometida.
Incendiamos el rostro de los siglos.

Hago más las faltas. Siento en mí a cuantos sufren
y canto respirando.
Canto y canto, y cantando más allá de mis penas
personales, me ensancho.

Quisiera darte vida, provocar nuevos actos,
y calculo por eso con técnica, qué puedo.
Me siento un ingeniero del verso y un obrero
que trabaja con otros a España y sus aceros.

Tal es mi poesía: poesía-herramienta
a la vez que latido de lo unánime y ciego.
Tal es, arma cargada de futuro expansivo
con que te apunto al pecho.

No es una poesía gota a gota pensada.
No es un bello producto. No es un fruto perfecto.
Es algo como el aire que todos respiramos
y es el canto que espacia cuanto dentro llevamos.

Son palabras que todos repetimos sintiendo
como nuestras y, vuelan. Son más que lo mentado.
Son lo más necesario: lo que no tiene nombre.
Son gritos en el cielo, y en la tierra, son actos.

Mi amor es como un río caudaloso

Chorreándose en el cuerpo de mi hombre,
mi amor toca tambor y flauta
en las montañas de mi tierra,
dispara con ametralladora
su descarga de besos.
Es un amor de guerra
con «adiós» y «nos vemos»
un amor con señales de humo
-a lo lejos-
un amor para llevarse en mochilas
para andar clandestino
por ciudades y valles.
Es un amor para cantar victoria,
para llorar heridos
y aprender de derrotas.
Mi amor es bien contento
aunque -a veces- me haga brotar el llanto
es grande como la esperanza
y el valor de mi pueblo;
tiene olores de finca
huele a tierra mojada y campo.
Mi amor es fiero,
ardiente como la libertad,
no conoce de tiempo,
anda dentro de mí
desbocado y rebelde.
Me ha llenado de luz
y lo llevo cargado como un fusil al hombro
lloro y río por él
por este amor hermoso,
claro, como tus ojos.

Partirás otra vez

Partirás otra vez
porque la tierra llama
con la fuerza de una mujer desamparada.
Partirás otra vez, mi amor,
porque es allá
donde la vida de tantos se resuelve.
Allá te espera la esperanza,
la lucha sin cuartel.
Allá son los desvelos
y el reto de un tiempo sin medida
tratando de saltar al paso de la historia.

Anda, mi amor,
anda con esos brazos que me abrazan,
con esa boca que me besa,
a chorrear fuego, amor,
a llevar esa fuerza
a la tierra desde donde salimos
a la tierra que amamos.
Anda, mi amor,
yo voy también aunque me quede lejos
y estaré allí con vos
en el viento y la lluvia,
en el calor del medio día,
en las tapitas de dulce,
en las chicharras y en los grillos,
en el peligro,
allí por donde andes,
andaré yo,
entre la tierra y tu sombra
habrá una mujer
acariciándote.

Pequeñas lecciones de erotismo

I
Recorrer un cuerpo en su extensión de vela
es dar la vuelta al mundo
Atravesar sin brújula la rosa de los vientos
islas golfos penínsulas diques de aguas
embravecidas
no es tarea fácil -si placentera-
No creas hacerlo en un día o noche
de sábanas explyadas.
Hay secretos en los poros para llenar muchas lunas

II
El cuerpo es carta astral en lenguaje cifrado.
Encuentras un astro y quizá deberás empezar
a corregir el rumbo cuando nube huracán
o aullido profundo
te pongan estremecimientos.
Cuenco de la mano que no sospechaste

III
Repasa muchas veces una extensión
Encuentra el lago de los nenúfares
Acaricia con tu ancla el centro del lirio
Sumérgete ahógate distiéndete
No te niegues el olor la sal el azúcar
Los vientos profundos
cúmulos nimbus de los pulmones
niebla en el cerebro
temblor de las piernas
maremoto adormecido de los besos

IV
Instálate en el humus sin miedo
al desgaste sin prisa
No quieras alcanzar la cima

Retrasa la puerta del paraíso
Acuna tu ángel caído
revuélvele la espesa cabellera
con la espada de fuego usurpada
Muerde la manzana

V
Huele
Duele
Intercambia miradas saliva impregnante
Da vueltas imprime sollozos piel que se escurre
Pie hallazgo al final de la pierna
Persíguelo busca secreto del paso forma del talón
Arco del andar bahías formando arqueado caminar
Gústalos

VI
Escucha caracola del oído
como gime la humedad
Lóbulo que se acerca al labio sonido de la
respiración
Poros que se alzan formando diminutas montañas
Sensación estremecida de piel insurrecta al tacto
Suave puente nuca descende al mar pecho
Marea del corazón susúrrale
Encuentra la gruta del agua

VII
Traspasa la tierra del fuego la buena esperanza
Navega loco en la juntura de los océanos
Cruza las algas ármate de corales ulula gime
Emerge con la rama de olivo
Llora socavando ternuras ocultas
Desnuda miradas de asombro
Despeña el sextante desde lo alto de la pestaña
Arquea las cejas abre ventanas de la nariz

VIII
Aspira suspira
Muérete un poco
Dulce lentamente muérete
Agoniza contra la pupila extiende el goce
Dobla el mástil hincha las velas
Navega dobla hacia Venus
estrella de la mañana
-el mar como un vasto cristal azogado-
Duérmete náufrago.

Recorriéndote

Quiero morder tu carne,
salada y fuerte,
empezar por tus brazos hermosos
como ramas de ceibo,
seguir por ese pecho con el que sueñan mis sueños
ese pecho-cueva donde se esconde mi cabeza
hurgando la ternura,
ese pecho que suena a tambores y vida continuada.

Quedarme allí un rato largo
enredando mis manos
en ese bosquecito de arbustos que te crece
suave y negro bajo mi piel desnuda
seguir después hacia tu ombligo
hacia ese centro donde te empieza el cosquilleo,
irte besando, mordiendo,
hasta llegar allí
a ese lugarcito
-apretado y secreto-
que se alegra ante mi presencia
que se adelanta a recibirme
y viene a mí
en toda su dureza de macho enardecido.
Bajar luego a tus piernas
firmes como tus convicciones guerrilleras,
esas piernas donde tu estatura se asienta
con las que vienes a mí
con las que me sostienes,
las que enredas en la noche entre las mías
blandas y femeninas.
Besar tus pies, amor,
que tanto tienen aun que recorrer sin mí
y volver a escalarte
hasta apretar tu boca con la mía,
hasta llenarme toda de tu saliva y tu aliento
hasta que entres en mí
con la fuerza de la marea
y me invadas con tu ir y venir
de mar furioso
y quedemos los dos tendidos y sudados
en la arena de las sábanas.

Reglas del juego para los hombres que queiran amar a mujeres mujeres

I
El hombre que me ame
deberá saber descorrer las cortinas de la piel,
encontrar la profundidad de mis ojos
y conocer lo que anida en mí,
la golondrina transparente de la ternura.

II
El hombre que me ame
no querrá poseerme como una mercancía,
ni exhibirme como un trofeo de caza,
sabrás estar a mi lado
con el mismo amor
conque yo estaré al lado suyo.

III
El amor del hombre que me ame
será fuerte como los árboles de ceibo,
protector y seguro como ellos,
limpio como una mañana de diciembre.

IV
El hombre que me ame
no dudará de mi sonrisa
ni temerá la abundancia de mi pelo,
respetará la tristeza, el silencio
y con caricias tocará mi vientre como guitarra
para que brote música y alegría
desde el fondo de mi cuerpo.

V
El hombre que me ame
podrá encontrar en mí
la hamaca donde descansar
el pesado fardo de sus preocupaciones,
la amiga con quien compartir sus íntimos secretos,
el lago donde flotar
sin miedo de que el ancla del compromiso
le impida volar cuando se le ocurra ser pájaro.

VI
El hombre que me ame
hará poesía con su vida,
construyendo cada día
con la mirada puesta en el futuro.

VII
Por sobre todas las cosas,
el hombre que me ame
deberá amar al pueblo
no como una abstracta palabra
sacada de la manga,
sino como algo real, concreto,
ante quien rendir homenaje con acciones
y dar la vida si es necesario.

VIII
El hombre que me ame
reconocerá mi rostro en la trinchera
rodilla en tierra me amará
mientras los dos disparamos juntos
contra el enemigo.

IX
El amor de mi hombre
no conocerá el miedo a la entrega,
ni temerá descubrirse ante la magia del
enamoramiento
en una plaza llena de multitudes.
Podrá gritar -te quiero-
o hacer rótulos en lo alto de los edificios
proclamando su derecho a sentir
el más hermoso y humano de los sentimientos.

X
El amor de mi hombre
no le huirá a las cocinas,
ni a los pañales del hijo,
será como un viento fresco
llevándose entre nubes de sueño y de pasado,

las debilidades que, por siglos, nos mantuvieron separados como seres de distinta estatura.

XI

El amor de mi hombre no querrá rotularme y etiquetarme, me dará aire, espacio, alimento para crecer y ser mejor, como una Revolución que hace de cada día el comienzo de una nueva victoria.

Sencillos deseos

Hoy quisiera tus dedos escribiéndome historias en el pelo, y quisiera besos en la espalda, acurrucos, que me dijeras las más grandes verdades o las más grandes mentiras, que me dijeras por ejemplo que soy la mujer más linda, que me querés mucho, cosas así, tan sencillas, tan repetidas, que me delinearas el rostro y me quedaras viendo a los ojos como si tu vida entera dependiera de que los míos sonrieran alborotando todas las gaviotas en la espuma. Cosas quiero como que andes mi cuerpo camino arbolado y oloroso, que seas la primera lluvia del invierno dejándote caer despacio y luego en aguacero. Cosas quiero, como una gran ola de ternura deshaciéndome un ruido de caracol, un cardumen de peces en la boca, algo de eso frágil y desnudo, como una flor a punto de entregarse a la primera luz de la mañana, o simplemente una semilla, un árbol, un poco de hierba.

Te duermes

Te duermes a mi lado. Caes silenciosamente en ese mundo donde yo puedo ser alguna remota conocida, una compañera de banca de parque o la amante que acabas de dejar para evadirte a esa región donde, mutuamente, nos privamos de la palabra.

Me conmueve verte dormido, hundido en las sabanas con el abandono del sueño, enigmáticamente encerrado en tu cuerpo.

También yo me dormiré y entonces quizás te despiertes y pienses esto que yo estoy pensando, tal vez me imaginarás enredada en algún árbol enmarañado de los que sabes que me encantan y me quieras alcanzar tocándome, sacándome del mutismo de estación de radio apagada, volviéndome a traer hacia tu lado, hacia el amor que nos dio el sueño.

Te veo como un temblor...

Te veo como un temblor en el agua. Te vas, te venís, y dejás anillos en mi imaginación.

Cuando estoy con vos quisiera tener varios yo, invadir el aire que respiras, transformarme en un amor caliente para que me sudés y poder entrar y salir de vos.

Acariciarte cerebralmente o meterme en tu corazón y explotar con cada uno de tus latidos.

Sembrarte como un gran árbol en mi cuerpo y cuidar de tus hojas y tu tronco, darte mi sangre de savia y convertirme en tierra para vos.

Siento un aliento cosquilloso cuando estamos juntos, quisiera convertirme en risa, llena de gozo, retozar en playas de ternuras recién descubiertas, pero que siempre presentí, amarte, amarte hasta que todo se nos olvide y no sepamos quién es quién.

Y Dios me hizo mujer

Y Dios me hizo mujer, de pelo largo,

ojos, nariz y boca de mujer.
Con curvas
y pliegues
y suaves hondonadas
y me cavó por dentro,
me hizo un taller de seres humanos.
Tejió delicadamente mis nervios
y balanceó con cuidado
el número de mis hormonas.
Compuso mi sangre
y me inyectó con ella
para que irrigara
todo mi cuerpo;
nacieron así las ideas,
los sueños,
el instinto.
Todo lo creó suavemente
a martillazos de soplidos
y taladrazos de amor,
las mil y una cosas que me hacen mujer todos los
días
por las que me levanto orgullosa
todas las mañanas
y bendigo mi sexo.

Yo soy tu indómita gacela

Yo soy tu indómita gacela,
el trueno que rompe la luz sobre tu pecho
Yo soy el viento desatado en la montaña
y el fulgor concentrado del fuego del ocote.
Yo caliento tus noches,
encendiendo volcanes en mis manos,
mojándote los ojos con el humo de mis cráteres.
Yo he llegado hasta vos vestida de lluvia y de
recuerdo,
riendo la risa inmutable de los años.
Yo soy el inexplorado camino,
la claridad que rompe la tiniebla.
Yo pongo estrellas entre tu piel y la mía
y te recorro entero,

sendero tras sendero,
descalzando mi amor,
desnudando mi miedo.
Yo soy un nombre que canta y te enamora
desde el otro lado de la luna,
soy la prolongación de tu sonrisa y tu cuerpo.
Yo soy algo que crece,
algo que ríe y llora.
Yo,
la que te quiere.

HO CHI MINH

A SAGRADA ESPERANÇA (1974):

Diário da Prisão

Aqui teu corpo estar preso na cela.
Teu espírito, não ele está livre.
Se queres continuar tua missão,
deves manter elevado o teu moral.

Em primeira mão

Versos jamais me apaixonaram tanto.
Mas, sem nada a fazer prisioneiro,
distraio os dias, que são longos, rimo
enquanto espero ver a liberdade.

Chegada à prisão de Tsing Si(*)

O novo preso, acolhem-no os veteranos.
Nuvem de azul perseguem tempestade.
Livramento no céu as nuvens passam.
Um homem livre, só, resta no cárcere.

(*) Cidade principal um hsién (espécie de município) do mesmo nome, subordinada à província de Kouàng Si. (nota da edição vietnamita).

Caminho da Vida

Montes atravessei, venci as alturas.
As planícies são mais difíceis de passar.
Não me fizeram mal os tigres das montanhas,
mas encontrei um homem e ele me prendeu.

O novo Vietnam eu represento
em vista de amizade aos chefes de um país
irmão.
É o oceano que contra a terra se arrebenta?
Vejo que me reservaram as honras da cadeia.

Sou um homem honesto e tranqüilo:
imaginam-me um chinês tenebroso.
É sempre difícil o caminho da vida,
Mas viver sua vida ,não é nada fácil.

Sarau

Ao por do sol quando o jantar termina,
ouve-se musica por toda parte.
Sombria e melancólica, Tsíng Si

Parece transforma-se em uma academia.

Refeição de prisioneiro

Uma tigela de arroz vermelho: (*)
Qualquer refeição.
Nem legumes, nem sal, nem mesmo caldo.
Aquele que possui quem lhe abasteça pode
comer na cadeia.
Quem não possui ninguém grita
pai e mãe.

A flauta do companheiro de prisão

Uma canção de nostalgia
subitamente inunda as celas da cadeia.
O tom, gemido. O ritmo, soluço.
Que sofrimento ver-se do outro lado,
por vales e montanhas,
sombra de uma bandeira
que tristemente espera.

Tronco(*)

Goela faminta, demônio cruel
Todas as noites
Morde e devora nossas pernas.
A garganta animal tragando o pé direito
Em quanto o pé esquerdo esperneia sozinho.

(*) Instrumento de tortura medieval, formado de um cepo com olhais, onde mete o pé do condenado. (Nota dos tradutores).

O Jogo de Xadrez

O jogo de xadrez ocupa o tempo.
Lutam sem trégua infantes e cavalos. (*)
Como um raio afastar-se
e atacar como um raio.

A tenção e destreza o avanço guiam.
Como minúcia e largueza de visão,
resoluto e tenaz, acossar sem descanso.
De que serve seus carros se caíste no impasse?
Um peão bem colocado o jogo vence.

O equilíbrio de um lance encurrala o inimigo.
A vitória final se delineaia.
Prepara bem teus golpes,

mantém secreto o plano,
que assim se tornaras um grande capitão.

(*) Na china, a terminologia do jogo de xadrez baseia-se na do antigo exercito. O peão chama-se infante ou soldado de infantaria; o rei, capitão ou general: a torre e a dama, carro. (nota da edição vietnamita).

A Lua

Que fazer ante o encanto da noite e a beleza do
[tempo?
Através das grades o homem contempla a lua.
A lua contempla a lua através das grades.

A Ração d'água

Meia bacia é a ração d'água.
Faz-se o que quer: asseio ou chá.
Você quer se lavar?
Esqueça o chá
Você quer o chá?
Deixe o asseio.

Jogo de Azar

Persegue-se lá fora os jogadores.
Mas na prisão campeia livre o jogo.
O que vai preso varias vezes chora
só ter reconhecido o lugar certo.

Jogadores presos

As prisões não sustentam jogadores
Para regeneraram mais depressa:
vive com nababo (*) o que tem posses
e o que chora e baba aos bordões.

(*) No original: Ngén, gíria de prisão usada para designar uma espécie de caíde, mas, sobretudo em relação à riqueza. (nota da edição vietnamita).

Ao cair da noite

O pássaro cansado volta ao ninho
Entre as sombras do bosque.
Vagueia a nuvem pelo céu deserto.
Uma jovem na aldeia moe o milho
e o fogo inflama sua luz vermelha.

Noite em Long Ts'iuen

Correm durante o dia os meus cavalos rápidos.(*)

Como um frango no espeto. (**) eu a noite me
[sinto.

O frio a aproxima-se, os piolhos traiçoeiros.
Mas com o verdelhão por sorte canta o dia (***)

(*) O poeta alude ás suas pernas que, a pé, perfaziam 53quilômetros durante ao dia, para velas-la à noite, metidas em ferros, como frango no espeto ou, mais exatamente: como frango em cinco temperos, versão chinesa do frango no espeto, que consiste em amarrar as pernas e as asas da ave, aromatiza-la e arrumar as coxas artisticamente retorcidas.

(Nota da edição vietnamita).

(**) Espécie de tortura, como pau-de-arara (Nota dos tradutores)

(***) Pássaro cujo macho tem o peito amarelo e as asas negras. As fêmeas são azuis e possuem as asas negras. (Nota dos tradutores).

T'ien Toung

No almoço e no jantar as tigelas de papas.
Virando sem parar, ronca e berra a barriga.
Poe três yuans arroz seco enraivece o estomago.
Ah! o arroz é de perola, o pau de canela! (*)

(*) É uma expressão para indicar a carestia de vida. Na Europa, diz-se: o arroz é de ouro. (Nota da edição vietnamita).

Ao chegar à prisão de Tien Pao

Cinqüenta e três quilômetros ao dia,
meias rotas, chapéu, roupas molhadas.
Sem saber o lugar onde dormir
aguarda na latrina o sol nascer.

A mulher visita o marido preso

Ele
de trás das grades
Ela
diante.
Tão próximos: uma polegada.
E tão distantes: o céu da terra.
O que a boca deve calar
os olhos contam.
Antes da palavra
as lagrimas nas pálpebras.

Organiza-se a recepção solene de Wilkie (*)

(A imprensa anuncia)

Como tu, amigo da China.
Como tu, indo a Tch'oung King.

Estás sentado no salão.
Eu, prisioneiro.
Como tu, sou também delegado.
Por que a diferença?
Parcialidades dos homens.
As águas sempre correm para o Oriente. (**)

(*) Chefe de uma delegação norte-americana que estava na China em 1942. (Nota da edição vietnamita).

(**) Poucas pessoas observam no mapa geográfico, que todos os rios da China (o rio Amarelo, o Yang Tseu ou o Si Kiang) correm para o leste. Daí o celebre verso que passou a provérbio: "Desde os tempos antigos que as águas correm para o Oriente". (Nota da edição vietnamita).

Extorção dirigida a si próprio

Se não houvesse o luto, a morte, o frio do inverno,
quem reconheceria o frio do inverno?
O acaso conduziu-me aos fornos das desgraças
para fazer-me forte e de consciência rija.

Restaurante

Entre sombras, à beira do caminho
numa casa de palha o restaurante.
Pirão frio e sal branco, no menu,
retém o forasteiro alguns momentos.

A prisão em Kouo Te

Como em família vive essa casa de força.
Azeite, lenha, arroz e sal $\frac{3}{4}$ todos possuem.
Cada cela parece um lar do prisioneiro:
Todo dia cozinha o arroz e o caldo engrossa.

A transferência do prisioneiro pela madrugada

Primeiro canto do galo
pela noite de negro ainda.
Como uma escolta de estrelas
a lua emerge dos montes.
O viajante segue a estrela,
rota de grandes viajantes.
Rajadas frias de gelo
o vento de outono sopra.
O seu rosto fustigado.
O clarão que rasga o Oriente
já se transforma em aurora
e varre os restos da noite.
Um bafo de fogo envolve
tanto a terra como o céu.
O viajante sente súbito

a poesia crepitando.

De Long Ngan a T'uoong Tcheng

A região é intensa e a terra tão ingrata.
O homem ama o trabalho e ama a economia.
Parece que não veio a chuva à primavera:
Ceifam-se dois ou três dos dez feixes sonhados.

O caminho

Se levo fortemente atados os meus braços,
ouço os pássaros, sinto o perfume das flores.
Quem me pode impedir essa felicidade
que me faz menos só e a marcha menos triste?

T'uoong Tcheng

Na prisão de T'oung Tcheng o mesmo que em
[Píng Má.
Simples mingau que deixa a barriga vazia.
Tem-se a água que quer e a luz que se deseja:
Abre-se a porta ao ar duas vezes por dia.

Coberto de papel do companheiro de prisão

Livros novos, papéis velhos são amontoados.
Cobertor de papel é melhor que nenhum.
Abrigados do frio os ricos adormecem
Enquanto na prisão tantos tremem sem sono.

Noite de outono

À noite, o corpo e as pernas enroscadas.
Nem colchão nem coberta, insone ao frio.
Sob o gelo da lua, as bananeiras.
A Ursa maior oscila na vigia.

Pernas e braços amarrados

Enrolam-se os dragões nas pernas e nos
[braços (*).
Terão os generais dragonas mais bonitas?
Em fios de ouro são as dragonas que
[ostentam.
As minhas $\frac{3}{4}$ podem ver $\frac{3}{4}$ são belas cordas
[grossas.

(*) Os dragões eram atributos dos imperadores chineses e vietnamitas, os emblemas de majestade, por causa de seus ancestrais totêmicos. (Nota da edição vietnamita.)

Adeus a um dente

Inabalável foste,
a vida de sete fôlegos.
Eras tão diferente de tua irmã mais velha, (*)
flexível, incomensurável.
Partilhamos juntos o gosto da vida.
E agora nos separam
meu dente inseparável.

(*) trata-se da língua ¾ irmã mais velha do dente ¾ porque o precede na vida. (Nota da edição vietnamita).

A mulher do insubmisso (*)

Meu esposo partiu e não retorna.
Fiquei Abandonada ao meu desgosto.
Minha dor comoveu o mandarim
Que me envia à prisão para descanso.

(*) Quando um homem não queria ser soldado, o governo prendia sua mulher e seus filhos. Procedimento bárbaro que o autor desmoraliza. (Nota da edição vietnamita).

Estória para rir

A morada oficial, o arroz do estado,
A guarda se reveza a cada passo.
Horas de ócio, passeio à vontade.
Não acham muita honra para um homem?

Acorrentado a caminho de Nâng Nîng

A corda é bem vulgar. Trocam-na por grilhões
que provoca os sons de jade e camafeu.
Suspeito como espião aos olhares dos guardas,
que caminhar de rei, que porte de fidalgo! (*)

(*) quando dignatários e importantes homens de letras achavam-se, outrora, em audiência solene na corte, usavam cinturões enfeitados de pedras preciosas, que produziam singular ruído. (Nota da edição vietnamita).

Na estrada... Os guardas carregavam um porco

Carregando um leitão, os guardas me puxavam.
Vai nos braços um porco, um homem na coleira.
Um porco vale mais. É baixo o preço de um
homem
quando não pode usar a sua liberdade.

Entre mil aflições, centenas de infortúnios,
Perder a liberdade é o que pior existe.
Quando cada atitude e cada gesto espreitam,

sois um cavalo, um boi que qualquer um maneja.

No meio do caminho tomo o junco Yong Mîng (Nang Mîng)

Deslizo pelas águas para Yong Mîng.
Os pés presos ao teto, torturado. (*)
Os povoados são densos sobre o rio,
Dos pescadores leves as sampanas.

(*) As autoridades nacionalistas realizavam a transferência dos prisioneiros, pendurando-os, pelos pés, ao teto de um junco. De cabeça para baixo, esse prisioneiro parece não perder a visão otimista do mundo. (Nota da edição vietnamita).

A prisão de Nang Nîng

Uma prisão no estilo ultra-moderno.
Farta iluminação a luz elétrica.
Um pirão sem tempero, a refeição:
A barriga vazia ronca e vira.

Um galo canta

És um animal comum
que anuncia o sol.
Ao primeiro canto
um povo emerge do sono.
O trabalho que fazes não é tão desprezível.

Um jogador detido acaba de “pifar” (*)

Ele não era mais que pele sobre os ossos.
Não agüentava a fome, o frio, essa miséria.
Apoiado em meu ombro dormiu à noite, ontem,
E no seio da terra entrou antes da aurora.

(*) No original em gíria. (Nota da edição vietnamita).

Mais outro...

Yi, Ts'î (*) não comiam arroz dos tiranos Tcheou.
O jogador rejeita a comida do cárcere.
Yi, T'sî morreram de fome nos montes Cheou
[Yang.

(*) Yi, T'sî são dois personagens semi-histórico e semi-lendários, que existiram no fim do penúltimo milênio antes da era cristã, e se tornaram símbolo de fidelidade a um princípio moral. Naquela época, a Flor-Central, sob a suserania nominal dos Yin, estava de fato dividida em inúmeros estados-tribos, independentes uns dos outros. Yin T'sî ¾ em nome da ética tribal ¾ desaconselhavam o chefe dos Tcheou ¾ um dos mais fortes principados ¾ a não empreender a guerra de hegemonia que ele preparava. O

Tcheou entretanto, conseguiram vencer os Yín e dominar toda a Planície Central. A fim de não comer o arroz dos Tcheou, que iria comprometer-los, Yí Ts'í retiraram-se para a floresta, viveram de plantas e morreram de fome. O jogador a que se refere o poeta, não será por acaso um sábio conservador desse princípio? (Nota da edição vietnamita).

Proibido fumar

É proibido fumar nesse recinto.
O fumo confiscado o guarda usa.
Ele pode fumar quando quiser,
Mas, se fumas, irmão, botam-te algemas.

Crepúsculo

No reboło dos montes a espada dos ventos se afia.
Um frio de lamina atravessa a carne dos maciços.
Soa ao longe um sino... Apressa-te peregrino!
A criança recolhe o búfalo
soprando flauta.

Insônia

Uma noite sem dormir. Duas noites. Três noites.
Impossível dormir! Agito-me, angustiado.
Quarta noite. Quinta noite... Será sonho? Vigília?
Cinco pontas de uma estrela enrolam meus
pensamentos. (*)

(*) A bandeira da resistência vietnamita tem uma estrela de cinco pontas sobre um fundo vermelho. (Nota da edição vietnamita).

Pensando num amigo

Pelas margens do rio outrora me seguias.
De te me despedia: até outra colheita.
O arado novamente arranhou a planície
e, longe do país, me fazem prisioneiro.

A sarna

Coberto de azul (*) e manchados de chagas.
Que damasco em flor!
Violas sensíveis que todo dia dedilhamos.
Vestidos em damasco, belos Senhores do
Cárcere...
Que concerto de corações!
Que concerto de música!

(*) O poeta refere-se a cianose, enfermidade produzida por embaraço circulatório e que provoca uma coloração azulada na pele. (Nota da edição vietnamita).

Canto do arroz descascando

Sofre o arroz o choque do pilão.
Repare que brancura após a prova.
Também um homem para ser um homem
Tem que sentir o golpe do infortúnio.

“Hotel para viajantes”

O novo prisioneiro quando chega
deve deitar perto da latrina.
Mas se queres melhor alojamento
Junte algum dinheiro às escondidas.

Clara manhã

Sombras, fumaça, nevoa se dissipam,
quando o sol da manhã entra no cárcere.
Um sopro, que remova, inunda a terra.
Volta o sorriso a cem rostos fechados.

Alerta no Vietnam

Informação da Agência Tch'é Tão, publicada na
imprensa de Nân Níng.

Antes a morte à vida como servo.
Quando as bandeiras livres se desfraldam,
Que desgraça resta numa enxovia
e não poder lançar-me nas batalhas.

Prato de cachorro em Pãohsiang

Comem em Kouò Te peixe “la fraiche”. (*)
Em Pão Hsiang fazemjus ao prato de cachorro.
Os guardas de minha repugnante escolta
sabem as vezes viver e comer bem.

(*) Peixe cru: iguaria requintada que se come no Oriente.
(Nota dos tradutores)

O coole construtor de grandes estradas

Sem trégua, sem repouso, à chuva e vento,
trabalha o coole. Vida de miséria.
Cavalheiros, pedestres, transeunte,
quando se lembrarão de suas dores?

O meu bastão roubado por um guarda

Sempre foste direito, infatigável, firme.
Fundido à minha mão, andamos pelos anos.
Maldito seja quem nos separou! Patife!
Solitário deixou-te. E a mim, inconsolável.

Marco de quilômetros

Nada de grande, extraordinário,
De imperia ou principesco:
Nada mais que simples bloco de pedra
á beira da estrada.
As pessoas te buscam
para não se perderem.
Indicas o caminho a cada um
e o tamanho do trajeto.
Isto não é nada, pequena pedra!
Mas ninguém poderá esquecer-te.

O preço da luz

Ao entrar na prisão pagas a luz.
Seis dólares (*) por homem: em Kouáng-Si.
Nesse lugar sombrio $\frac{3}{4}$ o mais escuro $\frac{3}{4}$
não vale um centavo (**) a luz do dia.

(*) A velha moeda Yuân, chamada comumente dólar chinês, não tem nenhuma relação com o dólar. Seu valor real era mínimo. (Nota da edição vietnamita).
(**) Em francês, liard: antiga moeda de cobre, francesa, equivalente a um quarto de soldo. (Nota dos tradutores).

A vida na prisão

Um fogareiro cada qual possui.
A marmita ajustada ao seu tamanho.
Para fazer chá, arroz, legumes,
Arde o fogo sagrado todo o dia.

O bom senhor Koûo

Providencial acaso, encontro formidável!
Como direi? O bom senhor Koûo foi para
mim como em noite fria o fogo de carvão.
Sob os céus, corações assim existem ainda?

Mô, o carcereiro de Pin Yâng

Mo, guarda de Pin Yâng, a fama de bravura,
com seu próprio dinheiro alimenta os detentos.
Liberta-os grilhões para que à noite durmam
Segue seu sentimento e não a autoridade.

Ele queria fugir

Só trazia uma idéia: liberdade!
Do carro se lançou, jogando a vida.

Correu trezentos metros (*) de aventura:
trouxeram-no de volta os mesmos guardas.

(*) Na edição vietnamita, demi-Li, ou seja, meia-Li.
Li: medida chinesa equivalente a 600 metros mais ou
menos.
(Nota dos tradutores).

Em Lai Pin

Passa o dia jogando o chefe da prisão.
O guarda-chefe rouba os presos que transporta.
O hsiên-chefe despachas os papeis no escritório.
Nada muda em Lai Pi: há sempre a Grande
[Paz (*)]

(*) A Grande Paz (T'ing P'ing) é a Pax romana da China
Imperial, a paz dos mandarinos.
(Nota da edição vietnamita)

Meia noite

Todos, dormindo, a mesma expressão de
inocência.
O despertar divide em bons e maus os homens.
Bom, mau $\frac{3}{4}$ ninguém assim de natureza nasce.
A educação depois o seu caráter forma.

Quatro meses já

“Um dia encarcerado:
Mil anos lá fora”.
Não é vã palavras
este provérbio antigo.
Quatro meses na cela
destruíram meu corpo
mais que dez anos de vida.
Quatro meses de fome,
quatro meses de insônia,
sem mudar de roupa
sem poder me lavar.
Abandonou-me um dente,
cabelos branquearam,
negro, magro, faminto,
vestido de sarna e de feridas.
Mas paciente sou,
duro, rijo,
sem recuar um palmo.
Materialmente miserável,
o moral, firme.

Chegada a Koué-Lin (*)

Nome impróprio Koué-Lin: nem bosque nem
canaleta,
Somente águas sem fundo e montes sem
acesso.
Ao pé de uma figueira, uma triste prisão,

Sem luz durante o dia e de noite sem vozes.

(*) Koué-Lin (Quê-lam em vietnamita) significa bosque das caneleiras ou, mais exatamente, das canifistulas. É o nome de uma localidade em Kouàng-Si. (Nota da edição vietnamita).

Direito de entrada na prisão

Ao entra na prisão também se paga,
Cinquenta dólares (*) a preço baixo,.
Se te falta dinheiro para a conta
Um calvário te espera a cada passo.

(*) Dólar chinês. (Nota dos tradutores)

?!

O que tanto sofri durante quarenta dias!
Inútil sofrimento enfrentei tanto tempo.
É preciso fazer o retorno a Leou Tcheou:
Um homem se entrega e você solta bÍlis.

Ante o birô político da quarta zona de guerra

Arrastão por treze hsién da região de Kouàng-Si.
Detidos em dezoito prisões infectadas.
Que crime terei eu cometido, mandarins
veneráveis?
Crime de amar o povo e consagrar-lhe a vida.

Impressões de um noite

Abre-se a rosa
a rosa fenece
em saber o que faz.
Mas se uma rosa-perfume
na prisão se perde
gritam no coração
do confinado
todas as injustiças do mundo.

A época do Ts'ing Míng (*)

A pura claridade de Ts'ing Míng, a chuva fina.
A alma do prisioneiro as tristezas invadem.
Onde obter aqui liberdade?
Dos mandarins a porta o guarda ao longe aponta.

(*) ts'ing Míng ou pura claridade é o período do antigo calendário chinês que corresponde, mais ou menos, à

primeira quinzena de abril. Se na literatura, o Ts'ing Míng é a época do ano em que, sob um céu límpido, florescem as pereiras e as paulownias (1), é também a época em que na China do Sul, cai uma chuva fina e desesperante, que provoca um estado de espírito particular. Sob essa forma de spleen (2), conserva-se da dinastia T'âng uma estrofe célebre que o autor adaptou. Para isso, foi suficiente mudar dez caracteres do poema T'âng, de um pessimismo calculado, e transformar a tristeza em humor. (Nota da edição vietnamita)

(1)Paulownia: árvore do Extremo Oriente, com flores aromáticas, gênero das plantas emolientes. Atinge a altura de quinze metros e as folhas medem trinta centímetros. Plantam-se nos parques e ao longo das ruas. Origem do nome: Ana Pauwona, filha do czar Paulo I. (nota dos tradutores)

(2) Spleen: estado de espírito que se caracteriza por completo aborrecimento de tudo. (Nota dos tradutores).

Impressões do outono

A Ursa Maior nos montes. São dez horas.
Sua alegria o grilo canta. Outono.
Que importa ao preso tanta natureza
Se só um canto escuta: a liberdade.

O outono viu-me livre no outro ano
e eis que me encontra agora prisioneiro.
Sou menos útil ao meu povo amado?
Este outono bem vale o que passou.

Perder a liberdade

Que tristeza perder a liberdade!
Triste senhor do céu, sem coração!
Sapatos em frangalhos, pés na lama,
Devo andar sem descanso a qualquer custo.

Pensar nos dias passados

Pensaria o céu, em trancar um herói?
Oito meses à morte em ferro e correntes.
Longe do sol, ó preço de uma sombra humana!
Mas quando se abrirão as portas da cadeia? (*)

(*) Esse verso faz parte do celebre apelo aos intelectuais, do patriota Phan Chaâu Trinh, em prol de um concurso trienal no início desse século, quando o Vietnam acabava de perder sua independência:

.....

Truông chu bach niên thoa ma
Bất tri hà nhất xuất lao lung?

(Ficaremos cem anos curvados sob ultrajes,
mas quando, se abrirão as portas da prisão?)
(Nota da edição vietnamita)

Evocações

Hirsuta, negra, a copa
Arvore desgrenhada,
retrato de Tchang-Fei (*)
O constante Kouan Yù
¾ o sol nascente a minha
lealdade testemunha.
Sem notícias da pátria
Durante todo um ano,
Sempre esperando um eco.

(*) Tchang-Fei e Kouan Yù soa dois heróis da época dos Três Reinos (séc.III), que, com Lieôu Péi, o futuro rei dos Chou, combateram pela legitimidade Ham, considerada como causa justa. Um romance histórico muito popular ¾ Três Reinos ¾, do século XIV, exalta a fraternidade desses três companheiro de armas, cujas figuras permanece mais viva s no coração dos chineses do que os Três Mosqueteiros no dos franceses.

Kouan Yù, um misto de Marte, Aquiles e Bayard, é venerado após os Song, nos países de tradição chinesa ¾ no Templo das Virtudes Militares, como símbolo da retidão, Constancia e bravura. Tchang-Fei, representado na estatuária sob os traços de um personagem hirsuto, escuro é o tipo do guerreiro ardente e fiel.

É interessante observar o processo de associação de idéias do poeta. Ao ver a copa desgrenhada das arvores, Ele pensa em Tchang Fei (negro-força física). Depois de Tchang Fei, evoca Kouan Yù e recorda a terra dos HAN. O tradutor acrescentou os qualitativos negro, constante. Embora não figure no texto de modo evidente, estão submetidos na idéia que se faz dos personagens. A razão é que a língua chinesa, pobre em certa categoria de termos abstratos, tende a transforma-los através de metáforas. Assim coração de Kouan-Yù-sin (coração de Kouan-Yù) significa constância, lealdade. Uma tradução que não leva em conta esse aspecto de língua chinesa dará uma idéia ininteligível. (Nota da edição vietnamita).

Ao ler “Antologia dos mil poetas”

Flores, neve, lua e vento, montes rios
¾ cantar a natureza era o prazer dos antigos.
É preciso armar de aço os versos de nosso tempo.
Também os poetas devem saber combater.

Beleza permanente

Tudo muda ¾ é a lei.
A roda gira e não para.
Após a chuva, o sol.
O universo , num instante,
troca suas roupas molhadas.
A paisagem estende tapetes

sobre seis quilômetros.
Sol doce, leve brisa,
uma flor sorri.
No topo da arvore,
o galho brilha.
Canta um coro de pássaros.
Homens e animais sentem a ressurreição.
Que de mais natural?
Após a desgraça o jubilo.

Liberdade, preparo-me para atravessar as montanhas

Nuvens e montes. Montes e nuvens.
Cintila o rio em baixo. Nada o mancha.
Palpita o peito, sigo Si-Fong Ling, (*)
O olhar no sul, pensando nos amigos.

(*) Si-Fong Ling ¾ Montes do Oeste, cadeia de montanhas que se vê de Lieoü, onde se encontrava o poeta ao sair da prisão.

Esta estrofe não figura no velho CARNET DE PRISON, de Ho Chi Minh. Ela é, na realidade, uma mensagem de além-tumulo.

Certo dia de 1944, dois anos após o desaparecimento de Ho Chi Minh, morto ¾ e enterrado, ¾ Vo Ngguyen Giap, Que comandava o grupo de resistentes de Cao Bang, encontrava um exemplar de um jornal de Tch'oung King, com a estrofe acima, na margem, escrita a mão. A caligrafia era a mesma do desaparecido.

Impossível qualquer duvida: o morto estava VIVO.
(Nota da edição vietnamita).

Biografia

A Indochina tem sido há milênios palco de lutas encarniçadas entre colonizadores e colonizados. No século XVI a Europa descobriu suas potencialidades econômicas. Primeiro vieram os portugueses e espanhóis, depois os franceses. Diante da resistência crescente dos povos da região, Napoleão III adotou uma política mais agressiva. Em 1897, a Indochina já estava “pacificada”, se transformando num protetorado francês além-mar.

A opressão colonial, no entanto, aguçava o espírito nacionalista e revolucionário do povo vietnamita. Neste período o centro da resistência aos colonizadores estava localizado na província de Nghe Thim. Seria ali que nasceria, no dia 19 de maio de 1890, Nguyen Sinh Cung, que mais tarde seria mundialmente conhecido como Ho Chi Minh.

A juventude de Nguyen foi marcada pela aventura. Aos vinte anos de idade matriculou-se numa escola de marinheiros e viajou pelo mundo afora. Esteve, inclusive, no Brasil. No ano da Revolução Russa, 1917, instalou-se em Paris, alterou seu nome para Nguyen Ali Quoc (o patriota) e entrou em contato com o movimento socialista. Após ler as teses de Lênin sobre a questão colonial e nacional passou a nutrir uma profunda admiração pelo líder revolucionário russo. “Queridos compatriotas, escreveu ele, era disso que necessitávamos, este é o caminho da nossa libertação”.

Três anos depois participou como delegado no Congresso do Partido Socialista Francês em Tours, no qual defendeu intransigentemente posições internacionalistas e criticou as posições vacilantes dos socialistas diante da questão colonial, apontando para a necessidade de unificar a luta dos operários pelo socialismo e a luta dos povos colonizados pela sua libertação nacional. Neste congresso nasceu o Partido Comunista da França e o jovem Nguyen se tornou um dos primeiros comunistas da Indochina.

Em fins de 1923 dirigiu-se a URSS, chegando em Moscou poucos dias após a morte de Lênin, que aprendera a respeitar ainda que de tão longe. Pelas páginas do *Pravda* demonstraria toda sua tristeza: “Lênin morreu! A notícia golpeou cada um de nós, como um raio ela se espalhou pelas ricas planícies da África e pelos verdes arrozais da Ásia. Os negros e os amarelos, é verdade, não sabem ainda com exatidão quem é Lênin nem onde fica a Rússia. Tudo fizeram para os impedir de saber. No entanto, foi passando de boca em boca que numa longínqua região do mundo, existe um povo que soube derrotar seus exploradores e que agora dirige ele mesmo seus assuntos sem precisar de patrões nem de governos gerais.”

Na Rússia participou ativamente do V Congresso da Internacional Comunista e foi logo após enviado à China para assessorar o Kuomintang – frente política-revolucionária composta de nacionalistas e comunistas. Ali organizou o Thanh Nien (Associação da Juventude Revolucionária do Vietnã), embrião do futuro Partido Comunista da Indochina. Durante a repressão desencadeada pelas tropas de Chiang Kai-shek contra os comunistas chineses, a direção do Thanh Nien se transferiu para Hong-Kong e Nguyen retornou a Europa.

No ano de 1929 delegados do Thanh Nien de todo o Vietnã se reuniram para discutir o futuro da organização e sua possível transformação em um partido de tipo leninista. Mas, divergências de ordem regionais levaram a uma cisão do Congresso e ao surgimento de dois partidos comunistas. Nguyen foi destacado para mediar o conflito e tentar a unificação destas diversas organizações em um único partido. Em fevereiro de 1930 realizou-se, sob sua coordenação, uma reunião na qual se decidiu pela unificação e criação de um Partido Comunista da Indochina unitário.

O avanço da esquerda na França, que culminou com a vitória da Frente Popular, trouxe novas esperanças para luta revolucionária no sudeste asiático. O governo francês decretou anistia e a legalizou do PC da Indonésia. Reascendeu-se, assim, o movimento de massas pela independência no qual os comunistas eram vanguarda. Mas, o período democrático durou pouco, pois com a queda do governo da Frente Popular, em 1939, uma violenta repressão desceu sobre o povo do Vietnã e o Partido Comunista foi colocado novamente na legalidade.

A China foi ocupada pelo Império japonês, aliado da Alemanha e Itália fascistas. Ho foi enviado novamente para assessorar as tropas nacionalistas e comunistas. Em 1940, quando seu próprio país foi ocupado, retornou para comandar a resistência armada e criou a Liga pela Independência do Vietnã, o Viet Minh - uma ampla frente antiimperialista.

No ano seguinte, quando retornou a China para estabelecer uma estratégia comum de luta contra a intervenção do Japão na região, acabou sendo preso pelas tropas de Chiang Kai-shek e passou quinze meses na prisão. Segundo ele: “os piores anos da sua vida”. Para não morrer escrevia poemas, que mais tarde seriam organizados sob o título *Poemas do cárcere*. Escreveu: “Se não houvesse o luto, a morte, o frio do inverno, / quem reconheceria o sol da primavera? / O acaso conduziu-me aos fornos da desgraça/ para fazer-me forte e de consciência rija”. Naqueles anos muitos acreditaram que ele estivesse morto, mas eis que reapareceu à frente do Viet Minh. Nguyen – Seu nome agora era Ho Chi Minh, que significava: “aquele que ilumina”.

Em 1945 a situação militar mais favorável permitiu a unificação dos diversos agrupamentos guerrilheiros do Vietnã num Exército de Libertação Nacional. No dia 23 de agosto os revolucionários tomaram Saigon e dois dias depois todo o país estava nas mãos do povo em armas. A revolução triunfara e Ho Chi Minh foi proclamado presidente. Na prisão havia escrito: “*Aqueles que saem da prisão podem reconstruir um país ... / O verdadeiro dragão voará para fora*”.

O imperialismo não permitiria que o Vietnã escapasse facilmente de suas mãos. Por isso fez de tudo para recuperá-lo. Em novembro de 1946 o exército francês assassinou cerca de seis mil vietnamitas e se reiniciou a guerra pela independência. Naqueles anos os ventos sopravam a favor da revolução asiática.

No final de 1949 a revolução antiimperialista na China saiu vitoriosa e os países sob hegemonia socialistas,

encabeçados pela URSS, passaram a reconhecer oficialmente o governo de Ho Chi Minh. Estes fatos dão grande impulso à luta de libertação do povo do Vietnã e, em 1954, já havia sido retomado mais da metade do país. Neste mesmo ano ocorreu a maior batalha da guerra de independência em Dien Bien Phu, quando as tropas francesas foram definitivamente derrotadas. A revolução, novamente, vence seus algozes. Afirmou Ho Chi Minh: “Para resistir aos aviões canhões de inimigos, tínhamos somente lanças de bambus. Mas nosso Partido era um Partido marxista-leninista, não enxergávamos apenas o presente, mas também o futuro e depositávamos confiança nas forças do nosso povo”.

Uma conferência, realizada em Genebra, aprovou um acordo de paz que estabeleceu a divisão do Vietnã e marcou eleições gerais, visando a unificação do país. Embora o presidente Ho soubesse que a resolução não era boa para o Vietnã ela, pelo menos, permitia uma trégua que seria benéfica para as forças revolucionárias e a reconstrução do Vietnã do Norte, destruído pelos longos anos de guerra.

O presidente Ho era um homem simples, sempre trajava seu velho uniforme caqui, sem divisas, e sandálias de camponês. Seu corpo, talhado nas grutas e florestas do seu Vietnã, não se adaptava facilmente ao palácio presidencial e preferia passar seus dias numa cabana de jardineiro. Todos queriam conhecer o presidente camponês e ele passava horas conversando com delegações de trabalhadores e, pacientemente, lhes explicava os objetivos da revolução.

A tão esperada eleição para a unificação do país não se realizou e logo se reiniciaram as provocações nas fronteiras do Vietnã do Norte. Em 1960 nacionalistas e comunistas do sul fundaram a Frente de Libertação Nacional, seus membros passariam a ser chamado pejorativamente de Viet Kongs. Cresceu o movimento democrático e nacional pela unificação do país, a situação do Vietnã do Sul se tornou insustentável e os EUA tiveram que aumentar seu envolvimento militar. Assim teve início um dos conflitos mais sangrentos da segunda metade do século XX e ao mesmo tempo uma das páginas mais belas da história da resistência dos povos por sua libertação.

Em 1968 o movimento contra a intervenção norte-americana do Vietnã atingiu seu auge. Nas manifestações que a juventude rebelada realizou nas ruas da França, Alemanha e Brasil podiam ser vistas fotos do velho líder revolucionário vietnamita. A partir de então o governo norte-americano, isolado politicamente, começou a realizar uma lenta e gradual retirada de tropas do Vietnã.

No dia 3 de setembro de 1969, em plena ofensiva revolucionária, morreu o presidente Ho Chi Minh. A dor causada pela morte do velho líder derrubou as fronteiras impostas pelo imperialismo e, naqueles dias de luto e luta, o Vietnã passou a ser um só povo, um só país. Antes de morrer Ho havia escrito: “Após a minha morte é preciso evitar a organização de grandes funerais para não desperdiçar o dinheiro e nem o tempo do povo”. Mas, desta vez, o povo não atendeu seu pedido e lhe prestou uma grande homenagem. Em Hanói centenas de milhares de pessoas acompanharam seu funeral. E o poema que um dia dedicara a Lênin poderia muito bem lhe servir de epitáfio: “Agora ele converteu na brilhante estrela que nos ilumina o caminho da revolução socialista”.

No dia 30 de abril de 1975 as tropas da Frente Nacional de Libertação irromperam vitoriosas em Saigon. No dia seguinte, 1º de maio, milhões de pessoas saíram às ruas do Vietnã para comemorar o dia internacional do trabalho e a libertação definitiva do país. No alto dos edifícios, sobre as selvas e grutas passou a tremular a bandeira vermelha com uma estrela dourada de cinco pontas, a bandeira da revolução, a bandeira de Ho Chi Minh.

Numa prisão chinesa havia escrito: “Uma noite sem dormir. Duas noites. Três noites/ Impossível dormir! Agito-me, angustiado. / Quarta noite, quinta noite. Será sonho? Vigília? / Cinco pontas de uma estrela enrolam em meus pensamentos”. Naqueles dias da libertação os sonhos do velho líder se transformaram em História.

JOSÉ PAULO PAES

Convite

Poesia
é brincar com palavras
como se brinca
com bola, papagaio, pião.
Só que
bola, papagaio, pião
de tanto brincar
se gastam.

As palavras não:
quanto mais se brinca
com elas
mais novas ficam.

Como a água do rio
que é água sempre nova.

Como cada dia
que é sempre um novo dia.

Vamos brincar de poesia?

Passarinho fofoqueiro

Um passarinho me contou
que a ostra é muito fechada,
que a cobra é muito enrolada,
que a arara é uma cabeça oca,
e que o leão marinho e a foca...
xô, passarinho! chega de fofoca!

MANOEL DE BARROS

A menina avoadada

Meu irmão pregava no caixote
Duas rodas de lata de goiabada
A gente ia viajar.

As rodas ficavam cambaias debaixo do caixote:
Uma olhava para a outra.
Na hora de caminhar
As rodas se abriam para o lado de fora

De forma que o carro se arrastava no chão
Eu ia pousado dentro do caixote
Com as perninhas encolhidas.
Imitava estar viajando.

Meu irmão puxava o caixote
Por corda de imbirá.
Mas o carro era diz-que puxado por dois bois.

Eu comandava os bois:
- Puxa, Maravilha!
- Avança, Redomão!

Meu irmão falava
Que eu tomasse cuidado
Porque Redomão era coiceiro.
As cigarras derretiam a tarde
Com seus cantos.
Meu irmão desejava alcançar logo a cidade –
Porque ele tinha uma namorada lá.
A namorada do meu irmão dava febre no corpo dele.
Isso ele contava.

No caminho, antes,
A gente precisava
De atravessar um rio inventado.
Na travessia o carro afundou
E os bois morreram afogados.
Eu não morri porque o rio
Era inventado.

Sempre a gente só chegava
No fim do quintal.
E meu irmão nunca via a namorada dele –
Que diz-que dava febre em seu corpo.

O menino que carregava água na peneira

Tenho um livro sobre águas e meninos,
Gostei mais de um menino
Que carregava água na peneira

A mãe disse
Que carregar água na peneira
Era o mesmo que roubar um vento e sair
Correndo com ele para mostrar aos irmãos.

A mãe disse que era o mesmo que
catar espinhos na água
O mesmo que criar peixes no bolso.

O menino era ligado em despropósitos.
Quis montar os alicerces de uma casa
Sobre orvalhos.

A mãe reparou que o menino
Gostava mais do vazio
Do que do cheio.
Falava que os vazios são maiores
E até infinitos.

Com o tempo aquele menino
Que era cismado e esquisito
Porque gostava de carregar água na peneira
Com o tempo descobriu que escrever seria
O mesmo que carregar água na peneira.

No escrever o menino viu
Que era capaz de ser
Noviça, monge ou mendigo
Ao mesmo tempo.

O menino aprendeu a usar as palavras.
Viu que podia
Fazer peraltagens com as palavras.
E começou a fazer peraltagens.

Foi capaz de interromper o voo de um pássaro
Botando ponto no final da frase.
Foi capaz de modificar a tarde
Botando uma chuva nela.

O menino fazia prodígios.
Até fez uma pedra dar flor!
A mãe reparava o menino com ternura.

A mãe falou:
Meu filho, você vai ser poeta.
Você vai carregar água na peneira
A vida toda.

Você vai encher os vazios
Com as suas peraltagens

E algumas pessoas
Vão te amar por seus despropósitos.

MÁRIO BENEDETTI (URUGUAI)

(Tradução: Maria Teresa Almeida Pina)

Ainda

Não o creio ainda
Estás chegando a meu lado
E a noite é um punhado
De estrelas e de alegria

Sinto o gosto escuto e vejo
Teu rosto teu passo longo
Tuas mãos e todavia
Ainda não o creio

Teu regresso tem tanto
Que ver contigo e comigo
Que a cabala o digo
E pelas dúvidas o canto

Ninguém nunca te substitui
E as coisas mais triviais
Se voltam fundamentais
Por que estás chegando a casa
Todavia ainda
Duvido desta boa sorte
Porque o céu de ter-te
Me parece fantasia
Porém vindes e é seguro
E vindes com tua olhada
E por isso tua chegada
Faz mágico o futuro

E embora não sempre tenha entendido
Minhas culpas e meus fracassos
Em compensação sei que em teus braços
O mundo tem sentido

E se beijo a ousadia
E o mistério de teus lábios
Não haverá dúvidas nem ressaibos
Te quererei mais
Ainda.

Corazón coraza

Porque te tengo y no
porque te pienso
porque la noche está de ojos abiertos
porque la noche pasa y digo amor
porque has venido a recoger tu imagen
y eres mejor que todas tus imágenes
porque eres linda desde el pie hasta el alma
porque eres buena desde el alma a mí
porque te escondes dulce en el orgullo
pequeña y dulce
corazón coraza

porque eres mía
porque no eres mía
porque te miro y muero
y peor que muero
si no te miro amor
si no te miro

porque tú siempre existes dondequiera
pero existes mejor donde te quiero
porque tu boca es sangre
y tienes frío
tengo que amarte amor
tengo que amarte
aunque esta herida duela como dos
aunque te busque y no te encuentre
y aunque
la noche pase y yo te tenga
y no.

Façamos um trato

Companheira
você sabe
que pode contar
comigo
não até dois
ou até dez
senão contar
comigo

se alguma vez
percebe
que a olho nos olhos
e um brilho de amor
reconheces nos meus
não alerte seus fuzis
nem pense que deliro
apesar do brilho
ou talvez porque existe
você pode contar
comigo

se outras vezes
me encontra
intratável sem motivo
não pense que fraquejara
igual pode contar
comigo

porém façamos um trato
eu quisera contar
com você
é tão lindo
saber que você existe
um se sente vivo
e quando digo isto
quero dizer contar
embora seja até dois
embora seja até cinco
não já para que acuda
pressurosa em meu auxílio
senão para saber
a ciência certa
que você sabe que pode
conta comigo.

Intimidade

Sonhamos juntos
juntos despertamos
o tempo faz e desfaz
entretanto
não lhe importam teu sonho
nem meu sonho
somos trôpegos
ou demasiados cautelosos
pensamos que não cai
essa gaivota
cremos que é eterno
este conjuro
que a batalha é nossa
ou de nenhum
juntos vivemos
sucumbimos juntos
porém essa destruição
é uma brincadeira
um detalhe uma rajada
um vestígio
um abrir-se e fechar-se
o paraíso
já nossa intimidade
é tão imensa
que a morte a esconde
em seu vazio
quero que me relates
o duelo que te cala
por minha parte te ofereço
minha última confiança
estás sozinha
estou sozinho
porém às vezes
pode a solidão
ser
uma chama

Memorandum

Um chegar e incorporar-se o dia
Dois respirar para subir a ladeira
Três não jogar-se em uma só aposta
Quatro escapar da melancolia
Cinco aprender a nova geografia
Seis não ficar-se nunca sem a sesta
Sete o futuro não será uma festa e
Oito não assustar-se ainda
Nove vai a saber quem é o forte
Dez não deixar que a paciência ceda

Onze cuidar-se da boa sorte
Doze guardar a última moeda
Treze não tratar-se com a morte
Catorze desfrutar enquanto se pode

Rosto de ti

Tenho uma solidão
tão concorrida
tão cheia de nostalgias
e de rostos teus
de adeuses faz tempo
e beijos bem vindos
de primeiras de troca
e de último vagão

Tenho uma solidão
tão concorrida
que posso organizá-la
como uma procissão
por cores
tamanhos
e promessas
por época
por tato e sabor

sem um tremer de mais
me abraço a tuas ausências
que assistem e me assistem
com meu rosto de ti

Estou cheio de sombras
de noites e desejos
de risos e de alguma maldição

Meus hóspedes concorrem
concorrem como sonhos
com seus rancores novos
sua falta de candura
eu lhe ponho uma vassoura
atrás da porta
porque quero estar só
com meu rosto de ti
Porém o rosto de ti
olha a outra parte
com seus olhos de amor
que já não amam
como vives
que buscam a sua fome
olham e olham
e apagar a jornada

as paredes se vão
fica a noite
as nostalgias se vão
não fica nada

Já meu rosto de ti
fecha os olhos

E é uma solidão
tão desolada

Tática e estratégia

Minha tática é
olhar-te
aprender como tu és
querer-te como tu és

minha tática é
falar-te
e escutar-te
construir com palavras
uma ponte indestrutível

minha tática é
ficar em tua lembrança
não sei como nem sei
com que pretexto
porém ficar em ti

minha tática é
ser franco
e saber que tu és franca
e que não nos vendemos
simulados
para que entre os dois
não haja cortinas
nem abismos

minha estratégia é
em outras palavras
mais profunda e mais
simples
minha estratégia é
que um dia qualquer
não sei como nem sei
com que pretexto
por fim me necessites.

Vice-versa

Tenho medo de ver-te
necessidade de ver-te
esperança de ver-te
insipidezes de ver-te
tenho ganas de encontrar-te
preocupação de encontrar-te
certeza de encontrar-te
pobres dúvidas de encontrar-te
tenho urgência de ouvir-te
alegria de ouvir-te
boa sorte de ouvir-te
e temores de ouvir-te

ou seja
resumindo
estou danado
e radiante
talvez mais o primeiro
que o segundo
e também
vice-versa

Te quero

Tuas mãos são minha carícia
Meus acordes cotidianos
Te quero porque tuas mãos
Trabalham pela justiça

Se te quero é porque tu és
Meu amor, meu cúmplice e tudo
E na rua lado a lado
Somos muito mais que dois

Teus olhos são me conjuro
Contra a má jornada
Te quero por teu olhar
Que olha e semeia futuro

Tua boca que é tua e minha
Tua boca não se equivoca
Te quero porque tua boca
Sabe gritar rebeldia

Se te quero é porque tu és
Meu amor, meu cúmplice e tudo
E na rua lado a lado
Somos muito mais que dois

E por teu rosto sincero
E teu passo vagabundo
E teu pranto pelo mundo
Porque és povo te quero

E porque o amor não é auréola
Nem cândida moral
E porque somos casal
Que sabe que não está só

Te quero em meu paraíso
E dizer que em meu país
As pessoas vivem felizes
Embora não tenham permissão

Se te quero é porque tu és
Meu amor, meu cúmplice e tudo
E na rua lado a lado
Somos muito mais que dois.

Transgressões

Todo mandato é minucioso e cruel
eu gosto das frugais transgressões
por exemplo inventar o bom amor
aprender nos corpos e em seu corpo
ouvir a noite e não dizer amem
traçar cada um o mapa de sua audácia
mesmo que nos esqueçamos de esquecer
é certo que a recordação nos esquece
obedecer cegamente deixa cego
crescemos somente na ousadia
só quando transgrido alguma ordem
o futuro se torna respirável
todo mandato é minucioso e cruel
eu gosto das frugais transgressões

Tradução: Astolfo Lima Sandy

Defensa de la alegría

a trini

Defender la alegría como una trinchera
defenderla del escándalo y la rutina
de la miseria y los miserables
de las ausencias transitorias
y las definitivas

defender la alegría como un principio
defenderla del pasmo y las pesadillas
de los neutrales y de los neutrones
de las dulces infamias
y los graves diagnósticos

defenderla alegría como una bandera
defenderla del rayo y la melancolía
de los ingenuos y de los canallas
de la retórica y los paros cardiacos
de las endemias y las academias

defender la alegría como un destino
defenderla del fuego y de los bomberos
de los suicidas y los homicidas
de las vacaciones y del agobio
de la obligación de estar alegres

defender la alegría como una certeza
defenderla del óxido y la roña
de la famosa pátina del tiempo

del relente y del oportunismo
de los proxenetas de la risa

defender la alegría como un derecho
defenderla de dios y del invierno
de las mayúsculas y de la muerte
de los apellidos y las lástimas
del azar

y también de la alegría.

El Sur También Existe

Con su ritual de acero
sus grandes chimeneas
sus sabios clandestinos
su canto de sirena
sus cielos de neón
sus ventas navideñas
su culto de Dios Padre
y de las charreteras
con sus llaves del reino
el Norte es el que ordena

pero aquí abajo, abajo
el hambre disponible
recurre al fruto amargo
de lo que otros deciden
mientras el tiempo pasa
y pasan los desfiles
y se hacen otras cosas
que el Norte no prohíbe.

Con su esperanza dura
el Sur también existe.

Con sus predicadores
sus gases que envenenan
su escuela de Chicago
sus dueños de la tierra
con sus trapos de lujo
y su pobre osamenta
sus defensas gastadas
sus gastos de defensa.
Con su gesta invasora
el Norte es el que ordena.

Pero aquí abajo, abajo
cada uno en su escondite
hay hombres y mujeres
que saben a qué asirse
aprovechando el sol
y también los eclipses
apartando lo inútil
y usando lo que sirve.
Con su fe veterana
el Sur también existe.

Con su corno francés
y su academia sueca
su salsa americana
y sus llaves inglesas

con todos sus misiles
y sus enciclopedias
su guerra de galaxias
y su saña opulenta
con todos sus laureles
el Norte es el que ordena.

Pero aquí abajo, abajo
cerca de las raíces
es donde la memoria
ningún recuerdo omite
y hay quienes se desmueren
y hay quienes se desviven
y así entre todos logran
lo que era un imposible
que todo el mundo sepa
que el Sur,
que el Sur también existe

Vamos juntos

Decir que no

Con tu puedo y con mi quiero
vamos juntos compañero

compañero te desvela
la misma suerte que a mi
prometiste y prometí
encender esta candela

con tu puedo y con mi quiero
vamos juntos compañero

la muerte mata y escucha
la vida viene después
la unidad que sirve es
la que nos une en la lucha

con tu puedo y con mi quiero
vamos juntos compañero

la historia tañe sonora
su lección como campana
para gozar el mañana
hay que pelear el ahora

con tu puedo y con mi quiero
vamos juntos compañero

ya no somos inocentes
ni en la mala ni en la buena
cada cual en su faena
porque en esto no hay suplentes

con tu puedo y con mi quiero
vamos juntos compañero

algunos cantan victoria
porque el pueblo paga vidas
pero esas muertes queridas
van escribiendo la historia

con tu puedo y con mi quiero
vamos juntos compañero.

Me sirve y no me sirve

La esperanza tan dulce
tan pulida tan triste
la promesa tan leve
no me sirve

no me sirve tan mansa
la esperanza

la rabia tan sumisa
tan débil tan humilde
el furor tan prudente
no me sirve

(...)
el grito tan exacto
si el tiempo lo permite
alarido tan pulcro
no me sirve

no me sirve tan bueno
tanto trueno
(...)
no me sirve tan fría
la osadía

sí me sirve la vida
que es vida hasta morir
el corazón alerta
sí me sirve

me sirve cuando avanza
la confianza

me sirve tu mirada
que es generosa y firme
y tu silencio franco
sí me sirve

me sirve la medida
de tu vida

me sirve tu futuro
que es un presente libre
y tu lucha de siempre
sí me sirve

me sirve tu batalla

sin medalla

me sirve la modestia
de tu orgullo posible
y tu mano segura
sí me sirve

me sirve tu sendero
compañero.

Tus manos son mi caricia

mis acordes cotidianos
te quiero porque tus manos
trabajan por la justicia

si te quiero es porque sos
mi amor mi cómplice y todo
y en la calle codo a codo
somos mucho más que dos

tus ojos son mi conjuro
contra la mala jornada
te quiero por tu mirada
que mira y siembra futuro

tu boca que es tuya y mía
tu boca no se equivoca
te quiero porque tu boca
sabe gritar rebeldía

si te quiero es porque sos
mi amor mi cómplice y todo
y en la calle codo a codo
somos mucho más que dos

y por tu rostro sincero
y tu paso vagabundo
y tu llanto por el mundo
porque sos pueblo te quiero

y porque amor no es aureola
ni cándida moraleja
y porque somos pareja
que sabe que no está sola

te quiero en mi paraíso
es decir que en mi país
la gente vive feliz
aunque no tenga permiso

si te quiero es porque sos
mi amor mi cómplice y todo
y en la calle codo a codo
somos mucho más que dos.

(decir que no)

Ya lo sabemos
es difícil
decir que no
decir no quiero

ver que el dinero forma un cerco
alrededor de tu esperanza
sentir que otros
los peores
entran a saco por tu sueño

ya lo sabemos
es difícil
decir que no

decir no quiero

no obstante
cómo desalienta
verte bajar de tu esperanza
saberte lejos de ti mismo

oírte
primero despacito
decir que sí
decir sí quiero
comunicarlo luego al mundo
con un orgullo enajenado

y ver que un día
pobre diablo
ya para siempre pordiosero
poquito a poco
abres la mano

y nunca más
puedes
cerrarla.

MÁRIO QUINTANA (1906 – 1994)

Olho em redor do bar em que escrevo estas linhas. Aquele homem ali no balcão, caninha após caninha, nem desconfia que se acha conosco desde o início das eras. Pensa que está somente afogando problemas dele, João Silva... Ele está é bebendo a milenar inquietação do mundo!"

Ah, os relógios!

Amigos, não consultem os relógios
quando um dia eu me for de vossas vidas
em seus fúteis problemas tão perdidas
que até parecem mais uns necrológios...

Porque o tempo é uma invenção da morte:
não o conhece a vida – a verdadeira –
em que basta um momento de poesia
para nos dar a eternidade inteira.

Inteira, sim, porque essa vida eterna
somente por si mesma é dividida
não cabe, a cada qual, uma porção.
E os anjos entreolham-se espantados
Quando alguém – ao voltar a si da vida –
acaso lhes indaga que horas são...

A Porteirinha

Sete anos já fizeste.
Quando fui te visitar
Fiquei encantado a olhar

- com o sorriso que me deste –
uma linda porteirinha
em teus dentes de rato.
Mas nem deves ficar triste,
deixa de lado o recato.
Deves até tirar retrato
Sorrindo assim, lindamente.
Fará bem a toda gente!
Num mundo tão mascarado
O sorriso mais sincero
É o sorriso desdentado

Das Utopias

Se as coisas são inatingíveis... ora!
Não é motivo para não querê-las...
Que tristes os caminhos se não fora
A mágica presença das estrelas!

(*Espelho Mágico*)

Eu escrevi um poema triste

Eu escrevi um poema triste
e belo, apenas de sua tristeza.
Não vem de ti essa tristeza
mas das mudanças do Tempo,
que hora nos traz esperanças
ora nos dá incerteza...
Nem importa, ao velho Tempo,
que sejas fiel ou infiel...
Eu fico, junto à correnteza,
olhando as horas tão breves...
E das cartas que me escreves
faço barcos de papel!

Poeminha do Contra

Todos estes que aí estão
Atravancando o meu caminho,
Eles passarão.
Eu passarinho!

Evolução

O que me impressiona, à vista de um macaco,
não é que ele tenha sido nosso passado: é este
pressentimento de que ele venha a ser nosso
futuro.

(*Caderno H*)

Não sei porque as pessoas mudam de religião
Pra que mudar de dúvida?

...Os verdadeiros versos não são
para embalar, são para abalar...

O tempo não pára! A saudade é que
faz as coisas pararem no tempo...

MAURO IASI

Aula de Vôo

O conhecimento caminha lento feito lagarta.
Primeiro não sabe que sabe e, voraz,
contenta-se com cotidiano orvalho
deixado nas folhas vividas das manhãs.

Depois pensa que sabe
e se fecha em si mesmo:
faz muralhas, cava trincheiras,
ergue barricadas.

Defendendo o que pensa saber
levanta certeza na forma de muro
orgulhando-se do seu casulo.
Até que maduro explode em vôos
rindo do tempo que imaginava saber
ou guardava preso o que sabia.

Voa alto sua ousadia
reconhecendo o suor dos séculos,
no orvalho de cada dia.
Mesmo o vôo mais belo,
descobre um dia não ser eterno.
É tempo de acasalar,
voltar à terra com seus ovos
à espera de novos e prosaicos lagartos

O conhecimento é assim ri de si mesmo
e de suas certezas.
É meta da forma, metamorfose, movimento,
fluir do tempo que
tanto cria como arrasa.
E nos mostra que para o vôo
é preciso tanto o casulo como a asa.

Fronteiras

Os corações
[assim como as pátrias]
não deviam ter fronteiras.

Queria explodi-las
em suspiros, gozo e anátemas
para que de tantos pedaços
brotassem outras centenas.

Os corações
[assim como as pátrias]
não deviam ter fronteiras...

mas têm.

Vandré

De todas as mortes que carrego,
marcadas em minha alma feito cicatrizes,
de todos os crimes da ditadura
um me dói de forma especial.

Não é a multidão de mortos
com seus corpos dilacerados.
Não são os ossos perdidos
que buscam por seus nomes.

Não é o tiro
o choque
o murro.

É o poema que não foi feito,
a música inacabada,
aquela melodia presa na mente
soterrada pelo medo.

Os dedos inúteis longe das cordas,
o acorde que nunca foi desperto,
os olhos secos das lágrimas justas,
a voz calada.
Que requinte mas perverso de crueldade:
matar alguém e deixar seu corpo vivo
como testemunha da morte inacabada.

Para as companheiras da Via Campesina

Destruíram tudo!
Cada semente,
anos de experiências,
cada descoberta, cada inovação.

Tudo foi pisoteado,
Com raiva, com ódio,
Com desprezo, irresponsavelmente...

Que desconsideração.

Não eram mais que brotos,
Mudas de futuro frágeis,
sonhos que germinavam,
sementes que ansiavam crescer.

Como é possível destruir
mais de vinte anos
mais de vinte anos
de esforços e sacrifícios?

O governo Lula
destruiu vinte anos
de sonhos e sementes
de mudas de futuro!

Que desconsideração.

Ainda bem
que temos mulheres
viveiros de sementes
preservadas.

Ainda bem
que mulheres camponesas
ainda miram o inimigo
e atacam

Com raiva
Com ódio
Com determinação

Elas carregam nossos vinte anos
no ventre fecundo
elas salvam nossas sementes
do solo infértil da acomodação.

Abril de 2006

Quando os trabalhadores perderem a paciência

As pessoas comerão três vezes ao dia
E passearão de mãos dadas ao entardecer
A vida será livre e não a concorrência
Quando os trabalhadores perderem a paciência

Certas pessoas perderão seus cargos e empregos
O trabalho deixará de ser um meio de vida
As pessoas poderão fazer coisas de maior pertinência
Quando os trabalhadores perderem a paciência

O mundo não terá fronteiras
Nem estados, nem militares para proteger estados
Nem estados para proteger militares prepotências
Quando os trabalhadores perderem a paciência

A pele será carícia e o corpo delícia
E os namorados farão amor não mercantil
Enquanto é a fome que vai virar indecência
Quando os trabalhadores perderem a paciência

Quando os trabalhadores perderem a paciência
Não terá governo nem direito sem justiça
Nem juizes, nem doutores em sapiência
Nem padres, nem excelências

Uma fruta será fruta, sem valor e sem troca
Sem que o humano se oculte na aparência
A necessidade e o desejo serão o termo de equivalência
Quando os trabalhadores perderem a paciência

Quando os trabalhadores perderem a paciência
Depois de dez anos sem uso, por pura obsolescência
A filósofa-faxineira passando pelo palácio dirá:
“declaro vaga a presidência”!

resistem na ilusão da retina.

Sobre o ofício de construir estrelas e os riscos das verrugas

Eis minhas mãos:
não tenho porque esconde-las,
ainda que, por teimosia,
tragam verrugas nos dedos
por apontar estrelas.

Este é o nosso ofício:
cavalgar verdades cadentes,
eternos/caducos presentes
que comem a si mesmos
mastigando seus próprios dentes.

Assim são estrelas:
tempo que tece a própria teia
que o atrela, cavalo que cavalga
a própria sela.

Distanciamento
Objeto
Estranhamento
Espera
como pintor ensandecido
que reprova a própria tela.

Este é o nosso ofício,
este é o nosso vício.
Cego enlouquecido,
visão por trevas tomada
insiste em apontar estrelas
mesmo em noites nubladas.

Ainda que seja por nada
insisto em aponta-las
mesmo sem vê-las
com a certeza que mesmo nas trevas
escondem-se estrelas.

Enganam-se os que crêem
que as estrelas nascem prontas.
São antes explosão
brilho e ardência
imprecisas e virulentas
herdeiras do caos
furacão na alma
calma na aparência.

Enganadoras aparências...

Extintas, brilham ainda:
Mortas no universo

Velhas super novas
pontuam o antes nada
na mentira da visão repentina.

Sim
são infiéis e passageiras.
Mas poupem-me os conselhos,
não excluo os amores
por medo de perdê-los.

Os que amam as estrelas puras
tão precisamente desenhadas
fazem para si mesmos
estrelas finamente acabadas.

Tão perfeitas e irreais
que não brilham por si mesmas
nem se sustentam fora das bandeiras
e do branco firmamento dos papéis.
Assim se constroem estrelas puras
sem os riscos de verrugas.

Cavalgarei estrelas
ainda que passageiras
pois não almejo tê-las
em frio metal
ou descartável plástico.

Simplesmente delas anseio
roubar a luz e o calor
sentir o vento fértil de seu rastro
tocar, indecente,
meu sextante no seu astro
na certeza do movimento
ainda que lento, que corta a noite
desde a aurora dos tempos.

Eis aqui minhas mãos:
não tenho receio de mostra-las,
antes com verrugas que
em bolsos guardadas.

Eis minhas verrugas,
orgulho-me em tê-las,
é parte do meu ofício
de construtor de estrelas.

Gastarei as verrugas
na lixa da prática,
queimarei as verrugas
com o ácido da crítica

e aprenderei com as marcas
que as estrelas se fazem ao fazê-las
por isso são estrelas.

NICOLÁS GUILLEN (CUBA, 1902 – 1989)

Burgueses

No me dan pena los burgueses vencidos.
Y cuando pienso que van a dar me pena,
aprieto bien los dientes, y cierro bien los ojos.

Pienso en mis largos días sin zapatos ni rosas,
pienso en mis largos días sin sombrero ni nubes,
pienso en mis largos días sin camisa ni sueños,
pienso en mis largos días con mi piel prohibida,
pienso en mis largos días Y

No pase, por favor, esto es un club.
La nómina está llena.
No hay pieza en el hotel.
El señor ha salido.

Se busca una muchacha.
Fraude en las elecciones.
Gran baile para ciegos.

Cayó el premio mayor en Santa Clara.
Tómbola para huérfanos.
El caballero está en París.
La señora marquesa no recibe.
En fin Y

Que todo lo recuerdo y como todo lo recuerdo,
¿qué carajo me pide usted que haga?
Además, pregúnteles,
estoy seguro de que también
recuerdan ellos.

Canto Negro

¡Yambambó, yambambé!
Repica el congo solongo,
repica el negro bien negro;
congo solongo del Songo
baila yambó sobre un pie.

Mamatomba,
serembe cuserembá.

El negro canta y se ajuma,
el negro se ajuma y canta,
el negro canta y se va.
Acuememe serembó,
aé
yambó,
aé.

Tamba, tamba, tamba, tamba,
tamba del negro que tumba;
tumba del negro, caramba,

caramba, que el negro tumba:
¡yamba, yambó, yambambé!

Tengo

Cuando me veo y toco
yo, Juan sin Nada no más ayer,
y hoy Juan con Todo,
y hoy con todo,
vuelvo los ojos, miro,
me veo y toco
y me pregunto cómo ha podido ser.

Tengo, vamos a ver,
tengo el gusto de andar por mi país,
dueño de cuanto hay en él,
mirando bien de cerca lo que antes
no tuve ni podía tener.

Zafra puedo decir,
monte puedo decir,
ciudad puedo decir,
ejército decir,
ya míos para siempre y tuyos, nuestros,
y un ancho resplandor
de rayo, estrella, flor.

Tengo, vamos a ver,
tengo el gusto de ir
yo, campesino, obrero, gente simple,
tengo el gusto de ir
¡es un ejemplo!
a un banco y hablar con el administrador,
no en inglés,
no en señor,
sino decirle compañero como se dice en español.

Tengo, vamos a ver,
que siendo un negro
nadie me puede detener
a la puerta de un dancing o de un bar.
O bien en la carpeta de un hotel
gritarme que no hay pieza,
una mínima pieza y no una pieza colosal,
una pequeña pieza donde yo pueda descansar.

Tengo, vamos a ver,
que no hay guardia rural
que me agarre y me encierre en un cuartel,
ni me arranque y me arroje de mi tierra
al medio del camino real.

Tengo que como tengo la tierra tengo el mar,
no country,
no jailáif,
no tennis y no yatch,
sino de playa en playa y ola en ola,
gigante azul abierto democrático:
en fin, el mar.

Tengo, vamos a ver,
que ya aprendí a leer,
a contar,
tengo que ya aprendí a escribir
y a pensar
y a reír.

Tengo que ya tengo
donde trabajar
y ganar
lo que me tengo que comer.

Tengo, vamos a ver,
tengo lo que tenía que tener.

Biografía – Nicolás Guillen

Poeta cubano al que se le considera un genuino representante de la poesía negra de su país.

Trabajó como tipógrafo antes de dedicarse al periodismo y darse a conocer como escritor. Desde su juventud participó intensamente en la vida cultural y política cubana, lo que le costó el exilio en varias ocasiones. Ingresó en el Partido Comunista en 1937, y tras el triunfo de la Revolución cubana en 1959 desempeñó cargos y misiones diplomáticas de relieve.

Inició su producción literaria en el ámbito del posmodernismo y la afianzó en el de las experiencias vanguardistas de los años veinte, en cuyo contexto se convirtió pronto en el representante más destacado de la poesía negra o afroantillana. Sin renunciar a otras posibilidades, en *Motivos de son* (1930), *Sóngoro cosongo*. *Poemas mulatos* (1931), *West Indies Ltd.* (1934) y poemas dispersos en libros posteriores, usó todos los recursos característicos de esa poesía con la voluntad de lograr una expresión auténtica para una cultura mulata, la propia de un país mulato como él mismo, y manifestó una preocupación social que se fue acentuando con el paso de los años.

Desde *West Indies Ltd.*, evolucionó rápidamente hacia esas preocupaciones políticas y sociales: en *Cantos para soldados y sones para turistas* (1937), *El son entero* (1947) y *La paloma de vuelo popular* (1958), mostró su compromiso con la patria cubana y americana, con sus hermanos de raza y con todos los desheredados del mundo, mientras en *España. Poema en cuatro angustias y una esperanza* (1937) acusó el impacto de la Guerra Civil española y el asesinato de Federico García Lorca. Crítico con la injusticia y el imperialismo, eso no le impidió verse afectado por las inquietudes neorrománticas y metafísicas que también dominaron la literatura de esa época, pues el amor y la muerte son también temas fundamentales en su poesía. Con *Tengo* (1964) manifestó su júbilo ante la Cuba revolucionaria, y *Poemas de amor* (1964), *El gran zoo* (1967), *La rueda dentada* (1972), *El diario que a diario* (1972) y *Por el mar de las Antillas anda un barco de papel*. *Poemas para niños y mayores de edad* (1977) demostrarían su capacidad para conjugar preocupaciones diversas y encontrar formas de expresión siempre renovadas. En *Prosa de prisa* (1975-1976) se han recogido sus trabajos periodísticos.

OSWALD DE ANDRADE

A Descoberta

Seguimos nosso caminho por este mar de longo
Até a oitava da Páscoa
Topamos aves
E havemos vista de terra
os selvagens
Mostraram-lhes uma galinha
Quase haviam medo dela
E não queriam por a mão
E depois a tomaram como espantados
primeiro chá
Depois de dançarem
Diogo Dias
Fez o salto real
as meninas da gare
Eram três ou quatro moças bem moças e bem gentis
Com cabelos mui pretos pelas espáduas
E suas vergonhas tão altas e tão saradinhas
Que de nós as muito bem olharmos
Não tínhamos nenhuma vergonha.

Canto de Regresso à Pátria

Minha terra tem palmares
Onde gorjeia o mar
Os passarinhos daqui
Não cantam como os de lá
Minha terra tem mais rosas
E quase que mais amores
Minha terra tem mais ouro
Minha terra tem mais terra
Ouro terra amor e rosas
Eu quero tudo de lá
Não permita Deus que eu morra
Sem que volte para lá
Não permita Deus que eu morra
Sem que volte pra São Paulo
Sem que veja a Rua 15
E o progresso de São Paulo.

Erro de Português

Quando o português chegou
Debaixo de uma bruta chuva
Vestiu o índio
Que pena!
Fosse uma manhã de sol
O índio tinha despido
O português.

O Capoeira

- Qué apanhá sordado?
- O quê?
- Qué apanhá?
Pernas e cabeças na calçada.

Oferta

Quem sabe
Se algum dia
Traria
O elevador
Até aqui
O teu amor

Pronominais

Dê-me um cigarro
Diz a gramática
Do professor e do aluno
E do mulato sabido
Mas o bom negro e o bom branco
Da Nação Brasileira
Dizem todos os dias
Deixa disso camarada
Me dá um cigarro

OTTO RENÉ CASTILLO (GUATEMALA) (1926 – 1967)

Distante de tu rostro

Pequeña patria mía, dulce tormenta,
un litoral de amor elevan mis pupilas
y la garganta se me llena de silvestre alegría
cuando digo patria, obrero, golondrina.
Es que tengo mil años de amanecer agonizando
y acostarme cadáver sobre tu nombre inmenso,
flotante sobre todos los alientos libertarios,
Guatemala, diciendo patria mía, pequeña campesina.

Ay, Guatemala,
cuando digo tu nombre retorno a la vida.
Me levanto del llanto a buscar tu sonrisa.
Subo las letras del alfabeto hasta la A
que desemboca al viento llena de alegría
y vuelvo a contemplarte como eres,
una raíz creciendo hacia la luz humana
con toda la presión del pueblo en las espaldas.
¡Desgraciados los traidores, madre patria, desgraciados.
Ellos conocerán la muerte de la muerte hasta la muerte!

¿Por qué nacieron hijos tan viles de madre cariñosa?

Así es la vida de los pueblos, amarga y dulce,
pero su lucha lo resuelve todo humanamente.
Por ello patria, van a nacerte madrugadas,
cuando el hombre revise luminosamente su pasado.

Por ello patria,
cuando digo tu nombre se rebela mi grito
y el viento se escapa de ser viento.
Los ríos se salen de su curso meditando
y vienen en manifestación para abrazarte.
Los mares conjugan en sus olas y horizontes
tu nombre herido de palabras azules, limpio,
pata lavarte hasta el grito acantilado del pueblo,
donde nadan los peces con aletas de auroras.
La lucha del hombre te redime en la vida.

Patria, pequeña, hombre y tierra y libertad
cargando la esperanza por los caminos del alba.
Eres la antigua madre del dolor y el sufrimiento.
La que marcha con un niño de maíz entre los brazos.
La que inventa huracanes de amor y cerezales
y se da redonda sobre la faz del mundo
para que todos amen un poco de su nombre:
un pedazo brutal de sus montañas
o la heroica mano de sus hijos guerrilleros.

Pequeña patria, dulce tormenta mía,
canto ubicado en mi garganta
desde los siglos del maíz rebelde:
tengo mil años de llevar tu nombre

como un pequeño corazón futuro
cuyas alas comienzan a abrirse a la mañana.

Nuestra voz

Para que los pasos no me lloren,
para que las palabras no me sangren:
canto.

Para tu rostro fronterizo del alma
que me ha nacido entre las manos:
canto.

Para decir que me has crecido clara
en los huesos más amargos de la voz:
canto.

Para que nadie diga: ¡tierra mía!,
con toda la decisión de la nostalgia:
canto.

Por lo que no debe morir, tu pueblo:
canto.

Me lanzo a caminar sobre mi voz para decirte:
tú, interrogación de frutas y mariposas silvestres,
no perderás el paso en los andamios de mi grito,
porque hay un maya alfarero en tu corazón,
que bajo el mar, adentro de la estrella,
humeando en las raíces, palpitando mundo,
enreda tu nombre en mis palabras.

Canto tu nombre, alegre como un violín de surcos,
porque viene al encuentro de mi dolor humano.
Me busca del abrazo del mar hasta el abrazo del viento
para ordenarme que no tolere el crepúsculo en mi boca.
Me acompaña emocionado el sacrificio de ser hombre,
para que nunca baje al lugar donde nació la traición
del vil que ató tu corazón a la tiniebla, ¡negándote!

Vámonos patria a caminar

Vámonos patria a caminar, yo te acompaño.
Yo bajaré los abismos que me digas.
Yo beberé tus cálices amargos.
Yo me quedaré ciego para que tengas ojos.
Yo me quedaré sin voz para que tú cantes.
Yo he de morir para que tú no mueras,
para que emerja tu rostro flameando al horizonte
de cada flor que nazca de mis huesos.

Tiene que ser así, indiscutiblemente.

Ya me cansé de llevar tus lágrimas conmigo.
Ahora quiero caminar contigo, relampagueante.
Acompañarte en tu jornada, porque soy un hombre
del pueblo, nacido en octubre para la faz del mundo.
Ay, patria,
a los coroneles que orinan tus muros
tenemos que arrancarlos de raíces,
colgarlos de un árbol de rocío agudo,
violento de cóleras de pueblo.
Por ello pido que caminemos juntos. Siempre
con los campesinos agrarios

y los obreros sindicales,
con el que tenga un corazón para quererte.

Vámonos patria a caminar, yo te acompaño.

PABLO NERUDA (CHILE)

Acontece

Bateram à minha porta em 6 de agosto,
aí não havia ninguém
e ninguém entrou, sentou-se numa cadeira
e transcorreu comigo, ninguém.

Nunca me esquecerei daquela ausência
que entrava como Pedro por sua causa
e me satisfazia com o não ser,
com um vazio aberto a tudo.

Ninguém me interrogou sem dizer nada
e contestei sem ver e sem falar.

Que entrevista espaçosa e especial!

(Últimos Poemas)

Angela Adonica

Hoje deitei-me junto a uma jovem pura
como se na margem de um oceano branco,
como se no centro de uma ardente estrela
de lento espaço.

Do seu olhar largamente verde
a luz caía como uma água seca,
em transparentes e profundos círculos
de fresca força.

Seu peito como um fogo de duas chamas
ardía em duas regiões levantado,
e num duplo rio chegava a seus pés,
grandes e claros.

Um clima de ouro madrugava apenas
as diurnas longitudes do seu corpo
enchendo-o de frutas extendidas
e oculto fogo..



Antes de Amar-te...

Antes de amar-te, amor,
nada era meu:
vacilei pelas ruas
e coisas:
nada contava,
nem tinha nome:
o mundo era
do ar que esperava.

E conheci salões cinzentos,
túneis habitados pela lua,
hangares cruéis que se despediam,
perguntas que
insistiam na areia.

Tudo estava vazio, morto e mudo,
caído, abandonado e decaído,
tudo era inalienavelmente alheio,
tudo era dos outros e de ninguém,
até que tua luz, teu sorriso
encheram minha alma.
Nomes e prenomes tive
beijos, carícias e
carinhos me deste,
e tua beleza e tua
pobreza de dádivas
encheram meu outono,
meu inverno,
minha primavera,
meu verão
e agora,
sem o outono de volta...

Assim é Minha Vida

Meus deveres
caminham com meu canto.
Sou e não sou:
é esse meu destino.
Não sou, se não acompanho as dores
dos que sofrem: são dores minhas.
Porque não posso ser
sem ser de todos,
de todos os calados e oprimidos.
Venho do povo e canto para o povo.
Minha poesia
é cântico e castigo.
Me dizem:
"Pertences à sombra".
Talvez, talvez, porém na luz caminho.
Sou o homem do pão e do peixe,
e não me encontrarão

entre os livros,
mas com as mulheres
e os homens:
eles me ensinaram o infinito.

Como nascem as bandeiras

São assim agora as nossas bandeiras.
O povo bordou-as com a sua ternura,
Coseu os panos com o seu sofrimento.

Gravou a estrela com a sua mão ardente.

E tirou, da camisa ou do céu,
Azul para a estrela da pátria.

O vermelho nascia, gota a gota.

em Canto Geral

É assim que te quero

É assim que te quero, amor,
assim, amor, é que eu gosto de ti,
tal como te vestes
e como arranjias
os cabelos e como
a tua boca sorri,
ágil como a água
da fonte sobre as pedras puras,
é assim que te quero, amada,
Ao pão não peço que me ensine,
mas antes que não me falte
em cada dia que passa.
Da luz nada sei, nem donde
vem nem para onde vai,
apenas quero que a luz alumie,
e também não peço à noite explicações,
espero-a e envolve-me,
e assim tu pão e luz
e sombra és.
Chegastes à minha vida
com o que trazias,
feita
de luz e pão e sombra, eu te esperava,
e é assim que preciso de ti,
assim que te amo,
e os que amanhã quiserem ouvir
o que não lhes direi, que o leiam aqui
e retrocedam hoje porque é cedo
para tais argumentos.
Amanhã dar-lhes-emos apenas
uma folha da árvore do nosso amor, uma folha
que há-de cair sobre a terra
como se a tivessem produzido os nosso lábios,
como um beijo caído
das nossas alturas invencíveis
para mostrar o fogo e a ternura
de um amor verdadeiro.

Esperemos

Há outros dias que não têm chegado ainda,
que estão fazendo-se
como o pão ou as cadeiras ou o produto
das farmácias ou das oficinas
- há fábricas de dias que virão -
existem artesãos da alma
que levantam e pesam e preparam
certos dias amargos ou preciosos
que de repente chegam à porta
para premiar-nos
com uma laranja
ou assassinar-nos de imediato.
(Últimos Poemas)

O Amor do Soldado – 1952 (Dos Versos do Capitão)

Em plena guerra levo-te a vida
a ser o amor do soldado.
Com teu pobre vestido de seda,
tuas unhas de pedra falsa
te toco caminhar pelo fogo
Vem aqui, vagabunda,
vem beber sobre meu peito
rubro sereno.
Não querias saber onde andavas,
eras a companheira do baile
não tinhas partido nem pátria.
E agora a meu lado caminhando
vês que comigo vai a vida
e que detrás está a morte.
Já não podes voltar a dançar
com teu traje de seda na sala.
Te vais a rasgar os sapatos,
mas vais crescer na marcha.
Tens que andar sobre as espinhas
deixando gotinhas de sangue.
Beija-me de novo, querida
Limpa o fuzil, camarada

O Inseto

Das tuas ancas aos teus pés
quero fazer uma longa viagem.

Sou mais pequeno que um inseto.

Percorro estas colinas,
são da cor da aveia,
têm trilhos estreitos
que só eu conheço,
centímetros queimados,
pálidas perspectivas.

Há aqui um monte.
Nunca dele sairei.
Oh que musgo gigante!
E uma cratera, uma rosa
de fogo umedecido!

Pelas tuas pernas desço
tecendo uma espiral
ou adormecendo na viagem
e alcanço os teus joelhos
duma dureza redonda
como os ásperos cumes
dum claro continente.

Para teus pés resvalo
para as oito aberturas
dos teus dedos agudos,
lentos, peninsulares,
e deles para o vazio
do lençol branco
caio, procurando cego
e faminto teu contorno
de vaso escaldante!

O Poço

Cais, às vezes, afundas
em teu fosso de silêncio,
em teu abismo de orgulhosa cólera,
e mal consegues
voltar, trazendo restos
do que achaste
pelas profunduras da tua existência.

Meu amor, o que encontras
em teu poço fechado?
Algas, pântanos, rochas?
O que vês, de olhos cegos,

rancorosa e ferida?

Não acharás, amor,
no poço em que caís
o que na altura guardo para ti:
um ramo de jasmims todo orvalhado,
um beijo mais profundo que esse abismo.

Não me temas, não caias
de novo em teu rancor.
Sacode a minha palavra que te veio ferir
e deixa que ela voe pela janela aberta.
Ela voltará a ferir-me
sem que tu a dirijas,
porque foi carregada com um instante duro
e esse instante será desarmado em meu peito.

Radiosa me sorri
se minha boca fere.
Não sou um pastor doce
como em contos de fadas,
mas um lenhador que comparte contigo
terras, vento e espinhos das montanhas.

Dá-me amor, me sorri
e me ajuda a ser bom.
Não te firas em mim, seria inútil,
não me firas a mim porque te feres.

O Vento na Ilha

O vento é um cavalo
Ouça como ele corre
Pelo mar, pelo céu.
Quer me levar: escuta
como recorre ao mundo
para me levar para longe.

Me esconde em teus braços
por somente esta noite,
enquanto a chuva rompe
contra o mar e a terra
sua boca inumerável.

Escuta como o vento
me chama galopando
para me levar para longe.

Com tua frente a minha frente,
com tua boca em minha boca,
atados nossos corpos
ao amor que nos queima,
deixa que o vento passe
sem que possa me levar.

Deixa que o vento corra
coroadado de espuma,
que me chame e me busque

galopando eu, emergido
debaixo teus grandes olhos,
por somente esta noite

descansarei, amor meu.

Os Inimigos

Aqui eles trouxeram os fuzis repletos
de pólvora, eles comandaram o acerbo extermínio,
eles aqui encontraram um povo que cantava,
um povo por dever e por amor reunido,
e a delgada menina caiu com a sua bandeira,
e o jovem sorridente girou a seu lado ferido,
e o estupor do povo viu os mortos tombarem
com fúria e dor.

Então, no lugar
onde tombaram os assassinados,
baixaram as bandeiras para se empaparem do
sangue
para se erguerem de novo diante dos assassinos.
Por estes mortos, nossos mortos,
peço castigo.
Para os que salpicaram a pátria de sangue,
peço castigo.
Para o verdugo que ordenou esta morte,
peço castigo.

Para o traidor que ascendeu sobre o crime,
peço castigo.

Para o que deu a ordem de agonia,
peço castigo.

Para os que defenderam este crime,
peço castigo.

Não quero que me dêem a mão
empapada de nosso sangue.
Peço castigo.

Não vos quero como embaixadores,
tampouco em casa tranqüilos,
quero ver-vos aqui julgados,
nesta praça, neste lugar.

Quero castigo.

Quero saber

Quero saber se você vem comigo
a não andar e não falar,
quero saber se ao fim alcançaremos
a incomunicação; por fim
ir com alguém a ver o ar puro,
a luz listrada do mar de cada dia
ou um objeto terrestre
e não ter nada que trocar
por fim, não introduzir mercadorias

como o faziam os colonizadores
trocando baralhinhos por silêncio.
Pago eu aqui por teu silêncio.
De acordo, eu te dou o meu
com u te dou o meu
com uma condição: não nos compreender

(Últimos Poemas)

Os teus pés

Quando não te posso contemplar
Contemplo os teus pés.
Teus pés de osso arqueado,
Teus pequenos pés duros,
Eu sei que te sustentam
E que teu doce peso
Sobre eles se ergue.
Tua cintura e teus seios,
A duplicada purpura
Dos teus mamilos,
A caixa dos teus olhos
Que há pouco levantaram voo,
A larga boca de fruta,
Tua rubra cabeleira,
Pequena torre minha.
Mas se amo os teus pés
É só porque andaram
Sobre a terra e sobre
O vento e sobre a água,
Até me encontrarem.

Peço Silencio

Agora me deixem tranqüilo.
Agora se acostumem sem mim.
Eu vou fechar os olhos
E só quero cinco coisas,
Cinco raízes preferidas.

Uma é o amor sem fim.
Em segundo é ver o outono.
Não posso existir
Sem que as folhas voem
E voltem para a terra.
Em terceiro é o inverno rigoroso,
a chuva que amei,
A carícia do fogo no frio silvestre.

Em quarto lugar o verão,
redondo como uma melancia.
A quinta coisa é teus olhos
Matilde minha, bem amada.
Não quero dormir sem teus olhos,
Não quero ser sem que me olhes.
Eu troco a primavera
Para que continues me olhando.

Saudade

Saudade é solidão acompanhada,
É quando o amor ainda não foi embora,
mas o amado já...

Saudade é amar um passado
que ainda não passou,
é recusar um presente que nos machuca,
é não ver o futuro que nos convida...

Saudade é sentir que existe
o que não existe mais...

Só uma pessoa no mundo deseja sentir saudade,
aquela que nunca amou.

E esse é o maior dos sofrimentos:
não ter por quem sentir saudades,
passar pela vida e não viver.

O maior dos sofrimentos é nunca ter sofrido...

"Sê"

Se não puderes ser um pinheiro, no topo de uma
colina,

Sê um arbusto no vale mas sê
O melhor arbusto à margem do regato.
Sê um ramo, se não puderes ser uma árvore.
Se não puderes ser um ramo, sê um pouco de
relva

E dá alegria a algum caminho.

Se não puderes ser uma estrada,
Sê apenas uma senda,
Se não puderes ser o Sol, sê uma estrela.
Não é pelo tamanho que terás êxito ou fracasso...
Mas sê o melhor no que quer que sejas.

Se tu me esqueces

Quero que saibas uma coisa.
Tu já sabes o que é:
Se olho a lua de cristal,
o ramo rubro do lento outono
em minha janela,

se toco junto ao fogo
a implacável cinza ou
o enrugado corpo da madeira,
tudo me leva a ti,
como se tudo o que existe,
aromas, luz, metais,
fossem pequenos barcos
que navegam para estas tuas ilhas
que me aguardam.
Pois, ora, se pouco a pouco
deixas de me amar, de te amar, pouco a pouco,
deixarei.
Se de repente me esqueces, não me procures,
já te esqueci também.
Se consideras longe e louco
o vento de bandeiras que canta minha vida
e te decides a me deixar na margem do coração
no qual tenho raízes, pensa que nesse dia
a essa hora levantarei os braços
me nascerão raízes procurando outra terra.
Porém, se cada dia,
cada hora, sentes que a mim estás
destinada com doçura implacável,
se cada dia se ergue uma flor
a teus lábios me buscando,
ai, amor meu, ai minha,
em mim todo esse fogo se repete,
em mim nada se apaga
nem se esquece, do teu amor, amada,
o meu se nutre,
e enquanto vivas estará em teus braços
e sem sair.

Talvez

Talvez não ser,
é ser sem que tu sejas,
sem que vás cortando
o meio dia com uma
flor azul,
sem que caminhes mais tarde
pela névoa e pelos tijolos,
sem essa luz que levas na mão
que, talvez, outros não verão dourada,
que talvez ninguém
soube que crescia
como a origem vermelha da rosa,
sem que sejas, enfim,
sem que viesses brusca, incitante
conhecer a minha vida,
rajada de roseira,
trigo do vento,

E desde então, sou porque tu és
E desde então és
sou e somos...
E por amor
Serei... Serás... Seremos...

Te Amo

Não te amo como se fosses
rosa de sal, topázio

ou flecha de cravos que
propagam o fogo:

te amo como se amam
certas coisas obscuras,

secretamente, entre a
sombra e a alma.

Te amo como a planta
que não floresce e leva

dentro de si, oculta, a luz
daquelas flores,

e graças a teu amor vive
escuro em meu corpo

o apertado aroma que
ascendeu da terra.

Te amo sem saber como,
nem quando, nem onde,

te amo diretamente sem
problemas nem orgulho:

assim te amo porque não
sei amar de outra maneira,

senão assim deste modo em
que não sou nem és,

tão perto que tua mão
sobre meu peito é minha,

tão perto que se fecham
seus olhos com meu sonho.

Tercer Libro de Las Odas

Dai a mim os verdes labirintos,
as esbeltas vertentes dos Andes,
e sob as parreiras,
amada,
tua cintura de guitarra!

dai-me as ondas
que sacodem
o corpo cristalino de minha pátria,
deixai-me ao Este ver como se eleva
a majestade do mundo
num colar altivo de vulcões
e a meus pés só o selo da espuma,
neve do mar, eterna prataria!

Amor dos meus amores,
terra pura, quando volte
irei correndo à tua proa
de embarcação terrestre,
e assim navegaremos
confundidos
até que tu me cubras
e eu possa contigo, eternamente,
ser vinho que regressa em cada outono,
pedra de tuas alturas,
onda de teu marinho movimento!

quando meus passos vão,
quando voltam meus passos,
nega-me o pão, o ar,
a luz, a primavera,
mas nunca o teu riso,
porque então eu morreria.

Teu Riso

Tira-me o pão, se quiseres,
tira-me o ar, mas não
me tires o teu riso.
Não me tires a rosa,
a lança que desfolhas,
a água que de súbito
brota da tua alegria,
a repentina onda
de prata que em ti nasce.
A minha luta é dura e regresso
com os olhos cansados
às vezes por ver
que a terra não muda,
mas ao entrar teu riso
sobe ao céu a procurar-me
e abre-me todas
as portas da vida.
Meu amor, nos momentos
mais escuros solta
o teu riso e se de súbito
vires que o meu sangue mancha
as pedras da rua,
ri, porque o teu riso
será para as minhas mãos
como uma espada fresca.
À beira do mar, no outono,
teu riso deve erguer
sua cascata de espuma
e na primavera, amor,
quero teu riso como
a flor que esperava,
a flor azul, a rosa
da minha pátria sonora.

Ri-te da noite,
do dia, da lua,
ri-te das ruas
tortas da ilha,
ri-te deste grosseiro
rapaz que te ama,
mas quando abro
os olhos e os fecho,

Tuas mãos

Quando tuas mãos saem,
amada, para as minhas,
o que me trazem voando?
Por que se detiveram
em minha boca, súbitas,
e por que as reconheço
como se outrora então
as tivesse tocado,
como se antes de ser
houvessem percorrido
minha frente e a cintura?

Sua maciez chegava
voando por sobre o tempo,
sobre o mar, sobre o fumo,
e sobre a primavera,
e quando colocaste
tuas mãos em meu peito,
reconheci essas asas
de paloma dourada,
reconheci essa argila
e a cor suave do trigo.

A minha vida toda
eu andei procurando-as.
Subi muitas escadas,
cruzei os recifes,
os trens me transportaram,
as águas me trouxeram,
e na pele das uvas
achei que te tocava.
De repente a madeira
me trouxe o teu contacto,
a amêndoa me anunciava
suavidades secretas,
até que as tuas mãos
envolveram meu peito
e ali como duas asas
repousaram da viagem.

sino se a penduramos num
campanário junto ao mar. E depois
vá até as pedras e grave a
arrebentação das ondas.

E se ouvir
gaivotas, grave.

E se ouvir
o silêncio das estrelas siderais, grave.(...)

Campesina

Entre los surcos tu cuerpo moreno
es un racimo que a la tierra llega.
Torna los ojos, mírate los senos,
son dos semillas ácidas y ciegas.

Tu carne es tierra que será madura
cuando el otoño te tienda las manos,
y el surco que será tu sepultura
temblará, temblará, como un humano

al recibir tus carnes y tus huesos
-rosas de pulpa con rosas de cal:
rosas que en el primero de los besos
vibraron como un vaso de cristal-

La palabra de qué concepto pleno
será tu cuerpo? No lo he de saber!
Torna los ojos, mírate los senos,
tal vez no alcanzarás a florecer.

O Carteiro e o Poeta (trecho)

"(...) Mas também queria
pedir uma coisa, Mario,
que só você pode cumprir.
Todos os meus outros amigos
ou não saberiam o que fazer
ou pensariam que sou um
velho caduco e ridículo.
Quero que você vá com
este gravador passeando
pela Isla Negra e grave todos
os sons e ruídos que vá encontrando.
Preciso desesperadamente de algo,
nem que seja o fantasma da minha casa.
A minha saúde não anda
nada bem. Sinto falta do mar.
Sinto falta do mar.
Sinto falta dos pássaros.
mande para mim os sons
da minha casa. Entre no jardim
e faça soar os sinos.
Primeiro grave esse repicar suave dos
sininhos pequenos quando o
vento bate neles, e depois puxe
o cordão do sino maior cinco, seis
vezes. Sinos, meus sinos! Não há
nada que soe tão bem como a palavra

Gosto quando te calas

Gosto quando te calas porque estás como ausente,
e me ouves de longe, minha voz não te toca.
Parece que os olhos tivessem de ti voado
e parece que um beijo te fechara a boca.
Como todas as coisas estão cheias da minha alma
emerge das coisas, cheia da minha alma.
Borboleta de sonho, pareces com minha alma,
e te pareces com a palavra melancolia.
Gosto de ti quando calas e estás como distante.
E estás como que te queixando, borboleta em arrulho.

E me ouves de longe, e a minha voz não te alcança:
Deixa-me que me cale com o silêncio teu.
Deixa-me que te fale também com o teu silêncio
claro como uma lâmpada, simples como um anel.
És como a noite, calada e constelada.
Teu silêncio é de estrela, tão longinquo e singelo.
Gosto de ti quando calas porque estás como ausente.
Distante e dolorosa como se tivesses morrido.
Uma palavra então, um sorriso bastam.
E eu estou alegre, alegre de que não seja verdade.

A Noite na Ilha

Dormi contigo a noite inteira junto do mar, na ilha.
Selvagem e doce eras entre o prazer e o sono,
entre o fogo e a água.
Talvez bem tarde nossos
sonos se uniram na altura e no fundo,
em cima como ramos que um mesmo vento move,
embaixo como raízes vermelhas que se tocam.
Talvez teu sono se separou do meu e pelo mar escuro
me procurava como antes, quando nem existias,
quando sem te enxergar naveguei a teu lado
e teus olhos buscavam o que agora - pão,
vinho, amor e cólera - te dou, cheias as mãos,
porque tu és a taça que só esperava os dons da minha vida.
Dormi junto contigo a noite inteira,
enquanto a escura terra gira com vivos e com mortos,
de repente desperto e no meio da sombra meu braço
rodeava tua cintura.
Nem a noite nem o sonho puderam separar-nos.
Dormi contigo, amor, despertei, e tua boca
saída de teu sono me deu o sabor da terra,
de água-marinha, de algas, de tua íntima vida,
e recebi teu beijo molhado pela aurora
como se me chegasse do mar que nos rodeia.

Amiga

Amiga, não morras.
Ouve estas palavras que me saem em chamas,
e que ninguém diria se eu não as dissesse.
Amiga, não morras.
Eu sou o que te espera na noite estrelada.
O que sob o sangrento sol poente te espera.
Vejo caírem os frutos na terra sombria.
Vejo dançarem as gotas de orvalho sobre a ervas.
À noite sob o intenso perfume das rosas,
quando dança ao redor das imensas sombras.
Sob o céu do Sul, o que te espera quando
o ar da tarde beija como uma boca.

Amiga, não morras.
Eu sou o que cortou as grinaldas rebeldes
para o leito selvagem perfumado a sol e a selva.
O que trouxe nos braços jacintos amarelos.
E rosas despedaçadas. E papoulas sangrentas.
O que cruzou os braços para esperar-te, agora.
O que quebrou seus arcos. O que dobrou suas flechas.
Eu sou o que guarda nos lábios o sabor de uvas.
Cachos amassados. Mordidas vermelhas.
O que te chama desde as planícies floridas.

Eu sou o que te deseja na hora do amor.
O ar da tarde arqueia os altos ramos.
Ébrio, meu coração, submisso a Deus, cambaleia.
O rio transbordante põe-se a chorar e às vezes
afina-se sua voz e se faz pura e trêmula.
Ressoa, entardecida, a lamuria azul da água.

Amiga, não morras!
Eu sou o que te espera na noite estrelada,
sobre as praias douradas, sobre as loiras eras.
O que cortou jacintos para teu leito, e rosas.
Estendido sobre a relva eu sou o que te espera!

Canto às mães dos militantes mortos

Não Morreram! Estão no meio da pólvora,
De pé, como estopins ardendo!

Suas sombras puras se uniram
No campo e de cor de cobre
Como uma cortina de vento blindado,
Como uma barreira de cor de fúria,
Como a mesma invisível valentia do céu.

Mães! Eles estão de pé no trigo,
Altos como o profundo meio-dia,
Dominando as grandes planícies!
São uma úvula de voz negra
Que através dos corpos de aço assassinado
Repica a vitória
Irmãos como o povo
Caído, corações
Quebrados
Tenham fé em vossos mortos!
Não só são raízes
Baixas das pedras pitadas de sangue,
Não só seus pobres ossos derrubados
Definitivamente ainda trabalham na terra,
Suas bocas mordem pólvora seca
E atacam como oceanos de ferro, e ainda
Seus punhos levantados contradizem a morte.
Porque de tantos corpos uma vida invisível se levanta.

Mães, bandeiras, filhos!
Um só corpo vivo como a vida:
Um rosto de olhos rachados vigia as trevas
Com uma espada cheia de esperança terrestre!

Deixai!
Vossos mantos de luto, juntai todas
Vossas lágrimas até fazê-la metais:
Que ali golpeamos de dia e de noite,
Ali esculpimos de dia e de noite
Até que caíam as sportas do ódio!

Eu não me esqueço de vossas desgraças, conosco,
Vossos filhos,
E se estou orgulhoso de suas mortes,
Estou também orgulhoso de suas vidas.

Seus risos relapejavam nos surdos laboratórios,
Seus passos no Metrô
Soavam ao meu lado cada dia, e junto
As laranjas de Levante, as redes do Sul, junto
A tinta das tipografias, sobre o cimento das arquiteturas
Vi iluminar seus corações de fogo e energias.

E como o vosso coração, mães
Há em meu coração tanto luto e tanta morte
Que parece uma selva
Molhada por sangue que matou seu sorriso,
E entram nas nervosas névoas da insônia
Com a dolorosa saudade dos dias.
Mas
Mais que a maldição das hienas sedentas, ao grunhido bestial
Que ruge da África seus livres imundos,
Mais que a cólera, mais que a humilhação, mais que o pranto,
mães atravessadas pela angústia e pela morte,
olhai o coração do nobre dia que nasce,
e sabeis que vossos mortos sorriem da terra
levantando os punhos sobre o trigo.

É Proibido

É proibido chorar sem aprender,
Levantar-se um dia sem saber o que fazer
Ter medo de suas lembranças.

É proibido não rir dos problemas
Não lutar pelo que se quer,
Abandonar tudo por medo,

Não transformar sonhos em realidade.
É proibido não demonstrar amor
Fazer com que alguém pague por tuas dúvidas e mau-humor.
É proibido deixar os amigos

Não tentar compreender o que viveram juntos
Chamá-los somente quando necessita deles.
É proibido não ser você mesmo diante das pessoas,
Fingir que elas não te importam,

Ser gentil só para que se lembrem de você,
Esquecer aqueles que gostam de você.
É proibido não fazer as coisas por si mesmo,
Não crer em Deus e fazer seu destino,

Ter medo da vida e de seus compromissos,
Não viver cada dia como se fosse um último suspiro.
É proibido sentir saudades de alguém sem se alegrar,

Esquecer seus olhos, seu sorriso, só porque seus caminhos se
desencontraram,
Esquecer seu passado e pagá-lo com seu presente.
É proibido não tentar compreender as pessoas,
Pensar que as vidas deles valem mais que a sua,

Não saber que cada um tem seu caminho e sua sorte.

É proibido não criar sua história,
Deixar de dar graças a Deus por sua vida,

Não ter um momento para quem necessita de você,
Não compreender que o que a vida te dá, também te tira.
É proibido não buscar a felicidade,

Não viver sua vida com uma atitude positiva,
Não pensar que podemos ser melhores,
Não sentir que sem você este mundo não seria igual.

Eu Aqui me Despeço

Eu me despeço.
Volto à minha casa, em meus sonhos.
Volto à Patagônia, aonde o vento golpeia os estábulos e salpica de frescor o Oceano.
Sou nada mais que um poeta: amo a todos, ando errante pelo mundo que amo.
Em minha pátria, prende-se mineiros e os soldados mandam mais que os juízes.
Entretanto, amo até mesmo as raízes de meu pequeno país frio.
Se tivesse que morrer mil vezes, ali quero morrer.
Se tivesse que nascer mil vezes, ali quero nascer.
Perto da araucária selvagem, do vendaval que vem do sul,
das campanas recém compradas.
Que ninguém pense em mim.
Pensemos em toda a terra, golpeando com amor a mesa.
Não quero que volte o sangue... a molhar o pão, os feijões, a música:
quero que venha comigo o mineiro, a criança, o advogado, o marinheiro, o fabricante de bonecas.
Que entremos no cinema e bebamos o vinho mais tinto.
Eu não vim para resolver nada.
Vim aqui para cantar e quero que cantes comigo.

Na Vida

Morre lentamente quem se transforma em escravo do hábito,
repetindo todos os dias os mesmos trajetos,
quem não muda de marca,
não arrisca vestir uma cor nova
e não fala com quem não conhece.
Morre lentamente quem faz
da televisão o seu guru.
Morre lentamente quem
evita uma paixão,
quem prefere o escuro ao invés do claro e
os pingos nos "is" a um redemoinho de emoções, exatamente a que resgata
o brilho nos olhos, o sorriso nos lábios e
coração ao tropeços.
Morre lentamente quem
não vira a mesa quando está infeliz no trabalho,
quem não arrisca o certo pelo incerto,
para ir atrás de um sonho.
Morre lentamente quem
não se permite,
pelo menos uma vez na vida, ouvir conselhos sensatos.
Morre lentamente quem

não viaja, não lê, quem não ouve música,
quem não encontra graça em si mesmo.
Morre lentamente quem
passa os dias queixando-se
da sua má sorte, ou da chuva incessante.
Morre lentamente quem destrói seu amor próprio,
quem não se deixa ajudar.
Morre lentamente quem abandona um projeto antes
de iniciá-lo,
nunca pergunta sobre um assunto que desconhece
e nem responde quando lhe perguntam sobre algo que sabe.
Evitemos a morte em suaves porções,
recordando sempre que
estar vivo exige um esforço muito maior que o simples
ar que respiramos.
Somente com infinita paciência conseguiremos a verdadeira felicidade.

Ode ao Rio de Janeiro

Rio de Janeiro, a água é a tua bandeira,
agita as suas cores, sopra e retine no vento,
cidade, negra náiade, de claridade sem fim,
de abrasadora sombra, de pedra com espuma
é o teu tecido, o cadenciado balanço da tua rede marinha,
o azul movimento dos teus pés areentos,
o aceso ramo dos teus olhos.
Rio, Rio de Janeiro,
os gigantes salpicam a tua estátua
com pontos de pimenta,
deixaram na tua boca dorsos do mar,
barbatanas perturbadoramente mornas,
promontórios da fertilidade, tetas da água,
declives de granito, lábios de ouro,
e entre as pedras quebradas o sol marinho
iluminando rutilantes espumas.
Ó Beleza,
ó cidadela de pele fosforescente,
romã de carne azul,
ó deusa tatuada em sucessivas ondas de ágata negra,
da tua nua estátua um aroma de jasmim molhado
se desprende, vem no suor, um ácido pegajoso
de cafezais e de frutarias
e pouco a pouco sob o teu diadema,
entre a dupla maravilha dos teus seios,
entre cúpula e cúpula da tua natureza
aparece o dente da desgraça,
a cancerosa cauda da miséria humana,
nos montes leprosos o cacho inclemente
das vidas, pirilampo terrível,
esmeralda extraída do sangue,
o teu povo estende-se até aos confins da selva
num rumor abafado, passos e surdas vozes,
migrações de esfomeados, escuros pés com sangue,
o teu povo, para lá dos rios, na densa amazônia,
esquecido, no Norte de espinhos,
esquecido, com sede nos planaltos,
esquecido, nos portos mordido pela febre,
esquecido, à porta da casa de onde o expulsaram,
pedindo-te apenas um olhar,
esquecido.

Noutras terras, reinos, nações, ilhas, a cidade capital,
a coroada, foi colméia de trabalhos humanos,
amostra do azar e do acerto,
fígado da pobre monarquia, cozinha da pálida república.
Tu és a espelhante montra de uma sombria noite,
a garganta coberta de águas marinhas
e ouro de um corpo abandonado,
és a porta delirante de uma casa vazia,
és o antigo pecado, a salamandra cruel, intacta
na fogueira das longas dores do teu povo,
és Sodoma,
Sim,
Sodoma
deslumbrante, com um fundo sombrio
de veludo verde, rodeada de crespas sombras,
de águas ilimitadas,
dormes nos braços da desconhecida Primavera
dum planeta selvagem.
Rio, Rio de Janeiro,
quantas coisas tenho para te dizer.
Nomes que nunca esquecerei,
amores que amadurecem o seu perfume,
encontros contigo, quando
do teu povo uma onda
agregue ao teu diadema a ternura,
quando à tua bandeira de águas
subam as estrelas do homem,
não do mar,
não do céu,
quando no esplendor da tua auréola
eu veja o negro, o branco, o filho
da tua terra e do teu sangue, elevados
até à dignidade da tua formosura,
iguais na luz resplandecente,
proprietários humildes e orgulhosos
do espaço e da alegria, então,
Rio de Janeiro,
quando alguma vez
para todos os teus filhos,
e não somente para alguns,
abrires o teu sorriso,
espuma de morena náíade,
então eu serei o teu poeta,
chegarei com a minha lira
para cantar em teu aroma
e na tua cintura de platina dormirei,
na tua areia incomparável,
na frescura azul do leque
que tu abrirás no meu sono
como as asas de uma gigantesca
borboleta marinha.

Santos

Santos: é no Brasil, e faz já quatro vezes dez anos.
Alguém ao meu lado conversa "Pelé é um super-homem",
"não sou um aficcionado, mas na televisão eu gosto".

Antes era selvático este ponto
e cheirava como uma axila do Brasil caloroso.
É um barco, e é outro, mil barcos!
Agora os frigoríficos estabeleceram catedrais de belo cinza,
e parecem jogos de dados de deuses os brancos edifícios.
Quantos grãos de café, quantas gotas salobres de suor?
Talvez o mar se encheria, mas a terra não,
nunca a terra, nunca satisfeita, faminta sempre de café,
sedenta de suor negro! Terra maldita,
espero que arrebetes um dia, de alimentos,
de sacos mastigados e de eterno suor de homens
que já morreram e foram substituídos para continuar suando.

Um canto para Bolívar

Pai nosso que estais na terra, na água e no ar
De toda a nossa extensa latitude silenciosa,
Tudo leva teu nome, pai em nossa, morada
Teu sobrenome, a cana levanta ã doçura o estanho Bolívar tem um
Fulgor Bolívar, o pássaro Bolívar, sobre o vulcão Bolívar, a batata, o sal,
As sombras especiais, as correntes, as listras da fosfórica pedra, nosso
Tudo vem de tua vida apagada: a herança foram rios, planícies e torres:
Tua herança é o pão nosso de cada dia, pai.
Teu pequeno cadáver de capitão valente estendeu na sua imensa forma metálica:
logo saem dedos teus entre a neve
E o meridional pescador tira a luz rapidamente
Teu sorriso, tua voz palpitando nas redes
De que cor é a rosa que junto a sua alma
Levantamos?
Vermelha será a rosa que lembra seu passo
Como são as mãos que tocam tuas cinzas?
Vermelhas serão as mãos que em tuas cinzas nascem.
E como é a semente de teu coração morto?
É vermelha a semente de teu coração vivo
Por isso é hoje a sentinela de mãos junto a ti.
Junto a minha mão há outra e há outra junto dela,
E outra mais, até o fundo do continente escuro
E há outra mão que tu não conhecestes então
Vem também, Bolívar a estreitar a tua.
De Teruel, de Madrid, de Jarama, de Ebro.
Do cárcere, do ar, dos mortos da Espanha,
chega esta mão vermelha que é filha da tua
Capitão combatente, onde uma boca,
Grita liberdade, onde um ouvido escuta,
onde um soldado vermelho rompe uma frente escura
Onde o louro dos livres brota,
onde uma nova bandeira se adorna
Com sangue de nossa insígnia aurora,
Bolívar, capitão, se avista seu rosto,
Outra vez entre a pólvora e fumaça
tua espada esta nascendo.
Outra vez sua bandeira com sangue se bordou.
Os malvados atacam tua semente de novo:
Cravado em outra cruz está o filho do homem.

Mas fazia a esperança nos conduz tua sombra:
O louro e a luz do exército vermelho
Através da noite da América com tua mirada
Teus olhos que vigiam além dos mares,
Além dos povos oprimidos e feridos,
Além das negras cidades incendiadas,
Tua voz nasce de novo, tua mão outra vez nasce,
Teu exército defende as bandeiras sagradas:
E um som terrível de dores precede
Aurora avermelhada pelo sangue do homem
Libertador, um mundo de paz nasceu em teus braços.
A paz, o pão, o trigo do teu sangue nasceram:
De nosso jovem sangue vindo do teu sangue
Surgirá paz, pão e trigo para o mundo
Que faremos
Eu conheci Bolívar em uma manhã longa
Em Madrid, na boca do quinto regimento
“Pai”, lhe disse, “és, ou não és ou quem és?”
E olhando o quartel da montanha, falou:
“Desperto a cada cem anos, quando desperta o povo.”

Plena mulher, maçã carnal, lua quente,
espesso aroma de algas, lodo e luz pisados,
que obscura claridade se abre entre tuas colunas?
que antiga noite o homem toca com seus sentidos?
Ai, amar é uma viagem com água e com estrelas,
com ar oprimido e bruscas tempestades de farinha:
amar é um combate de relâmpagos e dois corpos
por um so mel derrotados.
Beijo a beijo percorro teu pequeno infinito,
tuas margens, teus rios, teus povoados pequenos,
e o fogo genital transformado em delícia
corre pelos tênues caminhos do sangue
até precipitar-se como um cravo noturno,
até ser e não ser senão na sombra de um raio.

Vês estas mãos?

Mediram a terra, separaram os minerais e os cereais,
fizeram a paz e a guerra, derrubaram as distâncias
de todos os mares e rios,
e, no entanto, quando te percorrem a ti,
pequena, grão de trigo, andorinha,
não chegam para abarcar-te,
esforçadas alcançam as palomas gêmeas
que repousam ou voam no teu peito,
percorrem as distâncias de tuas pernas,
enrolam-se na luz de tua cintura.
Para mim és tesouro mais intenso de imensidão
que o mar e seus racimos
e és branca, és azul e extensa como a terra na vindima.
Nesse território, de teus pés à tua frente,
andando, andando, andando, eu passarei a vida.

Dois amantes felizes não têm fim nem morte,

nascem e morrem tanta vez enquanto vivem,
são eternos como é a natureza.

Tenho fome de tua boca, de tua voz, teus cabelos
e pelas ruas vou sem me nutrir, calado,
não me sustenta o pão, a aurora me desconcerta,
procuro o líquido som de teus pés pelo dia.

Faminto estou de teu sorriso resvalado,
de tuas mãos cor de furioso celeiro,
tenho fome da pálida pedra de tuas unhas,
quero comer tua pele como intacta amêndoa.

PAGU / PATRÍCIA REHDER GALVÃO

Canal

Nada mais sou que um canal
Seria verde se fosse o caso
Mas estão mortas todas as esperanças
Sou um canal
Sabem vocês o que é ser um canal?
Apenas um canal?

Evidentemente um canal tem as suas nervuras
As suas nebulosidades
As suas algas
Nereidazinhas verdes, às vezes amarelas
Mas por favor
Não pensem que estou pretendendo falar
Em bandeiras
Isso não

Gosto de bandeiras alastradas ao vento
Bandeiras de navio
As ruas são as mesmas.
O asfalto com os mesmos buracos,
Os inferninhos acesos,
O que está acontecendo?
É verdade que está ventando noroeste,
Há garotos nos bares
Há, não sei mais o que há.
Digamos que seja a lua nova
Que seja esta plantinha voacejando na minha frente.
Lembranças dos meus amigos que morreram
Lembranças de todas as coisas ocorridas
Há coisas no ar...
Digamos que seja a lua nova
Iluminando o canal
Seria verde se fosse o caso
Mas estão mortas todas as esperanças
Sou um canal.

Publicado n'A Tribuna, Santos/SP, em 27-11-1960

Um Peixe

Um pedaço de trapo que fosse
Atirado numa estrada
Em que todos pisam
Um pouco de brisa
Uma gota de chuva
Uma lágrima
Um pedaço de livro
Uma letra ou um número
Um nada, pelo menos
Desesperadamente nada.



Pagu (anos 20)

(Fósforos de segurança)

Fósforos de segurança
Indústrias tais
Fatais.
Isso veio hoje numa pequena caixa
Que achei demasiado cretina
Porque além de toda essa história
De São Paulo - Brasil
Dava indicações do nome da fábrica.
Que eu não vou dizer
Porque afinal o meu mister não é dizer
Nome de indústria
Que não gosto nem um pouquinho
De publicidade
A não ser que
Isso tudo venha com um nome de família
Instituição abalizada
Que atrapalha a vida de quem nada quer saber
Com ela.
Ela, ela, ela.

Hoje me falaram em virtude
Tudo muito rito, muito rígido
Com coisinhas assim mais ou menos
Sentimentais.

Tranças faziam balanças
Nas grandes trepadeiras
Estávamos todos por conta de.

Nascinatturos espalhavam moedinhas
Evidentemente estavam brincando
Pois evidentemente, nos tempos atuais
Quem espalha moedas
Ou é louco, ou é porque
está brincando mesmo.
O que irritou foi o porque

Nothing

Nada nada nada
Nada mais do que nada
Porque vocês querem que exista apenas o nada
Pois existe o só nada
Um pára-brisa partido uma perna quebrada
O nada
Fisionomias massacradas
Tipóias em meus amigos
Portas arrombadas
Abertas para o nada
Um choro de criança
Uma lágrima de mulher à-toa
Que quer dizer nada
Um quarto meio escuro
Com um abajur quebrado
Meninas que dançavam
Que conversavam
Nada
Um copo de conhaque
Um teatro
Um precipício
Talvez o precipício queira dizer nada
Uma carteirinha de travel's check
Uma partida for two nada
Trouxeram-me camélias brancas e vermelhas
Uma linda criança sorriu-me quando eu a
abraçava
Um cão rosnava na minha estrada
Um papagaio falava coisas tão engraçadas
Pastorinhas entraram em meu caminho
Num samba morenamente cadenciado
Abri o meu abraço aos amigos de sempre
Poetas compareceram
Alguns escritores
Gente de teatro
Birutas no aeroporto
E nada.

Publicado n'A Tribuna, Santos/SP, em 23/09/1962

(...) De degrau em degrau descí a escada das degradações, porque o Partido precisava de quem não tivesse um escrúpulo, de quem não tivesse personalidade, de quem não discutisse. De quem apenas ACEITASSE. Reduziram-me ao trapo que partiu um dia para longe, para o Pacífico, para o Japão e para a China, pois o Partido se cansara de fazer de mim gato e sapato. Não podia mais me empregar em nada: estava 'pintada' demais. (...) Em 1935, procurei uma revolução que o Partido preparava e não achei revolução nenhuma. Nos pontos, nas esquinas, nenhuma voz, nenhum gesto. Apenas o fiasco. Mais uma vez, o fiasco (...) E todos nós para a cadeia (...) Outros se mataram. Outros foram mortos. Também passei por essa prova. Também tentaram me esganar em muito boas condições. Agora, saio de um túnel. Tenho várias cicatrizes, mas ESTOU VIVA."

PATATIVA DO ASSARÉ

A Triste Partida

Setembro passou, com outubro e novembro
Já tamo em dezembro.
Meu Deus, que é de nós?
Assim fala o pobre do seco Nordeste,
Com medo da peste,
Da fome feroz.

A treze do mês ele fez a experiência,
Perdeu sua crença
Nas pedra de sá.
Mas nôta experiência com gosto se agarra,
Pensando na barra
Do alegre Natá.

Rompeu-se o Natá, porém barra não veio,
O só, bem vermeio,
Nasceu munto além.
Na copa da mata, buzina a cigarra,
Ninguém vê a barra,
Pois barra não tem.

Sem chuva na terra descamba janêro,
Depois, feverêro,
E o mêrmo verão
Entonce o rocêro, pensando consigo,
Diz: isso é castigo!
Não chove mais não!

Apela pra maço, que é o mês preferido
Do Santo querido,
Senhô São José.
Mas nada de chuva! ta tudo sem jeito,
Lhe fuge do peito
O resto da fé.

Agora pensando segui ôtra tria,
Chamando a famia
Começa a dizê:
Eu vendo mau burro, meu jegue e o cavalo,
Nós vamo a São Palo
Vivê ou morrê.

Nôs vamo a São Palo, que a coisa tá feia;
Por terras aleia
Nós vamo vagá.
Se o nosso destino não fô tão mesquinho,
Pro mêrmo cantinho
Nós torna a vortá.

E vende o seu burro, o jumento e o cavalo,
Inté mêrmo o galo
Vendêro também,
Pois logo aparece feliz fazendêro,
Por pôco dinhêro
Lhe compra o que tem.

Em riba do carro se junta a famia;
Chegou o triste dia,
Já vai viajá.
A seca terrive, que tudo devora,
Lhe bota pra fora
Da terra natá.

O carro já corre no topo da serra.
Oiando pra terra,
Seu berço, seu lá,
Aquele nortista, partido de pena,
De longe inda acena:
Adeus, Ceará!

No dia seguinte, já tudo enfadado,
E o carro embalado,
Veloz a corrê,
Tão triste, o coitado, falando saudoso,
Um fio choroso
Escrama, a dizê:

- De pena e sodade, papai, sei que morro!
Meu pobre cachorro,
Quem dá de comê?
Já ôto pergunta: - Mãezinha, e meu gato?
Com fome, sem trato,
Mimi vai morrê!

E a linda pequena, tremendo de medo:
- Mamãe, meus brinquedo!
Meu pé fulô!
Meu pé de rosêra, coitado, ele seca!
E a minha boneca
Também lá ficou.

E assim vão dexando, com choro e gemido,
Do berço querido
O céu lindo e azu.
Os pai, pesaroso, nos fio pensando,
E o carro rodando
Na estrada do Su.

Chegaro em São Paulo - sem cobre, quebrado.
O pobre, acanhado,
Percura um patrão.
Só vê cara estranha, da mais feia gente,
Tudo é diferante
Do caro torrão.

Trabaia dois ano, três ano e mais ano,
E sempre no prano
De um dia inda vim.
Mas nunca ele pode, só veve devendo,
E assim vai sofrendo
Tormento sem fim.

Se arguma notícia das banda do Norte
Tem ele por sorte
O gosto de uvi,
Lhe bate no peito sodade de móio,
E as água dos óio
Começa a caí.

Do mundo afastado, sofrendo desprezo,
Ali veve preso,
Devendo ao patrão.
O tempo rolando, vai dia vem dia,
E aquela famia
Não vorta mais não!

Distante da terra tão seca mas boa,
Exposto à garoa,

À lama e ao paú,
Faz pena o nortista, tão forte, tão bravo,
Vivê como escravo
Nas terra do su.

A terra dos posseiros de Deus

Esta terra é desmedida
e devia ser comum,
Devia ser repartida
um toco pra cada um,
mode morar sossegado.

Eu já tenho imaginado
Que a baixa, o sertão e a serra,
Devia sê coisa nossa;
Quem não trabalha na roça,
Que diabo é que quer com a terra?

Caboclo roceiro

Caboclo Roceiro, das plaga do Norte
Que vive sem sorte, sem terra e sem lar,
A tua desdita é tristonho que canto,
Se escuto o meu pranto me ponho a chorar

Ninguém te oferece um feliz lenitivo
És rude e cativo, não tens liberdade.
A roça é teu mundo e também tua escola.
Teu braço é a mola que move a cidade

De noite tu vives na tua palhoça
De dia na roça de enxada na mão
Julgando que Deus é um pai vingativo,
Não vês o motivo da tua opressão

Tu pensas, amigo, que a vida que levas
De dores e trevas debaixo da cruz
E as crides constantes, quais sinas e espadas
São penas mandadas por nosso Jesus

Tu és nesta vida o fiel penitente
Um pobre inocente no banco do réu.
Caboclo não guarda contigo esta crença
A tua sentença não parte do céu.

O mestre divino que é sábio profundo
Não faz neste mundo teu fardo infeliz
As tuas desgraças com tua desordem
Não nascem das ordens do eterno juiz

A lua se apaga sem ter empecilho,
O sol do seu brilho jamais te negou
Porém os ingratos, com ódio e com guerra,
Tomaram-te a terra que Deus te entregou

De noite tu vives na tua palhoça
De dia na roça , de enxada na mão
Caboclo roceiro, sem lar , sem abrigo,

Tu és meu amigo, tu és meu irmão.

Cante lá, que eu canto cá

Poeta, cantô de rua,
Que na cidade nasceu,
Cante a cidade que é sua,
Que eu canto o sertão que é meu.

Se aí você teve estudo,
Aqui, Deus me ensinou tudo,
Sem de livro precisá
Por favô, não mêxa aqui,
Que eu também não mexo aí,
Cante lá, que eu canto cá.

Você teve inducação,
Aprende munta ciência,
Mas das coisa do sertão
Não tem boa esperiência.
Nunca fez uma paioça,
Nunca trabaio na roça,
Não pode conhecê bem,
Pois nesta penosa vida,
Só quem provou da comida
Sabe o gosto que ela tem.

Pra gente cantá o sertão,
Precisa nele morá,
Tê armoço de feijão
E a janta de mucunzá,
Vivê pobre, sem dinhêro,
Socado dentro do mato,
De apragata currelepe,
Pisando inriba do estrepe,
Brocando a unha-de-gato.

Você é muito ditoso,
Sabe lê, sabe escrevê,
Pois vá cantando o seu gozo,
Que eu canto meu padecê.
Inquanto a felicidade
Você canta na cidade,
Cá no sertão eu infrento
A fome, a dô e a misera.
Pra sê poeta divera,
Precisa tê sofrimento.

Sua rima, inda que seja
Bordada de prata e de ôro,
Para a gente sertaneja
É perdido este tesôro.
Com o seu verso bem feito,
Não canta o sertão dereito,
Porque você não conhece
Nossa vida aperreada.
E a dô só é bem cantada,
Cantada por quem padece.

Só canta o sertão direito,
Com tudo quanto ele tem,
Quem sempre correu estreito,
Sem proteção de ninguém,
Coberto de precisão
Suportando a privação
Com paciência de Jó,
Puxando o cabo da inxada,
Na quebrada e na chapada,
Moiadinho de suó.

Amigo, não tenha quêxa,
Veja que eu tenho razão
Em lhe dizê que não mêxa
Nas coisa do meu sertão.
Pois, se não sabe o colega
De quá manêra se pega
Num ferro pra trabaiá,
Por favô, não mêxa aqui,
Que eu também não mêxo aí,
Cante lá que eu canto cá.

Repare que a minha vida
É deferente da sua.
A sua rima pulida
Nasceu no salão da rua.
Já eu sou bem deferente,
Meu verso é como a simente
Que nasce inriba do chão;
Não tenho estudo nem arte,
A minha rima faz parte
Das obra da criação.

Mas porém, eu não invejo
O grande tesôro seu,
Os livro do seu colejo,
Onde você aprendeu.
Pra gente aqui sê poeta
E fazê rima com preta,
Não precisa professô;
Basta vê no mês de maio,
Um poema em cada gaio
E um verso em cada fulô.

Seu verso é uma mistura,
É um tá sarapaté,
Que quem tem pôca leitura
Lê, mais não sabe o que é.
Tem tanta coisa incantada,
Tanta deusa, tanta fada,
Tanto mistéro e condão
E ôtros negoço impossible.
Eu canto as coisa visive
Do meu querido sertão.

Canto as fulô e os abróio
Com todas coisa daqui:
Pra toda parte que eu óio
Vejo um verso se bulí.
Se as vêz andando no vale

Atrás de curá meus male
Quero repará pra serra
Assim que eu óio pra cima,
Vejo um divule de rima
Caindo inriba da terra.

Mas tudo é rima rastêra
De fruita de jatobá,
De fôia de gamelêra
E fulô de trapiá,
De canto de passarinho
E da poêra do caminho,
Quando a ventania vem,
Pois você já tá ciente:
Nossa vida é deferente
E nosso verso também.

Repare que deferença
Iziste na vida nossa:
Inquanto eu tô na sentença,
Trabaiando em minha roça,
Você lá no seu descanso,
Fuma o seu cigarro mando,
Bem perfumado e sadio;
Já eu, aqui tive a sorte
De fumá cigarro forte
Feito de paia de mio.

Você, vaidoso e facêro,
Toda vez que qué fumá,
Tira do bôorso um isquêro
Do mais bonito metá.
Eu que não posso com isso,
Puxo por meu artifiço
Arranjado por aqui,
Feito de chifre de gado,
Cheio de argodão queimado,
Boa pedra e bom fuzí.

Sua vida é divirtida
E a minha é grande pená.
Só numa parte de vida
Nóis dois samo bem iguá:
É no dereito sagrado,
Por Jesus abençoado
Pra consolá nosso pranto,
Conheço e não me confundo
Da coisa mió do mundo
Nóis goza do mesmo tanto.

Eu não posso lhe invejá
Nem você invejá eu,
O que Deus lhe deu por lá,
Aqui Deus também me deu.
Pois minha boa muié,
Me estima com munta fé,
Me abraça, beja e qué bem
E ninguém pode negá
Que das coisa naturá
Tem ela o que a sua tem.

Aqui findo esta verdade
Toda cheia de razão:
Fique na sua cidade
Que eu fico no meu sertão.
Já lhe mostrei um ispeio,
Já lhe dei grande conselho
Que você deve tomá.
Por favô, não mexa aqui,
Que eu também não mêxo aí,
Cante lá que eu canto cá

Dois quadros

Na seca inclemente do nosso Nordeste,
O sol é mais quente e o céu mais azul
E o povo se achando sem pão e sem veste,
Viaja à procura das terra do Sul.

De nuvem no espaço, não há um farrapo,
Se acaba a esperança da gente roceira,
Na mesma lagoa da festa do sapo,
Agita-se o vento levando a poeira.

A grama no campo não nasce, não cresce:
Outrora este campo tão verde e tão rico,
Agora é tão quente que até nos parece
Um forno queimando madeira de angico.

Na copa redonda de algum juazeiro
A aguda cigarra seu canto desata
E a linda araponga que chamam Ferreiro,
Martela o seu ferro por dentro da mata.

O dia desponta mostrando-se ingrato,
Um manto de cinza por cima da serra
E o sol do Nordeste nos mostra o retrato
De um bolo de sangue nascendo da terra.

Porém, quando chove, tudo é riso e festa,
O campo e a floresta prometem fartura,
Escutam-se as notas agudas e graves
Do canto das aves louvando a natura.

Alegre esvoaça e gargalha o jacu,
Apita o nambu e geme a juriti
E a brisa farfalha por entre as verduras,
Beijando os primores do meu Cariri.

De noite notamos as graças eternas
Nas lindas lanternas de mil vagalumes.
Na copa da mata os ramos embalam
E as flores exalam suaves perfumes.

Se o dia desponta, que doce harmonia!
A gente aprecia o mais belo compasso.
Além do balido das mansas ovelhas,

Enxames de abelhas zumbindo no espaço.

E o forte caboclo da sua palhoça,
No rumo da roça, de marcha apressada
Vai cheio de vida sorrindo, contente,
Lançar a semente na terra molhada.

Das mãos deste bravo caboclo roceiro
Fiel, prazenteiro, modesto e feliz,
É que o ouro branco sai para o processo
Fazer o progresso de nosso país.

O poeta da roça

Sou fio das mata, cantô da mão grossa,
Trabáio na roça, de inverno e de estio.
A minha chupana é tapada de barro,
Só fumo cigarro de páia de mío.

Sou poeta das brenha, não faço o papé
De algum menestré, ou errante cantô
Que veve vagando, com sua viola,
Cantando, pachola, à percura de amô.

Não tenho sabença, pois nunca estudei,
Apenas eu sei o meu nome assiná.
Meu pai, coitadinho! vivia sem cobre,
E o fio do pobre não pode estudá.

Meu verso rastêro, singelo e sem graça,
Não entra na praça, no rico salão,
Meu verso só entra no campo e na roça
Nas pobre paioça, da serra ao sertão.

Só canto o buliço da vida apertada,
Da lida pesada, das roça e dos eito.
E às vez, recordando a feliz mocidade,
Canto uma sodade que mora em meu peito.

Eu canto o cabôco com suas caçada,
Nas noite assombrada que tudo apavora,
Por dentro da mata, com tanta corage
Topando as visage chamada caipora.

Eu canto o vaquêro vestido de côro,
Brigando com o tôro no mato fechado,
Que pega na ponta do brabo novio,
Ganhando lugio do dono do gado.

Eu canto o mendigo de sujo farrapo,
Coerto de trapo e mochila na mão,
Que chora pedindo o socorro dos home,
E tomba de fome, sem casa e sem pão.

E assim, sem cobiça dos cofre luzente,
Eu vivo contente e feliz com a sorte,

Morando no campo, sem vê a cidade,
Cantando as verdade das coisa do Norte.

Linguage dos óio

Quem repara o corpo humano
E com cuidado nalisa,
Vê que o Autô Soberano
Lhe deu tudo o que precisa,
Os orgo que a gente tem
Tudo serve munto bem,
Mas ninguém pode negá
Que o Auto da Criação
Fez com maior prefeição
Os orgo visioná.

Os óio além de chorá,
É quem vê a nossa estrada
Mode o corpo se livrá
De queda e barruada
E além de chorá e de vê
Prumode nos defendê,
Tem mais um grande mistér
De admirave vantagem,
Na sua muda language
Diz quando qué ou não qué.

Os óios consigo tem
Incomparave segredo,
Tem o oiá querendo bem
E o oiá sentindo medo,
A pessoa apaixonada
Não precisa dizê nada,
Não precisa utilizá
A língua que tem na bôca,
O oiá de uma caboca
Diz quando qué namorá.

Munta comunicação
Os óio veve fazendo
Por izempro, oiá pidão
Dá siná que tá querendo
Tudo apresenta na vista,
Comparo com o truquista
Trabaiando bem ativo
Dexando o povo enganado,
Os óios pissui dois lado,
Positivo e negativo.

Mesmo sem nada falá,
Mesmo assim calado e mudo,
Os orgo visioná
Sabe dá siná de tudo,
Quando fica namorado
Pela moça despresado
Não precisa conversá,
Logo ele tá entendendo
Os óios dela dizendo,
Viva lá que eu vivo cá.

Os óios conversa munto
Nele um grande livro inziste
Todo repreto de assunto,
Por izempro o oiá triste
Com certeza tá contando
Que seu dono tá passando
Um sofrimento sem fim,
E o oiá desconfiado
Diz que o seu dono é curpado
Fez alguma coisa ruim.

Os óis duma pessoa
Pode bem sê comparado
Com as água da lagoa
Quando o vento tá parado,
Mas porém no mesmo istante
Pode ficá revoltante
Querendo desafiá,
Infuricido e valente;
Neste dois malandro a gente
Nunca pode confiá.

Oiá puro, manso e terno,
Protetó e cheio de brio
É o doce oiá materno
Pedindo para o seu fio
Saúde e felicidade
Este oiá de piedade
De perdão e de ternura
Diz que preza, que ama e estima
É os óio que se aproxima
Dos óio da Virge Pura.

Nem mesmo os grande oculista,
Os dotô que munta estuda,
Os mais maió cientista,
Conhece a lingua muda
Dos orgo visioná
E os mais ruim de decifrá
De todos que eu tô falando,
É quando o oiá é zanoio,
Ninguém sabe cada óio
Pra onde tá reparando.

O peixe

Tendo por berço o lago cristalino,

Folga o peixe, a nadar todo inocente,
Medo ou receio do porvir não sente,
Pois vive incauto do fatal destino.

Se na ponta de um fio longo e fino
A isca avista, ferra-a inconsciente,
Ficando o pobre peixe de repente,
Preso ao anzol do pescador ladino.

O camponês, também, do nosso Estado,
Ante a campanha eleitoral, coitado!
Daquele peixe tem a mesma sorte.

Antes do pleito, festa, riso e gosto,
Depois do pleito, imposto e mais imposto.
Pobre matuto do sertão do Norte!

Nordestino sim, nordestinado não

Nunca diga nordestino
Que Deus lhe deu um destino
Causador do padecer
Nunca diga que é o pecado
Que lhe deixa fracassado
Sem condições de viver

Não guarde no pensamento
Que estamos no sofrimento
É pagando o que devemos
A Providência Divina
Não nos deu a triste sina
De sofrer o que sofremos

Deus o autor da criação
Nos dotou com a razão
Bem livres de preconceitos
Mas os ingratos da terra
Com opressão e com guerra
Negam os nossos direitos

Não é Deus quem nos castiga
Nem é a seca que obriga
Sofrermos dura sentença
Não somos nordestinados
Nós somos injustiçados
Tratados com indiferença

Sofremos em nossa vida
Uma batalha renhida
Do irmão contra o irmão
Nós somos injustiçados
Nordestinos explorados
Mas nordestinados não

Há muita gente que chora
Vagando de estrada afora
Sem terra, sem lar, sem pão
Crianças esfarrapadas
Famintas, escaveiradas
Morrendo de inanição

Sofre o neto, o filho e o pai
Para onde o pobre vai
Sempre encontra o mesmo mal
Esta miséria campeia
Desde a cidade à aldeia
Do Sertão à capital

Aqueles pobres mendigos
Vão à procura de abrigos
Cheios de necessidade
Nesta miséria tamanha
Se acabam na terra estranha
Sofrendo fome e saudade

Mas não é o Pai Celeste
Que faz sair do Nordeste
Legiões de retirantes
Os grandes martírios seus
Não é permissão de Deus
É culpa dos governantes

Já sabemos muito bem
De onde nasce e de onde vem
A raiz do grande mal
Vem da situação crítica
Desigualdade política
Econômica e social

Somente a fraternidade
Nos traz a felicidade
Precisamos dar as mãos
Para que vaidade e orgulho
Guerra, questão e barulho
Dos irmãos contra os irmãos

Jesus Cristo, o Salvador
Pregou a paz e o amor
Na santa doutrina sua
O direito do banguero
É o direito do trapeiro
Que apanha os trapos na rua

Uma vez que o conformismo
Faz crescer o egoísmo
E a injustiça aumentar
Em favor do bem comum
É dever de cada um
Pelos direitos lutar

Por isso vamos lutar
Nós vamos reivindicar
O direito e a liberdade
Procurando em cada irmão
Justiça, paz e união
Amor e fraternidade

Somente o amor é capaz
E dentro de um país faz
Um só povo bem unido
Um povo que gozará
Porque assim já não há
Opressor nem oprimido

PAULO LEMINSKI (1944 – 1989)

a vida é as vacas
que você põe no rio
para atrair as piranhas
enquanto a boiada passa

Aço e flor

Quem nunca viu
que a flor, a faca e a fera
tanto fez como tanto faz,
e a forte flor que a faca faz
na fraca carne,
um pouco menos, um pouco mais,
quem nunca viu
a ternura que vai
no fio da lâmina samurai,
esse, nunca vai ser capaz.

Amor Bastante

quando eu vi você
tive uma idéia brilhante
foi como se eu olhasse
de dentro de um diamante
e meu olho ganhasse
mil faces num só instante

basta um instante
e você tem amor bastante

Amor, então,
também acaba?
Não, que eu saiba.
O que eu sei
é que se transforma
numa matéria-prima
que a vida se encarrega
de transformar em raiva.
Ou em rima.

Acordei bemol

acordei bemol
tudo estava sustentado
sol fazia
só não fazia sentido

en la lucha de clases
todas las armas son buenas
pedras
noches
poemas

Atraso pontual

ai daqueles
que se amaram sem nenhuma briga

aqueles que deixaram
que a magoa nova
virasse a chaga antiga

ai. daqueles que se amaram
sem saber que amor é pão feito em casa

e que a pedra só não voa
porque não quer
não porque não tem asa

Erra uma vez

nunca cometo o mesmo erro
duas vezes
já cometo duas três
quatro cinco seis
até esse erro aprender
que só o erro tem vez

esta vida é uma viagem
pena eu estar
só de passagem

eu
quando olho nos olhos
sei quando uma pessoa
está por dentro
ou está por fora
quem está por fora
não segura
um olhar que demora
de dentro de meu centro
este poema me olha

eu ontem tive a impressão
que deus quis falar comigo
não lhe dei ouvidos

quem sou eu para falar com deus?
ele que cuide dos seus assuntos
que eu cuido dos meus

guerra sou eu
guerra é você
guerra é de quem
de guerra for capaz

guerra é assunto
importante demais
para ser deixado
na mão dos generais

Incenso fosse música

isso de querer
ser exatamente aquilo
que a gente é
ainda vai
nos levar além

Lápide 1

epitáfio para o corpo
Aqui jaz um grande poeta.
Nada deixou escrito.
Este silêncio, acredito
são suas obras completas.

Lápide 2

epitáfio para a alma
aqui jaz um artista
mestre em disfarces
viver
com a intensidade da arte
levou-o ao infarte
deus tenha pena
dos seus disfarces

não possa tanta distância
deixar entre nós
este sol
que se põe
entre uma onda
e outra onda
no oceano dos lençóis

pelos caminhos que ando
um dia vai ser
só não sei quando

Quem dera eu fosse um músico
que só tocasse os clássicos,
a platéia chorando
e eu contando os compassos.

Se eu soubesse agora,
como eu soube antes,
a dança alegórica
entre as vogais e as

consoantes

Profissão de febre

quando chove,
eu chovo,
faz sol,
eu faço,
de noite,
anoiteço,
tem deus,
eu rezo,
não tem,
esqueço,
chove de novo,
de novo, chovo,
assobio no vento,
daqui me vejo,
lá vou eu,
gesto no movimento

quando eu vi você
tive uma ideia brilhante
foi como se eu olhasse
de dentro de um diamante
e meu olho ganhasse
mil faces num só instante

basta um instante
e você tem amor bastante

uma carta uma brasa através
por dentro do texto
nuvem cheia da minha chuva
cruza o deserto por mim
a montanha caminha
o mar entre os dois
uma sílaba um soluço

um sim um não um ai
sinais dizendo nós
quando não estamos mais

Rumo ao sumo

Disfarça, tem gente olhando.
uns olham pro alto,
cometas, luas, galáxias.
Outros olham de banda,
lunetas, luas, sintaxes.
De frente ou de lado,
sempre tem gente olhando
olhando ou sendo olhado

Outros olham pra baixo,
procurando algum vestígio
do tempo que a gente acha,
em busca do espaço perdido.
Raros olham para dentro,
já que não tem nada.
Apenas um peso imenso,
a alma, esse conto de fada.

um bom poema
leva anos
cinco jogando bola,
mais cinco estudando sânscrito,
seis carregando pedra,
nove namorando a vizinha,
sete levando porrada,
quatro andando sozinho,
três mudando de cidade,
dez trocando de assunto,
uma eternidade, eu e você,
caminhando junto

você
que a gente chama
quando gama
quando está com medo
e mágoa
quando está com sede
e não tem água
você
só você
que a gente segue
até que acaba
em cheque
ou em chamadas
qualquer som
qualquer um
pode ser tua voz
teu zumzumzum

Viver de noite me fez senhor do fogo.
A vocês eu deixo o sono.
O sonho, não.
Esse eu mesmo carrego

sossegue coração
ainda não é agora
a confusão prossegue
sonhos afora

calma calma
logo mais a gente goza
perto do osso
a carne é mais gostosa

I

Confira
tudo que
respira
conspira

II

Tudo é vago e muito vário
meu destino não tem siso,
o que eu quero não tem preço
ter um preço é necessário,
e nada disso é preciso

III

Cinco bares,
dez conhaques
atravesso são paulo
dormindo dentro de um táxi

IV

isso de querer
ser exatamente aquilo
que a gente é
ainda vai
nos levar além

V

O pauloleminski
é um cachorro louco
que deve ser morto
a pau a pedra
a fogo a pique
senão é bem capaz
o filhodaputa

de fazer chover
em nosso piquenique

Eldorado dos Carajás ...

A pedagogia do aço
golpeia no corpo
essa atroz geografia ...

Há cem anos
Canudos,
Contestado
Caldeirão ...

A pedagogia dos aço
golpeia no corpo
essa atroz geografia ...

Há uma nação de homens
excluídos da nação.
Há uma nação de homens
excluídos da vida.
Há uma nação de homens
calados,
excluídos de toda palavra.
Há uma nação de homens
combatendo depois das cercas.
Há uma nação de homens
sem rosto,
soterrado na lama,
sem nome
soterrado pelo silêncio.

Eles rondam o arame
das cercas
alumiados pela fogueira
dos acampamentos.

Eles rondam o muro das leis
e ataram no peito
uma bomba que pulsa:
o sonho da terra livre.

O sonho vale uma vida?
Não sei. Mas aprendi
da escassa vida que gastei:
a morte não sonha.

A vida vale tão pouco
do lado de fora da cerca ...

A terra vale um sonho?
A terra vale infinitas
reservas de crueldade,
do lado de dentro da cerca.

Hoje, o silêncio
pesa como os olhos de uma criança
depois da fuzilaria.

Candelária,
Carandirú,
Corumbiara,
Eldorado dos Carajás não cabem
na frágil vasilha das palavras ..

Se calarmos,
as pedras gritarão ...

Brasília, 25/04/96

A Morte Anunciada de Josimo Tavares

1.
Há um dizer antigo
entre os homens da raça dos rios:
a morte quando se anuncia,
devora a sombra do corpo
e inventa a luz da solidão.

Você se afastou sob o sol.
Era 14 de abril.
Busquei-lhe a sombra
sobre o chão da rua
e não havia sombra.

Ainda busquei tocá-lo.
Falamos da vida
e da morte
(a arma que me matará
já está na oficina ...)
E você sorria manso
desde a defendida
solidão dos místicos.
Falamos da luta
e da necessidade de prosseguir
(os tecelões da morte
forçam os teares,
arrematam os fios
do tecido que te cobrirá ...)

2.
Incendiaram nossas casas.
Destruíram plantações.
Saquearam celeiros.
Derrubaram cocais.
Envenenaram as águas.

Invadiram povoados.
Torturaram nossos pais.
Arrancaram as orelhas dos mortos.
Atiraram nos rios corpos mutilados
Derrubaram a cruz que erguemos,
sinal aceso de nossa memória.

Cortaram a língua dos nossos irmãos.
Violaram nossas filhas.
Assassinaram inválidos.
Queimaram a sangue e fogo
a terra que trabalhamos.

Quem emprestará a voz
ao idioma do perdão
e protegerá com súplicas
o riso dos assassinos?!

Aniquilaram a raiz da esperança.
Esgotou-se o tempo de tolerar
e desatou-se a hora da vingança:
o primitivo nome da justiça.

3.
Todos sabiam dessa morte.
A cerca do latifúndio sabia.
Os pistoleiros, os assalariados da morte,
a polícia fardada e paisana, o GETAT,
os garimpeiros, os bêbados, as prostitutas,
as professorinhas, as beatas,
as crianças brincando no areal da rua
sabiam

Os homens da terra, os posseiros, os saqueados,
as mulheres alfabetizadas pela dor
e pela espera
sabiam.

O prefeito, o juiz, o delegado, a UDR,
os fazendeiros, os crápulas
sabiam.

As mãos dos assassinos
poliam as armas.

A igreja sabia
e esperava ..

A haste orgulhosa do babaçu
sabia.
E dobrava as palmas num lamento
e multiplicava a ciência dessa morte,

os passarinhos, o relógio dos templos
mastigando o comboio das horas
e não se deteve, a água dos rios
não se deteve, fluindo irremediável
a hora dessa morte.

A pedra dos caminhos
sabia
e permaneceu muda,
o vento sabia
e anunciava seu gemido todavia
indecifrável

Tuas sandálias sabiam
e continuaram a caminhar.

Eu, que nasci votado à alegria
e vivo a contar o rosário interminável
dos mortos
não fiz o verso,

espada de fúria,

que cindisse em dois
o comboio das horas
e descarrilasse o tempo de tua morte.

Você sabia.
E sorria
apenas.
Como quem se lava
para chegar vestido
de algodão
e transparência
à hora da solidão.

Quem é esse menino negro
que desafia limites?

Apenas um homem.
Sandálias surradas.
Paciência e indignação.
Riso alvo.
Mel noturno.
Sonho irrecusável.

Lutou contra cercas.
Todas as cercas.
As cercas do medo.
As cercas do ódio.
As cercas da terra.
As cercas da fome.
As cercas do corpo.
As cercas do latifúndio.

Trago na palma da mão
um punhado de terra
que te cobriu.
Está fresca.
É morena, mas ainda não é livre
como querias.

Sei aqui dentro
que não queres apenas lágrimas.
Tua terra sobre a mesa
me diz com seu silêncio agudo
Meu sangue se levantará
como um rio acorrentado
e romperá as cercas do mundo.

Um rio de sangues convocados
atravessará tua camisa
e ela será bandeira
sobre a cabeça dos rebelados.

Goiânia, maio/86

Canto para as Mãos Partidas de Victor

Quisera chorar teus dedos dilacerados:
raízes do meu canto subterrâneo.
Quisera chamar-te “Hermano”
como a infância dos rios
lava o rosto da terra,

mas minha boca sangrava
um silêncio de canções amordaçadas.

De tuas mãos se dirá um dia:
geravam pássaros de sangue
como as primaveras da lua.

Tuas mãos,
tristes descendentes das canções araucanas,
tuas mãos mortas,
casa de canções decepadas,

tuas mãos rotas,
últimas filhas do vento,

guitarras enterradas sem canto,
sementes de fuzis,
seara de sangue.

Quisera entregar
minhas mãos inúteis
ao cepo de teus carrascos.

Carandiru: Pavilhão 111

Minha matéria são os diários.
Nada mais verdadeiro. Objetivo.
E nada mais falso.
Nada mais verdadeiro
na sua falsidade.
Nada mais falso
na sua verdade perecível,
Vendida na banca,
O que me reserva
a verdade do dia seguinte?

A verdade dos aços?
do fogo
cuspido cela adentro?

Ou a verdade da carne
mastigada, sem fuga possível?

A alva verdade dos dentes
dos cães?

Ou a verdade da marcha
dos homens de cinza,
escopeta no gancho do braço,
metralhadoras?

Ou a verdade dos nus?
A verdade da batalha
narrada pelos gatilhos,
ou a desamparada verdade
dos corpos
empilhados
pelos que vão morrer
com tiros na nuca?

Que verdade afinal me apazigua?
autoriza-me a seguir reproduzindo
impotente, os minuciosos gestos diários
— essa forma imperceptível de morte —,
a presumir que apesar de toda ruína
permanecemos todos
inalteradamente humanos?

Oficina

Hay que endurecerse, pero sin perder la ternura jamás.
Che Guevara

Ao companheiro Luiz José da Cunha, assassinado em julho de 1973

Há nesta cidade uma oficina.
Há nesta noite uma oficina.
Os ferreiros são apenas sombras,
na hora tardia dos encontros.

Reter a palavra quando o gesto é possível.
Descer a rua como a bruma sobre o mar.
O vigia não percebe mais que o vento,
um sereno mais intenso.

Há neste país uma oficina.
Há uma oficina na América.
Percebemos daqui o martelar das ordens:
recortar no aço o rosto dos ferreiros,

a mão taciturna dos ferreiros.
Trabalhar no ferro a vontade
dos escolhidos, a alma retificada
na dor, a crença que resistiu purificada.

Há na madrugada uma oficina.
Há no sangue do povo uma oficina
de reservas infinitas,
que se reconstrói a cada minuto.

Você, companheiro, encontre os homens
que labutam na forja
e diz a eles por mim:
não malhem na bigorna sem ternura.

Os novos materiais

Se Deus está morto
e o Papa tenta, em vão, ressuscitá-lo
com os poderes do Novo Catecismo ...

Se Fukuyama,
que nunca se cobriu de nee
e não sabe os labirintos do Tempo - como o monte
Fuji -
decretou o fim da História
e a História aparentemente se resigna ...

Se foi abolida a luta de classes,
embora os cidadãos comuns,
em defesa dos seus muros,
matem mais pobres e negros
que o crime organizado ...

Se no coração dos Andes
povos se curvam, colhem a folha
mascam,
vencem o *sorache*
e produzem a coca
como condição para seguir vivendo ...
Se é rigorosamente normal
assassinar crianças
que escaparam do frio,
da fome, da cola de sapateiro,
nas *Candelárias* do meu país ...

Se ruíram todas as utopias
e a ferocidade reduziu
a geografia dos homens
ao exato limite da pele

..

Se a *AIDS* converteu o gozo essencial
numa condenação
e o sêmen, o sangue
- os rios da vida -
no veneno indecifrável
da morte ...

Poema – Prólogo

Fui assassinado.
Morri cem vezes

e cem vezes renasci
sob os golpes do açoite.

Meus olhos em sangue
testemunharam
a dança dos algozes
em torno do meu cadáver.
Tornei-me mineral
memória da dor.
Para sobreviver,
recolhi das chagas do corpo
a lua vermelha de minha crença,
no meu sangue amanhecendo.

Em cinco séculos
reconstruí minha esperança.
A faca do verso feriu-me a boca
e com ela entreguei-me à tarefa de renascer.

Fui poeta
do povo da noite
como um grito de metal fundido.

Fui poeta
como uma arma
para sobreviver

e sobrevivi.

Companheira,
se alguém perguntar por mim:
sou o poeta que busca
converter a noite em semente,
o poeta que se alimenta
do teu amor de vigília
e silêncio
e bebeu no próprio sangue
o ódio dos opressores.

Porque sou o poeta
dos mortos assassinados,
dos eletrocutados, dos “suicidas”,
dos “enforcados” e “atropelados”,
dos que “tentaram fugir”,
dos enlouquecidos.

Sou o poeta
dos torturados,
dos “desaparecidos”,
dos atirados ao mar,
sou os olhos atentos
sobre o crime.

Companheira,
virão perguntar por mim.
Recorda o primeiro poema
que lhe deixei entre os dedos
e diz a eles
como quem acende fogueiras
num país ainda em sombras:

meu ofício sobre a terra
é ressuscitar os mortos
e apontar a cara dos assassinos.
Porque a noite não anoitece sozinha.
Há mãos armadas de açoite
retalhando em pedaços
o fogo do sol
e o corpo dos lutadores.

Venho falar
pela boca de meus mortos.
Sou poeta-testemunha,
poeta da geração de sonho
e sangue
sobre as ruas de meu país.

Ressurreição

1.
Ñancuazu já não te aguarda.
Vallegrande já não te guarda.
Bolívia já não te guarda
em seu coração de estanho.
Você desceu dos Andes.
Não se subjuga o corpo estendido dos ventos
Che.

A luz recorta o rosto inclinado sobre mapas ou
livros,
os cabelos, a boina, a estrela de cinco pontas.
A fumaça do charuto dissolve
todos os contornos e te semeia num campo arado
para além da região máscula dos mitos:
Che

Os rios do continente percorrem tuas veias
e as minhas, a caminho de Santa Clara.
Que *el Gran Caimán* te recolha,
em nome de todos nós.
Os rios do continente visitam os olhos
da terceira geração tocada
pela tirania de tua luz:
Che.

Tuas mãos deixaram o fuzil
e a palavra.
Há o tempo dos fuzis
e o tempo da palavra.
A palavra se faz verso,
aço
e ternura.
Por isso a palavra vaza o tempo,
sempre visitará a boca dos insubmissos.

Neste tempo de desertos, *Che*,
cabe aos poetas a temerária
tarefa das ressurreições.

2.

Antes que a madrugada
limpasse o carvão da sombra
e da morte,
e o tempo deitasse
sem pressa,
trinta anos contados, suas vagas de luz
sobre os destroços da vida,
fiz, pela palavra, um exército impossível
fluir do coração da terra.
Uma torrente inumerável de abelhas,
operárias do mel e da ternura,
a recobrir o dorso das serras,
o tronco das árvores,
a pedra dos abismos,
a merda abundante dos animais,
flores, brejos, veredas,
a larga vastidão dos gerais,
o campo de espadas verdes do chapadão,
até mergulhar a última rama
no caldo cor de ferrugem
e se fazer o sertão
viveiro voraz dos insetos,
caldeira escura fervendo
lamento, dor e memória.

3.

Poró a poró,
gota a gota,

como a noite,
tempo a tempo
destila a luz das estrelas

e a chuva amamenta
as bocas exaustas da terra,

como o angico goteja
o ouro de sua resina,

as abelhas untadas
na ciência de todos os sucos

vão rejuntando
o corpo do Comandante
Ernesto Guevara:
memória dispersa do povo.

No canto mais fresco,
na grota mais funda,
no cerne da noite
de nãncauazú remontam:
os pés:
calejados pés
do sempre retirante,
alicerces do mundo,
passo do povo em marcha.

As mãos:
arado da terra e do tempo

pátria primeira do pão de todos.

Os braços:
força contida do povo,
fúria de vulcões acorrentados,
mastros erguidos na tormenta.

O sangue:
mar vermelho derramado,
vento de furacão,
matéria do Tempo Novo.

O sonho:
vôo de pássaros iguais
- tão diferentes em sua pluma -
água viva, libertada,
canto dos cantos gerais.

E a voz,
corda a corda resgatada
dos socavões do silêncio,
como os galos condenados
resgatam da escuridão
sementes de alvorada,
recompõe-se obstinada,
em trovão subterrâneo,
anúncio de tempestades.

4.

Quando o Tempo regressar dos seus labirintos
para inquirir a pedra dos séculos
- armado com a artilharia dos relâmpagos -,
este século de cinza e rebeldia
oferecerá a face fugidia deste homem
que escapa aos desígnios do mercado
e sempre recusará o altar dos deuses.
Ernesto *Che* Guevara: apenas um homem,
talhado em ternura e valentia.
Comandante, companheiro,
que meu verso possa te devolver ao Continente:
dou por terminada a temerária tarefa da
ressurreição.

Brasília, outubro/97

Metal e Sonho

Organizar a esperança, conduzir a tempestade
romper os muros da noite, criar sem pedir licença
um mundo de liberdade
Trabalhar a dor, trabalhar o dia
trabalhar a flor, irmão, e a coragem de acender a rebeldia!
No clamor das oficinas, moldamos metal e sonho
banhada em sal e suor, forjamos
a ferramenta Central dos trabalhadores.
Convocar todos os sonhos e a mãos das companheiras
feitas de espera e de flor, tecendo nossas bandeiras
na trama de cada dor
Arrastar todas as cercas que as enxadas voltarão
à terra mãe de lavrar e dividir o Sertão liberto como outro mar.
Levantar os oprimidos que os tiranos tremerão
e aos palácios destruídos, avançaremos unidos
no passo da multidão.
Retomamos a memória, na batalha das cidades
empunhamos nossa história já não há quem nos detenha
nós somos a tempestade.

Seleção de alguns poemas de *POEMAS DO POVO DA NOITE*

A palavra sepultada

Hoje eu queria dizer-lhe muitas coisas,
de resto, ninguém mais poderia ouvir-me.
Seu coração receba o vento de minha dor.
A porta do calabouço cerrou os dentes
sobre meus ossos.
A morte visita minha boca
num murmúrio sepultado e inútil.
Sinto enorme o peso das palavras.

É quando a mudez se tornou vício.
É quando o muro não cercou o corpo apenas
e há coisas necessitando explodir.
É quando a palavra dita não vem do cerne
e se perde na cinza.

Eu queria dizer-lhe muitas coisas,
Não há como fazê-lo.
Na cela ao lado, um companheiro morto.
Algo a dizer sobre isso?
O que pode o grito se não se perpetua?
As palavras estão gastas, mortas por dentro.
Meu corpo será meu grito,
embora hoje permaneça mudo
e sem esperança de compor um canto urgente.

Hoje eu queria dizer-lhe muitas coisas...

(73/75)

As mãos atadas

No hora do grito
é difícil perceber algo
no rosto dos perseguidos.

Alguns ganham a cor dos homens aflitos,
Outros, um cansaço de mil anos, ou ainda,
a maneira triste dos homens capazes de morte.

Taciturnos depois da noite de suplício.
Era voz de mulher
mas nenhum de nós lhe viu o rosto.

Não é preciso dizer nada
e guardo meus pensamentos:
(contra os golpes do carrasco

restou apenas
a força de minha crença.
Essa foi minha arma,

essa terá sido a sua.
Será a do último
torturado desta guerra.)

Se algum dia tiveres
de enfrentar essa batalha
não contes com a morte rápida.

Não te espantes de estar vivo
depois do primeiro dia.
Foi apenas o primeiro dia.

Sobretudo não contes
com o gesto humano,
nas mãos de teu carrasco.

Não procures aqui
um gesto que se perdeu
na rua dos oprimidos.

Entre as mãos caladas do torneiro
regressando ao subúrbio,
talvez encontres um gesto humano.

(74)

As mãos limpas

Ao companheiro Alexandre Vannucchi Leme,
Assassinado em 17 de março de 1973

Sobre a mesa as mãos de um homem:
Branças, limpas, tranqüilas.
Mãos de um habitante das cidades.
Por si mesmas não dizem nada.

Acariciam os cabelos dos filhos,

o rosto da mulher, compram os jornais,
dirigem o automóvel,
estarão suadas ao meio-dia.
Esses, afinal, são gestos universais.

Contudo, neste fim de tarde, eu as vejo
Exaustas, vazias, manchadas de sangue.
O corpo de Alexandre repousa sem algemas,
(é pouco mais que um adolescente)
Da boca obstinada não fugiu palavra
e, na morte, seu rosto resplandece.

Daquelas mãos não se dirá:
“Estão marcadas com o sangue dos inocentes”.
Ei-las: lavadas, neutras, polidas cuidadosamente,
prontas a repetir gestos universais.
Acariciar os cabelos do filho,
o rosto da mulher,

passear pela cidade, insuspeitadas.
Ir ao cinema. Levar o cigarro à boca.
Confundir-se entre mãos comuns
dos homens comuns, dessa cidade comum.
(73)

Companheira

Senti teus olhos na sombra
como diamantes mudos,
teus olhos aprisionados
como passarinhos.

Guardei no peito teus olhos
de madrugada rebelde,
rompendo a noite
dos corredores.

Tomei na sombra tuas mãos feridas
como terra semeada
e aprendi o ódio dos escravos
no instante que precede a revolta.

(74)

O capuz

Cá está o capuz sobre a grade.
Traz consigo uma segura
promessa de dor. Na boca
do sentinela um meio riso.

Cá está uma parcela da noite
cobrindo meu rosto.
A mão de meu inimigo
determina o caminho.

Pelos corredores aprendi
o jeito inseguro dos cegos.
As mãos Tateando a parede.

Sob os pés a escada imprevista,

o degrau a mais, a queda,
o riso dos soldados,
o gesto perdido buscando
uma porta que não houve.

O passar dos dias
e as cicatrizes no corpo
ensinaram-me esse caminho.
Nos dedos guardei as arestas,

o ferro das portas,
o fio dos dínamos.
No dorso a marca
desses dias de sombra.

O capuz repete a dor
no corpo de cada combatente,
uma dor mercenária
recrutada a serviço da noite.

(74)

Perguntaram-me muitas coisas...

Perguntaram-me muitas coisas
mas eu estive calado, porque
é inútil falar aos inimigos
quando os inimigos são fortes.

Porque é inútil repetir
ao assassino de meu irmão
as cores da manhã
reconstruída sobre sua morte.

Eu lhes narrei apenas, nos intervalos da dor,
as promessas de incêndio,
o povo na casa dos opressores,
o muro dos justicados.

Perguntaram-me muitas coisas
mas eu estive calado, porque
é inútil falar aos inimigos
quando os inimigos são fortes.

(74)

Sobreviveremos

Perdemos a noção do tempo.
A luz nos vem da última lâmpada,
coada pela multidão de sombras.
A própria voz dos companheiros tarda,

como se viesse de muito longe,
como se a sombra lhe roubasse o corte.
Nessa noite parada sobrevivemos.
Ficou-nos a palavra, embora reprimida.

Mas o murmúrio denuncia que a vitória
não foi completa. Dobra o silêncio
e envia o abraço de alguém
cujo rosto nunca vimos e, todavia, amamos.

Nessa noite parada sobrevivemos.
Sobreviveremos.
Ficou-nos a crença, de resto, inestinguível,
na manhã proibida.

(74)

ROQUE DALTON (EL SALVADOR, 1935 - 1975)

Tabernas y otros lugares

El País (I)

27 Años

Es una cosa seria
tener veintisiete años
en realidad es una
de las cosas más serias
en derredor se mueren los amigos
de la infancia ahogada
y empieza a dudar uno
de su inmortalidad.

Americalatina

El poeta cara a cara con la luna
fuma su margarita emocionante
bebe su dosis de palabras ajenas
vuela con sus pinceles de rocío
rasca su violincito pederasta.

Hasta que se destroza los hocicos
en el áspero muro de un cuartel.

Buscándome Lios

La noche de mi primera reunión de célula llovía
mi manera de chorrear fue muy aplaudida por
cuatro
o cinco personajes del dominio de Goya
todo el mundo ahí parecía levemente aburrido
tal vez de la persecución y hasta de la tortura
diariamente soñada.

Fundadores de confederaciones y de huelgas
mostraban
cierta ronquera y me dijeron que debía
escoger un seudónimo
que me iba a tocar pagar cinco pesos al mes
que quedábamos en que todos los miércoles
y que cómo iban mis estudios
y que por hoy íbamos a leer un folleto de Lenin
y que no era necesario decir a cada momento
camarada.

Cuando salimos no llovía más
mi madre me riñó por llegar tarde a casa.

El descanso del guerrero

Los muertos están cada día más indóciles.

Antes era fácil con ellos:
les dábamos un cuello duro una flor
loábamos sus nombres en una larga lista:
que los recintos de la patria
que las sombras notables
que el mármol monstruoso.

El cadáver firmaba en pos de la memoria
iba de nuevo a filas
y marchaba al compás de nuestra vieja música.

Pero qué va
los muertos son otros desde entonces.

Hoy se ponen irónicos
preguntan.

Me parece que caen en la cuenta
de ser cada vez más la mayoría!

Miedo

A [Julio Cortázar](#)

Un ángel solitario en la punta del alfiler
oye que alguien orina.

O.E.A.

El Presidente de mi país
se llama hoy por hoy Coronel Fidel Sánchez
Hernández.
Pero el General Somoza, Presidente de Nicaragua,
también es Presidente de mi país.
Y el General Stroessner, Presidente del Paraguay,
es también un poquito Presidente de mi país,
aunque menos
que el Presidente de Honduras o sea
el General López Arellano, y más que el Presidente
de Haití,

Monsieur Duvalier.

Y el Presidente de los Estados Unidos es más
Presidente de mi país,
que el Presidente de mi país,
ese que, como dije, hoy por hoy,
se llama Coronel Fidel Sánchez Hernández.

El País (III) – Poemas de la última cárcel

Día de La Patria

Hoy fue el día de la patria: desperté a medio podrir, sobre el suelo húmedo e hiriente como la boca de un coyote muerto, entre los gases embriagadores de los himnos.

15 de septiembre.

La Historia – Escrito em Praga

Decires

«El marxismo-leninismo es una piedra para romperle la cabeza al imperialismo y a la burguesía.»

«No. El marxismo-leninismo es la goma elástica con que se arroja esa piedra.»

«No, no. El marxismo-leninismo es la idea que mueve el brazo que a su vez acciona la goma elástica de la honda que arroja esa piedra.»

«El marxismo-leninismo es la espada para cortar las manos del imperialismo.»

«Qué va! El marxismo-leninismo es la teoría de hacerle la manicure al imperialismo mientras se busca la oportunidad de amarrarle las manos.»

¿Qué voy a hacer si me he pasado la vida leyendo el marxismo-leninismo y al crecer olvidé que tengo los bolsillos llenos de piedras y una honda en el bolsillo de atrás y que muy bien me podría conseguir una espada y que no soportaría estar cinco minutos en un Salón de Belleza?

Después de la bomba atómica

Polvo serán, mas, ¿polvo enamorado?

La cabeza conta el muro

(Conclusión filosófico-moral.)

La materia es dura,
la materia es indestructible:
por lo tanto
la materia es incomprensiva,
la materia
es cruel.

Revisionismo

No siempre.

Porque,
por ejemplo,
en Macao,
el opio
es el opio del pueblo

Sobre dolores de cabeza

Es bello ser comunista,
aunque cause muchos dolores de cabeza.

Y es que el dolor de cabeza de los comunistas se supone histórico, es decir que no cede ante las tabletas analgésicas sino sólo ante la realización del Paraíso en la tierra. Así es la cosa.

Bajo el capitalismo nos duele la cabeza y nos arrancan la cabeza.

En la lucha por la Revolución la cabeza es una
bomba de retardo.
En la construcción socialista planificamos el dolor
de cabeza

Desnuda

Amo tu desnudez
porque desnuda me bebes con los poros,
como hace el agua cuando entre sus paredes me sumerjo.
Tu desnudez derriba con su calor los límites,
me abre todas las puertas para que te adivine,
me toma de la mano como un niño perdido
que en ti dejara quietas su edad y sus preguntas.
Tu piel dulce y salobre que respiro y que sorbo
pasa a ser mi universo, el credo que me nutre;
la aromática lámpara que alzo estando ciego
cuando junto a las sombras los deseos me ladran.
Cuando te me desnudas con los ojos cerrados
cabes en una copa vecina de mi lengua,
cabes entre mis manos como el pan necesario,
cabes bajo mi cuerpo más cabal que su sombra.
El día en que te mueras te enterraré desnuda
para que limpio sea tu reparto en la tierra,
para poder besarte la piel en los caminos,
trenzarte en cada río los cabellos dispersos.
El día en que te mueras te enterraré desnuda,
como cuando nacistes de nuevo entre mis piernas.

(El Turno del Ofendido, Cuba, 1962, II Por el ojo de la llave)

El Salvador será

El Salvador será un lindo
y sin (exagerar) serio país
cuando la clase obrera y el campesinado
lo fertilicen lo peinen lo talqueen
le curen la goma histórica
lo adecenten lo reconstituyan
y lo hechen andar.
El problema es que hoy El Salvador
tiene como mil puyas y cien mil desniveles
quinimil callos y algunas postemillas
cánceres cáscaras caspas shuquedades
llagas fracturas tembladeras tufos.
Habrá que darle un poco de machete
lija torno aguarrás penicilina
baños de asiento besos de pólvora.
(Tomado de Poemas para vivir pensándolo bien)
Sobre dolores de cabeza
Es bello ser comunista,
aunque cause muchos dolores de cabeza.
Y es que el dolor de cabeza de los comunistas
es histórico, es decir
que no cede ante las tabletas analgésicas
sino sólo ante la realización del Paraíso en la tierra.
Así es la cosa.

lo cual no lo hace escasear, sino todo lo contrario.

El comunismo será, entre otras cosas,
Una aspirina del tamaño del sol.

Bajo el capitalismo nos duele la cabeza
y nos arrancan la cabeza.
En la lucha por la Revolución la cabeza es una bomba de retardo.
En la construcción socialista
planificamos el dolor de cabeza
lo cual no lo hace escasear, sino todo lo contrario.
El comunismo será entre otras cosas,

(una aspirina del tamaño del sol)

Canción de protesta

A Silvio

Cayó mortalmente herido de un machetazo en la guitarra
pero aún tuvo tirmo de sacar su mejor canción de la funda
y disparar con ella contra su asesino
que pareció momentáneamente desconcertado
llevándose los índices a los oídos
y pidiendo a gritos
que apagarán la luz.

(Un Libro Levemente Odioso. Uca Editores 1993)

Poema de Amor

Los que ampliaron el Canal de Panamá
(y fueron clasificados como "silver roll" y no como "gold roll"),
los que repararon la flota del Pacífico
en las bases de California,
los que se pudrieron en la cárceles de Guatemala,
México, Honduras, Nicaragua,
por ladrones, por contrabandistas, por estafadores,
por hambrientos,
los siempre sospechosos de todo
("me permito remitirle al interfecto
por esquinero sospechoso
y con el agravante de ser salvadoreño"),
las que llenaron los bares y los burdeles
de todos los puertos y las capitales de la zona
("La gruta azul", "El Calzoncito", "Happyland"),
los sembradores de maíz en plena selva extranjera,
los reyes de la página roja,
los que nunca sabe nadie de dónde son,
los mejores artesanos del mundo,
los que fueron cosidos a balazos al cruzar la frontera,
los que murieron de paludismo
o de las picadas del escorpión o de la barba amarilla
en el infierno de las bananeras,
los que lloraran borrachos por el himno nacional
bajo el ciclón del Pacífico o la nieve del norte,
los arrimados, los mendigos, los marihuaneros,
los guanacos hijos de la gran puta,
los que apenas pudieron regresar,
los que tuvieron un poco más de suerte,
los eternos indocumentados,
los hacelotodo, los vendelotodo, los comelotodo,
los primeros en sacar el cuchillo,
los tristes más tristes del mundo,
mis compatriotas,

mis hermanos.

Por Que Escrevemos

Há quem faça versos e ame
o estranho riso das crianças
o subsolo do homem
que nas cidades acres disfarça a sua lenda,
a instauração da alegria
que profetiza o fumo das fábricas.
Tem-se nas mãos um pequeno país,
datas horríveis,
mortos como facas exigentes,
bispos venenosos,
imensos jovens de pé,
sem outra idade além da esperança,
rebeldes padeiras com mais poder que um lírio,
alfaiates como a vida,
páginas, noivas,
esporádico pão, filhos doentes,
advogados traidores,
netos da sentença e o que foram
bodas desperdiçadas de impotente varão,
mãe, pupilas, pontes,
fotografias rasgadas e programas.
Morreremos,
amanhã,
um ano,
um mês sem pétalas esquecidas:
dispersos ficaremos sob a terra
e novos homens chegarão
pedindo um horizonte.
Perguntarão o que fomos,
quem com pura chama os precedeu,
e quais maldizer lembrando-os.
Certo.
É isso que fazemos:
Custodiamos para eles o tempo que nos coube.

(San Salvador)

Biografia – Roque Dalton

Roque Dalton nasce el 14 de mayo de 1935 en San Salvador, El Salvador. Estudia derecho y antropología en las Universidades de El Salvador, Chile y México. Desde muy joven se dedica al periodismo y a la literatura, obteniendo diversos galardones en certámenes nacionales y centroamericanos. Publica sus primeros poemas en la revista Hoja (Amigos de la Cultura, San Salvador, 1956) y en Diario Latino de la misma ciudad.

XVI. Poema

Las leyes son para que las cumplan
los pobres.
Las leyes son hechas por los ricos
para poner un poco de orden a la explotación.
Los pobres son los únicos cumplidores de leyes
de la historia.
Cuando los pobres hagan las leyes
ya no habrá ricos.

Por su militancia política, sufre cárceles y destierros. Vive emigrado en Guatemala, México, Cuba, Checoslovaquia, Corea, Vietnam del Norte y otros países. Muere asesinado por sus propios compañeros el 10 de mayo de 1975.

Escribiendo a máquina Roque publicó una vasta obra poética: Mía junto a los pájaros (San Salvador, 1957), ...La Ventana en el rostro (México, 1961), El Mar (La Habana, 1962), El turno del ofendido (La Habana, 1962) Los Testimonios (La Habana 1964), Poemas (Antología, San Salvador, 1968), Taberna y otros lugares (Premio Casa de las Américas, Cuba) (La Habana 1969), Los pequeños Infiernos (Barcelona 1970).

Entre sus ensayos se encuentran César Vallejo (La Habana 1963), El intelectual y la sociedad (1969), ¿Revolución en la revolución? y la crítica de la derecha (La Habana 1970). Miguel Mármol y los sucesos de 1932 en El Salvador (1972) y Las historias prohibidas del pulgarcito (México, 1974).

Póstumamente se publica su novela Pobrecito Poeta que era yo (1981) y las obras poéticas: Los Hongos, Un libro levemente odioso (1989) y Contra ataque.

SILVIO RODRÍGUEZ

A família, a propriedade privada e o amor

A demolição de um sonho, algo achado passando resultavas ser tú.
Uma esponja sem dono, um assobio procurando, resultava ser eu.
Quando se encontram duas balas sobre um campo de guerra algo deve acontecer...

Que profetize o amor da cabeça ao chão
uma nuvem virá ou estampidos de tempo
os olhos terão.
Foi preciso algo sempre e não foi

porque tú
tinhas laços brancos na pele
tú, tinhas preço colocado desde ontem
tú, valías quatro cunhos da lei
tú sentada sobre o medo
sentada sobre o medo de correr.

Uma boa moça de casa decente não pode sair
que diriam as pessoas domingo na missa se sabem de ti
que diriam os amigos, os velhos vizinhos que vêm aqui

Que diriam as janelas, tua mãe e sua irmã
e todos os séculos de colonialismo espanhol
que não em vão te tem feito covarde
que diria Deus, sem amas sem a Igreja e sem a lei
Deus, a quem já te entregaste em comunhão,
Deus, que faz eternas as almas das crianças que destrozarão as bombas e o napalm.

A demilição de um sonho, algo achado passando resultavas ser tú.
Uma esponja sem dono, um assobio procurando, resultava ser eu.
Quando se encontram duas balas sobre um campo de guerra algo deve acontecer...

Leve em conta os filhos
não deixes teu esposo nem uma boa casa
e se não se suportam separem os bens que tens direito também,

porque tú
tinhas laços brancos na pele
tú, tinhas preço colocado desde ontem
tú, valías quatro cunhos da lei
tú sentada sobre o medo
sentada sobre o medo de correr.

Canção de Natal

O fim de ano cheira a compras, parabéns e cartões-postais com votos de renovação;
e eu que sei do outro mundo que pede vida nos portais,
me dou a fazer uma canção.

As pessoas parecem estar de acordo, maravilhosamente tudo parece afim ao celebrar.
Alguns festejam seus milhões, outros a camisa limpa e há quem não sabe o que é brindar.

Minha canção não é do céu, as estrelas, a lua,
porque a ti entrego, que não tens nenhuma.

Minha canção não é apenas de quem possa escutar-la,
porque às vezes o surdo demora mais para amá-la.

Ter não é sinal de maldade e não ter tão pouco é prova de acompanhar a virtude;
mas o que nasce bem passivo, em buscar o que almeja não tem que investir saúde.

Por isso canto a quem não escuta,
a quem não deixam escutar-me,
a quem nunca me escutou:
ao que sua cotidiana luta
me dá razões para amar-lhe:
à aquele que ninguém cantou.

Canção do Escolhido

Sempre que se conta uma história se fala de um velho, de um menino ou de si
Mas minha história é difícil: não vou falar de um homem comum.
Contarei a história de um ser de outro mundo, de um animal de galáxia.
É uma história que tem a ver com o curso da Via Láctea.
É uma história enterrada. É sobre um ser do nada

Nasceu em uma tempestade, no sol de uma noite, no penúltimo mês.
Foi de planeta em planeta procurando água potável,
Talvez procurando a vida ou buscando a morte.
Isso nunca se sabe.

Talvez procurando silhuetas ou algo parecido que fosse adorável,
ou pelo menos querível, beijável, amável.

Ele descobriu que as minas do Rei Salomão estavam no céu
e não na África ardente como as pessoas pensavam.
Mas as pedras são frias e lhe interessava calor e alegrias
As jóias não tinham alma, eram apenas espelhos, cores brilhantes
E, finalmente, desceu para a guerra...
Desculpe! Quis dizer à terra.

Soube a história subitamente
Sentiu em sua cabeça cristais moídos e entendeu que a guerra era a paz do futuro.
O mais terrível se apredende depois, e o que é mais belo nos custa a vida.
A última vez que o vi indo embora entre fumaça e metralha, contente e nu,
la matando canalhas com seu canhão de futuro.

Canção em farrapos

Que fácil é agitar um lenço para a tropa solar do manifesto marxista e a história do homem
que fácil é suspirar ante o gesto do homem que cumpre um dever
e presentear roupinhas à pobrezinha filha do chofer
que fácil de mascarar sai a oportunidade.

Que fácil é enganar ao que não sabe ler
quantas cores, quantas facetas tem o pequeno burguês.

Que fácil é transcender com fama de original
mas se sabe que entre os cegos o caolho costuma mandar

Que fácil de escorar sai a velha moral
que se disfarça de barricada dos que nunca tiveram nada
que bem prepara sua máscara o pequeno burguês.

Viva o farrapo senhor e a mesa sem tolha de mesa
viva o que cheira a ruela, a palavrão e oficina.

Desde uma mesa repleta qualquer um decide aplaudir
a caravana em farrapos de todos os pobres
desde uma toalha de mesa importada e um vinho envelhecido se luta muito bem
desde uma casa gigante e um carro elegante se sofre também
em um amável festim se costuma ver combater.

Sim fácil é abusar, mais fácil é condenar
e fazer papéis para a história para que te faça um lugar.

Que fácil é escrever algo que convida à ação contra tiranos, contra assassinos
contra a luz ou o poder divino
sempre ao alcance da vitrine e o refeitório

Despida e com sombrinha

Tu, sentada em uma cadeira
Eu, de pé com expressão de lorde
Tu, despida e com sombrinha
Eu, vestido mas com calor.

Tu, com unhas e com dentes, olhando-me de frente, com brilho de matar.
Eu, retrocedendo um pouco, enchendo-me de um louco desejo de sangrar.

Tu, beijando teus joelhos
Eu, discreto mas sem rubor
Tu, criando maravilhas
Eu, sonhando-me esquimó sem sol.

Tu, com um ritmo tão lento, buscando um alimento passado em álcool.
Eu, de repente ensimesmado, olhando-te pequeno, cheia de licor.

Tu, ardente e sem capuz
Eu, tirando o chapéu alón
Tu, colocada a louça
Eu, ao fio da minha calça.

Eu, a ponto do delírio, extraio uma só vela que coloco ante tua flor.
Tu, sussurrando um mistério de um não sei que venéreo, me dá um protetor.

Tu, sentada em uma cadeira
Eu, de pé com expressão de lorde
Tu, despida e com sombrinha
Eu, vestido mas com calor.
Tu, eu, ele

Eva

Eva não quer ser para Adão
a paridora paga com pão
Eva prefere também parir
mas depois escolher onde ir
por isso adquire um semental
e lhe dá usos sem dúvida normal
Eva transformou o sinal.

Eva sai a caçar no cio
Eva sai a buscar sementes
Eva sai e remonta o vôo
Eva deixa de ser costela.

Eva não tenta vestir de tule
Eva não crê em um príncipe azul
Eva não inventa um falso papel
o fruto é seu com pai ou sem ele

Eva enfrenta o que dirão
firme ao timão como boa capitã
e dá de ombros à Adão.

Fusil contra fusil

O silêncio da montanha vai preparando seu adeus
a palavra que se dirá *in memoriam* será a explosão.

Se perdeu o nome deste século ali
seu nome e seu sobrenome são:
fuzil contra fuzil.

Se quebrou a casca do vento ao sul
e sobre a primeira cruz desperta a verdade.

Todo o mundo terceiro vai a enterrar sua dor
com granizo de chumbo farão sua dívida de honra, sua canção

Deixaram o corpo da vida ali
seu nome e seu sobrenome são:
fuzil contra fuzil

Cantaram seu luto de homem e de animal
e em vez de lágrimas soltar, com chumbo chorarão
Alçará ao homem da tumba ao sol
e o nome se repartirão
fuzil contra fuzil
fuzil contra fuzil
fuzil contra fuzil

História das cadeiras

Na beira do caminho há uma cadeira
a rapina vagueia aquele lugar
a casaca do companheiro está estendida
o companheiro não se senta para descansar
seus sapatos desgastados são espelhos
que lhe queimam a garganta com o sol
e através de seu cansaço passa um velho
que lhe seca com a sombra o suor.

Na ponta do amor viaja o companheiro
na ponta mais aguda que há de ver
essa ponta que o mesmo cava na terra
nas ruínas, num rastro de mulher
é por isso que é soldado e é amante
é por isso que é madeira e é metal
é por isso que o mesmo semeia rosas
razões de bandeiras e arsenal.

O que tenha uma canção terá tormenta
O que tenha companhia, solidão

O que siga bom caminho terá cadeiras
perigosas que o convidem a parar
mas vale a canção boa tormenta
e a companhia vale solidão
sempre vale a agonia da urgência
ainda que se enche de cadeiras a verdade.

Mulheres

Me estremeceu a mulher que empinava seus filhos
até a estrela daquela outra mãe maior
e como os juntava do pó tingidos
para enterrar-los debaixo de seu coração.

Me estremeceu a mulher do poeta, o caudilho
sempre à sombra e ocupando um espaço vital
me estremeceu a mulher que incendiava os trilhos
da cabeleira invencível daquele alemão.

Me estremeceu a garota filha daquele feroz continente
que partiu de sua casa para outra, de todas as pessoas.

Me tem estremecido um montão de mulheres
mulheres de fogo, mulheres de neve
Mas o que me estremeceu até perder quase o sentido
o que a mim mas estremeceu
são teus olhinhos, minha querida, são teus olhinhos divinos.

Me estremeceu a mulher que pariu onze filhos
no tempo da farinha e um quilo de pão
e os vejo fortalecer-se mascando *carijos*
me estremeceu porque era minha avó, além disso.

Me estremeceram mulheres que a história registrou entre glórias
e outras desconhecidas gigantes que não há livro que as toleram.

Me tem estremecido...

Não faz falta asas

Não faz falta asas para fazer um sonho
basta as mãos, basta o peito,
bastam as pernas e com o empenho,
não faz falta asas para ser mais belos
basta o bom sentido do amor imenso
não faz falta asas para alçar o vôo

Recolho fundos para pobres de amizade e de sorriso
recolho quanto houver de bem no que esconde tua camisa
Aceito quanto possa ser útil ao coro que componho
sempre que queiras compartilhar um sonho amplo, longo e profundo

Recolho o gelo a deriva dos pólos congelados
logo com boa vontade e muito mel farei um sorvete

não darei, não darei ao mentiroso e ao covarde
repartirei, repartirei, só ao que ama e ao que arde

"Venham jogar deste lado do globo"

O teimoso

Para não fazer de meu ícone pedaços,
para salvar-me entre únicos e ímpares,
para ceder-me um lugar em seu Paraíso,
para dar-me um cantinho em seus altares.

Me vêm a convidar a arrepender-me,
me vêm a convidar a não perder,
me vêm a convidar a indefinir-me,
me vêm a convidar a tanta merda.

Eu não sei o que é o destino,
caminhando fui o que fui.
Lá Deus, que será divino.
Eu morro como vivi
Eu morro como vivi

Eu quero seguir arriscando ao perdido,
Eu quero ser canhoto mais que destro,
Eu quero fazer um congresso do unido,
Eu quero rezar a fundo um "filho nosso".

Dirão que saiu de moda a loucura,
dirão que as pessoas são más e não merecem,
mas eu seguirei sonhando travessuras
(talvez multiplicar pães e peixes).

Eu não sei o que é o destino,
caminhando fui o que fui.
Lá Deus, que será divino.
Eu morro como vivi
Eu morro como vivi

Dizem que me arrastarão sobre as rochas
quando a Revolução vier abaixo,
que machucarão minhas mãos e minha boca,
que me arrancarão os olhos e a língua.
Será que a teimosia pariu comigo,
a teimosia do que hoje resulta o teimoso:
a teimosia de assumir ao inimigo,
a teimosia de viver sem ter preço.

Eu não sei o que é o destino,
caminhando fui o que fui.
Lá Deus, que será divino.
Eu morro como vivi
Eu morro como vivi

Eu morro como vivi

Óleo de uma mulher com chapéu

Uma mulher tem se perdido conhecer o delírio e o pó,
tem se perdido esta bela loucura,
sua breve cintura debaixo de mim.
Tem se perdido minha forma de amar,
Tem se perdido minha pegada no seu mar.

Vejo uma luz que vacila e promete nos deixar às escuras.
Vejo um cachorro latindo para a lua com outra figura que recorda a ti.
Vejo mais: vejo que não me encontrou.
Vejo mais: vejo que se perdeu.

Uma mulher que não se pode nomear, foge como uma gaivota
e eu rápido seco minhas botas, blasfemo uma nota e desligo o relógio.
Que me tenha cuidado o amor, porque posso cantar sua canção.

A covardia é assunto dos homens, não dos amantes.
Os amores covardes não chegam a amores, nem a histórias, ficam ali.
Nem a lembrança os pode salvar, nem o melhor orador conjugar.

Uma mulher com chapéu, como um quadro do velho Chagall,
corrompendo-se ao centro do medo
e eu, que não sou bom, me pus a chorar.
/: Mas então chorava por mim, e agora choro por ver-la morrer. :/

Pequena serenata diurna

Vivo em um país livre
qual somente pode ser livre
nesta terra, neste instante
e sou feliz porque sou gigante
amo a uma mulher clara
que amo e me ama
sem pedir nada ou quase nada
que não é o mesmo
mas é igual.

E se isto for pouco
tenho meus cantos
que pouco a pouco mô e refaço
habitando o tempo
como cabe a um homem desperto
sou feliz, sou um homem feliz

e quero que me perdoem,
por este dia, os mortos de minha felicidade.

Sou feliz
sou um homem feliz
e quero que me perdoem,
por este dia, os mortos de minha felicidade.

Por quem merece amor

Te incomoda meu amor?
Meu amor de juventude
e meu amor é uma arte de virtude
Te incomoda meu amor?
Meu amor sem máscara
e meu amor é uma arte de paz

Te incomoda meu amor?
Meu amor de humanidade
e meu amor é uma arte em seu tempo
Te incomoda meu amor?
Meu amor de fonte
e meu amor é uma arte maior

Meu amor é minha prenda encantada é minha extensa morada, é meu espaço sem fim
meu amor, não necessita fronteira como a primavera não prefere jardim

Meu amor, não é amor de mercado porque um amor sangrado não é amor de lucrar
meu amor é tudo que tenho, se o nego ou o vendo, para que respirar...

Meu amor não é amor de um só, mas sim alma de tudo o que urge sanar
meu amor é um amor de abaixo que o devir me trouxe para fazê-lo levantar

Meu amor, é mais apaixonado, é o mais esquecido em sua antiga dor
meu amor abre peito à morte e despenha sua sorte por um tempo melhor
meu amor, este amor aguerrido, é um sol aceso por quem merece amor...

Sonhos com serpentes

“Há homens que lutam um dia
E são bons.
Há outros que lutam um ano
E são melhores
Há aqueles que lutam muitos anos
E são muito bons.
Porém há os que lutam toda a vida
Esses são os imprescindíveis”
Bertolt brecht

Eu sonho com serpentes, com as serpentes do mar
Com certo mar, oh, de serpentes sonho eu

Grandes, transparentes e em suas barrigas carregam
O que pode acabar com o amor

Ah, eu a mato mas aparece uma maior
Oh, com mais voracidade em digerir

Não caibo em sua boca, logo ela se encarrega de me engolir.
Mas se engasga com meu trevo da sorte
Eu acho que ela está louca: lhe dou a mastigar
Uma pomba da paz e a enveneno com o que há de bom em mim.

Essa enfim me engole, e entro por seu esôfago,
Vou passando, vou pensando no que acontecerá
Mas ela se destrói quando chego ao seu estômago
E planto com um verso uma verdade

Te dou uma canção

Como gasto papéis recordando-te
como me fazes falar no silêncio
como não te me tiras as vontades
ainda que ninguém nunca me veja contigo
e como passa o tempo
que de repente são anos
sem passar tu por mim, detida.

Te dou uma canção se abro uma porta e das sombras sais tú
te dou uma canção de madrugada quando mais quero tua luz
te dou uma canção quando aparece o mistério do amor
e se não aparece, não me importa, eu te dou uma canção.

Se olho um pouco afora, me detenho
a cidade se desmorona e eu cantando
as pessoas que me odeiam e que me amam
não vão perdoar que me distraia
crêem em tudo que digo, que arrisco a vida
porque não te conhecem, nem te sentem

Te dou uma canção e faço um discurso sobre me direito de falar
te dou uma canção com minhas duas mãos, com as mesmas de matar
te dou uma canção e digo pátria e sigo falando para ti
te dou uma canção como um disparo, como um livro, uma palavra, uma guerrilha
como dou o amor.

Tomara

Tomara que as folhas não toquem seu corpo quando caiam
para que não as possa converter em cristal
tomara que a chuva deixe de ser milagre que baixa por teu corpo
tomara que a lua possa sair sem ti
tomara que a terra não beije seus passos
tomara se acabe o teu olhar constante
a palavra precisa, o sorriso perfeito

Tomara que aconteça algo que te apague de repente
uma luz cegadora, um disparo de neve
tomara que pelo menos a morte me leve
para não te ver tanto, para não te ver sempre

em todos os segundos, em todas as visões
Tomara que não possa te tocar nem em canções

Tomara que a aurora não de gritos que caiam em minhas costas
tomara que teu nome se esqueça a esta voz
tomara as paredes não retenham o ruído do teu caminho cansado
tomara que o desejo se vá atrás de ti
Paraa teu velho governo de defuntos e flores
tomara que te acabe o olhar constante
a palavra precisa, o sorriso perfeito

Tomara que aconteça algo que te apague de repente
uma luz cegadora, um disparo de neve
tomara que pelo menos a morte me leve
para não te ver tanto, para não te ver sempre
em todos os segundos, em todas as visões
Tomara que não possa te tocar nem em canções

THIAGO DE MELLO (1926)

Silêncio e Palavra (1951)

Breve Será Dezembro

Somos homens e sabemos
que breve será dezembro
no tempo de nossa carne.
Se habitaremos um tempo
de limites impossíveis,
somos homens, não sabemos.

E a despeito do cansaço.
quase nada percorremos
da estrada que nos tocou.

De nosso tivemos pouco:
tivemos crenças legadas,
herdamos o sangue antigo
e sobretudo o desejo.

Prolongamos o roteiro
que a mão primeira traçou.
Nosso corpo limitado
serviu de atalho à infinita
substância do pecado.

De tudo, apenas foi nosso
o débil gesto esboçado
que se extinguiu muito aquém
da fronteira.

Contudo, algo esperamos.

Rumo

A Geir Campos

Somente sou quando em verso.

Minhas faces mais diversas
são labirintos antigos
que me confundem e perdem

Meu pensamento perfura
muros de nada, à procura
do que não fui nem serei.

Ante a carne fêmea e branca
meu corpo se recompõe
ofertando o que não sou.

Meu caminhar e meus gestos
mal e apenas anunciam
minha ainda permanência.

Para chegar até onde
não me presumo, mas sou.
sigo em forma de palavra.

Romance do Primogênito (1952)

Narciso Cego

Tudo o que de mim se perde
acrescenta-se ao que sou.
Contudo, me desconheço.
Pelas minhas cercanias
passeio — não me frequento.

Por sobre fonte erma e esquiva
flutua-me, íntegra, a face.
Mas nunca me vejo: e sigo
com face mal disfarçada.
Oh que amargo é o não poder
rosto a rosto contemplar
aquilo que ignoto sou;
distiguir até que ponto
sou eu mesmo que me levo
ou se um nume irrevelável
que (para ser) vem morar
comigo, dentro de mim,
mas me abandona se rolo
pelos declives do mundo.

Desfaço-me do que sonho:
faço-me sonho de alguém
oculto. Talvez um Deus
sonhe comigo, cobice
o que eu guardo e nunca usei.

Cego assim, não me decifro.
E o imaginar-me sonhado
não me completa: a ganância
de ser-me inteiro prossegue.
E paio — pânico mudo —
entre o sonho e o sonhador.

Solilóquio ao Pé do Berço

Cruzaste
a porta do tempo.
Sem resplendores (chegaste)
de sol ferindo o levante,
fulges-me aos olhos — cristal
entre sonho e a lembrança
do que não sou, do que fui.

(...)
Perante a paz de teu sono.
dentro de mim se desfralda
um jeito novo de amar.
Meus vícios e desvirtudes
cabisbaixos se recolhem
ao mais secreto de mim,
para depois regressarem
humildemente velados
sob as roupagens do amor,
como flores falecidas
que por milagre recobram

suas pétalas mais brancas.
(...)

Teu pranto, de claro timbre,
com suavidades de canto,
leva-me à lágrima, arranca
de céu estéril, orvalho
que, de tão puro, dissolve
os seixos de antigas penas:
de sobre a magoada areia
que entre pesares palmilho,
teu suave pranto me leva
a ignotos ermos caminhos
onde, foscos, se derramam
palores de nove luas.

Em troca, nada te dou.
Meu filho, és retardatário:
o que talvez fora puro
— límpida pérola intacta
no coração escondida —
era frágil, se quebrou.
A porção a mim legada
de substância que permite
mudar de pouso as montanhas,
ouvir o canto das pedras
e caminhar sobre as águas,
era pouca, se acabou.

Pelas esquinas do mundo,
os mistérios já te espreitam
com suas múltiplas faces:
as sombras da solidão
já se insinuam, de manso,
rumo aos campos de teu ser.
Ah que pobre amor paterno!
Pobre de mim, andarilho
cego e sujo, desprovido
dos mais frágeis artifícios
que te afastem dos tormentos
a que nasce condenado
um homem — ser cuja glória
se resume nos covardes
passeios pela floresta
enquanto o Lobo não vem.

Sem mão que possa guiar-te
(mal-aventurada mão!)
em futuros desamparos,
sem boca que te anuncie
o tempo dos malefícios,
uma ventura me resta:
és meu filho — dou-te a bênção.

(...)
E porque nada possuo
digno de oferta a quem chega
de mãos vazias ao mundo,
é que te fiz, sob disfarce
de conversa, este inaudível

solilóquio ao pé do berço.

Faz Escuro Mas Eu Canto: Porque a Manhã Vai Chegar (1965)

39 Anos de um Cidadão Brasileiro

(...)
Dia 31 de março,
confiro meus documentos.
Cidadão brasileiro,
legítimo: sei que a lei
mudou, mas não mudou tanto.
Alguma coisa ainda vale
no chão amado da infância,
chão com cheiro de marirana
e flor de cajueiro,
chão por onde hoje campeia,
solta e grossa,
a botina rombuda.

Está na certidão:
natural do Amazonas,
barrancos do Bom Socorro.

(...)
Pois brasileiro, caboclo,
39 anos. Feitos ontem.
É. Mas não chegou ninguém,
remando de canoa. Ninguém veio
pelas águas dos remansos,
— curimatãs, tucumãs —
ninguém chegou lá de longe
varando a noite do vento
para amanhecer na festa
do meu dia aniversário.

(...)
Pois brasileiro casado,
e pai de dois filhos homens.
O menor ficou tão longe,
nem sabe o lugar que tem
no fundo azul do meu peito.
o outro vem vindo comigo:
é o bem maior de uma vida
que se acabou já faz tempo,
nem parece que passou.
Com este menino conto,
todos podemos contar.

(...)
Folha corrida não há.
A de serviços é pouca,
nem sei se vale. O que vale
é este papel esquecido,
todo comido de tempo,
que só me acende desgostos
e durezas dos meus dias
de serviço militar.
Provo que sou reservista,
dei muito tiro no muro,
desmontei muito fuzil,

decorei o regulamento,
bom mesmo era rastejar
no cheiro fresco da lama.
Fiz meias-voltas, volver,
fiz tudo para entender
a alma daquele tenente:
estava sempre engomado,
limitava-se ao comando,
nunca nenhuma palavra
de gratuita convivência.
Às vezes vinha a cavalo,
solene e só, silencioso
na altura do seu desprezo.
Foi o ser mais solitário,
o mais feroz que eu já vi.

(...)
De eleitor, além do título
— que de repente se ameaça
de nenhuma serventia —
guardo a alegria de sempre
ter escolhido sozinho,
mas guardo a pena de nunca
ter dado o amor do meu voto
a um homem do povo e ao povo
num homem: assim como Arraes.

A profissão é a de poeta
ou de empinador de papagaios
o que vem a dar no mesmo.

(...)
Deixando o ser livre limpo,
chegaram os cantos que eu amo.
De todos os que mais valem,
são os poemas sobre a rosa
na parede da prisão,
é a canção da rebeldia
dos fonemas da alegria,
é o canto companheiro
chegando do ao coração,
é a toada pro menino
que vai levando o pendão.

Por isso estou aqui com a minha vida,
na cordilheira longe do meu povo,
do qual jamais tão perto estive tanto.

Cidadão brasileiro,
natural do Amazonas,
39 anos, casado,
eleitor e reservista,
pai de dois filhos e poeta,
que ficou desempregado.
Nunca no entanto tive tanto trabalho,

trabalho o tempo inteiro e não me canso
porque trabalho cantando
na construção da manhã:
manhã geral de amor que vai chegar.

Santiago do Chile, 31 de março de 1965

Canção do Amor Armado

Vinha a manhã no vento do verão,
e de repente aconteceu.
Melhor
é não contar quem foi nem como foi,
porque outra história vem, que vai ficar.
Foi hoje e foi aqui, no chão da pátria,
onde o voto, secreto como o beijo
no começo do amor, e universal
como o pássaro voando — sempre o voto
era um direito e era um dever sagrado.

De repente deixou de ser sagrado,
de repente deixou de ser direito,
de repente deixou de ser, o voto.
Deixou de ser completamente tudo.
Deixou de ser encontro e ser caminho,
deixou de ser dever e de ser cívico,
deixou de ser apaixonado e belo
e deixou de ser arma — de ser a arma,
porque o voto deixou de ser do povo.

Deixou de ser do povo e não sucede,
e não sucedeu nada, porém nada?

De repente não sucede.
Ninguém sabe nunca o tempo
que o povo tem de cantar.
Mas canta mesmo é no fim.
Só porque não tem mais voto,
o povo não é por isso
que vai deixar de cantar,
nem vai deixar de ser povo.

Pode ter perdido o voto,
que era sua arma e poder.
Mas não perdeu seu dever
nem seu direito de povo,
que é o de ter sempre sua arma,
sempre ao alcance da mão.

De canto e de paz é o povo,
quando tem arma que guarda
a alegria do seu pão.
Se não é mais a do voto,
que foi tirada à traição,
outra há de ser, e qual seja
não custa o povo a saber,
ninguém nunca sabe o tempo
que o povo tem de chegar.

O povo sabe, eu não sei.
Sei somente que é um dever,
somente sei que é um direito.
Agora sim que é sagrado:
cada qual tenha sua arma
para quando a vez chegar
de defender, mais que a vida,

a canção dentro da vida,
para defender a chama
de liberdade acendida
no fundo do coração.

Cada qual que tenha a sua,
qualquer arma, nem que seja
algo assim leve e inocente
como este poema em que canta
voz de povo — um simples canto
de amor.
Mas de amor armado.

Que é o mesmo amor. Só que agora
que não tem voto, amor canta
no tom que seja preciso
sempre que for na defesa
do seu direito de amar.

O povo, não é por isso
que vai deixar de cantar.

Rio, 6 de fevereiro, 1966

Iniciação do Prisioneiro

(Poema escrito a 21 de novembro de 1965, numa cela do Quartel da Polícia do Exército, no Rio de Janeiro, ao qual o autor foi recolhido por haver participado de uma manifestação contra a ditadura, em frente ao Hotel Glória, no instante mesmo em que ali chegava o ditador para inaugurar a Conferência da OEA. Desse protesto participaram, entre outros, os companheiros Antônio Callado, Jayme de Azevedo Rodrigues, Carlos Heitor Cony, Márcio Moreira Alves, Flávio Rangel, Glauber Rocha, Joaquim Pedro de Andrade e Mário Carneiro, todos eles presos — e aos quais é dedicado este poema.)

É preciso que Amor seja a primeira
palavra a ser gravada nesta cela.
Para servir-me agora e companheira
seja amanhã de quem precise dela.

Não sei o que vai vir, mas se desprende
dessa palavra tanta claridão,
que com poder de povo me defende
e me mantém erguido o coração.

No muro sujo, Amor é uma alegria
que ninguém sabe, livre e luminosa
como as lanças de sol da rebeldia,
que é amor, é brasa e de repente é rosa.

Poema de Quarto Centenário

Para Astrojildo Pereira

Olho longamente num jornal
que serve de correio da manhã
a fotografia do escritor
num cárcere do Rio de Janeiro.
De tanta doçura,
parece a foto de um adolescente.
Recordo que muitas vezes lhe vi
brincar no olhar um alegre passarinho,
um arabesco de amor no azul aberto,
o terno gosto da alegria humana.

Mas já está com 74 anos o escritor,
o escritor preso.
Está preso porque provou
do mundo que lhe coube,
e achou o mundo amargo
e um tanto podre.

Continuo olhando no jornal
a fotografia do grande machadiano
sentado altivo no catre,
o seu perfil sereno
e malferido
na dor da biblioteca devassada,
o olhar cravado límpido na vida
consumida na construção do amor,
esse poder imenso de canção
de amanhecer na boca anoitecida.

Queima demais a brasa desta foto:
brasa de incêndios, frágua da manhã.
É preciso fazer alguma coisa,
varar no escuro um rumo de meninos,
inventar um navio de amapolas.
aprender outra vez a soletrar,
abrir os alicerces do arco-íris,
é preciso fazer alguma coisa
para lavar a vida degradada.
(...)

Mormaço na Floresta (1981)

Já Faz Tempo que Escolhi

A luz que me abriu os olhos
para a dor dos deserdados
e os feridos de injustiça,
não me permite fechá-los
nunca mais, enquanto viva.
Mesmo que de asco ou fadiga
me disponha a não ver mais,
ainda que o medo costure
os meus olhos, já não posso
deixar de ver: a verdade
me tocou, com sua lâmina
de amor, o centro do ser.
Não se trata de escolher
entre cegueira e traição.
Mas entre ver e fazer
de conta que nada vi
ou dizer da dor que vejo
para ajudá-la a ter fim,
já faz tempo que escolhi.

Rio de Janeiro, 1981

Lição de Escuridão

Caboclo companheiro meu de várzea,
contigo cada dia um pouco aprendo
as ciências desta selva que nos une.

Contigo, que me ensinas o caminho dos ventos,
me levas a ler, nas lonjuras do céu,
os recados escritos pelas nuvens,
me avisas do perigo dos remansos
e quando devo desviar de viés a proa da canoa
para varar as ondas de perfil.

Sabes o nome e o segredo de todas as árvores,
a paragem calada que os peixes preferem
quando as águas começam a crescer.
Pelo canto, a cor do bico, o jeito de voar.
identificas todos os pássaros da selva.
Sozinho (eu mais Deus, tu me explicas).
atravessas a noite no centro da mata.
corajoso e paciente na tocaia da caça.
a traição dos felinos não te vence.

Contigo aprendo as leis da escuridão,
quando me apontas na distância da margem,
viajando na noite sem estrelas,
a boca (ainda não consigo ver) do Lago Grande
de onde me fui pequenino e te deixei.

De novo no chão da infância,
contigo aprendo também
que ainda não tens olhos para ver
as raízes de tua vida escura,
não sabes quais são os dentes que te devoram
nem os cipós que te amarram à servidão.

Nos teus olhos opacos
aprendo o que nos distingue.
Já repartes comigo a ciência e a paciência.
Quero contigo repartir a esperança,
estrela vigilante em minha frente
e em teu olhar apenas um tição
encharcado de engano e cativoiro.

Barreirinha, 1981

A fruta aberta

Agora sei quem sou.
Sou pouco, mas sei muito,
porque sei o poder imenso
que morava comigo,
mas adormecido como um peixe grande
no fundo escuro e silencioso do rio
e que hoje é como uma árvore
plantada bem alta no meio da minha vida.

Agora sei as coisa como são.
Sei porque a água escorre meiga
e porque acalanto é o seu ruído
na noite estrelada
que se deita no chão da nova casa.
Agora sei as coisas poderosas
que valem dentro de um homem.

Aprendi contigo, amada.
Aprendi com a tua beleza,
com a macia beleza de tuas mãos,
teus longos dedos de pétalas de prata,
a ternura oceânica do teu olhar,
verde de todas as cores
e sem nenhum horizonte;
com tua pele fresca e enluarada,
a tua infância permanente,
tua sabedoria fabulária
brilhando distraída no teu rosto.

Grandes coisas simples aprendi contigo,
com o teu parentesco com os mitos mais terrestres,
com as espigas douradas no vento,
com as chuvas de verão
e com as linhas da minha mão.
Contigo aprendi
que o amor reparte
mas sobretudo acrescenta,
e a cada instante mais aprendo
com o teu jeito de andar pela cidade
como se caminhasses de mãos dadas com o ar,
com o teu gosto de erva molhada,
com a luz dos teus dentes,
tuas delicadezas secretas,
a alegria do teu amor maravilhado,
e com a tua voz radiosa
que sai da tua boca
inesperada como um arco-íris
partindo ao meio e unindo os extremos da vida,
e mostrando a verdade
como uma fruta aberta.

(Sobrevoando a Cordilheira dos Andes, 1962)

A Rosa Branca

Não me inquieta se o caminho
que me coube - por secreto
desígnio - jamais floresce.
Dentro de mim, sei que existe,
oculta, uma rosa branca.
Incólume rosa. E branca.

Não pude colhê-la: mal
nascera e logo perdi-me
nos labirintos do tempo,
onde desde então pervago
apenas entressonhando
aquilo que sou - e vive
no recôncavo da rosa.

Sem conhecer-me, padeço
o mistério de existir
em amargo desencontro
comigo mesmo. No entanto,
pesar tão largo se apaga
quando pressinto: na rosa,
mistério não há. Nenhum.
Sem medo de trair-me a face,
posso morrer amanhã.
Extinto o jugo do tempo,
olhos nem boca haverá
- para a queixa e para a lágrima -
se em vez de rosa, de pétala
cinza de pétala, apenas
existir a escuridão.
O vazio. Nada mais.

estou no meio da praça.
Piso firme no meu chão
sei que estou no meu lugar,
como a panela no fogo
e a estrela na escuridão.

A Vida Verdadeira

Pois aqui está a minha vida.
Pronta para ser usada.
Vida que não guarda
nem se esquivava, assustada.
Vida sempre a serviço
da vida.
Para servir ao que vale
a pena e o preço do amor

Ainda que o gesto me doa,
não encolho a mão: avanço
levando um ramo de sol.
Mesmo enrolada de pó,
dentro da noite mais fria,
a vida que vai comigo
é fogo:
está sempre acesa.

Vem da terra dos barrancos
o jeito doce e violento
da minha vida: esse gosto
da água negra transparente.

A vida vai no meu peito,
mas é quem vai me levando:
tição ardente velando,
girassol na escuridão.

Carrego um grito que cresce
Cada vez mais na garganta,
cravando seu travo triste
na verdade do meu canto.

Canto molhado e barrento
de menino do Amazonas
que viu a vida crescer
nos centro da terra firme.
Que sabe a vinda da chuva
pelo estremecer dos verdes
e sabe ler os recados
que chegam na asa do vento.
Mas sabe também o tempo
da febre e o gosto da fome.

Nas águas da minha infância
perdi o medo entre os rebojos.
Por isso avanço cantando
Estou no centro do rio

O que passou não conta ?, indagarão
as bocas desprovidas.
Não deixa de valer nunca.
que passou ensina
com sua garra e seu mel.

Por isso é que agora vou assim
no meu caminho. Publicamente andando
Não, não tenho caminho novo.
O que tenho de novo
é o jeito de caminhar.
Aprendi
(o que o caminho me ensinou)
a caminhar cantando
como convém
a mim
e aos que vão comigo.
Pois já não vou mais sozinho.

Aqui tenho a minha vida:
feita à imagem do menino
que continua varando
os campos gerais
e que reparte o seu canto
como o seu avô
repartia o cacau
e fazia da colheita
uma ilha do bom socorro.

Feita à imagem do menino
mas a semelhança do homem:
com tudo que ele tem de primavera
de valente esperança e rebeldia.

Vida, casa encantada,
onde eu moro e mora em mim,
te quero assim verdadeira
cheirando a manga e jasmim.
Que me sejas deslumbrada
como ternura de moça
rolando sobre o capim.

Vida, toalha limpa
vida posta na mesa,
vida brasa vigilante
vida pedra e espuma

alçapão de amapolas,
sol dentro do mar,
estrume e rosa do amor:
a vida.

Há que merecê-la

Aprendiz do espanto

Não deflorei ninguém.
A primeira mulher que eu vi desnuda
(ela era adulta de alma e de cabelos)
foi a primeira a me mostrar os astros,
mas não fui o primeiro a quem mostrou.
Eu vi o resplendor de suas nádegas
de costas para mim, era morena,
mas quando se virou ficou dourada.
Sorriu porque os seus peitos me assombraram
o olhar de adolescente desafeito
à glória da beleza corporal.
Era manhã na mata, mas estrelas
nasciam dos seus braços e subiam
pelo pescoço, eu lembro, era o pescoço
que me ensinava a soletrar segredos
guardados na clavícula.

Pedia
já estirada de braços me chamando,
que eu passeasse meus lábios pelas pétalas
orvalhadas da nuca, eram lilazes,
com as gemas de leve eu alisasse
as espáduas de espumas e esmeraldas,
queria a minha mão lhe percorrendo,
mas indo e vindo, o vale da coluna,
cuidadosa de mim, três doucement.
Ela me inaugurou o contentamento
inefável de dar felicidade.
Tanto conhecimento só podia
ser de nascença, hoje eu calculo.

Não
era um saber de experiências feito,
mas quanta ciência para transmiti-lo.
Ela era de outras águas, a fontana
de trinta anos, que veio lá do Sena
com a sina de me dar a beber
na aurora dos seus olhos, nos seus peitos,
na boca musical, no mar do ventre,
no riso de açucena, na voz densa,
nas sobranceiras e no vão das pernas -
o mel antigo da sabedoria
de que a libido cresce quando atende,
de que a tesão se acende na ternura,

que as ante-salas se prolonguem vastas
até estar pronto para entrar no céu.

Freguesia do Andirá, fim de 97

Arte de amar

Não faço poemas como quem chora,
nem faço versos como quem morre.
Quem teve esse gosto foi o bardo Bandeira
quando muito moço; achava que tinha
os dias contados pela tísica
e até se acanhava de namorar.
Faço poemas como quem faz amor.
É a mesma luta suave e desvairada
enquanto a rosa orvalhada
se vai entreabrindo devagar.
A gente nem se dá conta, até acha bom,
o imenso trabalho que amor dá para fazer.

Perdão, amor não se faz.
Quando muito, se desfaz.
Fazer amor é um dizer
(a metáfora é falaz)
de quem pretende vestir
com roupa austera a beleza
do corpo da primavera.
O verbo exato é foder.
A palavra fica nua
para todo mundo ver
o corpo amante cantando
a glória do seu poder.

As Ensinoas da Vida

Tive um chão (mas já faz tempo)
todo feito de certezas
tão duras como lajedos.

Agora (o tempo é que fez)
tenho um caminho de barro
umedecido de dúvidas.

Mas nele (devagar vou)
me cresce funda a certeza
de que vale a pena o amor

Canto do meu canto

Escrevi no chão do outrora
e agora me reconheço:
pelas minhas cercanias
passeio, mal me frequento.
Mas pelo pouco que sei
de mim, de tudo que fiz,
posso me ter por contente,
cheguei a servir à vida,
me valendo das palavras.
Mas dito seja, de uma vez por todas,
que nada faço por literatura,
que nada tenho a ver com a história,
mesmo concisa, das letras brasileiras.
Meu compromisso é com a vida do homem,
a quem trato de servir
com a arte do poema. Sei que a poesia
é um dom, nasceu comigo.
Assim trabalho o meu verso,
com buril, plaina, sintaxe.
Não basta ser bom de ofício.
Sem amor não se faz arte.

Trabalho que nem um mouro,
estou sempre começando.
Tudo dou, de ombros e braços,
e muito de coração,
na sombra da antemanhã,
empurrando o batelão
para o destino das águas.
(O barco vai no banzeiro,
meu destino no porão.)

Nada criei de novo.
Nada acrescentei às forma
tradicionais do verso.
Quem sou eu para criar coisas novas,
pôr no meu verso, Deus me livre, uma
invenção.

Como um pássaro

Como quem faz uma rosa
Mãos e terra
Para se abrir no instante necessário e se cumprir o
próprio sortilégio
Até murchar
Como murcha uma rosa
Como quem faz um pássaro marinho
Mãos e Vento
E urge em suas asas a certeza que lhe permite
construir,
Instante a instante, na imensa solidão o próprio vão
Mãos e Chão
De poder chegar cantando um dia ao campo geral
da infância.
E então, mesmo varado de nóduas poder ajudar
ajude
Amor e mãos
A fazer esta estrela de esmeraldas que eu não
verrei, não faz mal,
Mas vai brilhar!

Fio de vida

Já fiz mais do que podia
Nem sei como foi que fiz.
Muita vez nem quis a vida
a vida foi quem me quis.

Para me ter como servo?
Para acender um tição
na frágua da indiferença?
Para abrir um coração

no fosso da inteligência?
Não sei, nunca vou saber.
Sei que de tanto me ter,
acabei amando a vida.

Vida que anda por um fio,

diz quem sabe. Pode andar,
contanto (vida é milagre)
que bem cumprido o meu fio.

*Na tarde em que as coronárias oclusas, entristecidas, me
pedem para cantar. julho/98*

Filho da floresta, água e madeira

Filho da floresta,
água e madeira
vão na luz dos meus olhos,
e explicam este jeito meu de amar as estrelas
e de carregar nos ombros a esperança.

Um lanho injusto, lama na madeira,
a água forte de infância chega e lava.

Me fiz gente no meio de madeira,
as achas encharcadas, lenha verde,
minha mãe reclamava da fumaça.

Na verdade abri os olhos vendo madeira,
o belo madeirame de itaúba
da casa do meu avô no Bom Socorro,
onde meu pai nasceu
e onde eu também nasci.

Fui o último a ver a casa erguida ainda,
íntegros os esteios se inclinavam,
morada de morcegos e cupins.

Até que desabada pelas águas de muitas cheias,
a casa se afogou
num silêncio de limo, folhas, telhas.

Mas a casa só morreu definitivamente
quando ruíram os esteios da memória
de meu pai,
neste verão dos seus noventa anos.

Durante mais de meio século,
sem voltar ao lugar onde nasceu,
a casa permaneceu erguida em sua lembrança,
as janelas abertas para as manhãs
do Paraná do Ramos,
a escada de pau-d'arco
que ele continuava a descer
para pisar o capim orvalhado
e caminhar correndo

pelo campo geral coberto de mungubeiras
até a beira florida do Lago Grande
onde as mãos adolescentes aprendiam
os segredos dos úberes das vacas.

Para onde ia, meu pai levava a casa
e levava a rede armada entre acariquaras,
onde, embalados pela surdina dos carapanãs,
ele e minha mãe se abraçavam,
cobertos por um céu insuportavelmente
estrelado.

Uma noite, nós dois sozinhos,
num silêncio hoje quase impossível
nos modernos frangalhos de Manaus,
meu pai me perguntou se eu me lembrava
de um barulho no mato que ele ouviu
de manhãzinha clara ele chegando
no Bom Socorro aceso na memória,
depois de muito remo e tantas águas.

Nada lhe respondi. Fiquei ouvindo
meu pai avançar entre as mangueiras
na direção daquele baque, aquele
baque seco de ferro, aquele canto
de ferro na madeira — era a tua mãe,
os cabelos no sol, era a Maria,
o machado brandindo e abrindo em achas
um pau mulato azul, duro de bronze,
batida pelo vento, ela sozinha
no meio da floresta.

Todas essas coisas ressurgiam
e de repente lhe sumiam na memória,
enquanto a casa ruína se fazia
no abandono voraz, capim-agulha,
e o antigo cacau desenganado
dava seu fruto ao grito dos macacos
e aos papagaios pândegas de sol.

Enquanto minha avó Safira, solitária,
última habitante real da casa,
acordava de madrugada para esperar
uma canoa que não chegaria nunca mais.

Safira pedra das águas,
que me dava a bênção como
quem joga o anzol pra puxar
um jaraqui na poronga,
sempre vestida de escuro
a voz rouca disfarçando
uma ternura de estrelas
no amanhecer do Andirá.

Filho da floresta, água e madeira,
voltei para ajudar na construção
do morada futura. Raça de âmagos,
um dia chegarão as proas claras
para os verdes livrar da servidão.

Flor de açucena

Quando acariciei o teu dorso,
campo de trigo dourado,
minha mão ficou pequena
como uma flor de açucena
que delicada desmaia
sob o peso do orvalho.
Mas meu coração cresceu
e cantou como um menino
deslumbrado pelo brilho
estrelado dos teus olhos.

92, Porantim

Memória da Esperança

Na fogueira do que faço
por amor me queimo inteiro.
Mas simultâneo renasço
para ser barro do sonho
e artesão do que serei.
Do tempo que me devora
me nasce a fome de ser.
Minha força vem da frágil
flor ferida que se entreabre
resgatada pelo orvalho
da vida que já vivi.
Qual a flama que darei
para acender o caminho
da criança que vai chegar?
Não sei. Mas sei que já dança,
canção de luz e sombra,
Na memória da esperança.

Ninguém me habita

Ninguém me habita. A não ser
o milagre da matéria
que me faz capaz de amor,
e o mistério da memória
que urde o tempo em meus neurônios,
para que eu, vivendo agora,
possa me rever no outrora.
Ninguém me habita. Sozinho
resvalo pelos declives
onde me esperam, me chamam
(meu ser me diz se as atendo)
feiúras que me fascinam,
belezas que me endoídecem.

O animal da floresta

De madeira lilás (ninguém me crê)
se fez meu coração. Espécie escassa
de cedro, pela cor e porque abriga
em seu âmago a morte que o ameaça.
Madeira dói?, pergunta quem me vê
os braços verdes, os olhos cheios de asas.
Por mim responde a luz do amanhecer
que recobre de escamas esmaltadas
as águas densas que me deram raça
e cantam nas raízes do meu ser.
No crepúsculo estou da ribanceira
entre as estrelas e o chão que me abençoa
as nervuras.
Já não faz mal que doa
meu bravo coração de água e madeira.

O Cajueiro Ensinado

Por medo de perder pouco,
acabaste te perdendo.
Não quiseste te dar todo
e terminaste sem nada.
Não sentiste o ferrão feio
cavando devagarinho
o fundo verde do peito.
(Por que era verdade. Tu sabes.)
Nem sequer te perguntaste
porque as janelas se foram
fechando no teu olhar.
Ainda podes caminhar,
quando anoitece demais,
debaixo dos cajueiros.
Mas as suas flores tenras
não te reconhecem mais.
Suas folhas orvalhadas
se esqueceram do teu nome
e mal relembram o teu riso
que era uma festa de infância.
Sem embargo, falas forte,
te vestes de opaca azul,
atravessas a avenida,
ris alto e muito: animal
balofo e só, meu irmão.

Os astros íntimos

Consulto a luz dos meus astros,
cada qual de cada vez.
Primeiro olho o do meu peito:
um sol turvo é o meu defeito.
A minha amada adormece
desgostosa do que sou:

a estrela da minha fronte
de descuidos se apagou.

Ela sonha mal do rumo
que minha galáxia tomou.
Não sabe que uma esmeralda
se esconde na dor que dou.

A cara consigo ver,
sem tremor e sem temor,
da treva engolindo a flor.
Percorre a mata um espanto.

A constelação que outrora
ardente cruzava o campo
da vida, hoje mal demora
no fulgor de um pirilampo.

Mas vale ver que perdura
serena em seu resplendor,
mesmo de luz esgarçada,
a nebulosa do amor.

Barreirinha, Ponta da Gaivota, 97

Notícia da Manhã

Para Milu e Ângelo

Eu sei que todos a viram
e jamais a esquecerão.
Mas é possível que alguém,
denso de noite, estivesse
profundamente dormindo.
E aos dormidos — e também
aos que estavam muito longe
e não puderam chegar,
aos que estavam perto e perto
permaneceram sem vê-la;
aos moribundos nos catres
e aos cegos de coração —
a todos que não a viram
contarei desta manhã
— manhã é céu derramado
é cristal de claridão —
que reinou, de leste a oeste,
de morro a mar — na cidade.

Pois dentro desta manhã
vou caminhando. E me vou
tão feliz como a criança
que me leva pela mão.
Não tenho nem faço rumo:
vou no rumo da manhã,
levado pelo menino
(ele conhece caminhos
e mundos, melhor do que eu).

(...)

Por verdadeira, a manhã
vai chamando outras manhãs
sempre radiosas que existem
(e às vezes tarde despontam
ou não despontam jamais)
dentro dos homens, das coisas:
na roupa estendida à corda,
nos navios chegando,
na torre das igrejas,
nos pregões dos peixeiros,
na serra circular dos operários,
nos olhos da moça que passa, tão bonitos!

(...)

A beleza mensageira
desta radiosa manhã
não se resguardou no céu
nem ficou apenas no espaço,
feita de sol e de vento,
sobrepassando a cidade
Não: a manhã se deu ao povo.

A manhã é geral.

As árvores da rua,
a réstia do mar,
as janelas abertas,
o pão esquecido no degrau,
as mulheres voltando da feira,
os vestidos coloridos,
o casal de velhos rindo na calçada,
o homem que passa com cara de sono,
a provisão de hortaliças,
o negro na bicicleta,
o barulho do bonde,
os passarinhos namorando
— ah! pois todas essas coisas
que minha ternura encontra
num pedacinho de rua,
dão eterno testemunho
da amada manhã que avança
e de passagem derrama
aqui uma alegria,
ali entrega uma frase
(como o dia está bonito!)
à mulher que abre a janela,
além deixa uma esperança
mais além uma coragem,
e além, aqui e ali
pelo campo e pela serra,
aos mendigos e aos sovinas,
aos marinheiros, aos tímidos,

aos desgraçados, aos prósperos,
aos solitários, aos mansos,
às velhas virgens, às puras
e às doidivas também,
a manhã vai derramando
uma alegria de viver,
vai derramando um perdão,
vai derramando uma vontade de cantar.
E de repente a manhã
— manhã é céu derramado,
é claridão, claridão —
foi transformando a cidade
numa praça imensa praça,
e dentro da praça o povo
o povo inteiro cantando,
dentro do povo o menino
me levando pela mão.

S. Sebastião do Rio de Janeiro, 9 de julho de 1954

Poema integrante da série O Andarilho e a Manhã, 1953/1955.

OS ESTATUTOS DO HOMEM (Ato Institucional Permanente)

*Poema que escrevi em 1964,
em protesto contra o terror da ditadura militar.
É dedicado a Carlos Heitor Cony*

Artigo I.

Fica decretado que agora vale a verdade,
que agora vale a vida
e que, de mãos dadas,
trabalharemos todos pela vida verdadeira.

Artigo II.

Fica decretado que todos os dias da semana,
inclusive as terças-feiras mais cinzentas,
têm direito a converter-se em manhãs de domingo.

Artigo III.

Fica decretado que, a partir deste instante,
haverá girassóis em todas as janelas,
que os girassóis terão direito
a abrir-se dentro da sombra
e que as janelas devem permanecer, o dia inteiro,
abertas para o verde onde cresce a esperança.

Artigo IV.

Fica decretado que o homem
não precisará nunca mais
duvidar do homem.
Que o homem confiará no homem
como a palmeira confia no vento,
como o vento confia no ar,

como o ar confia no campo azul do céu.

Parágrafo único:

O homem confiará no homem
como um menino confia em outro menino.

Artigo V.

Fica decretado que os homens
estão livres do jugo da mentira.
Nunca mais será preciso usar
a couraça do silêncio
nem a armadura de palavras.
O homem se sentará à mesa
com seu olhar limpo
porque a verdade passará a ser servida
antes da sobremesa.

Artigo VI.

Fica estabelecida, durante os milênios da vida,
a prática sonhada pelo profeta Isaías,
e o lobo e o cordeiro pastarão juntos
e a comida de ambos terá o mesmo gosto de
aurora.

Artigo VII.

Por decreto irrevogável fica estabelecido
o reinado permanente da justiça e da claridão,
e a esperança será uma bandeira generosa
para sempre desfraldada na alma do povo.

Artigo VIII.

Fica decretado que a maior dor
sempre foi e será sempre
não poder dar amor a quem se ama
sabendo que é a água
que dá à planta o milagre da flor.

Artigo IX.

Fica permitido que o pão de cada dia
tenha no homem o sinal do seu suor.
Mas que sobretudo tenha sempre
o quente sabor da ternura.

Artigo X.

Fica permitido a qualquer pessoa,
a qualquer hora da vida,
o uso do traje branco.

Artigo XI.

Fica decretado, por definição,
que o homem é um animal que ama
e que por isso é belo,
muito mais belo do que a estrela da manhã.

Artigo XII.

Decreta-se que nada será obrigado nem proibido.
Tudo será permitido,
inclusive brincar com os rinocerontes
e caminhar pelas tardes
com uma imensa begônia na lapela.

Parágrafo único:

Só uma coisa fica proibida:
amar sem amor.

Artigo XIII.

Fica decretado que o dinheiro
não poderá nunca mais comprar
o sol das manhãs vindouras.
Expulso do grande baú do medo,
o dinheiro se transformará em uma espada fraternal
para defender o direito de cantar
e a festa do dia que chegou.

Artigo final.

Fica proibido o uso da palavra liberdade,
a qual será suprimida dos dicionários
e do pântano enganoso das bocas.
A partir deste instante
a liberdade será algo vivo e transparente
como um fogo, um rio,
como a semente do trigo
e a sua morada será sempre
o coração do homem.

Santiago do Chile, abril de 1964

Para o livro do Aníbal Beça

Não faço prefácio. Faço
um canto de louvação.
A multidão de habitantes
da tua noite cintilante
crava estrelada alegria
nas profundezas das águas
que guardam a nossa infância.
Teu verso, vida ao reverso,
já é prefácio, anteface,
da clara felicidade
que só da poesia nasce,
é flor de nunca fechar.
Tem o vôo vagaroso,
mas de repente veloz,
de um pássaro cheio de asas
que inaugura um coração
no peito da inteligência
e planta, chuva de fogo,
a alvorada da razão
na frente do sentimento.
Não faço prefácio. Faço
esta serena invenção:
como de açucena o brilho
contente perante a luz
da manhã que se levanta
e impregnando vai a vida

de sonora claridão.

Feliz dança, banda-de-asa,
papagaio de famão,
assim te louvo cantando
Anibal, meu claro irmão.

Quem é quem

Posso dizer: estou pronto
para me dar ao que vier.
Posso errar, mas não por medo
de me ser no que fizer.
Quem me pode responder
que sabe ser, sendo inteiro
fiel e simples, sendo a tudo
que faz e não quer fazer?

Para os que virão

Como sei pouco, e sou pouco,
faço o pouco que me cabe
me dando inteiro.
Sabendo que não vou ver
o homem que quero ser.

Já sofri o suficiente
para não enganar a ninguém:
principalmente aos que sofrem
na própria vida, a garra
da opressão, e nem sabem.

Não tenho o sol escondido
no meu bolso de palavras.
Sou simplesmente um homem
para quem já a primeira
e desolada pessoa
do singular - foi deixando,
devagar, sofridamente
de ser, para transformar-se
- muito mais sofridamente -
na primeira e profunda pessoa
do plural.

Não importa que doa: é tempo

de avançar de mão dada
com quem vai no mesmo rumo,
mesmo que longe ainda esteja
de aprender a conjugar
o verbo amar.

É tempo sobretudo
de deixar de ser apenas
a solitária vanguarda
de nós mesmos.
Se trata de ir ao encontro.
(Dura no peito, arde a límpida
verdade dos nossos erros.)
Se trata de abrir o rumo.

Os que virão, serão povo,
e saber serão, lutando.

do cotidiano morto.
Como pássaros cansados,
que não encontraram pouso
certamente tombarão.

Muitos verões se sucedem:
o tempo madura os frutos,
branqueia nossos cabelos.
Mas o homem noturno espera
a aurora da nossa boca.

II
Se mãos estranhas romperem
a veste que nos esconde,
acharão uma verdade
em forma não revelável.
(E os homens têm olhos sujos,
não podem ver através.)

Mas um dia chegará
em que a oferenda dos deuses,
dada em forma de silêncio,
em palavra transfaremos.

E se porventura a dermos
ao mundo, tal como a flor
que se oferta - humilde e pura - ,
teremos então cumprido
a missão que é dada ao poeta.
E como são onda e mar,
seremos palavra e homem.

Poema perto do fim

A morte é indolor.
O que dói nela é o nada
que a vida faz do amor.
Sopro a flauta encantada
e não dá nenhum som.
Levo uma pena leve
de não ter sido bom.
E no coração, neve.

Silêncio e Palavra

I
A couraça das palavras
protege o nosso silêncio
e esconde aquilo que somos

Que importa falarmos tanto?
Apenas repetiremos.

Ademais, nem são palavras.
Sons vazios de mensagem,
são como a fria mortalha

Sonho Domado

Sei que é preciso sonhar.

Campo sem orvalho, seca
A frente de quem não sonha.

*Quem não sonha o azul do vôo
perde seu poder de pássaro.*

A realidade da relva
cresce em sonho no sereno
para não ser relva apenas,
mas a relva que se sonha.

Não vingam o sonho da folha
se não crescer incrustado
no sonho que se fez árvore.

Sonhar, mas sem deixar nunca
que o sol do sonho se arraste
pelas campinas do vento.

É sonhar, mas cavalgando

o sonho e inventando o chão
para o sonho florescer".

Temo Por Meus Sonhos

Temo por meus olhos
diante das puras vestes.
E no entretanto, desejo.

Temor que sugere o epílogo
de ser cântaro partido
ao lado de fonte pródiga.

A não contemplar, prefiro
definitiva cegueira.

Não como os homens cegos,
mas como os pés das crianças
que são cegos, caminhando.

Sugestão

Antes que venham ventos e te levem
do peito o amor — este tão belo amor,
que deu grandeza e graça à tua vida —,
faze dele, agora, enquanto é tempo,
uma cidade eterna — e nela habita.

Uma cidade, sim. Edificada
nas nuvens, não — no chão por onde vais,
e alicerçada, fundo, nos teus dias,
de jeito assim que dentro dela caiba
o mundo inteiro: as árvores, as crianças,
o mar e o sol, a noite e os passarinhos,
e sobretudo caibas tu, inteiro:
o que te suja, o que te transfigura,
teus pecados mortais, tuas bravuras,
tudo afinal o que te faz viver
e mais o tudo que, vivendo, fazes.

Ventos do mundo sopram; quando sopram,
ai, vão varrendo, vão, vão carregando
e desfazendo tudo o que de humano

existe erguido e porventura grande,
mas frágil, mas finito como as dores,
porque ainda não ficando — qual bandeira
feita de sangue, sonho, barro e cântico —
no próprio coração da eternidade.
Pois de cântico e barro, sonho e sangue,
faze de teu amor uma cidade,
agora, enquanto é tempo.

Uma cidade
onde possas cantar quando o teu peito
parecer, a ti mesmo, ermo de cânticos;
onde possas brincar sempre que as praças
que percorrias, dono de inocências,
já se mostrarem murchas, de gangorras
recobertas de musgo, ou quando as relvas
da vida, outrora suaves a teus pés,
brandas e verdes já não se vergarem
à brisa das manhãs.

Uma cidade
onde possas achar, rútila e doce,
a aurora que na treva dissipaste;
onde possas andar como uma criança
indiferente a rumos: os caminhos,
gêmeos todos ali, te levarão
a uma aventura só — macia, mansa —
e hás de ser sempre um homem caminhando
ao encontro da amada, a já bem-vinda
mas, porque amada, segue a cada instante
chegando — como noiva para as bodas.

Dono do amor, és servo. Pois é dele
que o teu destino flui, doce de mando:
A menos que este amor, conquanto grande,
seja incompleto. Falte-lhe talvez
um espaço, em teu chão, para cravar
os fundos alicerces da cidade.

Ai de um amor assim, vergado ao vínculo
de tão amargo fado: o de albatroz
nascido para inaugurar caminhos
no campo azul do céu e que, entretanto,
no momento de alçar-se para a viagem,
descobre, com terror, que não tem asas.

Ai de um pássaro assim, tão malfadado
a dissipar no campo exíguo e escuro
onde residem répteis: o que trouxe
no bico e na alma — para dar ao céu.

É tempo. Faze
tua cidade eterna, e nela habita:
antes que venham ventos, e te levem
do peito o amor — este tão belo amor
que dá grandeza e graça à tua vida.

Horóscopo Para Os Que Estão Vivos

Capricórnio

(21 dezembro a 20 de janeiro)

Capricórnio sempre foi manhoso, zodíaco caprichoso e exigente: é preciso saber levá-lo. Sem embargo, os dias que virão serão de larga alegria para Capricórnio, especialmente para os mais sofridos, porque se darão conta de que viviam enganados.

Grande papel está reservado às jovens mulheres da província. Quase no fim da primavera, é recomendável, antes do amanhecer, um banho de ervas de cheiro e depois o vestido mais branco.

Capricórnio promete grandes colheitas, noites de luas escandalosas e dias de lutas mais claras para operários, camponeses e mineiros. Para os amigos mais leais adivinho um dia de outono em que nascerá mais de um sol. Aos homens públicos, particularmente aos que engordam no arbítrio e ferem com o tacão de suas botinas a estatura da beleza humana, Saturno mostrará, com insuportável transparência, que eles avançam por um beco escuso cuja saída há tempos se fechou por um muro de espinhos invisíveis.

As jovens capricornianas em flor devem preferir a água marinha e o aconchego da ternura compartilhada.

E aos que acabam de decidir entrar juntos cantando de mãos dadas pela alameda onde ninguém consegue caminhar sozinho, advirto pela última vez: quem não se dá todo a cada instante um dia amanhece sem nada"

Aquário

(21 de janeiro a 19 de fevereiro)

"Aos nascidos sob a ternura de Aquário está destinado um grande serviço à causa da alegria geral. São assim os seres de Aquário, o coração cheio de navios, avançam de perfil, iluminados. A partir das primeiras chuvas do inverno belezas imprevistas surgirão nas ruas, construídas por mãos aquarianas, e uma inesperada flama arderá no teu peito fatigado. Os homens de ciência se aproximarão perigosamente do grande descobrimento que o mundo ainda espera. Vejo intensos espasmos de medo no pâncreas dos poderosos.

Tuas virtudes secretas estarão em maior evidência e poderio durante a primavera. O teu instante supremo coincidirá com a colheita das framboesas. Aproveita teu momento, Antes que Urano te esconda das estrelas.

Anima-te, companheiro, lança ao mar a rosa murcha que levas na lapela e recomeça a cantar, os braços abertos, essa canção de amor que escondes no teu peito; porque tens vergonha de mostrá-la, ou porventura medo.

E não te esqueças de que, sozinho, jamais chegarás ao outro lado do mar."

Peixes (20 de fevereiro a 20 de março)

"Guarda teu coração,
última cidadela do amor,
nos ásperos dias de tua juventude,
para que esta não se acabe nunca.
Que não te importem os caminhos escuros,
nem as seduções coloridas,
ferozes fogos de artifício
da sociedade de consumo,
que te aproveita com escárnio.
Abre uma brecha na indiferença,
inventa uma canção de roda
para que o povo cante,
principalmente as crianças.

Peixes é o símbolo do amor,
imensa é a missão dos teus cabelos.
Acho entretanto conveniente moderar
os teus ímpetos subterrâneos,
companheiro Peixes,
e envolver nos fervidos lençóis da realidade
a tua nobre e inútil vocação heróica.
Se insistes, ganharás, porventura
o nome na imprensa, quem sabe, uma estátua:
mas não ajudarás em nada
aos que de verdade
sofrem na carne e no sonho
a mordedura sinistra, indigna do homem.

Não confundas melancolia com tristeza,
abandona a psicanálise
e dedica-te com audácia
à delícia das coisas simples.
Bota um vaso de flores na janela,
avança pela alameda, entre jasmins.

E tu, minha amiga,
cuidado com a cintura,
que já não é mais aquela
maravilha de antes.
Mas ainda podes salvá-la,
sobretudo se não pensares só nela.

Grandes triunfos universitários
eu te prometo, jovem companheiro.
Mas te advirto que serão fugazes
se não servirem para ajudar de verdade
a legião dos que sequer sabem assinar o nome.
A opressão apodrecerá
antes do fim do verão.
Cada dia que chega,
com sua rosa e sua canção,
vai minando devagarinho
(tu estás vendo e muito mais hás-de-ver)
os esteios que escoram os muros
da ferocidade escura.
No chão verde da várzea,
rasgando o canavial,
o amor inventará um rumo de certa rebeldia.

E convém recordar, ao amanhecer,
mas com a memória do coração,
os votos que fizeram anjos e pastores,
já faz tempo,
quando nasceu o companheiro Jesus."

Áries (21 de março a 20 de abril)

"Eu sei que Marte te ajuda, companheiro.
Conheço bem de perto esse poder apaixonado,
a generosa força do teu signo de fogo.
Mas não confies demasiado. Cuidado contigo,
vejo um cansaço ao oeste do teu olho.
É preciso ter paciência com as vaidades verdes.
Escuta a canção do vento que inventa
o redemoinho nas palavras,
e quando o sol estiver a pino
evita as próprias palavras:
um autêntico Áries deve preferir não dizer
quando o dizer é confundir.
O sectarismo está cravando no teu sonho
os seus dentes de nácar,
e nem te dá conta.
Ademais, não são de nácar.

Não desanimes nunca, segue trabalhando
pelo reinado da claridão,
que, como sabes, ou precisas saber,
tem o gosto da vida
e a cor do sangue antes do amanhecer.

Tua luta te reserva grandes alegrias,
tanto mais belas porque repartidas,
e no começo do verão
resolverás definitivamente
teu grande problema secreto:
mas só se tiveres força
de olhar o sol de frente.

Pelo outono,
ligeiras perturbações cardiovasculares,
proporcionais ao medo
que circula em tuas artérias.

Os mais jovens,
ou os que ainda não perderam a juventude,
devem adiar sua noite de bodas
por umas poucas luas
e ganhar bem esse tempo
para aprender devagarinho
que o compartilhar não dói e te acrescenta
de uma força maior que a das estrelas.
Os Áries que já se casaram,
que tratem de levar o barco
por águas mansas,
sem fazer mal a ninguém.
Haverá um instante na primavera
no qual os varões de Marte
que ainda resguardam a infância
(cuidado que ela está agonizante no peito!)
estarão extremamente sensíveis
à beleza das mulheres em geral.
Nem todos sucumbirão.

No meio do último decanato,
chegará um sol cinzento com grandes ameaças
à pobre face deste lindo mundo nosso.

Mas não te alteres:
continua fazendo a tua partem
humilde e organizado,
na construção da alegria.

As mulheres morenas
devem acalmar o gênio,
e preferir
sobriamente
o sortilégio do quartzo rosado."

Touro **(21 de abril a 20 de Maio)**

Estás sob a dominante de Vênus
e de seus contraditórios influxos.
É por isso que te digo:
cuidado com teu umbigo.
Não te assombres
se o ponteiro do relógio, o pequenino,
se transformar num escorpião:
a cada volta que ele dá,
uma criança morre de fome
ao lado do meridiano mais amado.
Não brinques com a liberdade,
nem te atormentes tanto
com com os conceitos fundamentais.
Principalmente não brinques
com as posições de Vênus
quase ao amanhecer.
Touro tem reservas inesgotáveis de paciência,
mas um bom dia a casa cai, em pleno maio.
Recomendo cautela nos negócios
nacionais,
e um pouco mais de vergonha
nos internacionais,
porque Touro está-te vendo,
a ti,
homem encolhido e turvo,
cujo fim não tardará.
Certas prosperidades
avultam inevitáveis
no centro do quadrante.
Mas te advirto
que enquanto acumulas topázios,
está-se recobrando de mofo
a flor silvestre de tua juventude.
Em caso de dúvida,
fabrica um navio
e convida a todos os teus amigos de infância.

Trata de repartir amor um pouco mais
do que se reparte a riqueza nacional.
Não terás problemas com teus filhos,
que crescerão muito limpos
e ciosos de sua candura.
Mas não te esqueças de que existem outras
crianças,
por aí, pelos caminhos de Touro.
Não recomendo muitas intimidades
com Capricórnio.
Deves fazer pausas bruscas

em tua fatigada rotina.
E ouve um concerto de Bach
de preferência para fagote
ou fuzil."

Gêmeos **(21 de maio a 20 de junho)**

"Fica ao menos uma vez por trimestre
em tua casa, só com ela
e com tua gente,
por muito que Mercúrio
te convide ao movimento.
Te fará muito bem ficar olhando
o abrir-se silencioso de uma rosa,
ou a brincadeira dos pombos
no meio da praça pública.

Aproveita mais de um entardecer
para olhar - se possível bem de perto -
o semblante castigado
dos que voltam, depois de haver vendido
sua força de trabalho:
no fundo dos olhos deles
arde, feroz, a esperança.

Que não te preocupe tanto
tua insegurança: este ano a dominarás
para sempre,
graças à opção a que a vida te obrigará.
E descobrirás nos desvãos do teu peito
poderosos mananciais, enquanto janelas se abrirão
diante dos teus olhos
nos muros mais espessos.

Mercúrio protegerá os amores
iniciados em Junho ou Setembro.
Mas a culpa será tua
se o teu amor acaba.
A mulher nascida em Gêmeos
deve, mas do que nunca,
fazer valer a sua proclamada independência,
entregando-se luminosa e serena,
ao seu escolhido homem.
Mas convém evitar as cores esdrúxulas
durante ps primeiros decanatos.
E tu, que no fundo queres agarrar a estrela,
não te inventes mais atalhos, já chega.
Continua em teu caminho
e atravessarás o arco-íris."

E guarda bem, e aprende, esta data:
8 de outubro, o dia inteiro.
Cuidado! "

Câncer **(21 de junho a 20 de julho)**

"Agarra-te à tua intuição,
companheiro que nasceste
seduzido pela Lua
que altera tua vida
com impulsos inumeráveis
e te converte tantas vezes
em um ser extravagante
e incompreendido pelos outros.
Pois eu te compreendo tanto,
e te estendo a mão, vamos embora.

Vamos de mãos dadas,
mulher morena de lua, tu também,
vamos cantar uma canção antiga
que leve o Sol às charcas doloridas.
Porque este será um tempo de decisões difíceis.
Vai pela tua intuição, mas vai com jeito,
vai no rumo da entressombra,
vai no rigor do orvalho,
a arma do amor no punho.
Veste alguma coisa vermelha
(que não seja emprestada)
muda uns móveis de lugar,
planta depressa uma árvore,
não importa que seja em jardim alheio,
e verás florescer a alegria,
cotidiana e fresca,
com a segurança, serena em seu poder,
de que o povo um dia vencerá.

O verão te é propício a descidas da montanha,
mas devagar, antes que o teu canto
seja o da multidão, como é preciso.
Guarda-te da atração
que sobre tua fronte lunada
exerce Leão.

Os astros mais oblíquos, em geral adversos,
de pronto unânimes,
te sugerem viagem
pela América, a nossa.
Vale a pena, Câncer, companheiro,
porque vais encontrar,
na flor de tua rebeldia despertada,
a bela há tanto tempo
adormecida no bosque.

Leão **(21 de julho a 20 de agosto)**

" Leão é fogo, sonhos cerrados
a rosa de amor feita de brasa.
A vida te será amável,
companheiro que avanças
sob o sortilégio do Sol.

A menos que sejas um Leão
cujos dias se cumprem
em certos pedaços de chão como o do Nordeste
da minha pátria, sob o sol da injustiça.
Mas é desgraça demasiada
para tão pouco horóscopo.
De resto, trata o meu zodíaco da vida,
que não é precisamente o que tu levas,
companheiro camponês.
Contudo, algo te digo: não te submetas,
dentes de esmeralda já se cravam
na entranha do latifúndio.

Quanto a ti, Leão poderoso,
sei que não calculas os momentos que vives,
não calculas nem medes,
confias nos teus átomos,
te encantam as turquesas,
ostentas a gordura,
esbanjas as suavidades.
Tuas razões terás, e são das fortes,
porque se nutrem da alheia desventura.
Mas não posso ocultar-te
que vejo fluidos escuros
baixando sobre tua cabeça.
Enquanto caminhas confiante,
levado por tua extrema ganância,
Saturno está só te olhando
com seu olho implacável.
Te recomendo, para começar,
empinar um papagaio agora mesmo,
pelo menos uma tarde por mês,
e publicamente.
Queres que eu te diga tudo?
Haverá um instante de inverno
em que sete astros se unirão
à esquerda da tua indiferença.
Sete astros, sete ventos,
sete nebulosas verdes
sete segredos reunidos
sete segredos reunidos
contra tua força de homem,
que sempre foste sozinho,

que apenas contas contigo.
Vais ver enfim como te odeia
a multidão que te adula.
Vê se descobres um irmão,
vê se ainda podes ser irmão,
talvez possas, ainda é tempo.
Depende do teu coração,
se é que ainda o levas.
E tu, doce mulher de Leão,
não abandones tanto a cozinha:
inventa um guisado,
com aipo, ternura e orégano,
em fogo bem brando,
para o teu homem."

Virgem

(21 de agosto a 20 de setembro)

"Que perdoem os varões
nascidos em Virgo.
Com a determinação e o espírito crítico
de que são capazes,
que tratem de viver e agir
do melhor modo possível
para esquivar-se às maléficas
(estou avisando)
influências de Mercúrio,
às quais estarão sujeitos
em seguidos quadrantes do tempo.

Sucede que não lhes posso dar mais de mim,
tantos são os cuidados
que me reclama a fortuna
das delicadas mulheres de Virgo,
para quem os dias que virão
serão de memoráveis sucessos.
De um modo geral estarão na crista
da onda mais ensolarada.
Mas é preciso que te ajudes, companheira.
Não te garanto que tudo sejam flores.
Ultimamente abandonaste tua estrela,
que anda navegando solitária
pelos ermos do teu peito.
A conjunção de Mercúrio e Marte,
com a Lua de permeio,
põe o teu amor à beira do perigo.
Sobe com ele a montanha mais verde
e abriga tua esperança
no ventre de uma palmeira.
Sei que gostas dos mecanismos deslumbrantes,
preferes a rigidez dos esquemas,
que aliás não são teus,
e o equilíbrio da conduta humana.

Mas te asseguro que às vésperas
do florescer dos trigais
aprenderás a desfazer a ordem do trânsito
e a subverter a cronologia dos relógios.
Porque no meio da primavera

inventarás, alta a noite,
uma rosa estrelada
para tua pessoa mais amada."

Libra

(21 de setembro a 20 de outubro)

"Os nascidos em Libra
são seres privilegiados
porque particularmente favorecidos
para viver do amor e da verdade.
Por sobre todas as coisas
são donos da alegria de viver.
O que se leva deste mundo
é o que se conquista lutando o bom combate,
dizem os homens de Libra.
As mulheres não dizem nada.
Fortes de seu silêncio,
limitam-se a perturbar o sossego dos homens
com tanta tranquilidade e beleza.
Pena que se casem demasiadamente cedo
embora sejam em geral as mais felizes.
Este ano Vênus tem as melhores conjunções.
Esplêndidas são as perspectivas
para sapateiros e músicos.
Melhores ainda para os marinheiros.
Secretos deslumbramentos
estão reservados
para os que gravam sua dor na madeira
e os que escrevem seus poemas sobre a água.

Previno-te contra o sono
que se alastra ao teu redor.
Tua casa está dormindo,
tua rua está dormindo.
Aprende música em segredo
e desperta a tua praça
com um canto de clarim."

Escorpião (21 de outubro a 20 de novembro)

"Plutão prepara conjunções difíceis para o começo do verão, e podem durar. Podem até cogumelos crescer no chão da tua esperança. Não avances tanto, cautela com as alamedas lunadas, desvia-te a tempo da labareda do implacável. Não consigo ver bem o que te arderá nos olhos, quando termine o verão. Às vezes me parece uma lágrima, de repente me parece uma estrela. Modera-te à mesa, o o colesterol te espreita do fundo tão jovem do teu fígado. Não sejas tão avaro de ti mesmo: se não te dás inteiro ao que tu amas, vais acabar ficando sem nada. E aprende com o poeta, mulher de Escorpião, que nunca é tarde nem cedo para amar. Deves, contudo, manter-te atenta aos recados que chegam no vento do amanhecer. O dia que jamais esquecerás: a última terça-feira da primavera."

Sagitário (21 de novembro a 20 de dezembro)

"Tenho uma grande notícia, Sagitário: em pleno meio-dia de inverno, o ranço da rotina te queimando, festejarás inesperadamente o descobrimento de algo que a começo talvez te seja amargo mas que abrirá em tua vida um caminho diferente e seguramente luminoso.

Reconheço que Júpiter entre abril e maio te deitará armadilhas coloridas.

Mas confio no teu desprendimento. Se te livras delas (e o pior é que elas estarão à luz do sol), experimentarás a delícia extrema de cantar a alegria, e esse teu canto será repartido. Convém que consigas (para contemplá-lo largamente e guardar no teu peito a força do teu profundo ensinamento) o primeiro selo emitido, com todas as cores do arco-íris humano, pela República de Guiné Bissau, radiosa no poder do seu povo, que se ergue para o mundo, no momento em que a aurora, tanto tempo escondida, retorna e redime as praças lusitanas. Vejo para breve uma perigosa conjugação com Vênus. Te direi que contra o influxo traiçoeiro de Vênus a melhor coisa que existe ainda é a carícia fabulária do canto do uirapuru, o pássaro pequenino que domina, com o seu canto, as florestas altas do meu Amazonas. Como sei que não é fácil,

trata de encontrar um sucedâneo
e, se possível, dentro do teu peito.
E basta de tomar tantas notas
e ler todas as letras dos compêndios
para a definição de cultura,
a famosa cultura burguesa ocidental,
que cada dia mais apodrece
como um sapo seco.

Melhor é que trates de fazer música.
Organiza tua gente
e arma o teu conjunto regional
de sabor popular,
para solo de flauta e violão
e, quando for conveniente,
com acompanhamento de rifle."

VICTOR JARA (CHILE)

Caminando, Caminando

Caminando, caminando
voy buscando libertad
ojalá encuentre camino
para seguir caminando.

Es difícil encontrar
en la sombra claridad
cuando el sol que nos alumbraba
decolora la verdad.

Cuánto tiempo estoy llegando
desde cuando me habré ido
cuanto tiempo caminando
desde cuando caminando.

Caminando, caminando.

El Derecho de Vivir en Paz

El derecho de vivir
poeta Ho Chi Minh,
que golpea de Vietnam
a toda la humanidad.
Ningún cañón borrará
el surco de tu arrozal.
El derecho de vivir en paz.

Indochina es el lugar
más allá del ancho mar,
donde revientan la flor
con genocidio y napalm;
la luna es una explosión
que funde todo el clamor.
El derecho de vivir en paz.

Tío Ho, nuestra canción
es fuego de puro amor,
es palomo palomar
olivo de olivar
es el canto universal
cadena que hará triunfar,
el derecho de vivir en paz.

Plegaria A Un Labrador

Levantate y mira la montaña
De donde viene el viento el sol y el agua
Tú que manejas el curso de los ríos
Tú que sembraste el vuelo de tu alma

Levantate y mírate las manos
Para crecer estrechala a tu hermano
Juntos iremos unidos en la sangre
Hoy es el tiempo que puede ser mañana

Líbranos de aquel que nos domina en la miseria
Tráenos tu reino de justicia e igualdad
Sopla como el viento la flor de la quebrada
Limpia como el fuego el cañón de mi fusil
Hágase por fin tu voluntad aquí en la tierra
Danos tu fuerza y tu valor al combatir
Sopla como el viento la flor de la quebrada
Limpia como el fuego el cañón de mi fusil

Levantate y mírate las manos
Para crecer estrechala a tu hermano
Juntos iremos unidos en la sangre
Ahora y en la hora de nuestra amén
Amén, amén

Somos cinco mil

aquí en esta parte de la ciudad.
Somos cinco mil.
¿Cuántos seremos en total en las ciudades
y en todo el país?
Somos aquí 10 mil manos
que siembran y hacen andar las fábricas.
Cuánta humanidad
con hambre, frío, angustia, pánico,
dolor, presión moral, temor y locura.
Seis de los nuestros se perdieron en el espacio
de las estrellas,
un muerto, un golpeado como jamás creí
se podría golpear a un ser humano,
los otros cuatro quisieron quitarse todos los temores
unos saltando al vacío
otros golpeándose la cabeza contra el muro.
Pero todos..., todos, con la mirada fija de
la muerte.
Qué espanto causa el rostro de fascismo,
llevan a cabo sus planes con precisión certera
sin importarles nada.
La sangre para ellos son medallas,
la matanza es acto de heroísmo.
¿Es éste el mundo que creaste, Dios mío?
¿Para esto tus siete días de ascenso
y de trabajo?
En estas cuatro murallas, sólo hay un número
que no preocupa.
Que lentamente quería más la muerte.
Pero de pronto me golpea la conciencia
y veo esta marea sin latido
pero con el pulso de las máquinas
y los militares mostrando su rostro
de matrona llena de dulzura.
Y México y Cuba y el mundo
que grita esta ignominia.
Somos 10.000 manos que producen.
¿Cuántos somos en toda mi patria?
La sangre del compañero Presidente
golpea más fuerte que bombas y metrallas.
Así golpeará nuestro puño nuevamente!
Ay, canto que mal me sales!
Cuánto tengo que cantar, espanto!
Espanto como el que vivo
como el que muero, espanto.
De verme entre tanto y tantos
momentos del infinito
en que el silencio y el grito
son las metas de este canto.
Lo que veo nunca vi
lo que he sentido y que siento
harán brotar el momento...

(Este es su último poema, escrito en el Estadio,
en vísperas de la muerte. El poema quedó
inconcluso y sin música)

VINÍCIUS DE MORAES

Operário em Construção

Era ele que erguia casas
onde antes só havia chão.
Como um pássaro sem asas
ele subia com as casas
que lhe brotavam da mão.
Mas tudo desconhecia
de sua grande missão:
não sabia por exemplo,
que a casa de um homem
é um templo,
um templo sem religião.
Como tampouco sabia
que a casa que ele fazia,
sendo a sua liberdade,
era a sua escravidão.

De fato, como podia
um operário em construção
compreender por que um tijolo
valia mais do que um pão?
Tijolos ele empilhava
com pá, cimento e esquadria.
Quanto ao pão, ele comia.
Mas fosse comer tijolo...

E assim o operário ia,
com suor e com cimento,
erguendo uma casa aqui,
adiante um apartamento;
além uma igreja, à frente
um quartel e uma prisão:
prisão de que sofreria
não fosse eventualmente
um operário em construção.

Mas ele desconhecia
esse fato extraordinário:
que o operário faz a coisa
e a coisa faz o operário.
De forma que, certo dia,
à mesa, ao cortar o pão,
o operário foi tomado
de uma súbita emoção
ao constatar assombrado
que tudo naquela mesa
- garrafa, prato, facão -
era ele quem os fazia!
Ele, um humilde operário,
um operário em construção.

Olhou em torno: gamela,
banco, enxerga, caldeirão,
vidro, parede, janela,
casa, cidade, nação!
Tudo, tudo o que existia
era ele quem o fazia!
Ele, um humilde operário
um operário que sabia
exercer a profissão.

Ah! Homens de pensamento,
não sabereis nunca o quanto
aquele humilde operário
soube naquele momento!
Naquela casa vazia
que ele mesmo levantara,
um mundo novo nascia
de que sequer suspeitava.
O operário emocionado
Olhou sua própria mão
sua rude mão de operário
de operário em construção.
E olhando bem para ela
teve um segundo a impressão
de que não havia no mundo
coisa que fosse mais bela.

Foi dentro da compreensão
desse instante solitário
que, tal sua construção,
cresceu também o operário.
Cresceu em alto e profundo,
em largo e no coração.
E como tudo que cresce,
ele não cresceu em vão.
Pois além do que sabia
- exercer a profissão -
o operário adquiriu
uma nova dimensão:
a dimensão da poesia.

E um fato novo se viu
que a todos admirava:
o que o operário dizia
outro operário escutava.
E foi assim que o operário
do edifício em construção
que sempre dizia sim
começou a dizer NÃO.

E aprendeu a notar coisas
a que não dava atenção:
notou que sua marmita
era o prato do patrão,
que sua cerveja preta
era o uísque do patrão,
que o seu macacão de zuarte
era o terno do patrão,
que o casebre onde morava
era a mansão do patrão,
que seus pés andarilhos
eram as rodas do patrão,
que a dureza do seu dia
era a noite do patrão,
que sua imensa fadiga
era amiga do patrão.

E o operário disse: NÃO!
E o operário fez-se forte
na sua resolução

Como era de se esperar,
as bocas da delação
começaram a dizer coisas
aos ouvidos do patrão.
Mas o patrão não queria
nenhuma preocupação.
- "Convançam-no do contrário"
disse ele sobre o operário.
E ao dizer isso, sorria.

Dia seguinte, o operário
ao sair da construção,
viu-se súbito cercado
dos homens da delação.
E sofreu, por destinado,
sua primeira agressão.
Teve seu rosto cuspidado,
teve seu braço quebrado,
mas quando foi perguntado
o operário disse: NÃO!

Em vão sofrera o operário
sua primeira agressão.
Muitas outras se seguiram
muitas outras seguirão.
Porém, por imprescindível
ao edifício em construção,
seu trabalho prosseguia
e todo o seu sofrimento
misturava-se ao cimento
da construção que crescia.

Sentindo que a violência
não dobraria o operário,

um dia tentou o patrão
dobrá-lo de modo vário.
De sorte que o foi levando
ao alto da construção
e num momento de tempo
mostrou-lhe toda a região.
E apontando-a ao operário
fez-lhe esta declaração:
- Dar-te-ei todo esse poder
e a sua satisfação
porque a mim me foi entregue
e dou-o a quem bem quiser.
Dou tempo de lazer,
dou-te tempo de mulher.
Portanto, tudo o que vês
será teu se em adorares.
E, ainda mais, se abandonares
o que te faz dizer não.
Disse, e fitou o operário
que olhava e refletia.

Mas o que via o operário
o patrão nunca veria.
O operário via as casas
e dentro das estruturas
via coisas, objetos,
produtos, manufaturas.
Via tudo o que fazia
o lucro do patrão.
E em cada coisa que via
misteriosamente havia
a marca de sua mão.
E o operário disse: NÃO!

- Loucura! gritou o patrão.
Não vês o que te dou eu? -
Mentira! disse o operário.
Não podes dar-me o que é meu.

E um grande silêncio fez-se
dentro do seu coração.
Um silêncio de martírios
um silêncio de prisão
um silêncio povoado
de pedidos de perdão
um silêncio apavorado
como o medo em solidão
um silêncio de torturas
e gritos de maldição
um silêncio de fraturas
a se arrastarem no chão.
E o operário ouviu a voz
De todos os seus irmãos.
Os seus irmãos que morreram
por outros que viverão.
Uma esperança sincera
cresceu no seu coração
e dentro da tarde mansa
agigantando-se a razão

de um homem pobre e esquecido.
Razão porém que fizera
em operário construído
o operário em construção.

Os homens da terra

(Em homenagem aos trabalhadores da terra do Brasil, que enfim despertaram e cuja luta ora inicia)

Senhores Barões da terra
Preparai vossa mortalha
Porque desfrutais da terra
E a terra é de quem trabalha
Bem como os frutos que encerra

Senhores Barões da terra
Preparai vossa mortalha.
Chegado é o tempo de guerra
Não há santo que vos valha:
Não a foice contra a espada
Não o fogo contra a pedra
Não o fuzil contra a enxada:
- União contra granada!
- Reforma contra metralha!

Senhores donos da Terra
Juntais vossa rica tralha
Vosso cristal, vossa prata
Luzindo em vossa toalha.
Juntais vossos ricos trapos

Senhores Donos de terra
Que os nossos pobres farrapos
Nossa juta e nossa palha
Vêm vindo pelo caminho
Para manchar vosso linho
Com o barro da nossa guerra:
E a nossa guerra não falha!

Nossa guerra forja e funde
O operário e o camponês;
Foi ele quem fez o forno
Onde assa o pão que comeis
Com seu martelo e seu torno
Sua lima e sua torquês,
Foi ele quem fez o forno
Onde assa o pão que comeis.
Nosso pão de cada dia
Feito em vossa padaria
Com o trigo que não colheis;
Nosso pão que forja e funde
O camponês e o operário
No forno onde coze o trigo
Para o pão que nos vendeis
Nas vendas do latifúndio

Senhor latifundiário!
Senhor Grileiro de terra
É chegada a vossa vez
A voz que ouvis e que berra
É o brado do camponês
Clamando do seu calvário
Contra a vossa mesquinhez.
O café vos deu o ouro
Com que encheis vosso tesouro
A cana vos deu a prata
Que reluz em vosso armário
O cacau vos deu o cobre
Que atirais no chão do pobre
O algodão vos deu o chumbo
Com que matais o operário:
É chegada a vossa vez

Senhor latifundiário!
Em toda parte, nos campos
Junta-se a nossa outra voz
Escutai, Senhor dos campos
Nós já não somos mais sós.
Queremos bonança e paz
Para cuidar da lavoura
Ceifar o capim que dá
Colher o milho que doura,
Queremos que a terra possa
Ser tão nossa quanto vossa
Porque a terra não tem dono

Senhores Donos da Terra.
Queremos plantar no outono
Para ter na primavera
Amor em vez de abandono
Fatura em vez de miséria.
Queremos paz, não a guerra
Senhores Donos de Terra...
Mas se ouvidos não prestais
Às grandes vozes gerais
Que ecoam de serra em serra
Então vos daremos guerra
Não há santo que vos valha:
Não a foice contra a espada
Não o fogo contra a pedra
Não o fuzil contra a enxada:
- Granada contra granada!
- Metralha contra metralha!
E a nossa guerra é sagrada
A nossa guerra não falha!

(Poemas para a Liberdade. Violão de rua. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 1962.)

A rosa de Hiroxima

Pensem nas crianças
Mudas telepáticas
Pensem nas meninas
Cegas inexatas
Pensem nas mulheres
Rosas alteradas
Pensem nas feridas
Como rosas cálidas
Mas oh não se esqueçam
Da rosa da rosa
Da rosa de Hiroxima
A rosa hereditária
A rosa radioativa
Estúpida e inválida
A rosa com cirrose
A anti-rosa atômica
Sem cor sem perfume
Sem roda sem nada.

Não comerei da alface...

Não comerei da alface a verde pétala
Nem da cenoura as hóstias desbotadas
Deixarei as pastagens às manadas
E a quem mais aprover fazer dieta.

Cajus hei de chupar, mangas-espadas
Talvez um pouco elegantes para um poeta
Mas pêras e maçãs, deixo-as ao esteta
Que acredita no cromo das saladas.

Não nasci ruminante como os bois
Nem como os coelhos, roedor; nasci
Onívoro; dêem-me feijão com arroz

E um bife, e um queijo forte, e parati
E eu morrerei, feliz, do coração
De ter vivido sem comer em vão.

Poética (I)

De manhã escureço
De dia tardo
De tarde anoiteço
De noite ardo.

A oeste a morte
contra quem vivo
Do sul cativo
O este é meu norte.
Outros
Que contem passo por passo
Eu morro ontem
Nasço amanhã
Ando onde há espaço
Meu tempo
É quando...

Soneto de Devoção

Essa mulher que se arremessa, fria
E lúbrica em meus braços, e nos seios
Me arrebatava e me beija e balbucia
Versos, votos de amor e nomes feios.

Essa mulher, flor de melancolia
Que se ri dos meus pálidos receios
A única entre todas a quem dei
Os carinhos que nunca a outra daria.

Essa mulher que a cada amor proclama
A miséria e a grandeza de quem ama
E guarda a marca dos meus dentes nela.

Essa mulher é um mundo! - uma cadela
Talvez... - mas na moldura de uma cama
Nunca mulher nenhuma foi tão bela!

Soneto de fidelidade

De tudo, ao meu amor serei atento
Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto
Que mesmo em face do maior encanto
Dele se encante mais meu pensamento.

Quero vivê-lo em cada vão momento
E em seu louvor hei de espalhar meu canto
E rir meu riso e derramar meu pranto
Ao seu pesar ou seu contentamento.

E assim, quando mais tarde me procure
Quem sabe a morte, angústia de quem vive
Quem sabe a solidão, fim de quem ama

Eu possa (me) dizer do amor (que tive):
Que não seja imortal, posto que é chama
Mas que seja infinito enquanto dure.

Soneto de separação

De repente do riso fez-se o pranto
Silencioso e branco como a bruma
E das bocas unidas fez-se a espuma
E das mãos espalmadas fez-se o espanto.

De repente da calma fez-se o vento
Que dos olhos desfez a última chama
E da paixão fez-se o pressentimento
E do momento imóvel fez-se o drama.

De repente, não mais que de repente
Fez-se de triste o que se fez amante
E de sozinho o que se fez contente.

Fez-se do amigo próximo o distante
Fez-se da vida uma aventura errante
De repente, não mais que de repente

Trecho

Quem foi, perguntou o Celo
Que me desobedeceu?
Quem foi que entrou no meu reino
E em meu ouro remexeu?
Quem foi que pulou meu muro
E minhas rosas colheu?
Quem foi, perguntou o Celo
E a flauta falou: Fui eu.

Mas quem foi, disse a Flauta
Que no meu quarto surgiu?
Quem foi que me deu um beijo
E em minha cama dormiu?
Quem foi que me fez perdida
E me desiludiu?
Quem foi, perguntou a Flauta
E o velho Celo sorriu.

O que eu desejo pra você

Desejo primeiro que você ame,
E que amando, também seja amado.
E que se não for, seja breve em esquecer.
E que esquecendo, não guarde mágoa.
Desejo, pois, que não seja assim,
Mas se for, saiba ser sem desesperar.

Desejo também que tenha amigos,
Que mesmo maus e inseqüentes,
Sejam corajosos e fiéis,
E que pelo menos num deles
Você possa confiar sem duvidar.
E porque a vida é assim,

Desejo ainda que você tenha inimigos.
Nem muitos, nem poucos,
Mas na medida exata para que, algumas vezes,
Você se interpele a respeito
De suas próprias certezas.
E que entre eles, haja pelo menos um que seja
justo,

Para que você não se sinta demasiado seguro.

Desejo depois que você seja útil,
Mas não insubstituível.
E que nos maus momentos,
Quando não restar mais nada,
Essa utilidade seja suficiente para manter você de
pé.

Desejo ainda que você seja tolerante,
Não com os que erram pouco, porque isso é fácil,
Mas com os que erram muito e irremediavelmente,
E que fazendo bom uso dessa tolerância,
Você sirva de exemplo aos outros.

Desejo que você, sendo jovem,
Não amadureça depressa demais,
E que sendo maduro, não insista em rejuvenescer
E que sendo velho, não se dedique ao desespero.
Porque cada idade tem o seu prazer e a sua dor e
É preciso deixar que eles escorram por entre nós.

Desejo por sinal que você seja triste,
Não o ano todo, mas apenas um dia.
Mas que nesse dia descubra
Que o riso diário é bom,
O riso habitual é inosso e o riso constante é
insano.

Desejo que você descubra ,
Com o máximo de urgência,
Acima e a respeito de tudo, que existem oprimidos,
Injustiçados e infelizes, e que estão à sua volta.

Desejo ainda que você afague um gato,
Alimente um cuco e ouça o João-de-Barro
Erguer triunfante o seu canto matinal
Porque, assim, você se sentirá bem por nada.

Desejo também que você plante uma semente,
Por mais minúscula que seja,
E acompanhe o seu crescimento,
Para que você saiba de quantas
Muitas vidas é feita uma árvore.

Desejo, outrossim, que você tenha dinheiro,
Porque é preciso ser prático.
E que pelo menos uma vez por ano
Coloque um pouco dele
Na sua frente e diga "Isso é meu",
Só para que fique bem claro quem é o dono de
quem.

Desejo também que nenhum de seus afetos morra,
Por ele e por você,
Mas que se morrer, você possa chorar
Sem se lamentar e sofrer sem se culpar.

Desejo por fim que você sendo homem,

Tenha uma boa mulher,
E que sendo mulher,
Tenha um bom homem
E que se amem hoje, amanhã e nos dias seguintes,
E quando estiverem exaustos e sorridentes,
Ainda haja amor para recomeçar.

E se tudo isso acontecer,
Não tenho mais nada a te desejar.

(Original de Victor Hugo adaptado por Vinícius de Moraes)

Libelo

De que mais precisa um homem senão de um pedaço de mar -
e um barco com o nome da amiga, e uma linha e um anzol pra
pescar?

E enquanto pescando, enquanto esperando, de que mais
precisa um homem senão de suas mãos, uma pro caniço, outra
pro queixo, que é para ele poder se perder no infinito, e uma
garrafa de cachaça pra puxar tristeza, e um pouco de
pensamento pra pensar até se perder no infinito...

De que mais precisa um homem senão de um pedaço de terra
- um pedaço bem verde de terra - e uma casa, não grande,
branquinha, com uma horta e um modesto pomar; e um jardim
- que um jardim é importante - carregado de flor de cheirar?

E enquanto morando, enquanto esperando, de que mais
precisa um homem senão de suas mãos para mexer a terra e
arranhar uns acordes de violão quando a noite se faz de luar, e
uma garrafa de uísque pra puxar mistério, que casa sem
mistério não tem valor de morar...

De que mais precisa um homem senão de um amigo pra ele
gostar, um amigo bem seco, bem simples, desses que nem
precisa falar - basta olhar - um desses que desmereça um
pouco da amizade, de um amigo pra paz e pra briga, um amigo
de paz e de bar?

E enquanto passando, enquanto esperando, de que mais
precisa um homem senão de suas mãos para apertar as mãos
do amigo depois das ausências, e pra bater nas costas do
amigo, e pra discutir com o amigo e pra servir bebida à vontade
ao amigo?

De que mais precisa um homem senão de uma mulher pra ele
amar, uma mulher com dois seios e um ventre, e uma certa
expressão singular?

E enquanto pensando, enquanto esperando, de que mais
precisa um homem senão de um carinho de mulher quando a
tristeza o derruba, ou o destino o carrega em sua onda sem
rumo?

Sim, de que mais precisa um homem senão de suas mãos e da
mulher - as únicas coisas livres que lhe restam para lutar pelo
mar, pela terra, pelo amigo...

Mensagem À Poesia

Não posso
Não é possível
Digam-lhe que é totalmente impossível
Agora não pode ser
É impossível
Não posso.
Digam-lhe que estou tristíssimo, mas não posso ir esta noite ao seu encontro.

Contem-lhe que há milhões de corpos a enterrar
Muitas cidades a reerguer, muita pobreza pelo mundo.
Contem-lhe que há uma criança chorando em alguma parte do mundo
E as mulheres estão ficando loucas, e há legiões delas carpindo
A saudade de seus homens; contem-lhe que há um vácuo
Nos olhos dos párias, e sua magreza é extrema; contem-lhe
Que a vergonha, a desonra, o suicídio rondam os lares, e é preciso
reconquistar a vida
Façam-lhe ver que é preciso eu estar alerta, voltado para todos os caminhos
Pronto a socorrer, a amar, a mentir, a morrer se for preciso.
Ponderem-lhe, com cuidado – não a magoem... – que se não vou
Não é porque não queira: ela sabe; é porque há um herói num cárcere
Há um lavrador que foi agredido, há um poça de sangue numa praça.
Contem-lhe, bem em segredo, que eu devo estar prestes, que meus
Ombros não se devem curvar, que meus olhos não se devem
Deixar intimidar, que eu levo nas costas a desgraça dos homens
E não é o momento de parar agora; digam-lhe, no entanto
Que sofro muito, mas não posso mostrar meu sofrimento
Aos homens perplexos; digam-lhe que me foi dada
A terrível participação, e que possivelmente
Deverei enganar, fingir, falar com palavras alheias
Porque sei que há, longínqua, a claridade de uma aurora.
Se ela não compreender, oh procurem convencê-la
Desse invencível dever que é o meu; mas digam-lhe
Que, no fundo, tudo o que estou dando é dela, e que me
Dói ter de despojá-la assim, neste poema; que por outro lado
Não devo usá-la em seu mistério: a hora é de esclarecimento
Nem debruçar-me sobre mim quando a meu lado
Há fome e mentira; e um pranto de criança sozinha numa estrada
Junto a um cadáver de mãe: digam-lhe que há
Um naufrago no meio do oceano, um tirano no poder, um homem
Arrependido; digam-lhe que há uma casa vazia
Com um relógio batendo horas; digam-lhe que há um grande
Aumento de abismos na terra, há súplicas, há vociferações
Há fantasmas que me visitam de noite
E que me cumpre receber, contem a ela da minha certeza
No amanhã
Que sinto um sorriso no rosto invisível da noite
Vivo em tensão ante a expectativa do milagre; por isso
Peçam-lhe que tenha paciência, que não me chame agora

Com a sua voz de sombra; que não me faça sentir covarde
De ter de abandoná-la neste instante, em sua imensurável
Solidão, peçam-lhe, oh peçam-lhe que se cale
Por um momento, que não me chame
Porque não posso ir
Não posso ir
Não posso.
Mas não a traí. Em meu coração
Vive a sua imagem pertencida, e nada direi que possa
Envergonhá-la. A minha ausência.
É também um sortilégio
Do seu amor por mim. Vivo do desejo de revê-la
Num mundo em paz. Minha paixão de homem
Resta comigo; minha solidão resta comigo; minha Loucura resta comigo. Talvez eu deva
Morrer sem vê-la mais, sem sentir mais
O gosto de suas lágrimas, olhá-la correr
Livre e nua nas praias e nos céus
E nas ruas da minha insônia. Digam-lhe que é esse
O meu martírio; que às vezes
Pesa-me sobre a cabeça o tampo da eternidade e as poderosas
Forças da tragédia abastecem-se sobre mim, e me impelem para a treva
Mas que eu devo resistir, que é preciso...
Mas que a amo com toda a pureza da minha passada adolescência
Com toda a violência das antigas horas de contemplação extática
Num amor cheio de renúncia. Oh, peçam a ela
Que me perdoe, ao seu triste e inconstante amigo
A quem foi dado se perder de amor pelo seu semelhante
A quem foi dado se perder de amor por uma pequena casa
Por um jardim de frente, por uma menininha de vermelho
A quem foi dado se perder de amor pelo direito
De todos terem um pequena casa, um jardim de frente
E uma menininha de vermelho; e se perdendo
Ser-lhe doce perder-se... Por isso convençam a ela, expliquem-lhe que é terrível
Peçam-lhe de joelhos que não me esqueça, que me ame
Que me espere, porque sou seu, apenas seu; mas que agora
É mais forte do que eu, não posso ir
Não é possível
Me é totalmente impossível
Não pode ser não
É impossível
Não posso.

(Do livro "Antologia Poética", Editora do Autor - Rio de Janeiro, 1960, pág. 160)

Ternura

Eu te peço perdão por te amar de repente
Embora o meu amor seja uma velha canção nos teus ouvidos
Das horas que passei à sombra dos teus gestos
Bebendo em tua boca o perfume dos sorrisos
Das noites que vivi acalentado
Pela graça indizível dos teus passos eternamente fugindo
Trago a doçura dos que aceitam melancolicamente.
E posso te dizer que o grande afeto que te deixo
Não traz o exaspero das lágrimas nem a fascinação das promessas
Nem as misteriosas palavras dos véus da alma...
É um sossego, uma unção, um transbordamento de carícias

E só te pede que te repouses quieta, muito quieta
E deixes que as mãos cálidas da noite encontrem sem fatalidade o olhar extático da aurora.

O dia da criação

I

Hoje é sábado, amanhã é domingo
A vida vem em ondas, como o mar
Os bondes andam em cima dos trilhos
E Nosso Senhor Jesus Cristo morreu na cruz para nos salvar.

Hoje é sábado, amanhã é domingo
Não há nada como o tempo para passar
Foi muita bondade de Nosso Senhor Jesus Cristo
Mas por via das dúvidas livrai-nos meu Deus de todo mal.

Hoje é sábado, amanhã é domingo
Amanhã não gosta de ver ninguém bem
Hoje é que é o dia do presente
O dia é sábado.

Impossível fugir a essa dura realidade
Neste momento todos os bares estão repletos de homens vazios
Todos os namorados estão de mãos entrelaçadas
Todos os maridos estão funcionando regularmente
Todas as mulheres estão atentas
Porque hoje é sábado.

II

Neste momento há um casamento
Porque hoje é sábado
Hoje há um divórcio e um violamento
Porque hoje é sábado
Há um rico que se mata
Porque hoje é sábado
Há um incesto e uma regata
Porque hoje é sábado
Há um espetáculo de gala
Porque hoje é sábado
Há uma mulher que apanha e cala
Porque hoje é sábado
Há um renovar-se de esperanças
Porque hoje é sábado
Há uma profunda discordância
Porque hoje é sábado
Há um sedutor que tomba morto
Porque hoje é sábado
Há um grande espírito-de-porco
Porque hoje é sábado
Há uma mulher que vira homem
Porque hoje é sábado
Há crianças que não comem
Porque hoje é sábado

Há um piquenique de políticos
Porque hoje é sábado
Há um grande acréscimo de sífilis
Porque hoje é sábado
Há um ariano e uma mulata
Porque hoje é sábado
Há uma tensão inusitada
Porque hoje é sábado
Há adolescências seminuas
Porque hoje é sábado
Há um vampiro pelas ruas
Porque hoje é sábado
Há um grande aumento no consumo
Porque hoje é sábado
Há um noivo louco de ciúmes
Porque hoje é sábado
Há um garden-party na cadeia
Porque hoje é sábado
Há uma impassível lua cheia
Porque hoje é sábado
Há damas de todas as classes
Porque hoje é sábado
Umas difíceis, outras fáceis
Porque hoje é sábado
Há um beber e um dar sem conta
Porque hoje é sábado
Há uma infeliz que vai de tonta
Porque hoje é sábado
Há um padre passeando à paisana
Porque hoje é sábado
Há um frenesi de dar banana
Porque hoje é sábado
Há a sensação angustiante
Porque hoje é sábado
De uma mulher dentro de um homem
Porque hoje é sábado
Há uma comemoração fantástica
Porque hoje é sábado
Da primeira cirurgia plástica
Porque hoje é sábado
E dando os trâmites por findos
Porque hoje é sábado
Há a perspectiva do domingo
Porque hoje é sábado

III

Por todas essas razões deverias ter sido riscado do Livro das Origens, ó Sexto Dia da Criação.
De fato, depois da Ouverture do Fiat e da divisão de luzes e trevas
E depois, da separação das águas, e depois, da fecundação da terra
E depois, da gênese dos peixes e das aves e dos animais da terra
Melhor fora que o Senhor das Esferas tivesse descansado.
Na verdade, o homem não era necessário
Nem tu, mulher, ser vegetal, dona do abismo, que queres como as plantas, imovelmente e nunca saciadas
Tu que carregas no meio de ti o vórtice supremo da paixão.
Mal procedeu o Senhor em não descansar durante os dois últimos dias
Trinta séculos lutou a humanidade pela semana inglesa
Descansasse o Senhor e simplesmente não existiríamos
Seríamos talvez pólos infinitamente pequenos de partículas cósmicas em queda invisível na terra.
Não viveríamos da degola dos animais e da asfixia dos peixes
Não seríamos paridos em dor nem suaríamos o pão nosso de cada dia
Não sofreríamos males de amor nem desejaríamos a mulher do próximo

Não teríamos escola, serviço militar, casamento civil, imposto sobre a renda e missa de sétimo dia.
Seria a indizível beleza e harmonia do plano verde das terras e das águas em núpcias
A paz e o poder maior das plantas e dos astros em colóquio
A pureza maior do instinto dos peixes, das aves e dos animais em cópula.
Ao revés, precisamos ser lógicos, freqüentemente dogmáticos
Precisamos encarar o problema das colocações morais e estéticas
Ser sociais, cultivar hábitos, rir sem vontade e até praticar amor sem vontade
Tudo isso porque o Senhor cismou em não descansar no Sexto Dia e sim no Sétimo
E para não ficar com as vastas mãos abanando
Resolveu fazer o homem à sua imagem e semelhança
Possivelmente, isto é, muito provavelmente
Porque era sábado.

Para viver um grande amor

Para viver um grande amor, preciso é muita concentração e muito
siso, muita seriedade e pouco riso - para viver um grande amor.

Para viver um grande amor, mister é ser um homem de uma só
mulher; pois ser de muitas, poxa! é de colher... - não tem nenhum
valor.

Para viver um grande amor, primeiro é preciso sagrar-se cavalheiro e
ser de sua dama por inteiro- seja lá como for. Há que fazer de corpo
uma morada onde clausure-se a mulher amada e postar-se de fora
com uma espada - para viver um grande amor.

Para viver um grande amor, vos digo, é preciso atenção como o
"velho amigo", que porque é só vos quer sempre consigo para iludir o
grande amor. É preciso muitíssimo cuidado com quem quer que não
esteja apaixonado, pois quem não está, está sempre preparado para
chatear o grande amor.

Para viver um grande amor, na realidade, há que compenetrar-se da
verdade de que não existe amor sem fidelidade - para viver um
grande amor. Pois quem trai seu amor por vaidade é
desconhecedor da liberdade, dessa imensa, indizível liberdade que
traz um só amor.

Para viver um grande amor, *il faut*, além de ser fiel, ser bem
conhecedor de arte culinária e de judô - para viver um grande amor.

Para viver um grande amor perfeito, não basta ser apenas bom
sujeito; é preciso também ter muito peito - peito de remador. É
preciso olhar sempre a bem-amada como a sua primeira namorada e
sua viúva também, amortalhada no seu finado amor.

É muito necessário ter em vista um crédito de rosas no florista -
muito mais, muito mais que na modista! - para aprazer ao grande
amor. Pois do que o grande amor quer saber mesmo, é de amor, é
de amor, de amor a esmo; depois, um tutuzinho com torresmo conta
ponto a favor...

Conta ponto saber fazer coisinhas: ovos mexidos, camarões ,
sopinhas, molhos, estrogonofes - comidinhas para depois do amor. E
o que há de melhor que ir pra cozinha e preparar com amor uma
galinha com uma rica e gostosa farofinha, para o seu grande amor?

Para viver um grande amor é muito, muito importante viver sempre junto e até ser, se possível, um só defunto - para não morrer de dor. É preciso um cuidado permanente não só com o corpo mas também com a mente, pois qualquer "baixo" seu, a amada sente - e esfria um pouco o amor. Há que ser bem cortês sem cortesia; doce e conciliador sem covardia; saber ganhar dinheiro com poesia - para viver um grande amor.

É preciso saber tomar uísque (com o mau bebedor nunca se arrisque!) e ser impermeável ao diz-que-diz-que - que não quer nada com o amor.

Mas tudo isso não adianta nada, se nesta *selva obscura* e desvairada não se souber achar a bem-amada - para viver um grande amor.

Pátria minha

A minha pátria é como se não fosse, é íntima
Doçura e vontade de chorar; uma criança dormindo
É minha pátria. Por isso, no exílio
Assistindo dormir meu filho
Choro de saudades de minha pátria.

Se me perguntarem o que é a minha pátria, direi:
Não sei. De fato, não sei
Como, por que e quando a minha pátria
Mas sei que a minha pátria é a luz, o sal e a água
Que elaboram e liquefazem a minha mágoa
Em longas lágrimas amargas.

Vontade de beijar os olhos de minha pátria
De niná-la, de passar-lhe a mão pelos cabelos...
Vontade de mudar as cores do vestido (auriverde!) tão feias
De minha pátria, de minha pátria sem sapatos
E sem meias, pátria minha
Tão pobrinha!

Porque te amo tanto, pátria minha, eu que não tenho
Pátria, eu semente que nasci do vento
Eu que não vou e não venho, eu que permaneço
Em contato com a dor do tempo, eu elemento
De ligação entre a ação e o pensamento.

Eu fio invisível no espaço de todo o adeus
Eu, o sem Deus!
Tenho-te, no entanto em mim como um gemido
De flor; tenho-te como um amor morrido
A quem se jurou; tenho-te como uma fé
Sem dogma; tenho-te em tudo em que não me sinto a jeito
E sem pé-direito.

Ah, pátria minha, lembra-me uma noite no Maine, Nova Inglaterra
Quando tudo passou a ser infinito e nada terra
E eu vi Alfa e Beta de Centauro escalarem o monte até o céu
Muitos me surpreenderam parado no campo sem luz
À espera de ver surgir a Cruz do Sul
Que eu sabia, mas amanheceu...

Fonte de mel, bicho triste, pátria minha
Amada, idolatrada, salve, salve!
Que mais doce esperança acorrentada
O não poder dizer-te: aguarda...
Não tardo!

Quero rever-te, pátria minha, e para
Rever-te me esqueci de tudo
Fui cego, estropiado, surdo, mudo
Vi minha humilde morte cara a cara
Rasguei poemas, mulheres, horizontes
Fiquei simples, sem fontes.

Pátria minha... A minha pátria não é florão, nem ostenta
Lábaro não; a minha pátria é desolação
De caminhos, a minha pátria é terra sedenta
E praia branca; a minha pátria é o grande rio secular
Que bebe nuvem, come terra
E urina mar.
Mais do que a mais garrida a minha pátria tem
Uma quentura, um querer bem, um bem
Um *libertas quae sera tamen*
Que um dia traduzi num exame escrito:
"Liberta que serás também"
E repito!

Ponho no vento o ouvido e escuto a brisa
Que brinca em teus cabelos e te alisa
Pátria minha, e perfuma o teu chão...
Que vontade me vem de adormecer-me
Entre teus doces montes, pátria minha
Atento à fome em tuas entranhas
E ao batuque em teu coração.

Não te direi o nome, pátria minha
Teu nome é pátria amada, é patriazinha
Não rima com mãe gentil
Vives em mim como uma filha, que és
Uma ilha de ternura: a Ilha
Brasil, talvez.

Agora chamarei a amiga cotovia
E pedirei que peça ao rouxinol do dia
Que peça ao sabiá
Para levar-te presto este avigrama:
"Pátria minha, saudades de quem te ama..."

Receita de mulher

As muito feias que me perdoem, mas beleza é fundamental. É preciso que haja qualquer coisa de dança, qualquer coisa de *haute couture* em tudo isso (ou então que a mulher se socialize elegantemente em azul, como na República Popular Chinesa).

Não há meio-termo possível. É preciso que tudo isso seja belo. É preciso que súbito Tenha-se a impressão de ver uma garça apenas pousada e que um rosto adquira de vez em quando essa cor só encontrável no terceiro minuto da aurora. É preciso que tudo isso seja sem ser, mas que se reflita e desabroche no olhar dos homens. É preciso, é absolutamente preciso que tudo seja belo e inesperado. É preciso que umas pálpebras cerradas

Lembrem um verso de Eluard e que se acaricie nuns braços alguma coisa além da carne: que se os toque como ao âmbar de uma tarde. Ah, deixai dizer-vos que é preciso que a mulher que ali está como a corola ante o pássaro seja bela ou tenha pelo menos um rosto que lembre um templo e seja leve como um resto de nuvem: mas que seja uma nuvem com olhos e nádegas. Nádegas é importantíssimo. Olhos, então nem se fala, que olhem com certa maldade inocente. Uma boca fresca (nunca úmida!) e também de extrema pertinência.

É preciso que as extremidades sejam magras; que uns ossos despontem, sobretudo a rótula no cruzar das pernas, e as pontas pélvicas no enlaçar de uma cintura semovente.

Gravíssimo é, porém, o problema das saboneteiras: uma mulher sem saboneteiras é como um rio sem pontes. Indispensável que haja uma hipótese de barriguinha, e em seguida a mulher se alteie em cálice, e que seus seios sejam uma expressão greco-romana, mais que gótica ou barroca e possam iluminar o escuro com uma capacidade mínima de cinco velas.

Sobremodo pertinaz é estarem a caveira e a coluna vertebral levemente à mostra; e que exista um grande latifúndio dorsal! Os membros que terminem como hastes, mas bem haja um certo volume de coxas e que elas sejam lisas, lisas como a pétala e cobertas de suavíssima penugem no entanto, sensível à carícia em sentido contrário. É aconselhável na axila uma doce relva com aroma próprio apenas sensível (um mínimo de produtos farmacêuticos!)

Preferíveis sem dúvida os pescoços longos de forma que a cabeça dê por vezes a impressão de nada ter a ver com o corpo, e a mulher não lembre flores sem mistério. Pés e mãos devem conter elementos góticos discretos. A pele deve ser fresca nas mãos, nos braços, no dorso e na face mas que as concavidades e reentrâncias tenham uma temperatura nunca inferior a 37° centígrados podendo eventualmente provocar queimaduras do primeiro grau. Os olhos, que sejam de preferência grandes e de rotação pelo menos tão lenta quanto a da Terra; e que se coloquem sempre para lá de um invisível muro da paixão que é preciso ultrapassar. Que a mulher seja em princípio alta ou, caso baixa, que tenha a atitude mental dos altos píncaros.

Ah, que a mulher dê sempre a impressão de que, se se fechar os olhos ao abri-los ela não mais estará presente com seu sorriso e suas tramas. Que ela surja, não venha; parta, não vá e que possua uma certa capacidade de emudecer subitamente e nos fazer beber o fel da dúvida.

Oh, sobretudo que ele não perca nunca, não importa em que mundo, não importa em que circunstâncias, a sua infinita volubilidade de pássaro; e que acariciada no fundo de si mesma transforme-se em fera sem perder sua graça de ave; e que exale sempre o impossível perfume; e destile sempre o embriagante mel; e cante sempre o inaudível canto da sua combustão; e não deixe de ser nunca a eterna dançarina do efêmero; e em sua incalculável imperfeição constitua a coisa mais bela e mais perfeita de toda a criação inumerável.

VIOLETA PARRA (CHILE)

El Compromiso

(Letra: Violeta Parra Musica: Luis Advis)

Si escribo esta poesia
no es solo por darme gusto
mas bien por meterle susto
al mal con alevosia
quiero marcar la partida
por eso prendo centella
quien me ayuda en las estrellas
con su inmensa claridad
pa' publicar la verdad
qu' anda la sombra en la tierra.

Corazon peregrino
se acuna en este servicio
sera grande en el beneficio
que' le otorgue a mi destino
el pensamiento infinito
me traiciona a cada instante
no puede ni el mas flamante
pasar en indiferencia
si brilla en nuestra conciencia
amor por los semejantes
no puede ni el mas flamante
pasar en indiferencia
si brilla en nuestra conciencia
amor por los semejantes
si brilla en nuestra conciencia
amor por los semejantes

El Pueblo (o Paseaba el pueblo sus banderas rojas)

(Pablo Neruda - Violeta Parra)

Paseaba el pueblo sus banderas rojas
Y entre ellos en la piedra que tocaron
Estuve en la jornada fragorosa
Y en las altas canciones de la lucha.
Vi como paso a paso conquistaban.
Sólo su resistencia era camino,
Y aislados eran como trozos rotos
De una estrella, sin bocas y sin
brillo.
Juntos en la unidad hecha en silencio,
Eran el fuego, el canto
indestructible,
El lento paso del hombre en la tierra
Hecho profundidades y batallas.
Eran la dignidad que combatía
Lo que fue pisoteado, y despertaba
Como un sistema, el orden de sus vidas

Que tocaban la puerta y se sentaban
En la sala central con sus banderas.

Gracias a la Vida

Gracias a la vida que me ha dado tanto
me dio dos luceros que cuando los abro
perfecto distingo lo negro del blanco
y en el alto cielo su fondo estrellado
y en las multitudes el hombre que yo
amo.

Gracias a la vida que me ha dado tanto
me ha dado el oido que en todo su
ancho
graba noche y dia grillos y canarios
martillos, turbinas, ladridos,
chubascos
y la voz tan tierna de mi bien amado.

Gracias a la vida que me ha dado tanto
me ha dado la marcha de mis pies
cansados
con ellos anduve ciudades y charcos
playas y desiertos, montañas y llanos
y la casa tuya, tu calle y tu patio.

Gracias a la vida que me ha dado tanto
me dio el corazon que agita su marco
cuando miro el fruto del cerebro
humano
cuando miro al bueno tan lejos del
malo
cuando miro el fondo de tus ojos
claros.

Gracias a la vida que me ha dado tanto
me ha dado la risa y me ha dado el
llanto
asi distingo dicha de quebranto
los dos materiales que forman mi canto
y el canto de ustedes que es el mismo
canto

y el canto de ustedes que es mi propio
canto.

Gracias a la vida...

Los Pueblos Americanos

Mi vida, los pueblos americanos
Mi vida, se sienten acongojadores
Mi vida, porque los gobernadores
Mi vida, los tienen tan separados.

Cuando será ese cuándo
Señor fiscal
Que la América sea
sólo un pilar.

Sólo un pilar ay sí
Y una bandera
Que terminen los líos
En la frontera.

Por un puñado de tierra
No quiero guerra.

VLADIMIR MAIAKOVSKI (GEÓRGIA, URSS)

A Esperança

Injeta sangue
no meu coração,
enche-me até o bordo das veias!
Mete-me no crânio pensamentos!
Não vivi até o fim o meu bocado terrestre,
sobre a terra
não vivi o meu bocado de amor.
Eu era gigante de porte,
mas para que este tamanho?
Para tal trabalho basta uma polegada.
Com um toco de pena, eu rabiscava papel,
num canto do quarto, encolhido,
como um par de óculos dobrado dentro do estojo.
Mas tudo que quiserdes eu farei de graça:
esfregar,
lavar,
escovar,
flanar,
montar guarda.
Posso, se vos agradar,
servir-vos de porteiro.
Há, entre vós, bastante porteiros?
Eu era um tipo alegre,
mas que fazer da alegria,
quando a dor é um rio sem vau?
Em nossos dias,
se os dentes vos mostrarem
não é senão para vos morder
ou dilacerar.
O que quer que aconteça,
nas aflições,
pesar...
Chamai-me!
Um sujeito engraçado pode ser útil.
Eu vos proporei charadas, hipérbolos
e alegorias,
malabares dar-vos-ei
em versos.
Eu amei...
mas é melhor não mexer nisso.
Te sentes mal?
Tanto pior...
Gosta-se, afinal, da própria dor.
Vejamos... Amo também os bichos -
vós os criais,
em vossos parques?
Pois, tomai-me para guarda dos bichos.
Gosto deles.
Basta-me ver um desses cães vadios,
como aquele de junto à padaria,
um verdadeiro vira-lata!
e no entanto,
por ele, arrancaria meu próprio fígado:

Toma, querido, sem cerimônia, come!

O Amor

Um dia, quem sabe,
ela, que também gostava de bichos,
apareça
numa alameda do zôo,
sorridente,
tal como agora está
no retrato sobre a mesa.
Ela é tão bela,
que, por certo, não de ressuscitá-la.
Vosso Trigésimo Século
ultrapassará o exame
de mil nadas,
que dilaceravam o coração.
Então,
de todo amor não terminado
seremos pagos
em inumeráveis noites de estrelas.
Ressuscita-me,
nem que seja só porque te esperava
como um poeta,
repelindo o absurdo cotidiano!
Ressuscita-me,
nem que seja só por isso!
Ressuscita-me!
Quero viver até o fim o que me cabe!
Para que o amor não seja mais escravo
de casamentos,
concupiscência,
salários.
Para que, maldizendo os leitos,
saltando dos coxins,
o amor se vá pelo universo inteiro.
Para que o dia,
que o sofrimento degrada,
não vos seja chorado, mendigado.
E que, ao primeiro apelo:
- Camaradas!
Atenta se volte a terra inteira.
Para viver
livre dos nichos das casas.
Para que doravante
a família seja
o pai,
pelo menos o Universo;
a mãe,
pelo menos a Terra.

A Flauta Vertebrada

A todos vocês,
que eu amei e que eu amo,
ícones guardados num coração-caverna,
como quem num banquete ergue a taça e celebra,
repleto de versos levanto meu crânio.

Penso, mais de uma vez:
seria melhor talvez
pôr-me o ponto final de um balaço.
Em todo caso
eu
hoje vou dar meu concerto de adeus.

Memória!
Convoca aos salões do cérebro
um renque inumerável de amadas.
Verte o riso de pupila em pupila,
veste a noite de núpcias passadas.
De corpo a corpo verta a alegria.
esta noite ficará na História.
Hoje executarei meus versos
na flauta de minhas próprias vértebras.

(tradução: Haroldo de Campos e Boris Schnaiderman)

Comumente é assim

Cada um ao nascer
traz sua dose de amor,
mas os empregos,
o dinheiro,
tudo isso,
nos resseca o solo do coração.
Sobre o coração levamos o corpo,
sobre o corpo a camisa,
mas isto é pouco.
Alguém
imbecilmente
inventou os punhos
e sobre os peitos
fez correr o amido de engomar.
Quando velhos se
arrependem.
A mulher se pinta.
O homem faz ginástica
pelo sistema Muller.
Mas é tarde.
A pele enche-se de rugas.
O amor floresce,
floresce,
e depois desfolha.

E Então Que Quereis?...

Fiz ranger as folhas de jornal
abrindo-lhes as pálpebras piscantes.
E logo
de cada fronteira distante
subiu um cheiro de pólvora
perseguindo-me até em casa.
Nestes últimos vinte anos
nada de novo há
no rugir das tempestades.

Não estamos alegres,
é certo,
mas também por que razão
haveríamos de ficar tristes?
O mar da história
é agitado.
As ameaças
e as guerras
havemos de atravessá-las,
rompê-las ao meio,
cortando-as
como uma quilha corta
as ondas.

Tradução de E. Carrera Guerra

Estrela

Escutai! Se as estrelas se acendem
será por que alguém precisa delas?

Por que alguém as quer lá em cima?
Será que alguém por elas clama,
por essas cuspidelas de pérolas?
Ei-lo aqui, pois, sufocado, ao meio-dia,
no coração dos turbilhões de poeira;
ei-lo, pois, que corre para o bom Deus,
temendo chegar atrasado,
e que lhe beija chorando
a mão fibrosa.
Implora! Precisa absolutamente
duma estrela lá no alto!
Jura! Que não poderia mais suportar
essa tortura de um céu sem estrelas!
Depois vai-se embora,
atormentado, mas bancando o gaiato
e diz a alguém que passa:
"Muito bem! Assim está melhor agora, não é?
Não tens mais medo, hein?"

Escutai, pois! Se as estrelas se acendem
é porque alguém precisa delas.

É porque, em verdade, é indispensável
que sobre todos os tetos, cada noite,
uma única estrela, pelo menos, se alumie.

(Tradução E. Carrera Guerra)

Fragmentos

Me quer? Não me quer? As mãos torcidas
os dedos
despedaçados um a um extraio
assim tira a sorte enquanto
no ar de maio
caem as pétalas das margaridas
Que a tesoura e a navalha revelem as cãs e
que a prata dos anos tinja seu perdão
penso
e espero que eu jamais alcance
a impudente idade do bom senso

2
Passa da uma
você deve estar na cama
Você talvez
sinta o mesmo no seu quarto
Não tenho pressa
Para que acordar-te
com o
relâmpago
de mais um telegrama

3
O mar se vai
o mar de sono se esvai
Como se diz: o caso está enterrado
a canoa do amor se quebrou no quotidiano
Estamos quites
Inútil o apanhado
da mútua dor mútua quota de dano

4
Passa de uma você deve estar na cama
À noite a Via Láctea é um Oka de prata
Não tenho pressa para que acordar-te
com relâmpago de mais um telegrama
como se diz o caso está enterrado
a canoa do amor se quebrou no quotidiano
Estamos quites inútil o apanhado
da mútua do mútua quota de dano
Vê como tudo agora emudeceu
Que tributo de estrelas a noite impôs ao céu
em horas como esta eu me ergo e converso
com os séculos a história do universo

5
Sei o puldo das palavras a sirene das palavras
Não as que se aplaudem do alto dos teatros
Mas as que arrancam caixões da treva
e os põem a caminhar quadrúpedes de cedro
Às vezes as relegam inauditas inéditas

Mas a palavra galopa com a cilha tensa
ressoa os séculos e os trens rastejam
para lambar as mãos calosas da poesia
Sei o pulso das palavras parecem fumaça
Pétalas caídas sob o calcanhar da dança
Mas o homem com lábios alma carcaça.

(tradução: Augusto de Campos)

"Guerra e Paz"

"Prólogo" Vós outros tendes sorte.
A vergonha não cai sobre os mortos.
Julgais
que o mais puro dos líquidos lava
O pecado da alma que se evola.

Tendes sorte.
Mas eu
como levarei meu amor à vida
através das fileiras,
através do estrondo?
Apenas um passo falso
e a migalha do último e pequenino amor
rolará para sempre num torvelinho de fumo.

Aqueles que regressam
que lhes importa
vossas tristezas?
Que falta lhes faz
a franja de alguns versos?
Basta-lhes um par de muletas
com que renguear pelo resto da vida.
Tens medo?
Covarde!
Te matarão!

E tu,
tu poderias viver escravo
cinquenta anos mais.
Mentira!
Sei
que na lava do ataque
serei o primeiro
em audácia,
em valor.

Ah! Que bravo recusaria atender
ao toque de rebate do futuro?
Mas na terra
hoje
sou o único arauto das verdades em marcha!

Hoje estou exultante!
Sem desperdiçar nem uma gota, despejei
minh'alma até o fim.
Minha voz,
a única humana,
entre lamentos e gemidos
ergue-se a luz do dia.

Depois
atai-me a um poste,
fuzilai-me!
Por causa disso
haverei de mudar?
Na frente
desenharei um alvo
para que nítido se destaque
quando apontem."

Hino ao Crítico

Da paixão de um cocheiro e de uma lavadeira
Tagarela, nasceu um rebento raquítico.
Filho não é bagulho, não se atira na lixeira.

A mãe chorou e o batizou: crítico.

O pai, recordando sua progeneritura,
Vivia a contestar os maternais direitos.
Com tais boas maneiras e tal compostura
Defendia o menino do pendor à sarjeta.

Assim como o vigia cantava a cozinheira,
A mãe cantava, a lavar calça e calção.
Dela o garoto herdou o cheiro da sujeira
E a arte de penetrar fácil e sem sabão.

Quando cresceu, do tamanho de um bastão,

Sardas na cara como um prato de cogumelos,
Lançaram-no, com um leve golpe de joelho,
À rua, para tornar-se um cidadão.

Será preciso muito para ele sair da fralda?
Um pedaço de pano, calças e um embornal.

Com o nariz grácil como um vintém por lauda
Ele cheirou o céu afável do jornal.

E em certa propriedade um certo magnata
Ouviu uma batida suavíssima na aldrava,
E logo o crítico, da teta das palavras

Ordenhou as calças, o pão e uma gravata.

Já vestido e calçado, é fácil fazer pouco
Dos jogos rebuscados dos jovens que pesquisam,
E pensar: quando a estes, ao menos, é preciso
Mordiscar-lhes de leve os tornozelos loucos.

Mas se infiltra na rede jornalística
Algo sobre a grandeza de Púchkin ou Dante,
Parece que apodrece ante a nossa vista
Um enorme lacaio, balofo e bajulante.

Quando, por fim, no jubileu do centenário,

Acordares em meio ao fumo funerário,

Verás brilhar na cigarreira-souvenir o
Seu nome em caixa alta, mais alvo do que um lírio.

Escritores, há muitos. Juntem um milhar.
E ergamos em Nice um asilo para os críticos.

Vocês pensam que é mole viver a enxaguar
A nossa roupa branca nos artigos?

(Tradução de Augusto de Campos e Boris Schnaiderman)

Impossível

Sozinho não posso
carregar um piano
e menos ainda um cofre-forte.
Como poderia então
retomar de ti meu coração
e carregá-lo de volta?
Os banqueiros dizem com razão:
"Quando nos faltam bolsos,
nós que somos muitíssimo ricos,
guardamos o dinheiro no banco".
Em ti
depositei meu amor,
tesouro encerrado em caixa de ferro,
e ando por aí
como um Creso contente.
É natural, pois,
quando me dá vontade,
que eu retire um sorriso,
a metade de um sorriso
ou menos até
e indo com as donas
eu gaste depois da meia-noite
uns quantos rublos de lirismo à toa.

Dedução

Não acabarão com o amor
nem as rugas,
nem a distância.
Está provado,
pensado
verificado.
Aqui levanto solene
minha estrofe de mil dedos
e faço o juramento:
Amo
firme
fiel
e verdadeiramente.

Não entendem nada

Entrei na barbearia e disse, sem espera:
"Por gentileza, penteie-me as orelhas."

O meloso barbeiro ficou cheio de abelhas,

Seu rosto se alongou como uma pêra.

"Mentecapto!

Palhaço"-

saltaram as palavras.

Insultos relincharam pelo espaço,

e l-o-o-o-o-ngamente

ouviu-se o rinchavelho

de uma cabeça que brotou por entre a gente

como um rabanete velho.

(Tradução de Augusto de Campos)

Minha Universidade

Conheceis o francês

sabeis dividir,

multiplicar,

declinar com perfeição.

Pois, declinai!

Mas sabeis por acaso

cantar em dueto com os edifícios?

Entendeis por acaso

a linguagem dos bondes?

O pintainho humano

mal abandona a casca

atraca-se aos livros

e as resmas de cadernos.

Eu aprendi o alfabeto nos letreiros

folheando páginas de estanho e ferro.

Os professores tomam a terra

e a descarnam

e a descascam

para afinal ensinar:"Toda ela não passa dum globinho!"

Eu com os costados aprendi geografia.

Os historiadores levantam

a angustiante questão:

- Era ou não roxa a barba de Barba Roxa?

Que me importa!

Não costumo remexer o pó dessas velharias!

Mas das ruas de Moscou

conheço todas as histórias.

Uma vez instruídos,

há os que se propõem a agradar às damas,

fazendo soar no crânio suas poucas idéias,

como pobres moedas numa caixa de pau.

Eu, somente com os edifícios, conversava.

Somente os canos de água me respondiam.

Os tetos como orelhas espichando

suas lucarnas atentas

aguardavam as palavras

que eu lhes deitaria.

Depois

noite a dentro

uns com os outros

palravam

girando suas línguas de cata-vento.

Incompreensíveis para as massas

Entre escritor

e leitor

posta-se o intermediário,

e o gosto

do intermediário

é bastante intermédio.

Medíocre

mesnada

de medianeiros médios

pulula

na crítica

e nos hebdomadários.

Aonde

galopando

chega teu pensamento,

um deles

considera tudo

sonolento:

- Sou homem

de outra têmpera! Perdão,

lembra-me agora

um verso

de Nadson...

O operário

Não tolera

linhas breves.

E com tal

mediador

ainda se entende Assiéiev

Sinais de pontuação?

São marcas de nascença!

O senhor

corta os versos

toma muitas licenças.

Továrich Maiacóvski,

porque não escreve ambos?

Vinte copeques

por linha

eu lhe garanto, a mais.

E narra

não sei quantas

lendas medievais,

e fala quatro horas
longas como anos.
O mestre lamentável
repete
um só refrão:
- Camponês
e operário
não vos compreenderão.
O peso da consciência
pulveriza
o autor.
Mas voltemos agora
ao conspícuo censor:
Campones só viu
há tempo
antes da guerra,
na datcha,
ao comprar
mocotós de vitela.
Operários?
Viu menos.
Deu com dois
uma vez
por ocasião da cheia,
dois pontos
numa ponte
contemplando o terreno,
vendo a água subir
e a fusão das geleiras.
Em muitos milhões
para servir de lastro
colheu dois exemplares
o nosso criticastro.
Isto não lhe faz moça -
é tudo a mesma massa...
Gente - de carne e osso!!
E à hora do chá
expende
sua sentença:
- A classe
operária?
Conheço-a como a palma!
Por trás
do seu
silêncio,
posso ler-lhe na alma -
Nem dor
nem decadência.
Que autores
então
há de ler essa classe?
Só Gógol,
só os clássicos.
Camponeses?
Também.
O quadro não se altera.
Lembra-me e agora -
a datcha, a primavera...
Este palrar

de literatos
muitas vezes passa
entre nós
por convívio com a massa.
E impige
modelos
pré-revolucionários
da arte do pincel,
do cinzel,
do vocábulo.
E para a massa
flutuam
dávivas de letrados -
lírios,
delírios,
trinos dulcificados.

Aos pávidos
poetas
aqui vai meu aparte:
Chega
de chuchotar
versos para os pobres.
A classe condutora,
também ela pode
compreender a arte.
Logo:
que se eleve
a cultura do povo!
Uma só,
para
todos.
O livro bom
é claro
e necessário
a vós,
a mim,
ao camponês
e ao operário.

(Tradução de Haroldo de Campos)

O poeta pede ao seu amor que lhe escreva

Amor de minhas entranhas, morte viva,
em vão espero tua palavra escrita
e penso, com a flor que se murcha,
que se vivo sem mim quero perder-te.

O ar é imortal. A pedra inerte
nem conhece a sombra nem a evita.
Coração interior não necessita
o mel gelado que a lua verte.

Porém eu te sofri. Rasguei-me as veias,
tigre e pomba, sobre tua cintura
em duelo de kordiscos e açucenas.

Enche, pois, de palavras minha loucura
ou deixa-me viver em minha serena
noite da alma para sempre escura.

(tradução: William Agel de Melo)

O Poeta-Operário

Grita-se ao poeta:
"Queria te ver numa fábrica!
O que? Versos? Pura bobagem".
Talvez ninguém como nós
ponha tanto coração
no trabalho.
Eu sou uma fábrica.
E se chaminés
me faltam
talvez seja preciso
ainda mais coragem.
Sei.
Frases vazias não agradam.
Quando serrais madeira
é para fazer lenha.
E nós que somos
senão entalhadores a esculpir
a tora da cabeça humana?
Certamente que a pesca é coisa respeitável.
Atira-se a rede e quem sabe?
Pega-se um esturjão!
Mas o trabalho do poeta
é muito mais difícil.
Pescamos gente viva e não peixes.
Penoso é trabalhar nos altos-fornos
onde se tempera o ferro em brasa.
Mas pode alguém
acusar-nos de ociosos?
Nós polimos as almas
com a lixa do verso.
Quem vale mais:
o poeta ou o técnico
que produz comodidades?
Ambos!
Os corações também são motores.
A alma é poderosa força motriz.
Somos iguais.
Camaradas dentro da massa operária.
Proletários do corpo e do espírito.
Somente unidos,
somente juntos remoçaremos o mundo,
fá-lo-emos marchar num ritmo célere.
Diante da vaga de palavras
levantemos um dique!
Mãos à obra!
O trabalho é vivo e novo!
Com os oradores vazios, fora!
Moinho com eles!

Com a água de seus discursos
que façam mover-se a mó!

Biografia – Maiakovski

Filho de um guarda-florestal, nasceu e passou a infância na aldeia de Bagdádi, nos arredores de Kutaíssi (hoje Maiakovski), na Geórgia. Coursou o ginásio de Kutaíssi. Após a morte súbita do pai, a família ficou na miséria e transferiu-se para Moscou, onde Vladimir continuou seus estudos. Fortemente impressionado pelo movimento revolucionário russo e impregnado desde cedo de obras socialistas, ingressou aos quinze anos na facção bolchevique do Partido Social-Democrático Operário Russo. Detido em duas ocasiões, foi solto por falta de provas, mas em 1909-1910 passou onze meses na prisão. Entrou na Escola de Belas Artes, onde se encontrou com David Burliuk, que foi o grande incentivador de sua iniciação poética. Os dois amigos fizeram parte do grupo fundador do assim chamado cubo-futurismo russo, ao lado de Khlébnikov, Kamiênski e outros. Foram expulsos da Escola de Belas Artes. Procurando difundir suas concepções artísticas, realizaram viagens pela Rússia.

Após a Revolução de Outubro, todo o grupo manifestou sua adesão ao novo regime. Durante a Guerra Civil, Maiakovski se dedicou a desenhos e legendas para cartazes de propaganda e, no início da consolidação do novo Estado, exaltou campanhas sanitárias, fez publicidade de produtos diversos, etc. Fundou em 1923 a revista LEF (de Liévi Front, Frente de Esquerda), que reuniu a “esquerda das artes”, isto é, os escritores e artistas que pretendiam aliar a forma revolucionária a um conteúdo de renovação social. Fez inúmeras viagens pelo país, aparecendo diante de vastos auditórios para os quais lia os seus versos. Viajou também pela Europa Ocidental, México e Estados Unidos. Entrou freqüentemente em choque com os “burocratas” e com os que pretendiam reduzir a poesia a fórmulas simplistas. Foi homem de grandes paixões, arrebatado e lírico, épico e satírico ao mesmo tempo. Suicidou-se com um tiro em 1930. Sua obra, profundamente revolucionária na forma e nas idéias que defendeu, apresenta-se coerente, original, veemente, una. A linguagem que emprega é a do dia a dia, sem nenhuma consideração pela divisão em temas e vocábulos “poéticos” e “não-poéticos”, a par de uma constante elaboração, que vai desde a invenção vocabular até o inusitado arrojado das rimas. Ao mesmo tempo, o gosto pelo desmesurado, o hiperbólico, alia-se em sua poesia à dimensão crítico-satírica. Criou longos poemas e quadras e dísticos que se gravam na memória; ensaios sobre a arte poética e artigos curtos de jornal; peças de forte sentido social e rápidas cenas sobre assuntos do dia; roteiros de cinema arrojados e fantasiosos e breves filmes de propaganda. Tem exercido influência profunda em todo o desenvolvimento da poesia russa moderna.

Boris Schnaiderman do livro: Poesia Russa Moderna, Editora Brasiliense, 1985

POESIAS CHINESAS

A alvorada - Anônimo

Formamos a Liga dos Camponeses
e desde então é como ver a aurora
e descobrir que a força dos pobres é invencível;
durante gerações o rico foi enriquecendo,
mas hoje, subitamente, tudo isso
vai cair a nossos pés.

E neste presente exigimos
o saldo daquilo que nos foi tirado;
penso na minha vida passada,
no meu "haver" nunca "havido".
Seriam na verdade precisos uns anos
só para fazer as contas.

Coro* - Ke Ciun-Ping

Se nos perguntam de onde viemos,
nós respondemos: viemos do povo.
Se nos perguntam para onde vamos,
respondemos: vamos ter com o povo,
para aprender com a experiência autêntica
de milhares e milhares de anos.

Vimos para mobilizar a gente,
para produzir e resistir ao inimigo.
A força do povo é ilimitada
e só dele é que a podemos obter;
vimos para aprender como prestar auxílio,
libertar as terras e abrir vias novas.

Dentro destes limites, nas zonas democráticas
já nos movemos com liberdade;
aqui cultivaremos a flor da vitória
para que possa florir sobre estas áridas colinas.*

* Canto escrito antes de 1949, nas áreas já libertadas e dominadas pelo Exército Comunista.

Depois chegou o Partido Comunista Anônimo

Em pequeno, era pobre demais para ir à escola;
apascentava os animais com qualquer tempo
mas odiava os animais, porque outros os comiam
enquanto eu tinha fome.

Depois, veio o Partido Comunista
e as coisas mudaram;
juntei-me ao Exército
para defender a minha terra e a casa.

Dantes, ninguém era capaz de escrever
nem o mais simples caracter;

hoje, nós estudamos ao mesmo tempo
a teoria e a prática.

Este ano – Anônimo

Porque é que este ano
a nossa colheita foi tão boa?
Porque é que este ano
o Kaoling é tão vermelho?

Não porque o céu nos tenha olhado
com benevolência
mas porque este ano os pobres
iniciaram uma nova vida.

Ninguém se admire se este ano
os camponeses trabalharam muito:
não é porque muita gente cultivava pouca terra,
mas porque as coisas agora mudaram.

A terra mudou de dono,
e se nós os novos proprietários
não a tratássemos com amor,
quem havia de o fazer?

O grupo de Socorro Mútuo - Anônimo

O grupo de socorro mútuo
significa que todos juntos
trabalharemos a terra.

Ninguém explorará os outros,
Ninguém fará nada sozinho;
o produto será de quem o produz
ninguém terá pouco
e cada um terá o mesmo lucro:
todos nós desejamos
participar nisto!

Os pobres tornam-se senhores – Anônimo

Se bem que sejamos pobres,
o nosso destino não é permanecê-lo.
Se bem que sejamos pobres,
os nossos ideais realmente não o são;
quero apagar a injustiça do tempo antigo
e fazer do pobre o senhor.

Por favor, tomem conta da minha “casa”

EPL

Deponho o uniforme,
Mas não dez anos de recordações:
Deixar a unidade
É como deixar a casa.

Abandonei a minha casa com voz firme
e uma vontade superior aos meus anos;
abandonei o meu pai e a minha mãe
para combater pela libertação.

Deram-me nessa altura um casaco almofadado,
Consertaram as minhas meias e os meus sapatos
de pano:
Uma camaradagem que não vos digo,
uma gratidão que não sei exprimir.

Em sete dias aprendi a disparar
(...) e, sem receio de nada
segui o Partido onde se lutava,
marchando por milhares de li sem ceder.

A construir fortificações para defender as colinas,
as minhas mãos encheram-se de calos;
para me abrir uma estrada entre os rios,
o meu corpo cobriu-se de cicatrizes.

Juntei-me ao Partido durante a luta,
aprendi a ler sem ir à escola:
um pastor que se juntou ao Exército
e que o Exército tratou como um filho.

Deponho o uniforme,
Mas não dez anos de lembranças:
deixar a unidade
é como deixar a casa.

Agora, regresso a casa para me unir à produção;
limparei pela última vez a minha espingarda
e entrego-a, para que,
se houver necessidade, outros a usem.

Aperto as mãos dos meus companheiros,
Abraço-os, e não consigo afastar-me:
camaradas de combate,
por favor, tomem bem conta da minha “casa”!

Profecia - Tien Cien

Eu não preciso que me leiam o futuro
ou coisa desse gênero;
hoje, tenho a certeza que o meu destino
é certamente bom.

É na realidade grande sorte
ter nascido neste dia
com a responsabilidade
dum mundo novo sobre os ombros;

sabendo que só
onde acenar uma bandeira vermelha
pode nascer
um novo dia.

Recusarei a velha sociedade
e saudarei o novo dia
Porei nos meus cantos todo o meu coração
para que o mundo os escute.

Agora, sou um homem novo
e escrevo novas poesias:
ao som dos timbales revolucionários
dentro da minha grande nova família.*

* Poesia escrita no dia da libertação de Pequim, no outono de 1949.

POESIAS DIVERSAS

Marcha

Nunca lhe contei como
anda essa lida
sem terra, sem casa,
às vezes sem água e comida
buscando um lugar pra viver
onde a vida há de florescer
sob a terra dividida

Pra não ter mais que ver
um companheiro chegar
com dores por todo o copo
que nem pode com o filho brincar
pois trabalhou todo o dia
em troca de uma mixaria
que mal dá pra se alimentar

E nunca mais ter que ouvir
uma criança chorando
pedindo um pouco de leite
no chão, se esperneando,
berrando pelo sustento
que falta no acampamento
e a mãe se lastimando

Depois de tanto caminhar
andando por esse Estado
dormindo ao relento
com o corpo castigado
hoje eu quero descansar
de cansaço me livrar
quero ficar ao teu lado

Quero sentir o teu cheiro
e cair nos teus braços
Contar minhas alegrias,
sofrimentos, meus causos
Sentir seus afagos, beijos,
seu corpo, saber seus desejos
e contornar os teus traços

Vou cochilar no teu colo
sonhar com o que viria
assistir o amanhecer
te acordar com cantoria
preparar um chimarrão
e com aperto no coração
partir pra luta do dia-a-dia

(Ilha de Santa Catarina, Abril de 2003)

Negociação

(negociação da Escola Mário Lago, do Acampamento Mário Lago, em Araquarí-SC)

Depois de muito negociar
a gente tinha combinado
que o projeto da nossa escola
dia 27 de Maio seria votado,
e pra pressionar na votação
organizamos uma comissão,
pra esse dia tão sonhado.

Saímos em 15 companheiros
às 16h, do acampamento.
Fomos a pé até a cidade,
andando pelo acostamento.
Caminhamos em fileira,
oito quilômetros, com a bandeira
e os símbolos do movimento.

Tivemos uma surpresa
chegando naquela seção
Haviam nos enganado
foi uma grande decepção.
A prefeitura mentiu pra nós,
e a gente sem direito a voz
pra intervir na reunião.

Ouvimos belos discursos
pronunciados pelos vereadores,
mas nossa escola nem discutiam,
pareciam mais era atores,
dizendo: "Este prédio novo
é pra falar dos interesses do povo,
nossos queridos moradores!"

Assim que a seção acabou
sem discutir nossa condição
tentou sair de fininho
a secretária de educação.
- Secretária, que história é essa?
Pra que tanta pressa?
Queremos uma explicação!

Nós só queremos o que é nosso,
ninguém ta pedindo favor!
E naquela discussão
foi juntando vereador
parecia que a seção começava de novo
Agora, na rua, era a seção do povo
Onde quem fala é o trabalhador

Na seção do povo
a Câmara é a rua
a calçada é a tribuna
o céu é o teto, e a luz é de lua
a pauta de verdade
vem da necessidades
da realidade crua

E saibam os politikeiros
aqui não temos covarde,
e se preciso for
mostrar para a cidade
sairemos em fileira,
gritando com a bandeira:
"Queremos Escola, Terra e Dignidade!"

(2003)

Poema Singelo

Não faço poemas por hobby
muito trabalho daria
Com o tanto que tenho a fazer
outro ofício não faria
nem sou bom com palavras,
versos, rima, poesia

Escrevo porque me transborda
um não-sei-o-que,
como uma leiteira ao fogo,
que quando menos se espera
é tarde pra perceber...
(Será que a gente é que cuida o leite,
ou é o leite que cuida da gente?)

E foi assim sem perceber.
Sem nada precisar dizer.
Despia tua armadura,
tua couraça de guerreira,
pele estampada de flores,
tatuada de rosário,
amarelo, verde, roxo
colorido de hematomas,
macia como as rosas,
sem espinhos, estilhaços

Enlaçados corpo-a-corpo
Num doce calor de saliva
Parecia que o mar se desfazia
por nossos corpos e na cama se perdia
formando ondas no lençol,
entre bocas, línguas e peitos,
pernas, púbis, desejos...

Se pudesse agradecer
por tanto bem me fazer
lhe mandaria algo:
Rosas amarelas,
Martini com cereja
ou poema singelo?

(Abril, 2008)

Canção de Uma Noite de Verão

Numa noite de verão
uma canção nova, diferente
tendo como único instrumento
corpos de tons convergentes
Fazendo arpejos onde queiras
com mãos, línguas, cheiros
unhas, dentes, desejos...
pra cantar em alto e bom tom
um canto que é só da gente

Quem comprar por menina a mulher
pela ternura oceânica do olhar
nem poderá imaginar
o louco risco que corre
de mais a frente se afogar

Suando clandestinamente
enquanto todos dormem
conspiram nossas peles à noite
contra a família e toda a propriedade
buscando um triunfo final
bailamos a mesma harmonia
até gozar
a liberdade...

(Rio Grande do Sul, verão de 2010)

O risco da clandestinidade

Para os futuros quadros militantes
deixo aqui a nossa contribuição
fruto de erros, tentativas, acertos,
de quem um dia fez do seu jeito
o necessário exercício da conspiração.

Declaro, oculto da noite,
Declaro guerra à toda solidão,
Não só à falta de beijos e carícias,
Não só à falta do teu corpo e malícias,
Mas guerra contra a vazia relação.

E para cumprir a difícil missão
É preciso bem mais que ousadia,
É preciso carinho, cuidado,
É preciso ser vigilante soldado,
Fogo ardente à noite, fogo brando de dia

Pra recrutar os guerrilheiros/as
Não adianta em jornal anunciar
Usa-se um pouco de instinto,
observação do comportamento distinto
como iridólogo, identifica-se pelo olhar.

Olhar quente, terno, profundo,
instigante, radiante. Teu olhar.
“É preciso que se olhe o que se tem no peito
Que é pra ver se dentro não tem um defeito”
E já estás pronta, pra sair a recrutar

Dessa maneira é difícil dizer
nessa história quem recrutou quem
não nos demos conta de nada
e quando vimos, a batalha estava iniciada
numa terna ânsia de nos fazermos bem

Assim será nossa revolução
Para chegar ao horizonte esperado
Não respeitará nenhuma instituição,
Estado, família, instâncias ou religião.
Criará algo novo no lugar do superado.

A nosso favor temos
a noite para nos ocultar:
no meio da casa, na entrada do baile,
no ônibus, na parada também vale,
nas ruas, esquinas, ou num bar...

A noite que acolhe meus lábios
que não precisam de lanternas,
mapas, bússola ou radar,
pra tua boca no escuro encontrar.
Que beijam da boca às pernas

Deslizam por todo teu corpo
mamilos, barriga e coxas
poros abertos, sedentos,
tremores, gemidos, alentos
fulgor de flâmulas roxas

Porém deve-se ter clareza dos atos,
comportamentos que podem delatar:
o caminhar leve, os olhares demorados,
dos discretos sorrisos aos beijos roubados,
o início do gesto de te agarrar...

Os encontros públicos na capital,
as mordidas [fortes], a serenidade,
o acúmulo de sonos atrasados,
os nossos chinelos trocados,
as visíveis olheiras, a felicidade...

O risco de morte é outro...
É a culminação do abraço, prazer
Que ao quebrar-nos faz por nos juntar
E perdendo-nos faz por nos encontrar
Porque ao nos matar nos faz renascer

(Rio Grande do Sul, verão de 2010)

A Beleza – Luis Eduardo Auté

Inimigo da guerra e seu oposto, a medalha,
não propus outra batalha a livrar ao coração
de colocar-se corpo a terra, sob o passo de uma história
que ia alçar até a glória o poder da razão...

E agora que já não há trincheiras o combate é a escada
e o que subir ao mais alto, colocará a salvo sua cabeça
ainda que se afunde no asfalto

A beleza... a beleza... a beleza... a beleza... a beleza

Olha-os como répteis, a espera da presa,
negociando em cada mesa ideologias de ocasião;
seguem todos os trilhos que conduzam ao topo
loucos porque nos deslumbre sua parasita ambição.

Antes iam de profetas e agora o êxito é sua meta;
mercadores, traficantes, mais que náuseas dão tristeza,
não relacionaram nem um instante A beleza...

E me falaram de futuros fraternais, solidários,
onde todo o falsário acabaria no pilão.
E agora que cai o muro já não somos tão iguais
tanto tens, tanto vales “Viva a revolução!”

Reivindico a ilusão de tentar ser o mesmo,
essa viagem rumo ao nada que consiste na certeza
de encontrar em teu olhar A beleza...

A Porta

Se você abre uma porta, você pode ou não entrar em uma nova sala.
Você pode não entrar e ficar observando a vida.
Mas se você vence a dúvida, o temor, e entra, dá um grande passo:
nesta sala vive-se !
Mas, também, tem um preço...
São inúmeras outras portas que você descobre.
Às vezes curte-se mil e uma.
O grande segredo é saber quando e qual porta deve ser aberta.
A vida não é rigorosa, ela propicia erros e acertos.
Os erros podem ser transformados em acertos quando com eles se aprende.
Não existe a segurança do acerto eterno.
A vida é generosa, a cada sala que se vive, descobre-se tantas outras portas.
E a vida enriquece quem se arrisca a abrir novas portas.
Ela privilegia quem descobre seus segredos e generosamente oferece afortunadas portas.
Mas a vida também pode ser dura e severa.
Se você não ultrapassar a porta, terá sempre a mesma porta pela frente.
É a repetição perante a criação,
é a monotonia monocromática perante a multiplicidade das cores,
é a estagnação da vida...
Para a vida, as portas não são obstáculos,
mas diferentes passagens!

Afetividade e sexualidade - Consuelo Lins

Tentaram nos convencer que éramos DIVINAS
E nos negaram os BENS da TERRA
Tentaram nos convencer que éramos SANTAS
E nos negaram o prazer da VIDA
Tentaram nos convencer que éramos ESCRAVAS
E nos negaram a LIBERDADE
Agora tentam nos convencer que somos mais competentes
E ganhamos menos por TRABALHO IGUAL
E tentam nos convencer que devemos ser PODEROSAS
e brigamos com os COMPANHEIROS.
Somos simplesmente mulheres.
E isto só, já é uma imensidão
Mulheres do ventre à mente, unidas e conscientes
Juntando nossa luta, à luta de nossa gente.

Ai Se Sesse - Zé da Luz (1904 – 1965)

Se um dia nós se gostasse
Se um dia nós se queresse
Se nós dois se empareasse
Se juntim nós dois vivesse
Se juntim nós dois morasse
Se juntim nós dois drumisse
Se juntim nós dois morresse
Se pro céu nós assubisse
Mas porém se acontece-se de São Pedro não abrisse
A porta do céu e fosse te dizer qualquer tolice
E se eu me arriminasse
E tu com eu insintisse
Prá que eu me arresouvesse
E a minha faca puxasse
E o bucho do céu furasse
Talvez que nós dois ficasse
Talvez que nós dois caísse
E o céu furado arriasse
E as virgem todas fugisse

Amor é fogo que arde sem se ver – Camões

Amor é fogo que arde sem se ver,
É ferida que dói, e não se sente,
É um contentamento descontente,
É dor que desatina sem doer

É um não querer mais que bem querer,
É um andar solitário entre a gente
É um nunca contentar-se de contente,
É um cuidar que ganha em se perder

É um querer estar preso por vontade,
É servir a quem vence, o vencedor,
É ter com quem nos mata, lealdade,

Mas como causar pode seu favor
Nos corações humanos amizade,
Se tão contrário a si mesmo é o amor?

As mulheres da minha geração - Luís Sepúlveda

As mulheres de minha geração abriram suas pétalas rebeldes
Não de rosas, camélias, orquídeas ou outras flores,
de frivolidades tristes, de casinhas burguesas, de costumes anexos,
mas de pólen peregrinos entre ventos
porque as mulheres de minha geração floresceram nas ruas
nas fábricas se fizeram fiandeiras de sonhos
no sindicato organizavam o amor segundo seus sábios critérios
ou seja, disseram as mulheres de minha geração
Cada uma segundo a sua necessidade e capacidade de resposta
Como na luta golpe a golpe e no amor beijo a beijo
em escolas argentinas, chilenas ou uruguaias
aprenderam o que tinham que saber para o saber glorioso
das mulheres de minha geração
Mini-saias em flor nos anos setenta
as mulheres de minha geração não ocultaram nem as sombras
de coxas de fora como as de Tânia
erotizando com o maior dos calibres
os caminhos duros da hora marcada com a morte
porque as mulheres de minha geração
beberam com vontade o vinho dos vivos
acudiram a todos os chamados
e foram dignidade na derrota
nos quartéis lhes chamaram de putas e não as ofenderam
pois vinham de um bosque de sinônimos alegres:
Minas, Brotos, Gatas, Moças, Pequenas, Gurias,
Garotas, Velhas, Senhoras, Senhoritas, Panteras
Até que elas mesmas escreveram a palavra Companheira
em suas costas e nas paredes de todas as celas
porque as mulheres de minha geração
nos marcaram com o fogo indelével de suas unhas
a verdade universal de seus direitos
Conheceram a prisão e os golpes
habitaram mil pátrias e em nenhuma
Choraram seus mortos e os meus como se fossem seus
deram calor ao frio e ao cansaço desejos
à água sabor e ao fogo a direção correta

As mulheres de minha geração pariram filhos eternos
cantando "summertime" os amamentaram
Fumaram marijuana nos poucos descansos da luta
Dançaram o melhor do vinho e beberam as melhores melodias
porque as mulheres de minha geração
nos ensinaram que a vida não se oferece em borbotões companheiros
Porém de golpe e até o fundo das conseqüências
foram estudantes, mineiras, sindicalistas, operárias,
artesãs, atrizes, guerrilheiras, até mães e parceiras
nos raros tempos livres da luta de Resistência
porque as mulheres de minha geração só respeitaram os limites que
superavam todas as fronteiras
internacionalistas de carinho, brigadistas do amor,
delegadas de dizer te amo, milicianas na carícia
Entre uma batalha e outra as mulheres de minha geração se deram toda
e disseram que ainda era pouco.

Declararam-nas viúvas em Córdoba e Tlatelolco.
vestiram-nas de negro em Porto Montt e São Paulo
e em Santiago, Buenos Aires ou Montevideu
Foram as únicas estrelas na longa noite clandestina
suas prisões não são prisões
porém uma forma de viver para o que der e vier.
As rugas que aparecem em seus rostos
dizem tenho sorrído e chorado e voltaria a fazê-lo.

As mulheres de minha geração
Ganharam alguns quilos de razões que se grudam em seus corpos
Se movem um pouco mais lentas e cansadas de esperar-nos na meta final
Escrevem cartas que incendeiam memórias
Recordam aromas proscritos e os exaltam
Inventam a cada dia as palavras e com elas nos empurram
Nomeiam as coisas e nos preparam o mundo
Escrevem verdades na areia e as entregam ao mar
Nos convocam e nos parem sobre a mesa posta
Elas dizem pão, justiça, liberdade
e a prudência se transforma em vergonha

As mulheres de minha geração são como barricadas:
Protegem e animam, dão confiança e suavizam o gume da ira.
As mulheres de minha geração são como um punho cerrado
que resguarda com violência a ternura do mundo.
As mulheres de minha geração não gritam
porque elas derrotaram o silêncio.
Se algo nos marca, são elas.
A identidade do século são elas.
Elas: a fé fortalecida, o valor oculto num panfleto
O beijo clandestino, o retorno de todos os direitos
Um tango na serena solidão de um aeroporto
Um poema de Gelman escrito num guardanapo
Benedetti compartilhado no mundo de um guarda-chuva
Os homens e os amigos protegidos com raminhos de arruda
As cartas que fazem beijar o carteiro
As mãos que sustentam os retratos de meus mortos
Os elementos simples dos dias que aterrorizam o tirano
A complexa arquitetura dos sonhos de teus netos
Isso é tudo e tudo se sustenta
Porque tudo vem com seus passos e nos chega e nos surpreende.
Não há solidão onde elas cuidam
Nem esquecimento enquanto elas cantam.
Intelectuais do instinto, instinto da razão
Prova de força para o forte e vitamina do fraco.
Assim são elas, as únicas, imprescindíveis
Sofridas, golpeadas, negadas, porém invictas
Mulheres de minha geração

1999
(tradução: Jacaré e Edimar)

Canção óbvia - Paulo Freire

Escolhi a sombra desta árvore
para repousar do muito que farei,
enquanto esperarei por ti.

Quem espera na pura espera, vive um tempo de espera vã.

Por isso, enquanto te espero, trabalharei os campos
e conversarei com homens e mulheres.
Suarei meu corpo que o sol queimará,
minhas mãos ficarão calejadas,
meus pés aprenderão o mistério do caminhar,
Meus ouvidos ouvirão mais,
meus olhos verão o que antes não viam.

Enquanto esperarei por ti,
não esperarei na pura espera.
Porque meu tempo de espera,
é um tempo de que fazer.

Desconfiarei daqueles que virão dizer-me,
em voz baixa e precavidos: é perigoso agir,
é perigoso falar, é perigoso andar;
é perigoso esperar na forma em que esperas.
Porque esses recusam a alegria de tua chegada.

Desconfiarei também daqueles que virão dizer-me,
com palavras fáceis que já chegaste.
Porque esses ao anunciar-te ingenuamente,
antes te denunciam.
Estarei preparando a tua chegada
como o jardineiro prepara o jardim

Canção do não tempo de lua – Mário Lago

Amada não me censure, se sou de pouco falar
Nem se esse pouco que falo não faz você suspirar
É tempo de vida feia, de se morrer ou matar
De sonho cortado ao meio, de voz sem poder gritar
De pão que pra nós não chega, de noite sem se acabar
Por isso não me censure, se sou de pouco falar

Criança é bonito? É
Mulher é bonito? É
A lua é bonito? É
A rosa é bonito? É

Mas criança chega a homem se a bomba quiser
A mulher só tem seu homem se a bomba quiser
Homem sonha e faz seu sonho se a bomba quiser
Não é tempo de ver lua nem tirar rosa do pé

Amada minha não chore se nunca falo de amor
Nem se meu beijo é salgado, que é beijo chorado em dor
É tempo de vida triste, de olhar o seu com pavor
De mão pro último gesto, de olhar pra última flor
De verde que era esperança trazer desgraça na cor
Por isso amada não chore se nunca falo de amor

Criança é bonito? É
Mulher é bonito? É
A Lua é bonito? É
A rosa é bonito? É

Mas criança chega a homem se a bomba quiser
A mulher só tem seu homem se a bomba quiser
Homem sonha e faz seu sonho se a bomba quiser
Não é tempo de ver lua nem tirar rosa do pé

Amada não vá embora se eu trouxe desilusão
Se aumento sua tristeza, tão triste a minha canção
É tempo de fazer tempo, de pegar tempo na mão
De gente vindo no tempo em passeata ou procissão
No mesmo passo de sonho pra bomba dizendo “não!”

Amada não vá embora, mudou a minha canção!

Criança é bonito? É
Mulher é bonito? É
A lua é bonito? É
A rosa é bonito? É

Pois criança vai ser homem porque a gente quer
A mulher vai ter seu homem porque a gente quer

Homem vai fazer seu sonho porque a gente quer
Vai ser tempo de ver lua e tirar rosa do pé

(Poesia declamada por Mário Lago Filho - feita por seu pai na premiação dos 20 anos do MST, no Rio de Janeiro.)

Canción por la unidad latinoamericana – Pablo Milanés

El nacimiento de un mundo
Se aplazó por un momento
Fue un breve lapso del tiempo
Del universo un segundo

Sin embargo parecia
Que todo se iba a acabar
Con la distancia mortal
Que separó nuestras vidas

Realizaban la labor
De desunir nossas mãos
E fazer com que os irmãos
Se mirassem com temor

Cunado passaron los años
Se acumularam rancores
Se olvidaram os amores
Parecíamos estraños

Que distância tão sofrida
Que mundo tão separado
Jamás se hubiera encontrado
Sin aportar nuevas vidas

E quem garante que a História
É carroça abandonada
Numa beira de estrada
Ou numa estação inglória

A História é um carro alegre
Cheio de um povo
Que atropela indiferente
Todo aquele que a negue

É um trem riscando trilhos
Abrindo novos espaços
Acenando muitos braços
Balançando nossos filhos

Lo que brilla con luz propia
Nadie lo puede apagar
Su brillo puede alcanzar
La oscuridad de otras costas

Quem vai impedir que a chama
Saia iluminando o cenário
Saia incendiando o plenário
Saia inventando outra trama

Quem vai evitar que os ventos
Batam portas mal fechadas
Revirem terras mal socadas
E espalhem nossos lamentos

E enfim quem paga o pesar
Do tempo que se gastou
De las vidas que costó
De las que puede costar

Já foi lançada uma estrela
Pra quem souber enxergar
Pra quem quiser alcançar
E andar abraçado nela

Já foi lançada um estrela
Pra quem souber enxergar
Pra quem quiser alcançar
E andar abraçado nela

Credo - Milton Nascimento e Fernando Brant

Acendendo a Esperança e apagando a escuridão
Vamos caminhando pelas ruas de nossa cidade
Viver derramando a juventude pelos corações
Tenha fé no povo que ele resiste
Tenha fé no povo que ele insiste
E acorda novo, forte, alegre, cheio de paixão.
Vamos caminhando de mãos dadas com a alma nova
Viver semeando a liberdade em cada coração
Tenha fé no povo que ele acorda

Tenha fé no povo que ele assusta.
Caminhando e vivendo coma alma aberta
aquecidos pelo sol que vem depois do temporal
Vamos, companheiro, pelas ruas de nossa cidade
Cantar semeando um sonho que vai ter de ser real
Caminhemos pela noite com a Esperança
Caminhemos pela noite com a juventude.

Catando os cacos do caos – Afonso Romano de Sant’Ana (1937)

Catar os cacos do caos
Como que cata no deserto
o cacto – como se fosse flor.

Cotar os restos e ossos
da utopia
como de porta em porta
o lixeiro apanha
detritos da festa fria
e pobre no crepúsculo
se aquece na fogueira erguida
com os destroços do dia.

Catar a verdade contida
Em cada concha de mão,
Como o mendigo cata as pulgas
No pêlo – do dia cão.

Recordar o sentido
Como o alfaiate-artista,
costurá-lo pelo avesso
com o inconsútil emenda
à vista.

Como o arqueólogo
reunir os fragmentos
como se ao vento
se pudessem pedir as flores
despetaladas no tempo

Catar os cacos de Dionisio
e Baco, no mosaico antigo
e no copo seco erguido
beber o vinho
ou sangue vertido

Catar os cacos de Orfeu partido
pela paixão das bacantes
e como Prometeu refazer
o fígado – como era antes.

Catar palavras cortantes
no rio do escuro instante
e descobrir nessas pedras
o brilho do diamante.
É um quebra-cabeça? Então
de cabeça quebrada vamos
sobre a parede do nada
deixar gravada a emoção
.....Cacos de mim
.....Cacos do não
.....Cacos do sim
.....Cacos do antes
.....Cacos do fim

Não é dentro nem fora
embora seja dentro e fora
no nunca e a toda hora
que violento
o sentido nos deflora.
Catar os cacos
do presente e outrora
e enfrentar a noite
com o vitral da aurora.

Cipó de Aroeira – Geraldo Vandré

Vim de longe vou mais longe, quem tem fé vai me esperar
Escrevendo numa conta pra junto a gente cobrar
No dia que já vem vindo
Que esse mundo vai virar noite e dia vem de longe
Branco e preto a trabalhar e o dono senhor de tudo
Sentado mandando dar e a gente fazendo conta

Pro dia que vai chegar
Marinheiro, marinheiro quero ver você no mar
Eu também sou marinheiro eu também sei governar
Madeira de dar em doido vai descer até quebrar
É a volta do cipó de aroeira no lombo de quem mandou dar

Como a cigarra – Mercedes Sosa

Tantas vezes me mataram, tantas vezes morri
entretanto estou aqui ressuscitando
agradeço a verdade e a mão com punhal
porque me matou tão mal e segui cantando.

Cantando ao sol como a cigarra
depois de un ano debaixo da terra
igual a um sobrevivente que volta da guerra.

Quantas vezes me apagaram, tantas desapareci
e ao meu próprio enterro fui só e chorando,
fiz um nó no meu lenço mas esqueci depois
que não era a primeira vez, e segui cantando.

Cantando ao sol . . .

Tantas vezes te mataram, tantas ressuscitarás
quantas noites passarás desesperando,
e na hora do naufrágio e da escuridão
alguém te resgatará para ir cantando.

Cantando ao sol . . .

Desbarato – José Saramago

O desbarato mais absurdo
não é o dos bens de consumo,
mas o da humanidade:
milhões e milhões de seres humanos
nasceram para ser trucidados pela História,
milhões e milhões de pessoas
que não possuíam mais do que as suas simples vidas.
De pouco ela lhes iria servir,
mas nunca faltou quem de tais miudezas
se tivesse sabido aproveitar.
A fraqueza alimenta a força,
para que a força esmague a fraqueza.

Ei-los em pé - Jean-Paul Sartre

O que vocês esperavam que acontecesse quando tiraram a mordida que tapava essas bocas negras? Esperavam que elas lhes lançassem louvores? E essas cabeças que seus avós e seus pais haviam dobrado à força até o chão?

O que esperavam? Que se reerguessem com adoração nos olhos?

Ei-los em pé. Homens que nos olham.

Ei-los em pé.

Faço votos para que vocês sintam como eu a comoção de ser visto. Hoje, esses homens negros nos miram e nosso olhar re-entra em nossos olhos. Tochas negras iluminam o mundo e nossas cabeças brancas não passam de pequenas luminárias balançadas pelo vento.

Depois de algum tempo – Willian Shakspeare

Depois de algum tempo você aprende a diferença, a sutil diferença entre dar a mão e acorrentar a alma. E você aprende que amar não significa apoiar-se, e que companhia nem sempre significa segurança. E começa aprender que beijos não são contratos, e que presentes não são promessas. E começa a aceitar suas derrotas com a cabeça erguida e os olhos adiante, com graça de um adulto e não a tristeza de uma criança. E aprende a construir todas as suas estradas no hoje, porque o terreno do amanhã é incerto demais para os planos, e o futuro tem o costume de cair meio em vão.

Depois de algum tempo, você aprende que o sol queima, se ficar a ele exposto por muito tempo. E aprende que, não importa o quanto você se importe, algumas pessoas simplesmente não se importam... E aceita que, não importa quão boa seja uma pessoa, ela vai feri-lo (a) de vez em quando, e você precisa perdoá-la por isso. Aprende que falar pode aliviar dores emocionais. Descobre que leva-se anos para construir confiança e apenas segundos para destruí-la, e que você pode fazer coisas em um instante, das quais se arrependerá para o resto da vida. Aprende que verdadeiras amizades continuam a crescer, mesmo a longas distâncias. E o que importa não é o que você tem na vida, mas quem você tem na vida. E que bons amigos são a família que nos permitiram escolher. Aprende que não temos que mudar de amigos, se compreendermos que os amigos mudam. Percebe que seu melhor amigo e você podem fazer qualquer coisa, ou nada, e terem bons momentos juntos. Descobre que as pessoas com que você mais se importa na vida são tomadas de você muito depressa, por isso, devemos deixar as pessoas que amamos com palavras amorosas, pode ser a última vez que as vejamos.

Aprende que as circunstâncias e os ambientes têm muita influência sobre nós, mas que nós somos responsáveis por nós mesmos. Começa a aprender que não se deve comparar com os outros, mas com o melhor que você pode ser. Descobre que leva muito tempo para se chegar aonde está indo, mas que, se você não sabe para onde está indo, qualquer lugar serve. Aprende que, ou você controla seus atos ou eles o controlarão, e não importa quão delicada e frágil seja uma situação, sempre existem dois lados.

Aprende que heróis são pessoas que fizeram o que era necessário fazer, enfrentando as conseqüências. Aprende que paciência requer muita prática. Descobre que algumas vezes, a pessoa que você espera que o chute, quando você cai, é uma das poucas pessoas que o ajudam a levantar-se. Aprende que a maturidade tem mais a ver com tipos de experiências que se teve e o que se aprendeu com elas, do que com quantos aniversários você celebrou. Aprende que há mais de seus pais em você do que você supunha. Aprende que nunca se deve dizer a uma criança que sonhos são bobagens, poucas coisas são tão humilhantes, e seria uma tragédia se ela acreditasse nisso.

Aprende que quando está com raiva, tem direito de estar com raiva, mas isso não lhe dá o direito de ser cruel. Descobre que só porque alguém não o ama mais do jeito que você quer não significa que esse alguém não o ame com todas as forças, pois existem pessoas que nos amam, mas simplesmente não sabem como demonstrar ou viver isso. Aprende que nem sempre é suficiente ser perdoado por alguém, e que algumas vezes, você tem que aprender a perdoar a si mesmo.

E que, com a mesma severidade com que julga, será em algum momento condenado. Aprende que não importa em quantos pedaços seu coração foi partido, o mundo não pára, para que você junte seus cacos. Aprende que o tempo não é algo que se possa voltar para trás. Portanto, plante seu jardim e decore sua alma, ao invés de esperar que alguém lhe traga flores. E você aprende realmente que pode suportar... que realmente é forte, e que pode ir mais longe, depois de pensar que não pode mais. E que realmente a vida tem valor diante da vida!

Nossas dúvidas são traidoras e nos fazem perder o bem que poderíamos conquistar se não fosse o medo de tentar.

Eu sei mas não devia - Clarice Lispector

Eu sei que a gente se acostuma. Mas não devia.

A gente se acostuma a morar em apartamentos de fundos e a não ter outra vista que não as janelas ao redor.
E porque não tem vista, logo se acostuma a não olhar para fora.
E porque não olha para fora, logo se acostuma a não abrir de todo as cortinas.
E porque não abre as cortinas logo se acostuma a acender cedo a luz.
E a medida que se acostuma, esquece o sol, esquece o ar, esquece a amplidão.

A gente se acostuma a acordar de manhã sobressaltado porque está na hora.
A tomar o café correndo porque está atrasado.
A ler o jornal no ônibus porque não pode perder o tempo da viagem.
A comer sanduíche porque não dá para almoçar.
A sair do trabalho porque já é noite.
A cochilar no ônibus porque está cansado.
A deitar cedo e dormir pesado sem ter vivido o dia.

A gente se acostuma a esperar o dia inteiro e ouvir no telefone: hoje não posso ir.
A sorrir para as pessoas sem receber um sorriso de volta.
A ser ignorado quando precisava tanto ser visto.

A gente se acostuma a pagar por tudo o que deseja e de que necessita.
E a lutar para ganhar o dinheiro com que pagar.
E a pagar mais do que as coisas valem.
E a saber que cada vez pagará mais.
E a procurar mais trabalho, para ganhar mais dinheiro, para ter com que pagar nas filas em que se cobra.
A gente se acostuma à poluição.
Às salas fechadas de ar condicionado e cheiro de cigarro.
À luz artificial de ligeiro tremor.
Ao choque que os olhos levam na luz natural.
Às bactérias de água potável.

A gente se acostuma a coisas demais, para não sofrer.
Em doses pequenas, tentando não perceber, vai afastando uma dor aqui, um ressentimento ali, uma revolta acolá.

Se a praia está contaminada a gente molha só os pés e sua no resto do corpo.
Se o cinema está cheio, a gente senta na primeira fila e torce um pouco o pescoço.
Se o trabalho está duro a gente se consola pensando no fim de semana.

E se no fim de semana não há muito o que fazer
a gente vai dormir cedo e ainda fica satisfeito porque tem sempre sono atrasado.

A gente se acostuma para não se ralar na aspereza, para preservar a pele.
Se acostuma para evitar feridas, sangramentos, para poupar o peito.
A gente se acostuma para poupar a vida.
Que aos poucos se gasta,
e que gasta de tanto se acostumar,
e se perde de si mesma.

Eu venho oferecer meu coração – Fito Páez

Quem disse que tudo esta perdido
eu venho oferecer meu coração
tanto sangue que levou o rio
eu venho oferecer meu coração

não sera tão fácil, já sei o que acontece
não será tão simples como pensava
como abrir o peito e tirar a alma
uma facada de amor

lua dos pobres sempre aberta
eu venho oferecer meu coração,
como um documento inalteravel
eu venho oferecer meu coração

e unirei as pontas de um mesmo laço
e irei tranquilo, e irei devagar
e te darei tudo, e me daras algo
algo que me alivie um pouco mais

quando não houver ninguém perto ou distante
eu venho oferecer meu coração
quando os satélites não alcancem
eu venho oferecer meu coração

e falo de países e de esperança
falo pela vida, falo por nada
falo de transformar esta nossa casa
de transformar por transformar, não mais

quem disse que tudo esta perdido?
eu venho oferecer meu coração

Gravata Colorida – Solano Trindade

Quando eu tiver bastante pão
para meus filhos
para minha amada
pros meus amigos

e pros meus vizinhos

Quando eu tiver
livros para ler

Então eu comprarei
uma gravata colorida
larga
bonita
e darei um laço perfeito

E ficarei mostrando
a minha gravata colorida
a todos os que gostam
de gente engravatada...

Mais ou menos – autor/a desconhecido/a

A gente pode morar numa casa mais ou menos,
Numa rua mais ou menos,
Numa cidade mais ou menos,
E até ter um governo mais ou menos.
A gente pode dormir numa cama mais ou menos,
Comer um feijão mais ou menos,
Ter um transporte mais ou menos,
E até ser obrigado a acreditar mais ou menos no futuro.
A gente pode olhar em volta e sentir
Que tudo está mais ou menos. Tudo bem.

O que a gente não pode mesmo,
Nunca, de jeito nenhum,
É amar mais ou menos,
É sonhar mais ou menos,
É ser amigo mais ou menos,
É namorar mais ou menos,
É ter fé mais ou menos,
é acreditar mais ou menos.
Senão, a gente corre o risco
de se tornar uma pessoa mais ou menos.

Los custodios de la semilla - poema palestino

Incendia nuestra tierra
quemad nuestros sueños
arrojad ácido a nuestro canto
cubrid de polvo
la sangre de nuestra gente masacrada
cubrid con vuestra tecnología
las voces de todos lo que es libre
selvático e indígena
destruid
destruid
nuestra hierba y nuestro suelo
derribad nuestras fábricas y todos los pueblos
construidos por nuestros antepasados
cada árbol, cada casa
cada libro, cada ley

todo lo que es
justo y armonioso
arrasad con vuestras bombas cada valle
borrad con vuestra imposición
nuestro pasado, nuestra literatura, nuestras metáforas
despojad la selva
y la tierra
hasta que ningún insecto
ningún pájaro
ninguna palabra
puedan encontrar ya un rincón donde esconderse
haced esto y aún más
no tengo miedo de vuestra tiranía
no me desesperaré jamás
porque conservo una semilla
un pequeño germen vivo
que custodio
y plantaré de nuevo.

(Traducción de Susana Merino: "Il granello di sabbia" nº 135)

Monólogo ao pé-do-ouvido - Chico Science

Modernizar o passado é uma evolução musical
Cadê as notas que estavam aqui?
não preciso delas
basta deixar tudo soando bem aos ouvidos

O medo da origem é o mal
o homem coletivo sente a necessidade de lutar
São demônios os que destroem o poder bravil da humanidade
O orgulho, a arrogância, a glória, encham a imaginação de domínio.

Viva Zapata! Viva Sandino! Viva Zumbi, Antônio Conselheiro,
todos os Panteras Negras, Lampião, sua imagem e semelhança.
Eu tenho certeza, eles também cantaram um dia.

Metade - Oswaldo Montenegro

Que a força do medo que eu tenho
Não me impeça de ver o que anseio.
Que a morte de tudo em que acredito
Não me tape os ouvidos e a boca.
Pois, metade de mim é o que eu grito
A outra metade é o silêncio.

Que a música que eu ouço ao longe
Seja linda ainda que tristeza.
Que a mulher que amo
seja pra sempre amada, mesmo que distante.
Porque metade de mim é partida
A outra metade é saudade.

Que as palavras que falo
Não sejam ouvidas como prece
Nem repetidas com fervor.
Apenas respeitadas como a única coisa
Que resta a um homem,
inundado de sentimentos.
Pois, metade de mim é o que eu ouço
A outra metade é o que eu calo.

Que a minha vontade de ir embora
Se transforme na calma e na paz que mereço.
Que a tensão que me corrói por dentro
Seja um dia recompensada.
Porque metade de mim é o que penso

A outra metade um vulcão.
Que o medo da solidão se afaste
E o convívio comigo mesmo
Se torne ao menos suportável.
Que o espelho reflita meu rosto num doce sorriso
Que me lembro ter dado na infância.
Pois, metade de mim é a lembrança que fui
E a outra metade não sei.
Que não seja preciso
Mais do que uma simples alegria
Prá me fazer aquietar o espírito.
E que o teu silêncio me fale cada vez mais.
Pois, metade de mim é abrigo
A outra metade é cansaço.

Que a arte nos aponte uma resposta
Mesmo que ela mesma não saiba.
E que ninguém a tente complicar.
Pois, é preciso simplicidade
para fazê-la florescer.
Porque metade de mim é platéia
A outra metade é canção.

E que a minha loucura seja perdoada.
Pois, metade de mim é amor
E a outra metade também.

Não Traio – José Gomes Ferreira

(boca cerrada de raiva)

Não traio.
Porque insistes?
Não traio.
Desde criança que meu Pai me ensinou
não haver tempestade
na terra ou nos céus
que não traga
a praga
de um falso herói
salvador da Cidade.
Ou a esperança de um semideus
com um raio
na Mão
que tudo destrói
para pintar depois o sol e o Chão
de outra realidade.
Mas nunca encontrarás traidores
entre os que sempre como eu sonhamos combustões
de novas flores
com pétalas de asas de liberdade
que só nascem e crescem regadas pelos gritos e lágrimas
das multidões.
Povo, continua! Não pares a tua tempestade.

No caminho com Maiakóvski – Eduardo Alves da Costa

Assim como a criança
humildemente afaga
a imagem do herói,
assim me aproximo de ti, Maiakóvski.
Não importa o que me possa acontecer
por andar ombro a ombro
com um poeta soviético.
Lendo teus versos,
aprendi a ter coragem.

Tu sabes,
conheces melhor do que eu
a velha história.
Na primeira noite eles se aproximam
e roubam uma flor
do nosso jardim.
E não dizemos nada.
Na Segunda noite, já não se escondem:
pisam as flores,
matam nosso cão,
e não dizemos nada.
Até que um dia,
o mais frágil deles
entra sozinho em nossa casa,
rouba-nos a luz, e,
conhecendo nosso medo,
arranca-nos a voz da garganta.
E já não podemos dizer nada.

Nos dias que correm
a ninguém é dado
repousar a cabeça
alheia ao terror.
Os humildes baixam a cerviz;

e nós, que não temos pacto algum
com os senhores do mundo,
por temor nos calamos.
No silêncio de meu quarto
a ousadia me afogueia as faces
e eu fantasio um levante;
mas amanhã,
diante do juiz,
talvez meus lábios
calem a verdade
como um foco de germes
capaz de me destruir.

Olho ao redor
e o que vejo
e acabo por repetir
são mentiras.
Mal sabe a criança dizer mãe
e a propaganda lhe destrói a consciência.
A mim, quase me arrastam
pela gola do paletó
à porta do templo
e me pedem que aguarde
até que a Democracia
se digne a aparecer no balcão.
Mas eu sei,
porque não estou amedrontado
a ponto de cegar, que ela tem uma espada
a lhe espetar as costelas
e o riso que nos mostra
é uma tênue cortina
lançada sobre os arsenais.

Vamos ao campo

e não os vemos ao nosso lado,
no plantio.
Mas ao tempo da colheita
lá estão
e acabam por nos roubar
até o último grão de trigo.
Dizem-nos que de nós emana o poder
mas sempre o temos contra nós.
Dizem-nos que é preciso
defender nossos lares
mas se nos rebelamos contra a opressão
é sobre nós que marcham os soldados.

E por temor eu me calo,
por temor aceito a condição
de falso democrata
e rotulo meus gestos
com a palavra liberdade,
procurando, num sorriso,
esconder minha dor
diante de meus superiores.
Mas dentro de mim,
com a potência de um milhão de vozes,
o coração grita - MENTIRA!

Novo Tempo - Ivan Lins e Victor Martins

No novo tempo, apesar dos castigos
Estamos crescidos, estamos atentos
Estamos mais vivos, prá nos socorrer
No novo tempo, apesar dos perigos
Da força mais bruta, da morte que assusta
Estamos na luta, prá sobreviver.
Prá que nossa esperança seja mais que vingança
Seja sempre um caminho que se deixa de herança.

No novo tempo, apesar dos castigos
De toda fadiga, de toda injustiça
Estamos na briga, prá nos socorrer.
No novo tempo, apesar dos perigos
De todos os pecados, de todos os enganos
Estamos marcados, prá sobreviver.

No novo tempo, apesar dos castigos
Estamos na cena, estamos na rua
Quebrando as algemas, prá nos socorrer.
No novo tempo, apesar dos perigos
A gente se encontra, cantando na praça
Fazendo pirraça, prá sobreviver.

O Bicho - Manuel Bandeira

Vi ontem um bicho
Na imundície do pátio
Catando comida nos detritos
Quando achava alguma coisa
Não examinava nem cheirava:
Engolia com voracidade
O bicho não era um cão,

Não era um gato,
Não era um rato,
o bicho, meu Deus, era um homem.

O Galeão dos Loucos – Aldo Nascimento

...se apaixonar é navegar no galeão dos loucos,
e ter, como bússola, a própria loucura;
e te amo nem muito nem pouco,
apenas o suficiente para envelhecer contigo,
buscando as eternas conquistas
que outros navegantes não tiveram,
porque não foram loucos o bastante
para dizer, como eu, que você está em mim
como a morte está na vida;
e que seja ela, a morte, o limite do galeão dos loucos,
que é de naufragar no oceano moreno do teu sereno corpo,
que me traz tua roupa mais íntima: tua pele, tua cor;
que me deixa em estado deplorável de Amor:
cansado, suado e tolo.

O Passo Seguinte - Edmundo Colen

O passo seguinte não é o próximo
O passo seguinte é o necessário,
Para termos a certeza
De que continuaremos caminhando juntos,
Unidos pelos mesmos ideais de luta,
Pelos mesmos sentimentos de liberdade
O passo seguinte não é o próximo.
O passo seguinte é a nossa vontade
De dar todos os próximos passos seguintes.

Oh Partigiano... – canção italiana

Questa mattina mi son svegliato
oh bella ciao, bella ciao, bella ciao, ciao, ciao,
questa mattina mi son svegliato
e ho trovato l'invasor.

Oh partigiano, portami via
oh bella ciao, bella ciao, bella ciao, ciao, ciao,
oh partigiano, portami via,
che mi sento di morir.

E se io muoio lassù in montagna
oh bella ciao, bella ciao, bella ciao, ciao, ciao,
e se io muoio lassù in montagna
tu mi devi seppellir.

Seppellire sulla montagna,
oh bella ciao, bella ciao, bella ciao, ciao, ciao,
seppellire sulla montagna
sotto l'ombra di un bel fior.

E le genti che passeranno,
oh bella ciao, bella ciao, bella ciao, ciao, ciao,
e le genti che passeranno
mi diranno: "Che bel fior".

È questo il fiore del partigiano,
oh bella ciao, bella ciao, bella ciao, ciao, ciao,
è questo il fiore del partigiano
morto per la libertà.

Os meninos em volta da fogueira - Martinho da Vila

Os meninos em volta da fogueira,
Vão aprender coisas de sonho e de verdade,
Vão perceber como se ganha uma bandeira,
e vão saber o que custou a liberdade.
Palavras são palavras não são trovas,
Palavras desse tempo sempre novo.
Lá os meninos aprenderão coisas novas.
e até já dizem que as estrelas são do povo.
Já que os homens permanecem, lá no alto
Com suas contas engraçadas de somar,
Não se aproximam das favelas nem dos campos,
E têm medo de tudo que é popular.
Mas os meninos desse continente novo
Hão de saber fazer história e ensinar.

País de la Ausencia – Gabriela Mistral

País de la ausencia,
extraño país,
más ligero que ángel
y seña sutil,
color de alga muerta,
color de neblí,
con edad de siempre,
sin edad feliz.

No echa granada,
no cría jazmín,
y no tiene cielos
ni mares de añil.
Nombre suyo, nombre,
nunca se lo oí,
y en país sin nombre
me voy a morir.

Ni puente ni barca
me trajo hasta aquí.
No me lo contaron
por isla o país.
Yo no lo buscaba
ni lo descubrí.

Parece una fábula
que yo me aprendí,
sueño de tomar
y de desasir.
Y es mi patria donde
vivir y morir.

Me nació de cosas
que no son país:
de patrias y patrias
que tuve y perdí;
de las criaturas
que yo vi morir;
de lo que era mío
y se fue de mí.

Perdí cordilleras
en donde dormí;
perdí huertos de oro
dulces de vivir,
perdí yo las islas
de caña y añil,
y las sombras de ellos
me las vi ceñir
y juntas y amantes
hacerse país.

Guedejas de nieblas
sin dorso y cerviz,
alientos dormidos
me los vi seguir,
y en años errantes
volverse país.
Y en país sin nombre
me voy a morir.

Pesadelo - Paulo César Pinheiro

Quando um muro separa, uma ponte une
Se a vingança encara, o remorso pune
Você vem me agarra, alguém vem me solta
Você vai na marra, ela um dia volta
E se a força é tua, ela um dia é nossa

Olha o muro, olha a ponte
Olha o dia de ontem chegando
Que medo você tem de nós... olha aí!

Você corta um verso, eu escrevo outro
Você me prende vivo, eu escapo morto
De repente... Olha eu de novo!
Perturbando a paz, exigindo o troco
Vamos por aí eu e meu cachorro...

Olha um verso, olha outro.
Olha o velho, olha o moço chegando
Que medo você tem de nós... olha aí!
O muro caiu, olha a ponte, da liberdade guardiã
O braço do Cristo horizonte
Abraça o dia de amanhã... olha aí!

[Que fazer com os desempregados?] – Engels

O que fazer com os desempregados?
Enquanto se avoluma, a cada ano, o número deles, não há ninguém para responder a essa pergunta; e quase podemos prever o momento em que os desempregados perderão a paciência e encarregar-se-ão de decidir seu destino, com suas próprias forças.

(Prefácio da edição inglesa de O Capital)

Sementes do amanhã – Gonzaguinha

Ontem um menino que brincava me falou
Que hoje é semente do amanhã.
Prá não ter medo que este tempo vai passar.
Não se desespere não! Nem pare de sonhar !
Nunca se entregue, nasça sempre com as manhãs !
Deixe a luz do sol brilhar no céu do seu olhar.
Fé na vida, fé na gente, fé no que virá !
Nós podemos tudo, nós podemos mais.
Vamos lá fazer o que será.

Seqüestro da Linguagem - Frei Beto

Primeiro, disseram que não haveria mais guerrilhas
Acreditei e, com as botas,
Abandonei sonhos revolucionários.

Em seguida, disseram que terminara a luta armada.
Tornei-me, pois, violento pacifista.
Depois, disseram que a esquerda falira,
E fechei os olhos ao olhar dos pobres.
Enfim, disseram, que o socialismo morrerá.
E que uma palavra basta: democracia.
Então, nasceu em mim
A liberdade de ser burguês.

Sonho Impossível - Chico Buarque

Sonhar, mais um sonho impossível
Lutar, quando é fácil ceder
Vencer o inimigo invencível
Negar quando a regra é vender
Sofrer a tortura implacável
Romper a incabível prisão
Voar num limite improvável
Tocar o inacessível chão

É minha lei, é minha questão
virar esse mundo, cravar esse chão
Não me importa saber se é terrível demais
Quantas guerras terei que vencer por um pouco de paz
E amanhã, se esse chão que eu bejei for meu leito e perdão
Vou saber que valeu delirar e morrer de paixão
E assim, seja lá como for vai ter fim a infinita aflição
E o mundo vai ver uma flor brotar do impossível chão

Vieja Maria – Che Guevara

Vieja María, vas a morir.
quiero hablarte en serio:
Tu vida fue un rosario completo de agonías,
no hubo hombre amado, ni salud, ni dinero,
apenas el hambre para ser compartida;
quiero hablar de tu esperanza,
de las tres distintas esperanzas
que tu hija fabricó sin saber cómo.

Toma esta mano que parece de niño
en las tuyas pulidas por el jabón amarillo.
Restriega tus callos duros y los nudillos puros
en la suave vergüenza de mi mano de médico.

Escucha, abuela proletaria:
cree en el hombre que llega,
cree en el futuro que nunca verás.
Ni reces al dios inclemente
que toda una vida mintió tu esperanza;
ni pidas clemencia a la muerte
para ver crecer a tus caricias pardas;
los cielos son sordos y en ti manda el oscuro,
sobre todo tendrás una roja venganza
lo juro por la exacta dimensión de mis ideales.

Muere en paz, vieja luchadora.
Vas a morir, vieja María;
treinta proyectos de mortaja
dirán adiós con la mirada,
el día de estos que te vayas.
Vas a morir, vieja María,
quedarán mudas las paredes de la sala
cuando la muerte se conjugue con el asma
y copulen su amor en tu garganta.

Esas tres caricias construidas de bronce
(la única luz que alivia tu noche)
esos tres nietos vestidos de hambre,
añorarán los nudos de los dedos viejos
donde siempre encontraban alguna sonrisa.

Eso era todo, vieja María.
Tu vida fue un rosario de flacas agonías
no hubo hombre amado, salud, alegría,
apenas el hambre para ser compartida,
tu vida fue triste, vieja María.

Cuando el anuncio de descanso eterno

enturbia el dolor de tus pupilas,
cuando tus manos de perpetua fregona
absorban la ultima ingenua caricia,
piensas en ellos... y lloras,
pobre vieja María.

¡No, no lo hagas!
No ores al dios indolente
que toda una vida mintió tu esperanza
ni pidas clemencia a la muerte,
tu vida fue horriblemente vestida de hambre,
acaba vestida de asma.

Pero quiero anunciarte
en voz baja y viril de las esperanzas,
la más roja y viril de las venganzas
quiero jurarlo por la exacta

dimensión de mis ideales.
Toma esta mano de hombre que parece de niño
entra las tuyas pulidas por el jabón amarillo
restriega los callos duros y los nudillos puros
en la suave vergüenza de mis manos de médico.
Descansa en paz, vieja María,
descansa en paz, vieja luchadora,
tus nietos todos vivirán la aurora,
LO JURO.

**(vou me embora...) – Mário de Andrade
(1893-1945)**

Vou-me embora, vou-me embora
vou-me embora, pra Belém
Vou colher cravos e rosas
Volto a semana que vem.

Vou-me embora paz da terra
Paz da terra repartida
Uns têm terra muita terra
Outros nem pra uma dormida

Não tenho onde cair morto
Fiz gorar a inteligência
Vou reentrar no meu povo
Reprincipiar minha ciência.

Vou-me embora vou-me embora
Volto a semana que vem
Quando eu voltar minha terra
Será dela ou de ninguém

"Quem não se movimenta, não sente as correntes que o prendem"

"As massas devem aprender a exercer o poder no próprio exercício do poder; não existe nenhuma outra forma de lhes ensinar essa arte."

"No meio das trevas, sorrio à vida, como se conhecesse a fórmula mágica que transforma o mal e a tristeza em claridade e em felicidade. Então, procuro uma razão para esta alegria, não a acho e não posso deixar de rir de mim mesma. Creio que a própria vida é o único segredo".

(Rosa Luxemburgo)

sussurro sem som
onde a gente se lembra
do que nunca soube

(Guimarães Rosa)